

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE 1935-1980



S.P.F.C.



LIGA PAULISTA DE FUTEBOL
PILADA A. C. R. D.
RUA XAVIER DE TOLEDO, 8-A SÃO PAULO
TELEPHONE: 6-6418

Nº 1019 Rs. 241.100

Recebemos do São Paulo Futebol Clube
a quantia de duzentos e quarenta e um e cem reis
proveniente de porcentagem (21.100) e priza
(100.000) jogo do Estádio em
cordeiro

São Paulo, 10 de Junho de 1980





1935 1980



MAURO IVAN MARKETING EDITORIAL

Este livro foi editado pela MAURO IVAN MARKETING EDITORIAL
para o SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE.
Copyright 1981 - Todos os direitos reservados. A reprodução
do conteúdo deste livro, só com autorização expressa dos editores.

Ferreira
21/12/93

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE 1935-1980



Uma contribuição à história do esporte brasileiro



Hino do São Paulo Futebol Clube

Letra e Música de Porfírio da Paz

Salve o tricolor paulista,
Amado Clube brasileiro,
Tu és forte, Tu és grande) Bis
Dentre os grandes, és o primeiro)

Coro: Oh! Tricolor,)
Clube bem amado) Bis
As tuas glórias)
Vêm do passado.)

São teus guias brasileiros)
Que te amam ternamente,) Bis
De São Paulo tens o nome)
Que ostenta dignamente)

Coro: Oh! Tricolor

Trazes glórias luminosas
Do Paulistão imortal.
Da floresta também trazes) Bis
Um brilho tradicional)

Coro: Oh! Tricolor

São Paulo, clube querido,
Tu tens o nosso amor.
Teu nome e tuas glórias) Bis
Têm honra e resplendor.)

Coro: Oh! Tricolor

MELÓDIA

Handwritten musical notation for the melody of the hymn. The notation is on a grand staff with a treble clef and a key signature of two flats (B-flat and E-flat). The melody is written in a simple, rhythmic style. Chord symbols are written above the staff, including Ab, Eb7, Eb, F7, Bbm, Bb7, Eb, Eb7, Ab, Eb7, Eb, and Ab. The notation includes various note values, rests, and dynamic markings.

Caro Sampaulino

A dimensão e a grandeza da história do São Paulo Futebol Clube não caberiam em apenas um livro.

Por isso, a nossa intenção ao editarmos São Paulo - 1935 - 1980 é registrar os fatos mais importantes de uma sucessão de sacrifícios e muita dedicação, que apenas deixam entrever a grandeza dos homens que construíram o verdadeiro espírito do nosso clube.

O São Paulo de hoje é o resultado desses 45 anos de lutas, que sempre mesclaram o idealismo de um grupo de homens com a força das realizações, testemunho evidente e palpável desse espírito vibrante e desprendido do torcedor sampaulino.

Este livro é pois uma homenagem a estes homens e a este espírito; um preito sincero àqueles que fizeram e continuam fazendo a nossa história. Uma história que tem como um de seus marcos o maior estádio particular do mundo, o "Cícero Pompeu de Toledo".

Um time de futebol que caminha não só para as conquistas nacionais, mas também em busca de uma dimensão internacional, apoiado em significativa torcida, sempre presente.

O São Paulo Futebol Clube conta na sua parte sócio-esportiva com um quadro associativo fiel, assíduo e com grande número de esportes muito bem representados.

O livro, resultante deste trabalho, é apenas um primeiro passo em direção a outros que virão, com certeza; já que a nossa história tem no espírito e na vida de cada homem, cada criança, cada sampaulino, uma dimensão sempre crescente.

Não poderíamos, nesta oportunidade, deixar de agradecer a todos que tanto colaboraram na execução e na edição deste livro.

Um sincero registro histórico, feito com a colaboração de sampaulinos à história do futebol brasileiro.



Antonio Leme Nunes Galvão



São Paulo e Corinthians jogam em setembro de 1938. Antes do jogo, flores



A HISTÓRIA

1935

1980

Rua 11 de Agosto, 9-A. Nesse local, a 16 de dezembro de 1935, um grande número de pessoas se reunia, atendendo a um convite do Grêmio Tricolor, e fundava o novo São Paulo Futebol Clube. Um clube formado em 1930 pela fusão do C.A. Paulistano e da A. A. Palmeiras e extinto com a anexação ao Tietê, por causa de uma dívida de 190 contos de réis. Os primeiros tempos foram muito difíceis, sem sede, com pouco dinheiro. Chegando os anos 40, decidiu-se que era o momento das conquistas. E vieram os títulos no futebol (43, 45, 46, 48, 49), nos esportes amadores e a compra da sede no Canindé. Na década de 50, dois títulos no futebol e a maior conquista do amador: duas medalhas de ouro nas Olimpíadas, com Adhemar Ferreira da Silva. Teve início, também, a epopéia da construção de um estádio que se tornaria o maior do mundo pertencente a um clube: o "Cícero Pompeu de Toledo". Realizado o sonho do estádio, outra década começou, com um bicampeonato (70/71). Outro título em 75 e, em 77, a glória máxima: campeão brasileiro. E os anos 80 começaram com a conquista do Campeonato Paulista e a vitória de José João da Silva na São Silvestre, uma corrida que, durante 34 anos, fora vencida só por atletas estrangeiros. Essa é a história do São Paulo: 45 anos de fé, amor e muitas glórias.

Termo de Abertura

Contem este livro, com (100) folhas numeradas, de um a cem, devidamente rubricadas com a rubrica *Acta do Presidente e destino* e a no mesmo serem lançados os actos das reuniões da assembleia geral do São Paulo Futebol Club. Eu, *Eolo Campos*, secretario fiz este termo.

Paulo, 16 de Dezembro de 1935

Eolo Campos

PARTE DO ORIGINAL
 14. CARTÓRIO DE NOTAS
 FOTOCÓPIA EXPEDIDA PELO PIRELLA & CIA.
 CONFERE COM O ORIGINAL
 (PROC. 52/35 I. V. V.)
 LUCIA VARESE DAUFRENO
 05 75



Acta da Assembleia realizada em 16 de Dezembro de 1935

Nos dezesseis dias do mês de Dezembro de mil novecentos e trinta e cinco, nesta cidade de São Paulo, às vinte horas, numa das salas do prédio nº 94, da rua Ouri de Agosto, perante grande numero de pessoas interessadas que atenderam a um convite feito por intermedio da imprensa pela Directoria do Grupo Tricolor realizou-se a assembleia que teve por fim fundar o São Paulo Futebol Club. Na qualidade de um dos directores do Grupo Tricolor presente à reunião, o sr. tenente José Carphur da Paz, depois de expor os motivos da convocação da assembleia, pediu que indicassem um dos presentes àquella reunião, para dirigir os trabalhos. Por unanimidade foi indicado o nome do sr. tenente José Carphur da Paz, que assumindo a presidencia da mesma, escolheu para seus secretarios os srs. *Eolo Campos* e *Francisco Vieira Carneiro*. Depois de apudecer a sua indicação o sr. Presidente deu conhecimento da ordem dos trabalhos que obedeceram a seguinte ordem: a) leitura, discussões e approvação dos Estatutos; b) eleição da Direcção; c) admissão de socios como srs.

PARTE DO ORIGINAL
 14. CARTÓRIO DE NOTAS
 FOTOCÓPIA EXPEDIDA PELO PIRELLA & CIA.
 CONFERE COM O ORIGINAL
 (PROC. 52/35 I. V. V.)
 LUCIA VARESE DAUFRENO
 05 75

Acta da Assembleia Geral extraordinaria, realizada em sessis de Dezembro de mil e novecentos e trinta e cinco para a fundação do São Paulo Futebol Club, com a presença dos seguintes senhores:

1. *Marcos do Carmo Peço?*
2. *Ad. Augusto Vianna*
3. *Francisco Vieira Carneiro*
4. *Eolo Campos*
5. *Minuadabunimut, Nômil Prados Almeida*
6. *Leobor Passaro*
7. *Francisco Peffin Cassio, Francisco Ribeiro Carril*
8. *Genete Jodorphyus das Luz*
9. *Edmundo de Moraes - Chapa Eduardo Silvino Pio*
10. *Fredino A. G. Menzen, Fredino P. G. Menzen*
11. *Geny Francisco Bastos*
12. *Abel Filho, Juny, Sebastian Fortez, Jacson*
13. *Patival Gomes dos Santos*
14. *Escoliano Santos de Freitas*
15. *Carlos A. Gerab. O Salles Jor.*
16. *Cláudio Rodrigues Torres*
17. *P. P. Álvaro de Aguedo, Balthazar*
18. *P. P. Pedro Inopino de Jure, Lourenço*
19. *Edmundo Guarnille Schmitz*
20. *ff. Thomaz Carlos Andrei Moani*
21. *Nomel Martins*
22. *Luiz Pedroco, Rui Viana 11.4*
23. *Alvaro Inajalhão Vile*
24. *Paulo Pradada*

PARTE DO ORIGINAL
 14. CARTÓRIO DE NOTAS
 FOTOCÓPIA EXPEDIDA PELO PIRELLA & CIA.
 CONFERE COM O ORIGINAL
 (PROC. 52/35 I. V. V.)
 LUCIA VARESE DAUFRENO
 05 75



A ata de fundação do São Paulo, a 16 de dezembro de 1935 (reproduções à esquerda), e a mesa que presidiu os trabalhos da primeira assembleia ordinária do clube, no dia 3 de dezembro de 1936.

Numa pequena sala, o início

São 45 anos de existência. 45 anos marcados por uma série de memoráveis conquistas e realizações. Esta história teve início numa pequena sala do prédio 9-A, da rua 11 de Agosto, ao lado do antigo Palácio da Justiça, a poucos metros do marco oficial da cidade, no dia 16 de dezembro de 1935. Era grande o número de pessoas que compareceu àquela primeira assembleia, atendendo a um convite da diretoria do Grêmio Tricolor.

Estava nascendo ali a base, a estrutura, do São Paulo Futebol Clube, fruto do ideal de um grupo de homens. A primeira fase, de 1930 a 1935, com o São Paulo da Floresta, foi muito conturbada na maior parte de seu período. Foi a época em que a A.A. Palmeiras, em decadência e ameaçada de perder o seu campo na Chácara da Floresta, filiada à APEA, e o C.A. Paulistano, presidido pelo Sr. Antonio Prado Junior, filiado à LAF, e com o seu futebol em extinção, ambos buscando a pacificação entre as duas entidades, decidiram-se pela fusão, de onde nasceu o São Paulo, da primeira fase, tendo o Dr. Edgard de Souza Aranha como seu primeiro presidente, eleito na reunião de 27 de janeiro de 1930, na Praça da República, 28.

A história do São Paulo da Floresta é outra. Não deixa de ser um marco, mas foge à conotação do São Paulo Futebol Clube, de 45 anos. A Floresta marca uma passagem muito tumultuada, por cinco anos. O Paulistano cedia os seus atletas e a A.A. Palmeiras o seu campo oficial, na antiga Chácara da Floresta, ao novo clube, que disputou a sua primeira partida, na Divisão Superior.

A 9 de março de 1930, conseguiu a primeira vitória, com um gol do lendário Formiga, no Torneio Início daquele ano, promovido pela APEA. E logo no seu primeiro ano de vida, com o time mudado pelo menos 15 vezes e usando cerca de 22 atletas, em 1931 o São Paulo conquistava o primeiro título paulista sob a direção de Rubens Salles, treinador que teve papel importante na grande campanha daquele ano.

A base do time campeão era de muito respeito, formada pelo que sobrou a A.A. Palmeiras e do C.A. Paulistano: Nestor (Joãozinho); Clodô e Barthô; Milton, Bino e Fábio (Sasse); Luizinho, Siriri (Armandinho), Friedenreich,

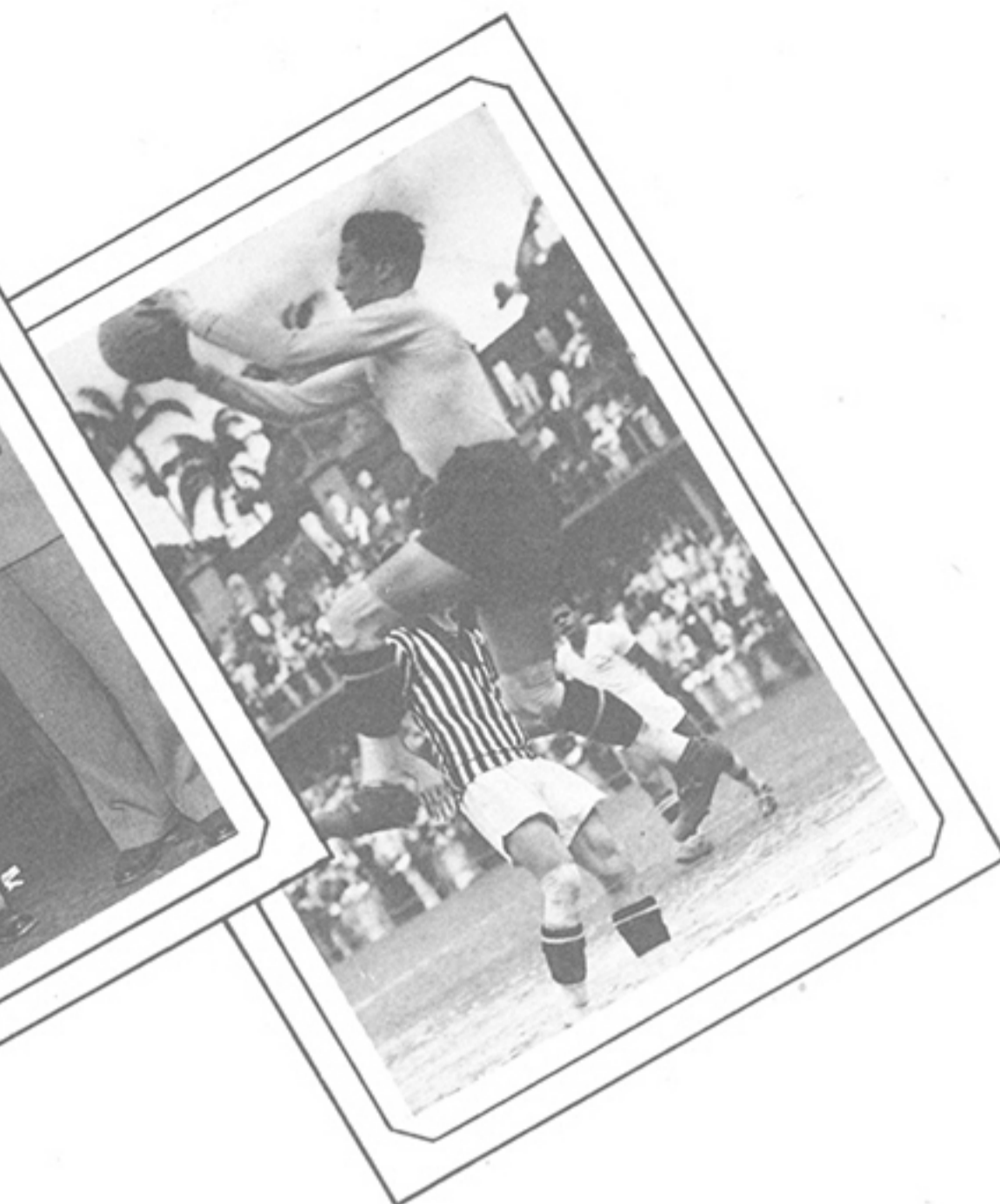
Araken e Junqueira foram os que mais vezes entraram em campo.

Em meio a muitos problemas, o clube conseguiu sobreviver até fins de 1934. Ai, com a compra do Trocadero, uma luxuosa sede, não mais foi possível mantê-lo. Uma dívida de 190 contos de réis fez com que o São Paulo da Floresta se fundisse com o C.R. Tietê, no início de 1935. Mas o futebol ia desaparecer com a fusão. Muitos protestos surgiram. De nada adiantou o recurso à Justiça para evitar o fim. O "Grêmio Tricolor", formado por um grupo de torcedores do clube, se movimentava. Os encontros com o prefeito, para não deixar o campo (que pertencia à municipalidade) com o Tietê, não deram resultado. O fim havia mesmo chegado.

Mas havia homens que não aceitavam o fato. Esses homens do "Grêmio Tricolor", extinto com o São Paulo em 14 de maio de 1935, saíram a campo decididos a preservar as cores do clube - o alvi-rubro do Paulistano e o alvi-negro do A.A. Palmeiras. O "vermelho, preto e branco" permaneceria num novo clube. Assim, a 4 de junho de 1935, depois de várias reuniões nos escritórios da Comercial Meca, na rua João

O primeiro jogo do novo São Paulo foi contra a Portuguesa de Santos, em 25 de janeiro de 1936 (ao lado). King (à direita, entre Porfírio da Paz e Jaime Roso) e Pedroza (mais à direita) foram os goleiros dos primeiros tempos. Armandinho, Fioroti, Orozimbo, Lysandro, Ponzinibio, Pedroza, Aníbal, Paulo, Carmine e Elyσιο formaram um dos times de 39 (abaixo)





A dificuldade do 1º jogo

Brícola, era fundado o Clube Atlético São Paulo, dirigido pelo tenente Porfírio da Paz em seu primeiro treino, ao lado de A. Vilela e A. Ramos, no campo da São Paulo Gaz.

As dificuldades eram muitas, mas o movimento continuava. Afinal, o São Paulo tinha que se firmar e fazer tremular a sua bandeira, nos grandes acontecimentos. Porfírio, Menzen, Matos Viana, os Irmãos Toledo, Mons. Bastos, Granvile, João Fernandes, João Iaiá, prof. Barros, Mestre, Tomaz Mauri, Eolo Campos, Sprovieri, Alcides Borges, Pereira Carneiro, Narvaes, Reis Neves, Jaime Roso, Edson Fonseca, e muitos outros adeptos de uma religião sagrada, depois de muitas reuniões, em 16 de dezembro de 35, chegaram ao São Paulo Futebol clube de hoje. Manoel Carmo Meca acabou sendo o nome escolhido para ocupar a presidência, tendo como companheiros da diretoria número 1 do clube Alcides Borges, na 1a. vice; Francisco Pereira Carneiro, na 2a.; Eolo Campos, 1o. secretário; Luís Felipe de Paula Lima, 2o.; Manoel de Arruda Nascimento, lo. tesoureiro; Isidoro Narvaes, 2o., e diretor geral de esportes então, tenente Porfírio da Paz.

A primeira medida, foi formar o novo time. Enquanto Porfírio procurava jogadores na Capital, Meca e Del Debbio traziam de Curitiba o

grande goleiro King, além de José e Segôa. Na rua da Moóca, o 1o. treino: 7 a 3 contra o C.A. Paulista. Novo treino em janeiro de 36: 3 a 2 contra o Palestra.

O jogo inaugural foi marcado para 25, dia do aniversário da cidade, contra a Portuguesa de Santos. No entanto, a Secretaria da Educação, momentos antes da abertura dos portões do Palestra Itália, mandou sustar a partida. Imediatamente, o ten. Porfírio da Paz foi até a av. Paulista, onde se realizava uma parada. Chegou ao secretário Cantidio de Campos e conseguiu a autorização. E o jogo foi realizado, com a vitória tricolor por 3 a 2. O time: King, Ruy e Picareta; Ferreira, José e Segôa; Antoninho, Gabardo, Fogueira, Carrazo e Paulinho.

Começava a jornada de lutas e conquistas do São Paulo Futebol Clube. Em 36, esse time terminou em 9o. lugar, com 16 pontos perdidos no primeiro turno e mais oito no segundo.

Em 37, foi desclassificado no segundo turno, depois do quarto lugar no primeiro, com 12 pontos perdidos. No ano de 38, a coisa melhorou: 2o. colocado, depois da fusão com o Estudantes e a ida para o campo da Moóca. Em 40, fase ruim: 6o. lugar, com 21 pontos perdidos em 26 partidas.

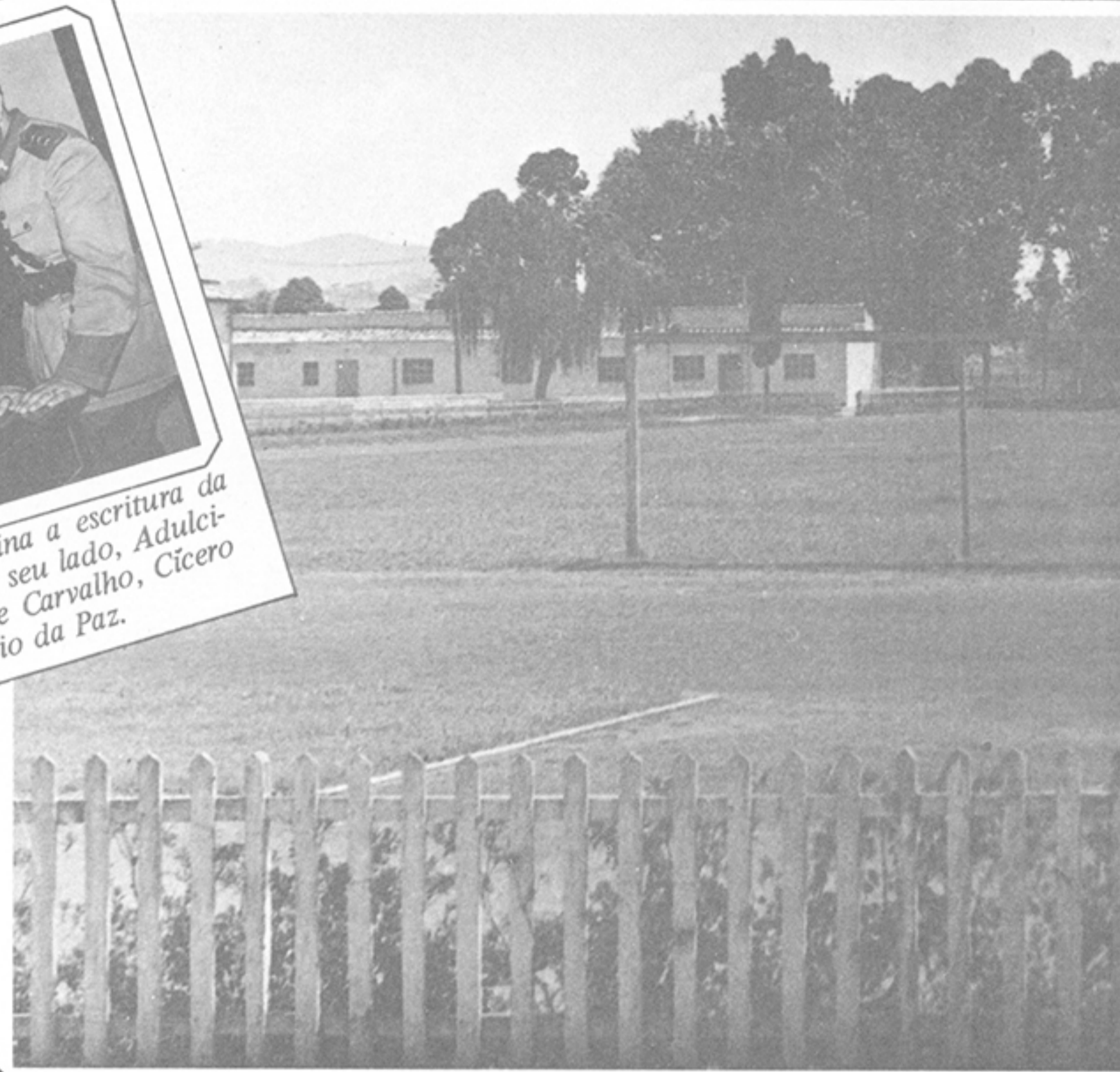


Janeiro de 44: Décio Pedroso assina a escritura da compra do terreno no Canindé. Ao seu lado, Adulcínio dos Santos, Paulo Machado de Carvalho, Cícero Pompeu de Toledo e o ten. Porfírio da Paz.

A década de ouro, no Pacaembu

A década de ouro do São Paulo teve início com a inauguração do estádio do Pacaembu, hoje denominado "Paulo Machado de Carvalho", em 1941. O time não tinha lugar para treinar e usava o acanhado campo da Antarctica no bairro da Moóca, para os seus preparativos. Quinto colocado no ano anterior, ficava numa colocação inferior em 40. Mas já começava a mostrar progressos, com algumas contratações, que mais tarde viriam a formar o "rolo compressor", respeitado por todas as torcidas. Era a fase de ascensão técnica do time dirigido por Vicente Feola, trazido dos campos de várzea por Jaime Roso, antes do início da década, a pedido do então membro da junta governativa, Frederico Menzen. A torcida começava a se empolgar com as perspectivas do novo time, que, em 1941, terminava o Campeonato Paulista como vice-campeão, e mais tarde consagraria toda a maestria do argentino Sastre como um dos grandes atletas da década.

O dia 24 de maio de 1942, quase um ano e um mês depois da inauguração do Pacaembu, domingo de céu limpo e forte, cercou de expectativa a estréia de Leonidas da Silva numa partida com o Corinthians, que terminou 3 a 3



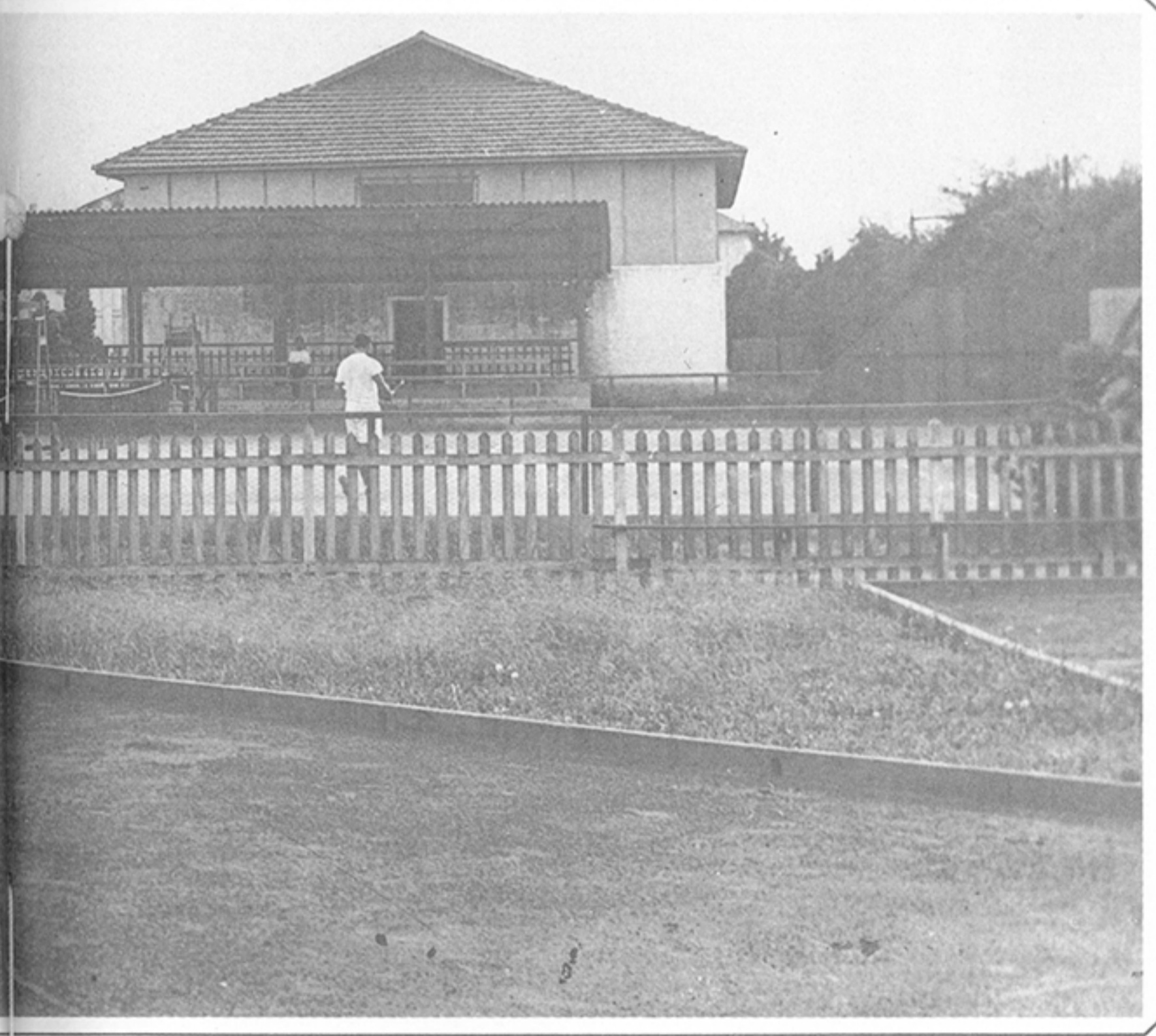
O campo do Canindé: só para treinos



O canindé 8 anos depois da compra do terreno



Bazzoni, Remo, Hemédio, Teixeira e Novelli, o ataque tricolor em 1941. Deles, só Remo e Teixeira participaram da primeira grande conquista, o título de 1943.



e levou ao Pacaembu o maior público de toda a sua história: 72.078 pessoas.

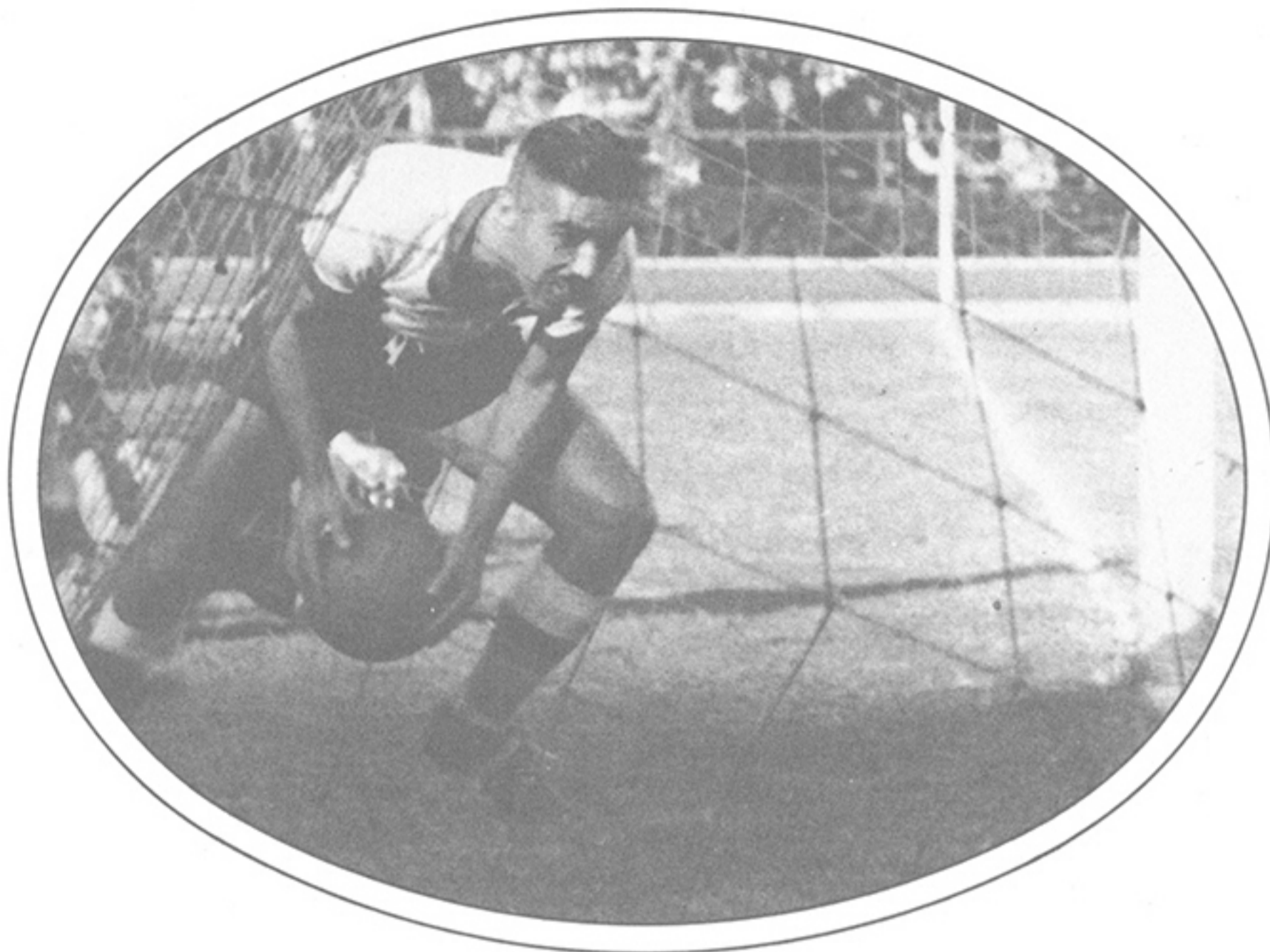
Leonidas, figura destacada na Seleção Brasileira que disputou a Copa do Mundo de 1938, na Itália, teve naquele dia o seu momento apoteótico, nunca antes vivido por qualquer outro jogador do futebol paulista; não marcou nenhum gol, mas não diminuiu o fascínio que os torcedores tinham naquela época pelo nome dos grandes jogadores cariocas. Foi uma verdadeira guerra entre o grande ataque do São Paulo (Luizinho, Waldemar, Leonidas, Remo e Pardal), contra a rígida defesa do Corinthians (Joel, Agostinho e Chico Preto; Jango, Brandão e Dino). Depois, Leonidas se consagraria como um dos maiores ídolos do clube em todos os tempos.

“Leonidas era um malabarista, os seus passos em campo tinham a ginga do sambista carioca” - dizem ainda hoje os mais saudosistas. Mas o São Paulo tinha outros grandes astros, como o próprio Sastre um jogador maravilhoso, incomparável na sua arte, em um time de gênios, que tinha na defesa King, Piolim e Virgílio; Zarzur, Zezé Procópio (depois substituído por Bauer) e Noronha.

O São Paulo conseguia as melhores arrecadações e a cidade inteira já o chamava de o “Mais Querido”. Na verdade, muito mais do que um time para conquistar o Campeonato de 43, o São Paulo estava montando um esquadrão que deveria fazer história dentro da história do futebol paulista

Rui, Savério, Bauer, Renganeschi, Noronha e Gijo; Ferrari, Yeso, Antoninho, Remo e Teixeira (ao lado), uma das formações do São Paulo em 48. Luizinho (à direita) foi um dos grandes destaques do "esquadrão" tricolor cuja fama chegava a outros Estados (abaixo, a delegação embarca para o Rio de Janeiro, em 46)





Absoluto no atletismo

e brasileiro. Um dos maiores de todos os tempos, porque era uma autêntica academia. Décio Pedroso e Paulo Machado de Carvalho eram os grandes líderes dessa fase de ouro, coroada de pleno êxito na conquista do título de 1943, um dos anos mais felizes na vida do clube. A base do time campeão era King Piolin, e Virgílio; Zezé Procópio, Zarzur e Noronha; Luizinho, Sastre, Leonidas, Remo e Pardal.

Em 1944, é comprado o terreno do Canindé. Já com uma sede e um campo para treinar, o time terminou o ano como vice-campeão.

Em 45 voltou a ser campeão, sagrando-se bicampeão em 46. Perdeu o título de 47 (foi quarto colocado), recuperando-o em 48 e ganhando outro bicampeonato em 49, marcando um período de ouro, em que a sua organização, desde 43, classicamente foi a seguinte, na utilização de jogadores: King ou Gijo, depois Mário e Poy; Piolin (Savério), Virgílio (Florindo, Renganeschi e mais tarde Mauro); Zezé Procópio (Bauer), Zarzur (Rui) e Noronha; Luizinho (Barrios e Friaça), Sastre (Ponce de Leon), Leonidas, Remo e Pardal (Teixeirinha). Nesta década, outros grandes jogadores passaram pelo São Paulo, como: Waldemar de Brito, Tim, China, Doutor, André, Yeso Amalfi, Silva, que fizeram escola, conquistando, além destes títulos, a Taça dos Invictos, de

“A Gazeta Esportiva”, em 1946. Nesse ano em que se sagrou bicampeão paulista o São Paulo, que havia disputado as últimas partidas do campeonato de 45 sem perder, completou 23 partidas invictas justamente contra o seu maior rival, o Corinthians, vencendo por 2 a 1.

É claro que na década de 40, o futebol foi o marco histórico na vida do São Paulo, mas o dr. Décio Pacheco Pedroso marcou a sua passagem pela direção do clube, dando também um grande impulso aos esportes amadores, com as grandes façanhas do atletismo, no basquete, no boxe, no hóquei, até no remo, que foi praticado no Canindé. O atletismo do São Paulo teve nomes de destaque Wanda dos Santos, Bento de Assis Junior, Sebastião Alves Manteiga, Pedro Andrade, Francisco de Assis Moura, Eduardo de Pietro, Edman Aires de Abreu, Agenor da Silva, Geraldo Edwirge Pinto, Mario Pini, João de Oliveira, Benedito Ferreira, Alfredo de Oliveira Jr., Edgar Freire, Deyse de Castro Freire, Melânia Luz, Milton dos Santos e Natalo Jesus dos Santos.

Durante 14 anos consecutivos, o São Paulo foi campeão de atletismo, principalmente em confronto interestaduais, o que lhe valeu a posse definitiva do Troféu Brasil, disputado entre 1944/1951.



As glórias dos anos 50

Os anos 50 do São Paulo foram marcados por conquistas memoráveis. Adhemar Ferreira da Silva, por exemplo, atleta do São Paulo desde o início da sua carreira, é o responsável pelas duas estrelas de ouro que enfeitam a camisa e a bandeira Tricolor, resultados dos recordes mundiais estabelecidos pelo "Canguru" no salto triplo, nas Olimpíadas de Helsinque, em 1952, e de Melbourne, em 1956.

Paralelamente, o futebol no início da década é renovado, ganhando a força de valores novos. Segundo colocado em 1952, o São Paulo mostrando o resultado da renovação, acabou campeão em 1953.

A diretoria presidida pelo dr. Cícero Pompeu de Toledo, que tinha como vice o dr. Sebastião Paes de Almeida, não se preocupou em dinamizar o clube apenas no setor de futebol profissional; o esporte amador também ganhou projeção. O atletismo, por exemplo que teve sua prática iniciada em 1942, quando tornou-se campeão estadual feminino (três vezes) e masculino (vinte) de 1944 a 1957 e de 1961 a 1966, além dos recordes mundiais registrados por Adhemar Ferreira da Silva, marcou outros feitos na história do clube, conseguindo conquistar o primeiro Troféu Brasil. O pugilismo, que começou no clube em 1943, também projetava alguns valores de renome internacional figurando entre eles os famosos campeões Eder Jofre (mundial), Pedro Galasso, Luís Inácio (Luisão) Kaled Curi, Jorge Matuk, Vicente dos Santos, Lúcio Gatani, Paulo Sacomã, Valdemar Adão e Jorge Sacomã. O clube foi dozes vezes campeão estadual e outras tantas do torneio amador de "A Gazeta Esportiva". Basquetebol, esgrima, voleibol, onde em 1954 conquistou os títulos paulistanos da primeira e segunda divisão, xadrez, hóquei, que chegou a campeão em 1954, também tiveram todo o apoio da Diretoria. O futebol profissional, campeão com um time renovado, em 1953, voltou conquistar o título paulista quatro anos depois, e um dos baluartes desta conquista foi Manoel Raymundo Paes de Almeida, que se arriscou a contratar um jogador já veterano - Tomás Soares da Silva, Zizinho, - e um técnico húngaro - Bela Gutman - que mudaram a filosofia de jogar do



O estádio, em 54

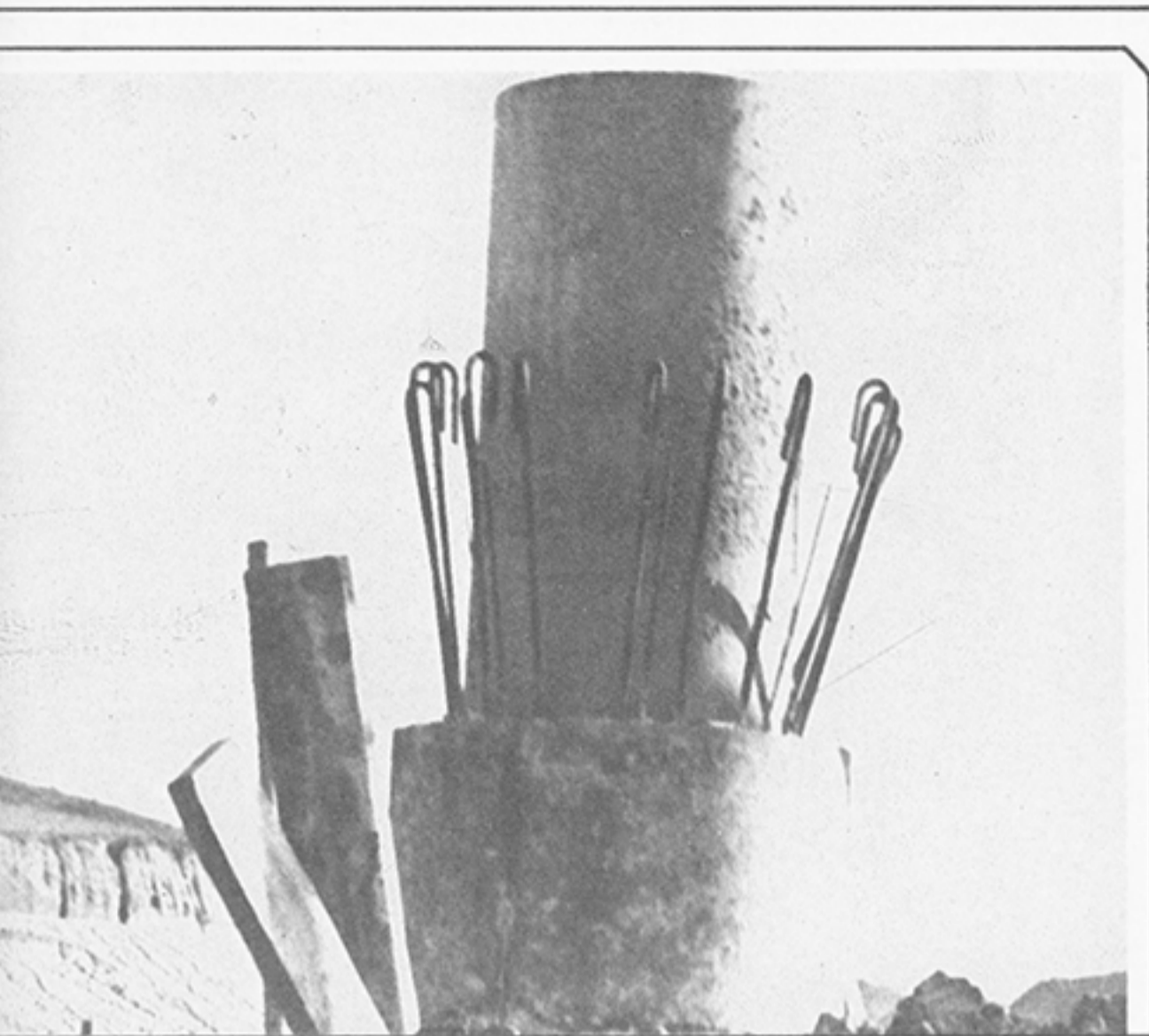
time. Alguns jogadores, como Poy, De Sordi, Mauro, Maurinho e Dino, eram remanescente do título de 1953.

Foi o sampaulino Luiz Campos Aranha, no começo dos anos 50, quem, um dia, pegou o saudoso Cícero Pompeu de Toledo pelo braço e disse que conhecia um homem capaz de colocar a caixa em ordem. Cícero não acreditava, ficou incrédulo e surpreso até que Luiz Aranha lhe revelou um nome: Laudo Natel. Numa das salas do Banco Brasileiro de Descontos, aconteceu a primeira reunião, Cícero e Marcel Klaczko, guiados por Luiz Aranha, e Laudo, que de pronto respondeu sim, estudou a situação do clube, e optou por uma coisa que parecia absurda: a venda do Canindé.

Começou então a procura de um terreno para a construção de um gigantesco estádio. Ele chegou em 1952 e ficava no jardim Leonor. A 15 de agosto tomava forma o sonho, "uma loucura" dos sampaulinos, que iriam construir o seu "gigante", que se desenvolveria e tornaria realidade durante os anos 60.



Dia 9 de setembro de 1952: a homenagem



Feola trouxe Zizinho para ser campeão



Retorno do São Paulo ao "fenômeno" Adhemar Ferreira da Silva



A epopéia do Morumbi

Os anos 60 foram dedicados à construção do estádio. E o Gigante do Morumbi está aí. Uma obra imponente, que reflete toda a fé e esperança da gente sampaulina. Ter um estádio à altura das gloriosas tradições do São Paulo era um sonho quase impossível, um grande desafio, que marca o início da sua história no ano de 1950. Luís Aranha, Cícero Pompeu de Toledo e Breno Caramuru, desesperados por não terem conseguido um pedaço de chão alagadiço do Ibirapuera, passaram a jogar todas as suas esperanças no barro vermelho do bairro que, então, nascia inspirado na Lei no. 58, que regulamentava loteamentos.

Luís Aranha, já ao final do ano de 1951, conseguia uma entrevista com o presidente da Imobiliária e Construtora Aricanduva, pleiteando que a área a ser destinada para parques e jardins, fosse doada ao São Paulo F.C.. Assessorados pelo secretário jurídico da Prefeitura,

Nelson Marcondes do Amaral, os conselheiros e diretores do Clube, foram, então, falar com o prefeito Armando de Arruda Pereira. Foi assim, com o trabalho do dr. Nelson, que parte da área do Jardim Leonor, no Morumbi, acabou sendo doada.

De início, houve um sério descrente opositor: o engenheiro Gomes Cardim. Este, porém contaminado pela febre do Estádio, logo colaborou de maneira extraordinária. Em seguida, em vez de opositor, se tornou membro atuante da Comissão Pró-Estádio.

Nem tudo foram flores no trabalho dos homens para erguer o Estádio. Quando o sonho parecia coroado de êxito, começaram a surgir alguns problemas. Ficou o dito pelo não dito. Mas a teimosia e a persistência de Luís Aranha superaram os obstáculos. Ao lado de outro grande sampaulino, Luís

Cássio dos Santos Werneck, acabou ganhando a parada. O São Paulo comprou 30 mil metros quadrados. A Imobiliária Aricanduva doou mais 30 mil. O coração tricolor começou a bater mais forte. Viu-se, então, o dr. Nelson Marcondes do Amaral, dr. Lara e o eng^o Gomes Cardim, ambos do Departamento de Urbanismo da Prefeitura, dizendo: "O Estádio será construído porque confiamos em Cícero Pompeu de Toledo e na capacidade de realização de um moço chamado Laudo Natel".

No dia 15 de agosto de 1952, um velho guerreiro sampaulino, Monsenhor Francisco Bastos, abençoava o local onde iria despontar o Gigante do Morumbi. Foi uma tarde histórica e comovente na vida do clube.

Na reunião de conselheiros e sampaulinos de fé, que jamais colocaram em dúvida a capacidade de Cícero, nasceu a primeira Comissão Pró-Estádio, constituída



Vários estágios da construção do Morumbi: as piscinas em abril de 61 (esquerda, ao alto) e em novembro do mesmo ano (ao lado); e o fechamento do anel em 69 (esquerda, embaixo).



Em 55, a visita dos presidentes de clubes às obras

pelo próprio Cícero Pompeu de Toledo, eleito presidente; Piragibe Nogueira, vice-presidente; Luís Cássio do Santos Werneck, secretário; Amador Aguiar, tesoureiro; Altino de Castro Lima, Carlos Alberto Gomes Cardim, Luís Campos Aranha, Manoel Raymundo Paes de Almeida, Osvaldo Artur Brakte, Roberto Gomes Pedroza, Roberto Barros Lima, Marco Gasparian, Paulo Machado de Carvalho e Pedro França Filho Pinto. Posteriormente, outra Comissão foi formada, porque homens de muita fibra e coragem precisavam continuar o trabalho iniciado por Cícero. Laudo Natel passou a ser o presidente. Três homens foram escolhidos para vice - Piragibe Nogueira, Monsenhor Francisco Bastos e Mário Tavares Filho. Os demais integrantes foram Altino de Castro Lima, Amador Aguiar, Breno Caramuru Teixeira, Caetano Estelita Pernet, Carlos Alberto Gomes Cardin, Frederico A.G. Menzen, general José Porfírio da Paz, Jovelino Bahia, Julio Brisola, Luís de Campos Aranha, Manoel José de Carvalho, Manoel Raymundo Paes de Almeida, Marcel Klaczko, Paulo Machado de

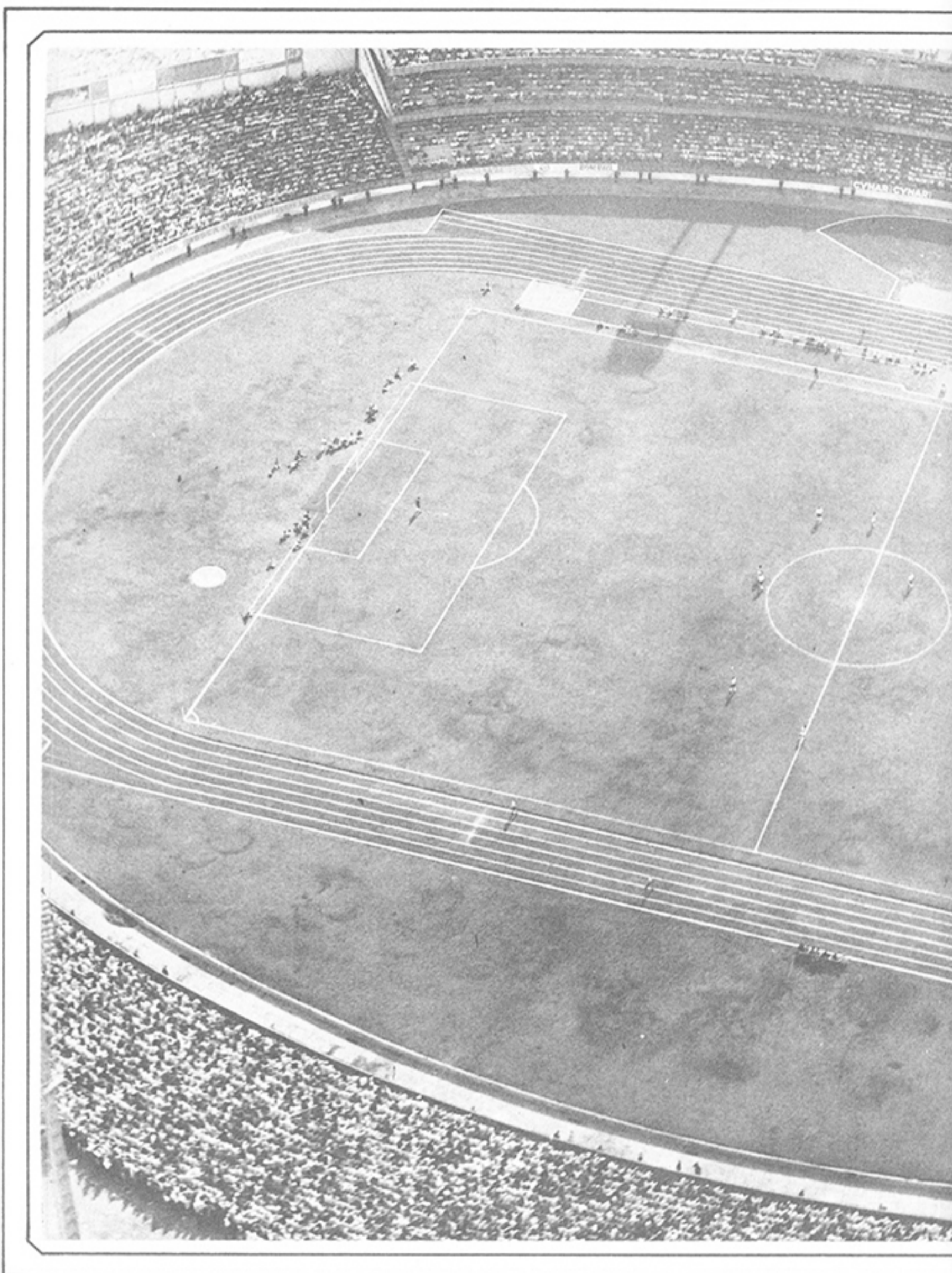
“Já que é um sonho, que seja grande.”

Carvalho, Paulo Planet Buarque, Pedro França Pinto, Roberto de Barros Lima e outros.

Todos esses homens passaram a sonhar. E todos eles comungavam o mesmo ideal, afirmando quase que numa só voz: “já que é um sonho, que seja grande”. Com esse espírito e coragem, os homens do São Paulo Futebol Clube começaram a erguer este grande estádio, superando incríveis dificuldades, muitas delas verdadeiramente inimagináveis. Sob aquela estrutura de cimento armado, não entrou nenhum tijolo, cimento e ferro, que tivesse sido fornecido por qualquer poder público. A obra exigiu muito sacrifício da gente sampaulina.

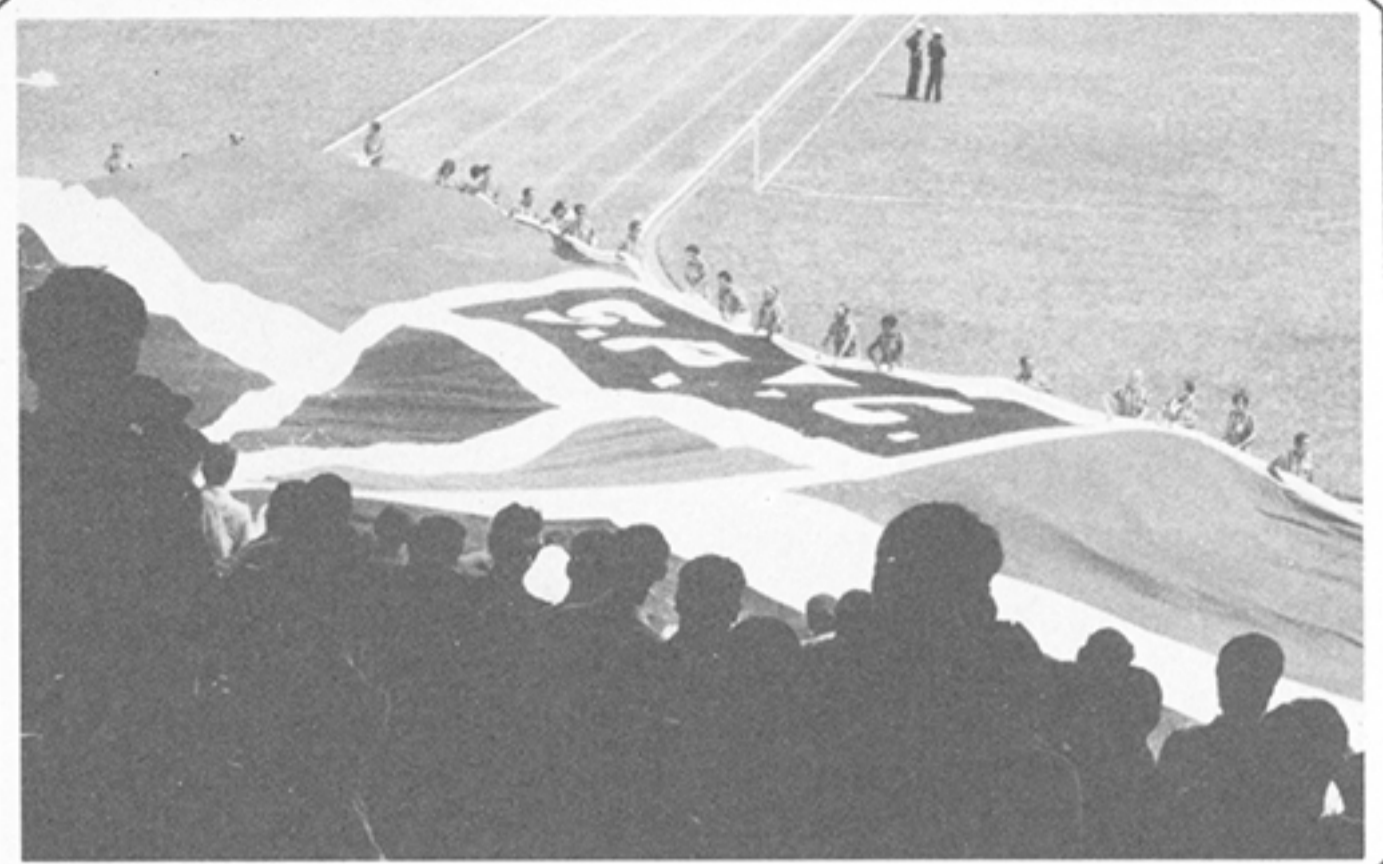
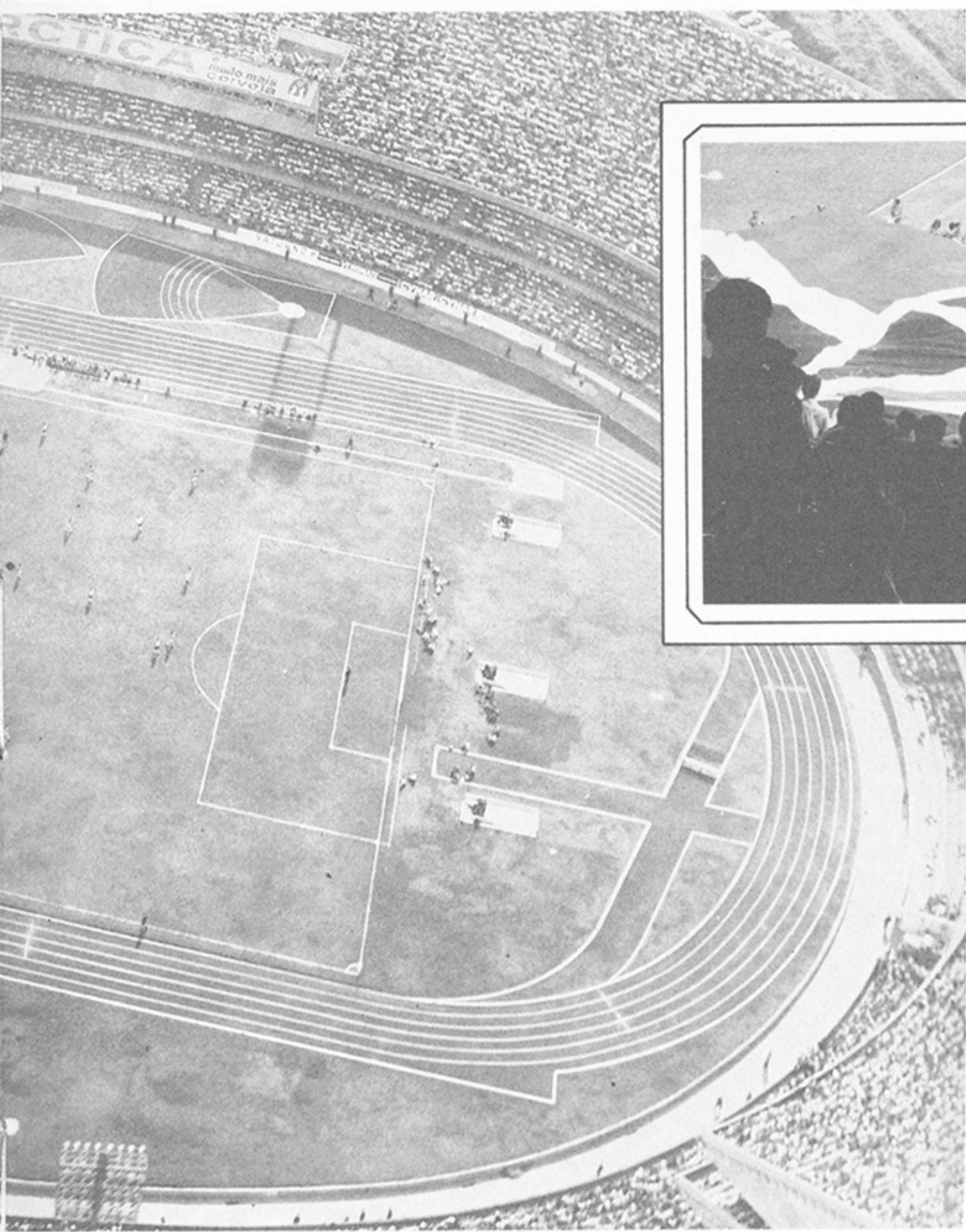
Estádio “Cícero Pompeu de Toledo”, nome que reflete a gratidão da família sampaulina àquele que foi o pai do maior estádio particular do mundo. O mínimo que o São Paulo, de tradições gloriosas, poderia oferecer à memória de seu grande incansável batalhador. No final da década de 40, o São Paulo tinha um grande time e quase nenhum patrimônio, a não ser o pequeno terreno no Canindé. Muito pouco para a projeção que a equipe alcançava. E o objetivo de Cícero era mudar essa situação: transformar um grande time num grande clube, com sólida posição financeira. E o primeiro passo foi vender o terreno do Canindé a Wadi Saddi (que mais tarde o passou à Portuguesa), por 12 milhões, e pagar as dívidas. Porém, como o dinheiro que sobrou era pouco, o negócio foi feito mais com a coragem. O veto do então vereador Jânio Quadros, em 1951, impediu que o São Paulo recebesse da Prefeitura a área que já havia escolhido no Ibirapuera para a construção do seu estádio. Mas ele não esmoreceu. E o sonho se tornou realidade. De forma oval olímpica, o estádio “Cícero Pompeu de Toledo”, tem hoje uma capacidade oficial para 150 mil pessoas. O seu idealizador foi o arquiteto J. Vilanova Artigas.

Assim, a 2 de outubro de 1960, ainda por terminar, é inaugurado o Morumbi, com jogo contra o Sporting de Lisboa, que terminou 1 a 0 para o



Em 1965, o Morumbi ainda não estava completo (acima). A inauguração total aconteceu a 25 de janeiro de 1970, com o jogo contra o Porto e a presença do presidente Médici (ao lado). O ingresso de cativas custou cinco cruzeiros e a torcida fez a festa com uma imensa bandeira (acima à direita).





São Paulo. E Peixinho faria o primeiro gol do Estádio. O time: Poy, Ademar e Gildésio; Sátiro, Vitor e Riberto; Peixinho, Jonas (Paulo), Gino, Gonçalo (Cláudio) e Canhoteiro. Sete dias depois, ainda como parte da festa o São Paulo, reforçado por Djalma Santos, Julinho e Almir, bateu o Nacional de Montevideú por 3 a 0, gols de Canhoteiro e Gino (2). O time: Poy, Djalma Santos e Gildésio (Gérsio); Sátiro, Vitor e Riberto; Julinho, Almir, Gino, Gonçalo e Canhoteiro (Roberto).

O Morumbi tem três pavimentos distintos: o superior, correspondente às arquibancadas, onde não há cadeiras nem divisões; o intermediário, das numeradas e cativas superiores; o terreo, das numeradas e cativas inferiores e das gerais. Dentro do estádio, existem cinco vestiários - quatro com uma área de 500 metros quadrados, e um para juizes, com uma área de 50 metros quadrados. A concentração, situada no segundo andar, é grande com acomodações para 60 atletas. Nesse pavimento estão instalados ainda o departamento médico, de marketing, secretaria e arquivo.

A área dos espectadores do Morumbi é de 62.450 metros quadrados, cerca de três vezes e meia maior que a do Pacaembu. Os homens tiveram fé, enfrentaram as grandes tempestades, superaram crises para estruturar o clube em bases sólidas e encher de orgulho o coração de todos. Hoje, muitos perguntam: quanto custa o Morumbi. O preço do sacrifício de 45 anos. E sacrifício não tem preço.



A volta dos títulos

A década de 70 começou com a inauguração completa do Morumbi. A 25 de janeiro de 1970, com a presença do presidente da República, Emílio Garrastazu Médici, e do governador Abreu Sodré, São Paulo e o F.C. do Porto, de Portugal, empataram por um gol.

Entra em cena, então, um homem que se dedicaria de corpo e alma a fazer o São Paulo reeditar os feitos da "década de ouro": Henri Aidar. Primeiro como diretor do Departamento de Futebol e depois como presidente do clube.

Terminado o estádio, a Diretoria do São Paulo partiu decidida para a reconquista dos títulos, que não aconteciam desde 1957. Contratou Gerson, Toninho, Rocha, Forlan, Edson e Terto. E o título chegou nesse mesmo ano de 70. Em 71, repetiu a dose, com poucas mudanças no time. A diretoria cumpria o prometido à torcida: após o estádio, um campeonato.

Começava bem a década de 70, que seria marco de muitas conquistas, pois no ano do "bi", o São Paulo ainda foi vice-campeão nacional e em 1973, vice paulista, quando Santos e Portuguesa dividiram o título, no famoso erro do árbitro Armando Marques, que encerrou a cobrança de pênaltis quando a Portuguesa ainda tinha chance (muito remota, é verdade) de igualar-se ao Santos.

Em 1974 o São Paulo foi vice-campeão paulista invicto. O trabalho sempre consciente dos



Uma constante em 75: a festa pelos gols marcados



Gerson renovou e o São Paulo foi bicampeão



Terto, Murici, Paranhos e Arlindo comemoram o gol contra o Palmeiras, em julho de 75

dirigentes levou o São Paulo à conquista do título de campeão paulista, em 1975, com um time remozado à base de pratas da casa, revelados pelo técnico José Poy.

Esse título não onerou o clube pois nenhuma grande contratação foi feita pela Diretoria. O time contava com a experiência de Pedro Rocha, a tranquilidade de Waldir Peres, a dura marcação de Chicão e os gols de Serginho, que fizeram a torcida esquecer o seu artilheiro Mirandinha, que teve sua perna quebrada em novembro de 1974, num jogo contra o América, em São José do Rio Preto.

O ponto culminante da década foi alcançado em 1977, com a conquista do título de campeão brasileiro, resultado da remodelação que o técnico Rubens Minelli, contratado no ano anterior, fez no

elenco, dispensando e contratando vários jogadores.

Em 1978, chegou ao vice-campeonato paulista, após perder uma partida e ganhar outra do Santos, que foi beneficiado pela campanha.

As participações do São Paulo na Taça Libertadores da América, em 1972 e em 1974 na condição de vice e, em 1978 na de campeão brasileiro, foram irregulares, pois nunca o time conseguiu chegar ao objetivo máximo, que é a conquista desse título continental (em 1974, na final, Zé Carlos perdeu um pênalti e a taça acabou ficando com o Independiente). Mesmo assim, o Tricolor alcançou o final da década de 70 com um saldo bastante positivo e animador, preparando-se para formar o grande esquadrão dos anos 80.

Um futuro que promete

Começava uma nova década, e outra revolução no futebol. Com a saída de Rubens Francisco Minelli, o São Paulo contrata Carlos Alberto Silva, que havia sido campeão brasileiro pelo Guarani, em 1978. Carlos Alberto apresentou-se no Morumbi dia 3 de janeiro de 1980, já iniciando o seu plano de trabalho.

Primeiro, vieram as contratações de Paulo César, Nei, Ailton Lira, Renato e Assis. Depois numa segunda etapa, Gassen e Almir. E, por fim, Oscar.

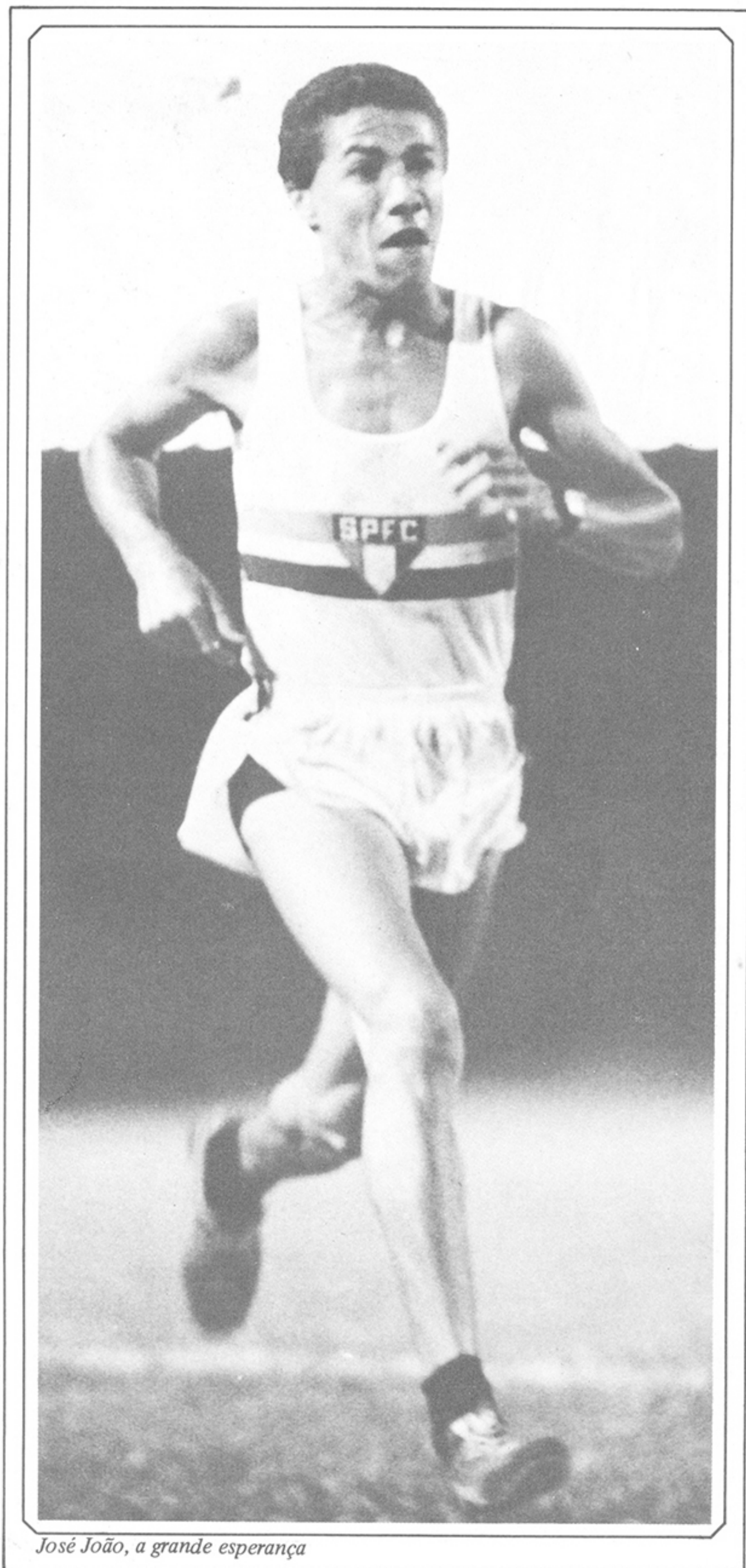
Com esse material humano, somado aos talentos de Waldir Peres, Getúlio, Serginho, Zé Sérgio e a outros que o time já possuía, chegou ao final da temporada como campeão paulista, vencendo o Santos nas partidas decisivas - série "melhor de quatro pontos - e supervalorizado. Tanto que, ao final do ano, cinco jogadores haviam sido convocados para a Seleção Brasileira de Futebol, que disputou o "Mundialito" no Uruguai.

Com as convocações de Getúlio, Oscar, Serginho, Zé Sérgio e Renato e depois Waldir Peres e Paulo César para a Seleção, o time ficou bastante desfalcado. Mas a Diretoria procurou preencher as lacunas. E contratou Chiquito, Marinho Chagas, Everton, Elvio, promoveu alguns juvenis e fez voltar o ponta direita Valtinho e o goleiro Moreira, que estavam emprestados. Um novo time, um novo São Paulo.

JOSÉ JOÃO, NO LIMIAR DE 1981

Nos primeiros minutos de 1981, o São Paulo marcava a sua maior presença no atletismo nos últimos tempos, com seu atleta José João da Silva conquistando, depois de 34 anos, o lugar de honra no podium da corrida de São Silvestre, até então ocupado apenas por atletas estrangeiros. Um brasileiro vencia finalmente a prova.

E o clube pode até inscrever mais uma estrela de ouro na sua bandeira e no seu uniforme. José João da Silva, um ex-garçom, ganhou um novo nome: "Pé de Vento". Foi o grande título no início do novo ano, antevendo outras conquistas, no esporte amador ou profissional.



José João, a grande esperança



Cícero Pompeu de Toledo assina o contrato para construção do Morumbi

OS HOMIENS

Por trás de 11 camisas e de um forte espírito de luta, estiveram sempre os homens que acreditaram na possibilidade de realização de seus sonhos. Homens que, muito antes daquele 16 de dezembro de 1935, já pensavam e sonhavam com as cores da bandeira tricolor, empolgando torcidas nos estádios. Homens que, ainda que desacreditados pelos "inimigos", mostraram que poderiam fazer voltar a ser gritado nas arquibancadas o nome do São Paulo. Homens que vieram também depois, formados dentro desse mesmo espírito de luta e empreendimento. Homens que vieram de fora e trouxeram para o São Paulo tudo o que poderiam dar, realizando o grande sonho do Morumbi. Homens que, agora, estão tendo novos sonhos para o seu clube. Uns em postos de direção, outros nos bastidores, todos trabalhando e recebendo de volta a alegria de ver grande, aquele pequeno São Paulo, que nasceu para a glória.



MANOEL DO CARMO MECCA

Manoel do Carmo Mecca, português, nascido em 28 de fevereiro de 1909, foi o primeiro presidente do São Paulo Futebol Clube, eleito na reunião de fundação. Foi também responsável pela contratação dos primeiros jogadores do São Paulo, assim como pelo estabelecimento da primeira sede do Clube e demais providências iniciais para seu funcionamento. Em 1936, por motivos de caráter pessoal, apresenta sua renúncia ao cargo. Nunca afastando-se totalmente da vida do Clube, é eleito secretário do Conselho Deliberativo em 1940 e depois conselheiro. Em 1943, é nomeado diretor geral dos Desportos Amadores, época em que o São Paulo começa a ganhar destaque no atletismo. Novamente eleito conselheiro em 1946, ocupou o cargo sucessivamente até seu falecimento, em 27 de janeiro de 1961.

FREDERICO MENZEN

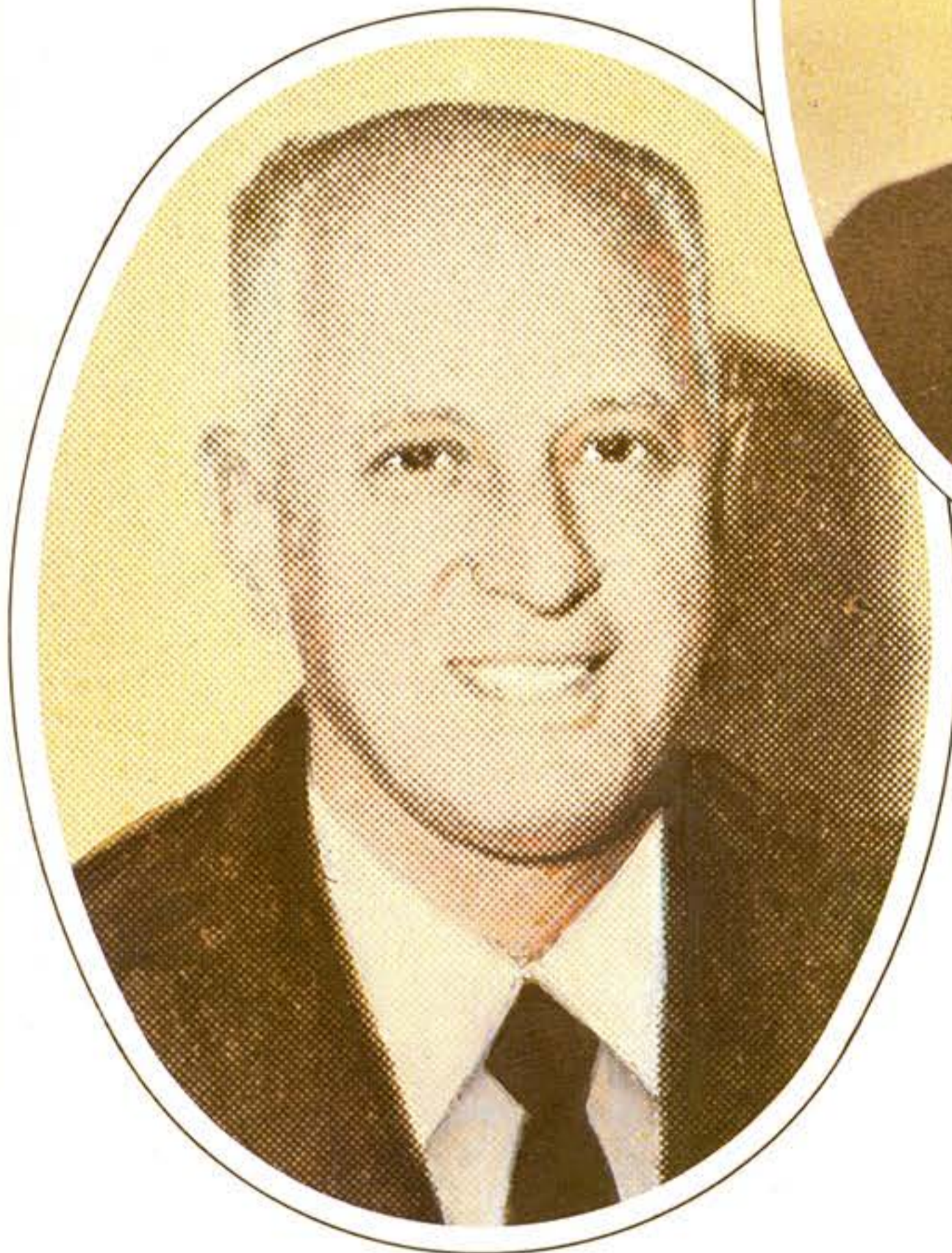
Frederico Antônio Germano Menzen, nascido em 13 de junho de 1892, foi o sócio número 1 do São Paulo Futebol Clube, tendo sido escolhido, na reunião de fundação, seu primeiro representante na Liga Paulista de Futebol. Integrou, por diversas vezes, a Diretoria Executiva e o Conselho Deliberativo. Foi presidente em 1936 e 1937. E, em 1938, presidiu a junta governativa. De 1946 a 1949 exerce a presidência do Conselho Deliberativo. Em 1954, como vice-presidente, ocupa a Presidência por um mês. Em 1958 passa a integrar a Comissão Pró-Estádio, para a construção do Morumbi. E de 1962 a 1972 é eleito sucessivamente, membro do Conselho Deliberativo. Presidente Benemérito do Clube, foi o responsável pela contratação do técnico Feola e do goleiro King, entre outros.



**CID
MATTOS VIANNA**

Cid Mattos Vianna foi um dos primeiros sócios do São Paulo, tendo estado presente à reunião de fundação do clube em dezembro de 1935. Também ele era remanescente do antigo São Paulo da Floresta e participou de toda a campanha para o ressurgimento do São Paulo.

No dia 21 de junho de 1938, Cid Mattos Vianna é eleito presidente do Clube, tendo, em sua chapa, a participação de Carlos Lopes e Guilherme Spilbourgs. Entretanto, por motivos de reorganização interna, Cid renuncia um dia depois de eleito, dando possibilidade à instalação da junta governativa que presidiu o clube por dois meses, tendo à frente Frederico A.G. Menzen. Mais tarde, Cid Mattos Vianna volta a integrar os quadros da diretoria, sendo nomeado em 1947 para o Departamento de Relações Exteriores.



**PIRAGIBE
NOGUEIRA**

Piragibe Nogueira, médico, nascido em 11 de novembro de 1904, foi eleito presidente da Diretoria para o período de 1938 a 1940. Em 1941 preside o Conselho Deliberativo e de 1948 a 1951 dirige o Departamento Médico do Clube. Em 51 é eleito sucessivamente presidente do Conselho Deliberativo até 62, ano em que chega a vice-presidente. De 66 a 68 volta a exercer o mesmo cargo, sendo eleito depois, até 1973, membro do Conselho Deliberativo. Neste ano é nomeado Conselheiro Vitalício. Na qualidade de Membro Nato do Clube, integrou a Comissão Pró-Estádio desde o ano de 1958.

Ainda como parte da equipe dirigente do São Paulo, foi eleito para o cargo de membro do Conselho Consultivo, com mandato até 1984.

**PAULO
MACHADO DE CARVALHO**

Paulo Machado de Carvalho, advogado, radialista, nascido em 9 de novembro de 1901, foi eleito membro do Conselho Deliberativo e secretário geral da Diretoria em janeiro de 1940. Em fevereiro desse mesmo ano é eleito presidente da Diretoria, demitindo-se do cargo em julho. Em dezembro passa a integrar o Conselho Deliberativo até 44, quando recebe indicação para o Departamento de Futebol Profissional.

Em fevereiro de 46 volta a integrar o Conselho Deliberativo e em dezembro é eleito presidente da Diretoria por aclamação, quando o São Paulo conquista o título de campeão invicto. Demite-se do cargo em 47. Um ano depois, é indicado para dirigir o Departamento de Futebol Profissional, demitindo-se em 51. Volta ao Conselho em 54 e elege-se vice-presidente em 55/56.



**JOÃO TOMAZ
MONTEIRO DA SILVA**

João Tomaz Monteiro da Silva teve participação ativa na vida do São Paulo Futebol Clube desde sua fundação, em 1935. Em 1940, foi eleito presidente do Conselho Deliberativo, cargo que ocupou até o dia 14 de novembro de 1940, quando foi eleito presidente do clube.

No dia 29 desse mesmo mês foi eleito sócio benemérito, em pleno exercício da presidência, e veio a falecer, menos de um mês após tomar posse, deixando o cargo para ser ocupado por Décio Pedroso. Embora tenha tido pouquíssimo tempo para tomada de decisões à frente do São Paulo, seus próprios companheiros, à época de seu falecimento, apontaram a indicação, feita por ele, de Frederico Menzen para integrar a Diretoria da Liga de Futebol do Estado de São Paulo como uma das suas mais acertadas decisões.

**ROBERTO
GOMES PEDROZA**

Roberto Gomes Pedroza, nascido em 8 de julho de 1913, entrou para o São Paulo em 38, quando da fusão com o Clube Atlético Estudantes, do qual fazia parte. Defendeu o São Paulo como atleta amador, tendo assinado um contrato simbólico com o clube, que não previa remuneração. Em 41 foi nomeado diretor do Departamento de Futebol, recebendo o título de Sócio Benemérito em 42. Em 46 foi eleito presidente do São Paulo Futebol Clube. Sua atuação, no entanto, transcendeu a vida do clube. Em 43 foi nomeado diretor do Departamento Técnico da Federação Paulista de Futebol. Em 44 ocupa o cargo de secretário geral da FPF e em 45 é eleito membro do Conselho Regional de Desportos. Em 47 é eleito presidente da Federação Paulista de Futebol, cargo que exerceu até 54, ano de sua morte.



**DÉCIO
PEDROSO**

Décio Pacheco Pedroso, médico, nasceu em 24 de novembro de 1908. Foi eleito membro do Conselho Deliberativo em 1938. Em 1941 é eleito presidente da Diretoria, sendo reeleito para o cargo em 1943 - ano em que o São Paulo conquista seu primeiro campeonato - com mandato até 1945. Em 46 é eleito membro do Conselho Deliberativo e em 48 é indicado para diretor do Departamento de Futebol Profissional por um ano. Depois é reeleito para o Conselho, sucessivamente até 58. Em 1972 é indicado como membro nato do Conselho Consultivo e, um ano mais tarde, recebe o título de Conselheiro Vitalício.

Foi membro nato do Conselho Consultivo até 1981, ano em que faleceu.





LAUDO NATEL

Laudo Natel, ex-governador do Estado de São Paulo, ingressou no São Paulo Futebol Clube em 1946, como sócio olímpico. Em 52 foi designado para exercer a função de diretor do Departamento de Finanças. Em 54 é eleito membro do Conselho Deliberativo e assume novamente o cargo de diretor do Departamento de Finanças. Em 56 é nomeado 1.º tesoureiro. Em 58 volta a integrar o Conselho Deliberativo e é eleito, pela primeira vez, presidente do São Paulo, cargo para o qual foi escolhido sucessivamente até 1972, tendo dele se afastado apenas em 66, para assumir o governo do Estado de São Paulo, deixando o clube nas mãos de Manoel Raymundo Paes de Almeida. Durante suas várias gestões, foi membro, também, da Comissão Pró-Estádio. Por sua destacada atuação na construção do Morumbi, recebeu o título de Grande Patrono.



CÍCERO POMPEU DE TOLEDO

O Presidente de Honra do São Paulo Futebol Clube, ou seja, eterno presidente, Cícero Pompeu de Toledo é considerado o pai do Morumbi uma vez que, a partir dele, nasceu e tomou forma a realização do grande estádio que leva seu nome. Ingressou na vida do São Paulo em 1939. De 44 a 46 foi secretário da Diretoria, gestão na qual teve como um dos principais êxitos, o sensível aumento do quadro social do clube. Em 1947 é eleito pela primeira vez presidente do São Paulo, sendo reeleito para o cargo, sucessivamente, até o ano de 1957, quando viu-se obrigado a se afastar de tais atividades por motivos de saúde. O projeto e os primeiros passos para a construção do Morumbi foram dados durante suas últimas gestões à frente da Diretoria, obra que não teve a felicidade de ver terminada. Foi ainda, durante suas gestões que o São Paulo conquistou importantes títulos.

**HENRI
AIDAR**

Henri Couri Aidar, advogado, nascido em 29 de junho de 1921, foi admitido no São Paulo em 1953, tendo realizado seu primeiro trabalho para o clube em 57, como advogado, perante o Tribunal de Justiça Desportiva da Federação Paulista de Futebol. Em 58 foi eleito membro do Conselho Deliberativo, cargo que ocupou até 64, quando passou a dirigir o Departamento Profissional. Em 68 integra, pela primeira vez, a Comissão Pró-Estádio, da qual fez parte em muitas gestões. Foi eleito para a Vice-Presidência da Diretoria nas gestões de 68 a 70 e de 70 a 72, terminando esta última como presidente. Em 73 é eleito conselheiro vitalício. Para a Presidência do clube foi sucessivamente eleito nos anos de 72, 74 e 76, deixando o cargo em 1978. Um ano depois é nomeado membro do Conselho Consultivo, com mandato até 1984.



**ANTONIO LEME
NUNES GALVÃO**

Antônio Leme Nunes Galvão, nascido em 28 de julho de 1924, tomou contato com o São Paulo Futebol Clube, pela primeira vez, no início da construção do Estádio do Morumbi, quando prestou serviços de engenharia civil para o clube. A partir de 1962 filiou-se ao São Paulo, tendo sido eleito conselheiro ainda nesse ano. Em 1966 foi eleito membro da Comissão Pró-Estádio e nomeado diretor do Departamento de Obras. A partir de 70, volta a integrar o Conselho Deliberativo, sem afastar-se de seu cargo na Diretoria. Ainda em 70 é novamente eleito membro da Comissão Pró-Estádio. Um ano mais tarde, é eleito Conselheiro Vitalício. Em 1972 é nomeado e empossado vice-presidente da Diretoria. Em 1978 é eleito presidente por dois anos, sendo reconduzido ao cargo, em 1980.



**JOSÉ FERREIRA
KEFFER**

José Ferreira Keffer foi presidente do Conselho Deliberativo no ano de 1949, substituído por Piragibe Nogueira até o ano de 1954. Teve grande atuação na vida política e social do Estado de São Paulo, trazendo, em decorrência, grande contribuição ao clube. Em sua vida pública, foi membro do Conselho da Caixa Econômica Estadual, diretor do Departamento de Esportes do Estado de São Paulo e diretor da Divisão de Jornalismo da Secretaria do Governo. Foi também vereador e deputado estadual pelo PSD, além de secretário do Trabalho. Dentro do clube, sua participação também foi intensa, e embora tenha ocupado um cargo de destaque por apenas uma vez, acompanhou de perto, o crescimento do São Paulo.

**JOSÉ FREDERICO
MARQUES**

José Frederico Marques, magistrado, nascido a 14 de fevereiro de 1912, foi eleito pela primeira vez para o Conselho Deliberativo em 1956. Em 1958 é nomeado 1o. secretário da diretoria e dois meses depois, membro da Comissão Legislativa do Conselho Deliberativo. Em 60 volta a assumir o cargo de 1o. secretário por dois anos. Em 62 é eleito presidente do Conselho Deliberativo e membro nato da Comissão Pró-Estádio. Em 66 deixa a Presidência, permanecendo como conselheiro e membro da Comissão Pró-Estádio, sendo reeleito sucessivamente até 73, quando é eleito Conselheiro Vitalício. Em 79 é empossado membro nato do Conselho Consultivo, com mandato até 1984.



**WALDEMAR MARIZ
DE OLIVEIRA**

Waldemar Mariz de Oliveira Jr., advogado, nascido em 12 de janeiro de 1923, passou a integrar o Conselho Deliberativo do São Paulo em 1962, sendo reeleito em 1966. Nesse mesmo ano é eleito membro nato da Comissão Pró-Estádio e assume o cargo de presidente do Conselho Deliberativo. Foi reeleito para o cargo em 68, deixando-o em 70, mas permanecendo como conselheiro. Um mês depois ocupa pela terceira vez a Presidência do Conselho e é eleito membro nato da Comissão Pró-Estádio por mais dois anos. Em 72, é empossado no cargo de membro nato do Conselho Deliberativo em 73 recebe o título de conselheiro vitalício. Em 79 é escolhido para integrar o Conselho Consultivo, com mandato até 1984.



JOÃO BRASIL VITA

João Brasil Vita, advogado, homem de grande projeção na política, foi eleito presidente do Conselho Deliberativo em 1980. Participou da vida do clube desde seus primeiros anos. Foi eleito conselheiro pela primeira vez em 1949, cargo que ocupou até 52, quando foi nomeado diretor do Departamento Jurídico, por dois anos.

Em 1954 volta a integrar o Conselho Deliberativo e recebe nomeação para a direção do Departamento Social. De 1958 a 1962, é eleito sucessivamente membro do Conselho Deliberativo. Em 1966 é nomeado secretário da Diretoria. Volta às atividades, por motivos particulares, apenas em 73, quando é empossado conselheiro vitalício.

HOMERO BELLINTANI

Homero Bellintani, industrial, nascido em 26 de abril de 1919, ingressou no São Paulo em 1948. Em 56 foi nomeado diretor adjunto do Departamento de Esportes Amadores, assumindo a diretoria em 57. Um ano mais tarde passa a integrar o Conselho Deliberativo e é nomeado para o cargo de 2o. secretário da Diretoria, que exerce até 62, quando recebe nomeação para diretor adjunto do Departamento de Futebol. Em 64 é nomeado tesoureiro, recebendo novas indicações para o mesmo cargo em 66 e 68. Ainda em 66 é eleito conselheiro, cargo que volta a ocupar em 70, quando também recebe a indicação para diretor do Departamento de Esportes Amadores. Em 73 é eleito conselheiro vitalício.



MONSENHOR FRANCISCO BASTOS

Monsenhor Francisco Bastos, nascido em 11 de setembro de 1892, participou do clube desde sua fundação, sendo eleito presidente do Conselho em 1936 e reeleito em 37. Em 41 foi eleito membro do Conselho. Em 46 é escolhido diretor sem pasta e nesse mesmo ano é indicado para diretor auxiliar. De 49 a 62 é eleito sucessivamente como membro do conselho. Em 58 é eleito vice-presidente da diretoria. Nesse mesmo ano passou a integrar a Comissão Pró-Estádio, até 1962, quando é eleito novamente vice-presidente da Diretoria. Em 1966 foi eleito membro do Conselho e seu vice-presidente. Em 1970 volta a ser eleito para a Vice-Presidência do Conselho. Em 1979 é eleito Membro do Conselho Consultivo, com mandato até 84.





**GENERAL JOSÉ
PORFÍRIO DA PAZ**

José Porfírio da Paz, general, nascido a 24 de janeiro de 1903, esteve presente à reunião de fundação do São Paulo em dezembro de 1935, quando foi escolhido para diretor esportivo, cargo que ocupou até 1938. No ano seguinte é eleito vice-presidente e em 45 elege-se para o Conselho Deliberativo, onde permanece até 55.

Antes, em 1942, recebendo o título de sócio benemérito, afastou-se da vida do clube, por ter sido transferido, ainda como tenente do exército, para o Norte do País.

Em 44 é escolhido como diretor social. Volta a ser vice-presidente em 47 e depois em 51. Integrou a Comissão Pró-Estádio de 58 a 76. Atualmente é membro nato do Conselho Consultivo, com mandato até 1984.

**DEOCLECIANO DANTAS
DE FREITAS**

Deocleciano Dantas de Freitas, industrial, nascido em 13 de janeiro de 1911, participou da vida do São Paulo desde sua fundação, sendo eleito membro do Conselho Deliberativo em 1936 e, nesse mesmo ano, empossado secretário geral da Diretoria. Em 40 é eleito vice-presidente da Diretoria. Um ano depois volta a integrar o Conselho e em 45 é nomeado 1.º tesoureiro. Em fevereiro de 46 é escolhido diretor sem pasta, passando a ocupar o cargo de diretor auxiliar em dezembro desse mesmo ano. Foi diretor de recepção duas vezes, em 48 e em 50. De 54 a 62 e de 74 a 80 foi eleito sucessivamente membro do Conselho Deliberativo. Em 1977 foi empossado como membro do Conselho Vitalício.



**MANOEL RAYMUNDO
PAES DE ALMEIDA**

Manoel Raymundo Paes de Almeida, industrial, nascido em 11 de novembro de 1921, foi o fundador da Torcida Uniformizada do São Paulo, ainda nos primeiros anos do clube. Em 41 é eleito membro do Conselho Deliberativo, e exercendo o cargo até 45. De 46 a 49 é nomeado, sucessivamente, diretor do Departamento Social, voltando a integrar o Conselho de 49 a 54. Em 56 é nomeado diretor do Departamento de Futebol, prosseguindo em 58, ano em que assume também a Secretaria da Comissão Pro-Estádio. Em 60 recebe o título de benemérito e dois anos mais tarde volta a dirigir o Departamento de Futebol. Em 64 e em 66 é nomeado vice-presidente da Diretoria, cargo que exerce até 1968, voltando, depois, a integrar o Conselho Deliberativo e o Conselho Consultivo, do qual foi o primeiro presidente.

As diretorias nestes 45 anos

16/12/1935

PRESIDENTE: Manoel do Carmo Meca;
VICE-PRESIDENTES: Alcides Borges;
Francisco Pereira Carneiro;
SECRETÁRIO: Luiz Felipe Paula Lima;
TESOUREIROS: Manoel Arruda
Nascimento; Izidoro Narvaes;
DIRETOR GERAL: ESPORTE: Tte.
Porfírio da Paz; **REPRESENTANTE**
DA LIGA PAULISTA: Frederico A.G.
Menzen.

29/2/1936

PRESIDENTE: Frederico A.G. Menzen;
VICE-PRESIDENTES: José de Castro
Carvalho; Tte. José Porfírio da Paz;
DIRETOR AUXILIAR: Eolo Campos;
SECRETÁRIOS: Deocleciano Dantas de
Freitas; Manoel Passos Centofanti;
Humberto Sprovieri; **TESOUREIROS:**
Manoel Arruda Nascimento; Isidoro
Narvaes; **DIRETOR ESPORTIVO:** Jaime
Roso; **REPRESENTANTE NA LIGA**
PAULISTA: Álvaro de Sá Nogueira.

1/5/1936

PRESIDENTE: Frederico A.G. Menzen;
VICE-PRESIDENTES: Tte. Porfírio
da Paz; Francisco Ribeiro Carril;
TESOUREIROS: Manoel Arruda
Nascimento; Isidoro Narvaes; Arnaldo
Tedeschi; **SECRETÁRIOS:** Deocleciano
Dantas de Freitas; Eolo Campos;
Humberto Sprovieri; **DIRETOR**
ESPORTIVO: Jaime Roso.

25/11/1937

PRESIDENTE: Frederico A.G. Menzen;
VICE-PRESIDENTES: Edmundo de
Toledo; Antonio de Padua Lopes; Ari
Machado; **SECRETÁRIOS:** Tte. Porfírio
da Paz; Humberto Sprovieri; Cecílio
Leal do Canto; **TESOUREIROS:**
Gumerindo Nascimento de Luca;
Isidoro Narvaes; Francisco Carneiro;
DIRETORES ESPORTIVOS: Jaime
Roso; José Machado Filho.

21/6/1938

PRESIDENTE: Cid Matos Viana;
VICE-PRESIDENTES: Carlos Lopes;
Dr. Guilherme Spilbourgs;
SECRETÁRIOS: Deocleciano Dantas
de Freitas; Manoel Méca;
TESOUREIROS: Gumerindo
Nascimento Lucca; F. Pereira Carneiro;
DIRETOR DE ESPORTES: Jaime Roso;
JUNTA GOVERNATIVA - Eleita em
22/6/1938 **PRESIDENTE DA JUNTA:**
Frederico Menzen; Tte. Porfírio da
Paz; Jaime Roso; Gumerindo
Nascimento Luca; Machado Filho;
Carlos Lopes.

12/9/1938

PRESIDENTE: Piragibe Nogueira,
VICE-PRESIDENTES: Frederico A.G.
Menzen; Kurt Richter; Machado Filho;
SECRETÁRIOS: Deocleciano Dantas
de Freitas; Dr. Carlos Monteiro Brisola;
Dr. Décio Pedroso, (interinamente Tte.
Porfírio da Paz); **TESOUREIROS:**
Carlos Lopes; Mugnaine Filho; Pereira
Carneiro; **DIREÇÃO ESPORTIVA:** Dr.
José de Godoy e Jaime Roso.

15/2/1940

PRESIDENTE: Dr. Paulo Machado de
Carvalho; **VICE-PRESIDENTE:**
Deocleciano Dantas de Freitas;
SECRETÁRIO: Joviano Urbina Teles;
TESOUREIRO: Armando Gomes;
DIRETOR SOCIAL: Tte. Porfírio da
Paz; **DIRETOR GERAL DE ESPORTES:**
Dr. José de Godoi.

14/11/1940

PRESIDENTE: Dr. João Tomaz
Monteiro da Silva;
VICE-PRESIDENTE: Dr. Ubiratan
Pamplona; **SECRETÁRIO:** Dr. Carlos
Monteiro Brisola; **TESOUREIRO:**
Tomaz Mauri; **DIRETOR SOCIAL:** Dr.
Manoel Carlos Ferraz; **DIRETORES:**
Prof. Dr. Benedito Montenegro; Dr.
Guilherme de Almeida; Mons. Francisco
Bastos e Dr. Cassio Villaça;
REPRESENTANTE JUNTO NA LIGA:
Dr. Frederico A.G. Menzen.

29/12/1940

PRESIDENTE: Dr. Décio Pedroso;
VICE-PRESIDENTE: Dr. José de
Godoi; **SECRETÁRIO:** Eduardo de
Almeida; **TESOUREIRO:** Tomaz Mauri;
DIRETOR SOCIAL: Dr. Manoel Carlos
Ferraz de Almeida; **ESPORTIVO:**
Roberto Gomes Pedrosa; **DIRETORES**
AUXILIARES: Dr. Cassio Martins
Villaça; Prof. Dr. Benedito Montenegro;
Mons. Dr. Francisco Bastos e Dr.
Frederico A.G. Menzen.

19/12/1941

PRESIDENTE: Dr. Décio Pedroso;
VICE-PRESIDENTE: Dr. Rafael de
Paula Souza; **SECRETÁRIO:** Dr.
Helvécio Bastos; **TESOUREIRO:** Virgílio
Lemos; **DIRETORES:** ESPORTE:
Roberto Gomes Pedrosa; **SOCIAL:** Tte.
Porfírio da Paz; **PATRIMÔNIO:** Tomaz
Mauri.

BIÊNIO 1943/1945

PRESIDENTE: Dr. Décio Pacheco
Pedroso; **VICE-PRESIDENTE:** Dr. J.M.
Cabello Campos; **TESOUREIROS:** Dr.
Jayme Torres; Gumerindo Nascimento
de Lucca; **SECRETÁRIO:** Cícero
Pompeu de Toledo; **DEPARTAMENTOS:**
PATRIMÔNIO: Thomaz Carlos Mauri;
FUTEBOL PROFISSIONAL: Virgílio
Lemos da Silva; **ESPORTES**
AMADORES: Adulcino T. dos Santos;
SOCIAL: Cap. José Porfírio da Paz;
Lavínia Ferraz Scheibel.

1946

PRESIDENTE: Roberto Gomes Pedrosa;
VICE-PRESIDENTES: Dr. Sebastião
Paes de Almeida; Antonio Macuco Alves;
SECRETÁRIO: Cícero Pompeu de
Toledo; **TESOUREIROS:** Thomaz
Carlos Mauri; Jorge Abdalla;
DEPARTAMENTOS: **SOCIAL:** Cap.
José Porfírio da Paz; **FUTEBOL**
PROFISSIONAL: Dr. Paulo Machado
de Carvalho; Virgílio Lemos da Silva;
Dr. Helvécio Bastos; **ESPORTES**
AMADORES: Adulcino T. dos Santos.

1947

PRESIDENTE: Dr. Paulo Machado de
Carvalho; **VICE-PRESIDENTES:** Dr.
Sebastião Paes de Almeida e Antonio
Macuco Alves; **SECRETÁRIOS:** Cícero
Pompeu de Toledo; José Cesar Dias e Dr.
Ibsen da Costa Manso; **TESOUREIROS:**
Thomaz Carlos Mauri e Dr. Helvécio B
Bastos; **DEPARTAMENTOS:** **SOCIAL:**
Cap. José Porfírio da Paz; Manoel
Raymundo Paes de Almeida; **ESPORTES**
AMADORES: Adulcino T. dos Santos;
JURÍDICO: Dr. Rubens de Azevedo
Marques; **FUTEBOL PROFISSIONAL:**
Jorge Abdalla.

BIÊNIO 1947/1948

PRESIDENTE: Cícero Pompeu de Toledo
Toledo; **VICE-PRESIDENTES:** Dr.
Sebastião Paes de Almeida; Antonio
Macuco Alves; **SECRETÁRIOS:** José
Nogueira de Noronha; José Cesar Dias;
TESOUREIROS: Tomaz Carlos Mauri;
Julio Mendes Taller; **DEPARTAMENTOS**
DEPARTAMENTOS: **FUTEBOL**
PROFISSIONAL: Jorge Abdalla;
Samuel Godwin Filho; Cid de Mattos
Viana; **FUTEBOL AMADOR:** Abdalla J.
Belhaus, Nagib Buchain; **ESPORTES**
AMADORES: Adulcino T. dos Santos;
SOCIAL: Cap. Porfírio da Paz; Manoel
Raymundo Paes de Almeida.

BIÊNIO 1948/1949

PRESIDENTE: Cícero Pompeu de
Toledo; **VICE-PRESIDENTES:** Dr.
Sebastião Paes de Almeida; Antonio
Macuco Alves; **SECRETÁRIOS:** Dr.
José Nogueira Noronha e José Cesar
Dias; **TESOUREIROS:** Thomaz Carlos
Mauri e Julio Mendes Taller;
DEPARTAMENTOS: **SOCIAL:**
Cap. Porfírio da Paz e Manoel Raymundo
Paes de Almeida; **FUTEBOL**
PROFISSIONAL: Jorge Abdalla,
Samuel Godwin Filho e Cid de Mattos
Vianna; **JURÍDICO:** Dr. Manoel Carlos
Ferraz de Almeida.

BIÊNIO 1950/1951

PRESIDENTE: Cícero Pompeu de
Toledo; **VICE-PRESIDENTES:** Dr.
Sebastião Paes de Almeida; Dr. José
Carlos Affonseca; Antonio Macuco
Alves; Virgílio Lemos da Silva; Dr.
Domingos Quirino Ferreira Neto; Jorge
Abdalla, Major José Porfírio da Paz;
DEPARTAMENTOS: **FUTEBOL**
PROFISSIONAL: Dr. Paulo Machado
de Carvalho; **SOCIAL:** Nelson
Francisco Rossi; **ESPORTES**
AMADORES: Adulcino Teodoro dos
Santos; **JURÍDICO:** Dr. Mario Tavares
Filho; **PATRIMÔNIO:** Abdalla J.
Belhus, Marcelo Klazcko.

BIÊNIO 1952/1953

PRESIDENTE: Cícero Pompeu de
Toledo; **VICE-PRESIDENTES:** Marcos
Gasparian; Dr. Frederico A.G. Menzen;
Des. Dr. Breno Caramurú Teixeira; Dr.
Caetano Estelita Pernet;
DEPARTAMENTOS: **FUTEBOL**
PROFISSIONAL: Marcel Klazcko;
SOCIAL: Manoel Raymundo Paes de

Almeida; ESPORTES AMADORES: Dr. Luiz Cássio dos Santos Werneck; JURÍDICO: Dr. Mário Tavares Filho; Dr. João Brasil Vita; PATRIMÔNIO: Jaime Roso.

BIÊNIO 1954/1956

PRESIDENTE: Cícero Pompeu de Toledo; VICE-PRESIDENTES: Des. Dr. Breno Caramurú Teixeira; Dr. Frederico A.G. Menzen, Dr. Caetano Estelita Pernet; Altino de Castro e Lima; DEPARTAMENTOS: ESPORTES AMADORES: Dr. Luiz Cassio dos Santos Werneck; Luiz Azevedo; FUTEBOL PROFISSIONAL: Manoel Klazcko; PATRIMÔNIO: Anunciato Valério; FUTEBOL AMADOR: Farid Abibi; SOCIAL: Dr. João Brasil Vita; JURÍDICO: Dr. Mário Tavares Filho.

BIÊNIO 1956/1958

PRESIDENTE: Cícero Pompeu de Toledo; VICE-PRESIDENTE: Dr. Frederico A.G. Menzen SECRETÁRIOS: Dr. Manoel José de Carvalho; Julio Brisola; TESOUREIROS: Laudo Natel; Wadi Saggi; DEPARTAMENTOS: ESPORTES AMADORES: Dr. Carlos Eduardo de Toledo; FUTEBOL: Manoel Raymundo Paes de Almeida; SOCIAL: Jovelino Baia; JURÍDICO: Dr. Caetano Estelitta Pernet.

BIÊNIO 1958/1960

PRESIDENTE: Laudo Natel; VICE-PRESIDENTE: Mons. Francisco Bastos; SECRETÁRIOS: José Frederico Marques; Homero Belintani; TESOUREIROS: Dr. Manoel José de Carvalho; Wadi Saggi; DIRETORES DOS DEPARTAMENTOS: ESPORTES AMADORES: José Fernando de Macedo Soares; FUTEBOL: Manoel Raymundo Paes de Almeida; SOCIAL: Dr. Leonardo de Barros Carvalho; JURÍDICO: Dr. Caetano Estelita Pernet.

BIÊNIO 1960/1962

PRESIDENTE: Laudo Natel; VICE-PRESIDENTE: Mons. Francisco Bastos; SECRETÁRIOS: Des. José Frederico Marques; Homero Belintani; TESOUREIROS: Dr. Manuel José de Carvalho; Wadi Saggi; DIRETORES DE DEPARTAMENTOS: ESPORTES AMADORES: José Fernando de Macedo Soares; FUTEBOL: Manoel Raymundo Paes de Almeida; SOCIAL: Dr. Leonardo de Barros Carvalho; JURÍDICO: Dr. Caetano Estelitta Pernet.

BIÊNIO 1962/1964

PRESIDENTE: Laudo Natel; VICE-PRESIDENTE: Mons. Francisco Bastos; SECRETÁRIOS: Dr. Manoel José de Carvalho; Homero Belintani; TESOUREIROS: Marcel Klazcko; Wadi Saggi; DEPARTAMENTOS: JURÍDICO: Dr. Caetano Estelitta Pernet; FUTEBOL: Manoel Raymundo Paes de Almeida; ESPORTES AMADORES: José Fernando Macedo Soares Jr.; SOCIAL: Dr. Leonardo de Barros Carvalho.

BIÊNIO 1964/1966

PRESIDENTE: Laudo Natel; VICE-PRESIDENTE: Manoel Raymundo Paes de Almeida; SECRETÁRIOS: Dr. Oney Raphael Pinheiro Oricchio; Carlos Ferraz; TESOUREIROS: Marcel Klazcko; Homero Bellintani; DEPARTAMENTOS: ESPORTES AMADORES: José Fernando de Macedo Soares Jr.; FUTEBOL: Dr. Henri C. Aidar; SOCIAL: Arnaldo Ruic; JURÍDICO: Caetano Estelitta Pernet.

BIÊNIO 1966/1968

PRESIDENTE: Laudo Natel; VICE-PRESIDENTE: Manoel Raymundo Paes de Almeida; SECRETÁRIOS: Dr. Henri Couri Aidar; Dr. João Brasil Vita; TESOUREIROS: Marcel Klazcko; Homero Belintani; DEPARTAMENTOS: JURÍDICO: Dr. Caetano Estelitta Pernet; SOCIAL: Arnaldo Ruic; FUTEBOL: Wady Saggi; ESPORTES AMADORES: José Fernando Macedo Soares Jr.; OBRAS: Dr. Antonio Leme Nunes Galvão; RELAÇÕES PÚBLICAS: Gal. José Porfírio da Paz; Cláudio Aidar.

BIÊNIO 1968/1970

PRESIDENTE: Laudo Natel; VICE-PRESIDENTE: Henri Couri Aidar; Astolfo Araujo; SECRETÁRIOS: José César Dias; Ildfonso Alves Queiróz; Homero Bellintani; TESOUREIRO: Marcel Klazcko; DIRETORES: JURÍDICO: Caetano Estelitta Pernet; Augusto Pereira; DEPARTAMENTOS: SOCIAL: Arnaldo Ruic; Basilio Rodrigues de Oliveira; FUTEBOL: Claudio Aidar; ESPORTES AMADORES: Rubem Paes de Barros; Victor Thomáz Mauri; Evald Gomes da Silva; PATRIMÔNIO: José Fernando de Macedo Soares Jr.; Hélio Ferraz da Cunha; OBRAS: Antonio Leme Nunes Galvão; Carlos Alberto de Carvalho; RELAÇÕES PÚBLICAS: Roberto Regis Veludo Macedo; Manoel Poço.

BIÊNIO 1970/1972

PRESIDENTE: Laudo Natel; VICE-PRESIDENTES: Dr. Henri Couri Aidar; Dr. Astolfo Araujo; TESOUREIROS: Marcel Klazcko; José Cesar Dias; SECRETÁRIOS: Claudio Aidar; Ildfonso Alves Queiroz; DEPARTAMENTO JURÍDICO: Dr. Caetano Estelitta Pernet; Dr. Augusto Pereira; DIRETORES: PATRIMÔNIO: Wadi Saggi; OBRAS: Dr. Ivan Gamba Natel; RELAÇÕES PÚBLICAS E PROMOÇÕES: Hélio Ferraz da Cunha.

BIÊNIO 1972/1974

PRESIDENTE: Dr. Henri Couri Aidar; VICE-PRESIDENTE: Dr. Antonio Leme Nunes Galvão; SECRETÁRIOS: Homero Bellintani; Dr. Utulante Vignola; TESOUREIROS: Marcel Klazcko; Milton Fernandes; DIRETORES: FUTEBOL: Manoel

Poço; DIRETORES DOS DEPARTAMENTOS: JURÍDICO: Dr. Caetano Estelitta Pernet; ESPORTES AMADORES: José Fernando de Macedo Soares Jr.; SOCIAL: Arnaldo Ruic; PATRIMÔNIO; Wadi Saggi; OBRAS: Dr. Ivan Gamba Natel; RELAÇÕES PÚBLICAS E PROMOÇÕES: Hélio Ferraz da Cunha.

BIÊNIO 1974/1976

PRESIDENTE: Dr. Henri Couri Aidar; VICE-PRESIDENTE: Antonio Leme Nunes Galvão; SECRETÁRIOS: Dr. Utulante Vignola; Hélio Ferraz da Cunha; TESOUREIROS: Marcel Klazcko; Milton Fernandes; DIRETORES: FUTEBOL: Dr. José Douglas Dallora; JURÍDICO: Dr. Caetano Estelitta Pernet; ESPORTES AMADORES: José Fernando de Macedo Soares Jr.; PATRIMÔNIO: Wadi Saggi; OBRAS: Dr. Ivan Gamba Natel; RELAÇÕES PÚBLICAS: Marcelo Martines.

BIÊNIO 1976/1978

PRESIDENTE: Dr. Henri Couri Aidar; VICE-PRESIDENTE: Dr. Antonio Leme Nunes Galvão; ASSESSORIA DA PRESIDÊNCIA: Marcel Klazcko; José Fernando Macedo Soares Jr.; SECRETÁRIOS: Utulante Vignola; Hélio Ferraz da Cunha; TESOUREIRO: Wadi Saggi; Luiz Márcio Domingues Aranha; DIRETOR DE FUTEBOL: José Douglas Dallora; DIRETORES DO DEPARTAMENTO JURÍDICO: Dr. Augusto Pereira; ESPORTES AMADORE AMADORES: Arnaldo Ruic; SOCIAL: Marcelo Martines; PATRIMÔNIO: Dr. Antonio Carlos Ferreira Leite; OBRAS: Dr. Ivan Gamba Natel; PROMOÇÕES: Rudolf Ghunter Sprenger.

BIÊNIO 1978/1980

PRESIDENTE: Dr. Antonio Leme Nunes Galvão; VICE-PRESIDENTE: Claudio Aidar; SECRETÁRIOS: Dr. Antonio Claudio Mariz de Oliveira; Dr. Celso Santos Grellet; TESOUREIROS: Dr. Aluizio Rebello Araujo; Dr. Luiz Mário Domingues Aranha; DIRETORES: FUTEBOL: Dr. José Douglas Dallora; JURÍDICO: Dr. Carlos Miguel Castéx Aidar; ESPORTES AMADORES: Dr. Lucio Astolfo Novaes Araujo; SOCIAL: Dr. Plinio Walder Prado; PATRIMÔNIO: Wadi Saggi; OBRAS: Dr. Ivan Gamba Natel; PROMOÇÕES: Jayme Franco.

BIÊNIO - 1980/1982

PRESIDENTE: Antonio Leme Nunes Galvão; VICE-PRESIDENTE: José Douglas Dallora; SECRETÁRIOS: Ivan Natel; Lúcio Araújo; DIRETORES: JURÍDICO: Carlos M.C. Aidar; DE OBRAS: Arnaldo Araújo; FUTEBOL: Jaime Franco; TESOUREIROS: Luiz M.D. Aranha; Silvio A.B. Filho; DIRETORES: PROMOÇÕES: Celso S. Grellet; PATRIMÔNIO: Wadi Saggi; ESPORTES AMADORES: Chafik Rayes Jr.; SOCIAL: Marcelo Martines.

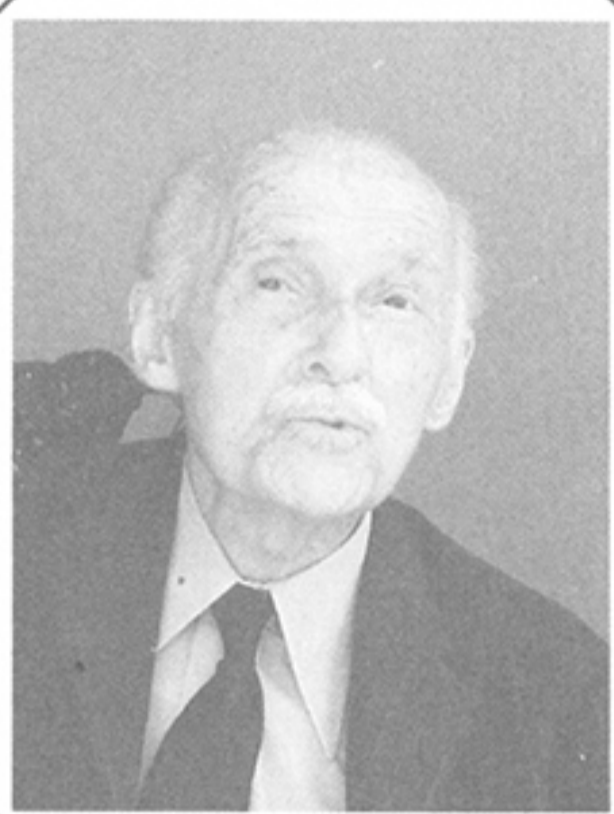


A Torcida Uniformizada foi criada no início dos anos 40, tomando conta do Pacaembu

AS HISTÓRIAS

A Fundação do novo São Paulo Futebol Clube, após a tão odiosa fusão com o Tietê. A dificuldade para conseguir fazer o primeiro jogo contra a Portuguesa Santista. A luta para manter o clube em atividade. A famosa Torcida Uniformizada. A concentração dos jogadores na Igreja da Consolação. A construção do Gigante do Morumbi. São muitas as histórias nestes 45 anos de existência do Tricolor. Histórias contadas por quem as viveu, ricas em detalhes. Frederico Menzen, Manoel Raymundo Paes de Almeida, Piragibe Nogueira, General Porfirio da Paz, Monseñor Francisco Bastos, Deocleciano Dantas de Freitas, Paulo Machado de Carvalho, Laudo Natel, Henri Aidar, Antonio Leme Nunes Galvão. Todos eles têm histórias para contar. São histórias que contam a história do novo São Paulo, que nasceu do inconformismo de alguns homens que não aceitaram a morte do time de seu coração, vendido ao Tietê em troca de uma dívida.

“Valeu a pena”



Frederico Menzen

“O São Paulo Futebol Clube tem histórias. Umas alegres, outras mais sérias, mas, no princípio, histórias de muita dificuldade. Também, naquela época, 1935, não era fácil manter um clube. Tudo era muito caro”. Quem lembra é o sócio no. 1 do São Paulo, Frederico Menzen. “O São Paulo de hoje surgiu a partir do antigo São Paulo da Floresta, que era formado por jogadores do Paulistano e do antigo Palmeiras, que também desapareceu.

“Mas esse time foi vendido ao Clube Tietê, por causa de uma série de dívidas que não pode pagar. Foi assim que um grupo de antigos sócios abnegados – e eu diria, um grupo de loucos – inconformados com o desaparecimento do clube, se reuniu e resolveu fundar o São Paulo Futebol Clube”. Foi então que a luta começou, como conta Menzen. “Eu era o dirigente de clube, naquela época, que mais títulos aceitos tinha na praça. Também, nós não tínhamos nada além da grande vontade de fundar o clube.” Mas essas dificuldades iniciais, que na verdade perduraram por vários anos, acabaram resultando em episódios que Menzen recorda hoje com risos.

“No começo, o time era formado meio como uma colcha de retalhos, com jogadores vindos daqui e de lá. E nós não tínhamos grande experiência para contratar jogadores. Além disso, os outros clubes não facilitavam nem um pouco nosso trabalho, – isto porque, naquela época, sendo um clube muito novo, que ainda não havia conquistado seu espaço

entre os grandes, a existência do São Paulo era admitida para dar renda, mas não para tirar campeonato. E quando nós ameaçávamos fazê-lo, os outros clubes ficavam realmente receosos”. Logo na realização do primeiro jogo, lembra Menzen, os jogadores foram escolhidos da melhor forma possível, ou seja, entraram em campo todos os que se dispuseram a jogar e que o time podia pagar, de alguma forma. Para esse jogo, Menzen foi a Curitiba buscar um “goalkeeper”, um goleiro. O rapaz era irmão de um jogador do Corinthians, o Teleco. Este, quando soube que seu irmão iria ser trazido, insistiu com o presidente do São Paulo: “Ele não sabe jogar, ele não é bom”. “Mas eu fui a Curitiba e trouxe o rapaz – conta Menzen. E ele tornou-se o melhor goleiro de São Paulo, o King”. Ou então, acontecia o contrário: “Diziam que este ou aquele jogador, principalmente do Interior, era muito bom. Então nós íamos atrás do fulano, ou mandávamos que ele viesse para cá, pagávamos todas as despesas de transporte, hospedagem, treinamento, e o cidadão não era de nada”. “Numa certa ocasião, nós trouxemos um bom jogador do

Interior. Mas naquele tempo, não havia tanta preocupação com problemas de registro – ou mesmo a nossa pouca experiência não fazia com que nos preocupássemos tanto com esses detalhes. Então, trouxemos o rapaz para o São Paulo mas não fizemos imediatamente o seu registro na Liga Paulista de Futebol.

“E quando resolvemos regularizar a situação do rapaz, tivemos uma surpresa bastante desagradável: o Palestra – hoje Palmeiras – havia pego o nome do jogador e o havia registrado na Liga como se lhe pertencesse. Mas o rapaz estava em São Paulo por nossa conta, para testes e treinos. E nunca havia entrado no campo do Palestra. Então, nós ficamos furiosos com aquilo e resolvemos esclarecer a questão. Mas, naquela época, eu sendo bem mais jovem, e mais inflamado também, acabei invadindo o Parque Antártica para retirar de lá os papéis do jogador. Afinal, com a intermediação das duas diretorias, acabamos chegando a um acordo e o Palestra então nos cedeu o passe do jogador.

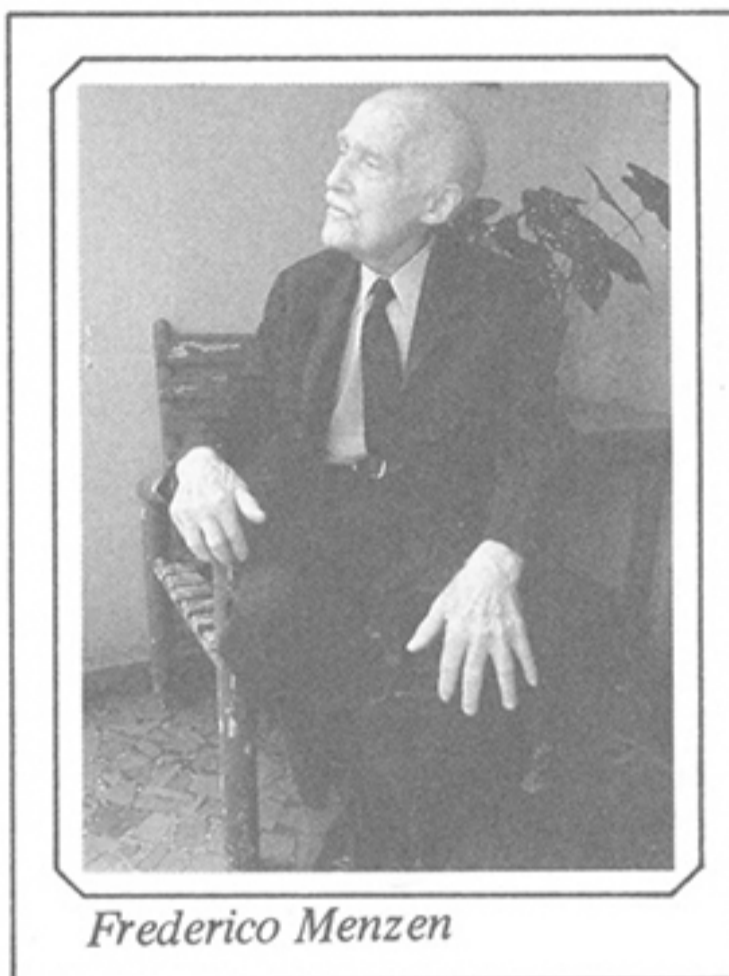
“Muitas outras coisas, hoje engraçadas, aconteceram conosco. Numa certa ocasião, o dono da casa na Praça Carlos Gomes, onde foi a primeira sede do São Paulo, passou um cadeado no portão e nos impediu de entrar, porque estávamos com dois meses de atraso no aluguel. Nós tínhamos que dar um jeito naquela situação e eu não tive dúvidas: fui para a casa dele, na Vila Pompéia, e às três horas da madrugada acabei acordando toda a vizinhança, gritando

debaixo da janela para que ele viesse até a rua para nos entendermos. Ele acabou saindo e, ao invés de uma briga, tivemos trabalho dobrado tentando convencê-lo com uma conversa calma, mas conseguimos.

“Nossa luta era tão grande que, uma vez, conseguimos doze contos de réis líquidos como renda de um jogo no Parque Antártica, contra o Corinthians. Sabe o que aconteceu? — pergunta Menzen rindo muito — Fomos a pé até o centro da cidade, cantando de alegria.

“E pode ter certeza de que não foi pelo resultado do jogo — um empate de zero a zero. Aqueles doze contos foram a maior quantia que viamos em muitos meses”.

E este não é o único exemplo de que os sampaulinos não eram apenas de briga, mas também de muita alegria. “Os primeiros campeonatos oficiais de futebol eram conquistados sempre, é lógico, pelos grandes clubes, ou seja, os dois únicos grandes clubes que havia: o Palestra e o Corinthians. Em certo ano, estávamos na sede da Liga Paulista de Futebol decidindo as escalões para os jogos daquele campeonato, e corria uma brincadeira por causa da sucessão nos títulos, pelos dois clubes: os próprios presidentes diziam que o título era decidido na moeda entre os dois. E, também, naquela ocasião, fizeram a brincadeira, dizendo que se desse cara, o título seria do Palestra, se desse coroa, seria do Corinthians. E o São Paulo, o que diz disso? Perguntou um deles. E eu



Frederico Menzen

respondi que ganharíamos o campeonato se a moeda caísse em pé. Houve muitos risos e, ao final do campeonato, a moeda caiu de pé. Fomos campeões”.

Não era apenas a falta de recursos financeiros, no entanto, que levava o São Paulo a empreender verdadeiras batalhas fora dos jogos. “No princípio, quando eu era presidente, nós não tínhamos campo para treinar. Então íamos à Várzea do Carmo, onde havia várias quadras de futebol de meia e outras de clubes de várzea. Chegávamos lá e começávamos a treinar, até que o time dono daquele espaço chegasse e nos expulsasse”.

O primeiro campo que o São Paulo conseguiu para seus treinos foi o da Companhia Antártica, na rua da Moóca, cuja concessão pertencia ao Estudantes, um clube de futebol formado por outro grupo de jogadores remanescente do antigo São Paulo da Floresta. Este era um clube bastante deficitário e demonstrava interesse em unir-se ao São Paulo. “Nosso clube, por sua vez, também tinha interesse nessa fusão, primeiro, por causa da concessão do campo e depois porque eles tinham bons jogadores

que viriam, sem dúvida, reforçar nosso quadro. Depois de várias negociações, houve a fusão e nós ficamos com o campo da Moóca. Mas não por muito tempo, pois a Companhia Antártica logo pediu o terreno de volta. Então, provisoriamente, conseguimos autorização para treinar no Pacaembu. Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra, todas as empresas, lojas, clubes, tudo o que tinha nome estrangeiro foi obrigado a mudar.

“No Canindé, havia um clube de alemães, com instalações muito boas e que estava enfrentando esse problema. Eu não sei exatamente quem ou como foi, mas sei que eles foram aconselhados a procurar o São Paulo Futebol Clube, porque nós tínhamos um time de futebol e não tínhamos onde treinar. Assim, talvez pudéssemos fazer algum acordo. Eles nos procuraram e nos propuseram a fusão, com a qual o São Paulo passaria a ser dono daquelas instalações e eles ficariam sendo sócios do nosso clube. Para nós aquilo foi um verdadeiro achado, pois embora eles não possuíssem um time de futebol, tinham um campo muito bom. Compramos o terreno e ficamos lá por muito tempo. Foi nesse campo que começamos a pensar em desenvolver outras atividades esportivas, partindo do remo, que era praticado alí no rio Tietê.

“Hoje eu chego no Morumbi, subo até as tribunas, olho lá de cima para aquela imensidão totalmente vazia e digo para mim mesmo, em voz alta, quase com vontade de gritar: Valeu a pena. E de vez em quando choro”.

Uma história de muitas lutas

O São Paulo Futebol Clube possui uma história feita de muitas lutas, desde seu início, até hoje. Lutas, dentro do campo, como em todo o clube de futebol, pelo amor às suas cores, à sua bandeira, e luta fora dele, pela sua manutenção, pela sua vida, enquanto um nome ao qual cada dirigente empresta muito de sua própria vida.

Em suas diversas fases de batalha, batalha pela sobrevivência, pela consolidação, pelo crescimento, o São Paulo, dentre os diversos ângulos pelos quais se destacou, sempre foi um inovador. Seja em idéias, em técnicas, seja na introdução de novos elementos que vieram a transformar a própria estrutura das demais agremiações.

Mas batalhas e inovações não aconteceram somente dentro do campo ou nas salas de reuniões. O mesmo espírito esteve presente numa terceira equipe que também vem contribuindo sempre para a glória do clube: a torcida.

É dentro desse enfoque que Manoel Raymundo Paes de Almeida Almeida, um ardoroso torcedor do São Paulo, como ele mesmo se define, relembra uma das grandes inovações que o clube introduziu na vida esportiva do País: a torcida uniformizada. Ele foi, de fato, o chefe da primeira torcida uniformizada do Brasil.

“Ela foi organizada realmente por um grupo de fervorosos torcedores que acompanhavam muito de perto o futebol do São Paulo - lembra Manoel Raymundo. Dela fazia



Manoel Raymundo

parte toda a juventude universitária sampaulina. Desde gente muito conhecida, como os Mesquita ou os filhos do Paulo Machado de Carvalho, a todos os jovens torcedores. A Torcida Uniformizada como diz o próprio nome, começou com a organização de uniformes com o distintivo e as cores do time. Tínhamos nossos gritos de guerra e sempre, em todas as partidas, procurávamos animar o estádio, dando força ao time”. O entusiasmo era tanto, a vibração própria da idade daqueles jovens e os resultados sempre tão entusiasmantes que seus integrantes foram se aprimorando cada vez mais. “No início - conta Manoel Raymundo - o próprio espaço pequeno dos campos e das arquibancadas não permitia que nos expandíssemos muito. “Em apenas seis degraus de arquibancadas, como era o campo da Antarctica, na rua da Moóca, tudo o que podíamos fazer era muito barulho. E fazíamos”. Foi como a inauguração do Pacaembu que o espaço para as novas idéias foi conquistado. “Passamos a ensaiar formações com os integrantes da torcida e acabamos por introduzir, pela primeira vez, as formações de painéis humanos. “Nós éramos realmente fanáticos. Seguíamos o São Paulo onde quer que eles fosse. Muitas e muitas vezes fomos a Santos e descíamos

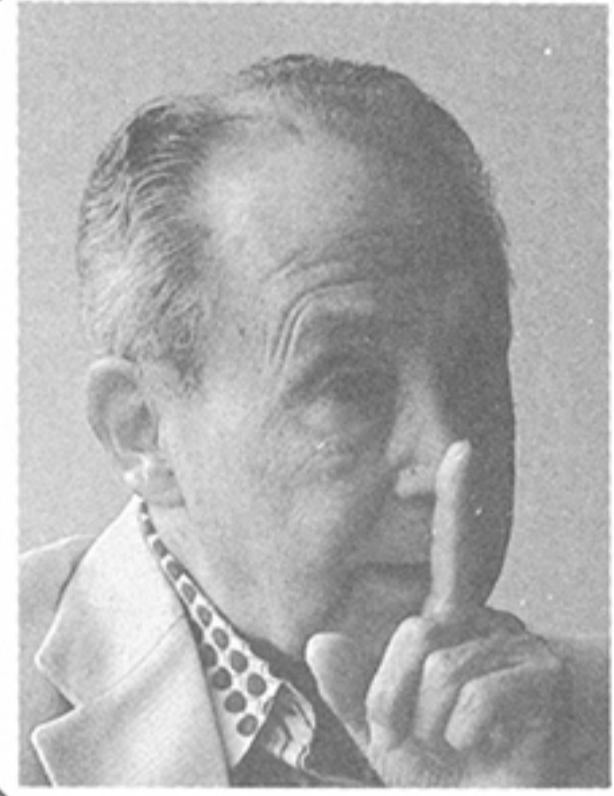
sempre de trem, pois não havia a facilidade dos ônibus. E a festa era sempre a mesma, resultante daquele entusiasmo de jovens torcedores

Pode se dizer, realmente, que foi com a Torcida Uniformizada que nasceu a vida social dos associados do São Paulo. Depois de chefe de torcida Manoel Raymundo foi levado para a Diretoria do São Paulo, para cuidar do Departamento Social. E levou consigo esse clima festivo. Começaram então a ser organizados bailes, festas, que eram dados no antigo cine Odeon, no centro de cidade.

“Mesmo antes de se pensar no estádio, ainda na década de 40, o São Paulo começou a viver de verbas aleatórias, que eram conseguidas através de festas, churrascadas, quermesses. Até mesmo um parque de diversões nós chegamos a levar para dentro do clube. E assim conseguíamos cobrir nossas dificuldades financeiras, pois fomos, na maioria do tempo, um clube deficitário”.

Isso tudo acabou por criar uma espécie de mentalidade empreendedora dentro do São Paulo. Com o início da construção do estádio essas promoções foram sendo ampliadas e aprimoradas e contribuíram definitivamente em todo o seu processo de realização. “A construção do Morumbi foi um ato de coragem. Mas o espírito de empolgação não servia apenas para animar festas. Ele nos empurrava adiante, dando confiança a nós mesmos e transmitindo confiabilidade aos nossos torcedores e à comunidade esportiva de São Paulo”.

“Uma escola administrativa”



Piragibe Nogueira

Para cada membro do grupo fundador, houve uma característica que, mais marcadamente que outras, levou o São Paulo Futebol Clube a ser a grande potência que todos conhecem. Muito do que foi feito, e nisso não há discordância, deveu-se realmente ao espírito de luta que foi o grande empreendedor, principalmente do nome do São Paulo, em sua primeira fase, chamada de luta pela sobrevivência. Mas houve, além do ânimo inigualável dos homens, uma característica que pode ser definida praticamente como uma inovação, dentro da organização de clubes de futebol, uma característica até então inexistente e que determinou sempre a vida do clube, desde 1935, da sua fundação, até hoje: a linha política, a estrutura de tomada de decisões.

É assim que o dr. Piragibe Nogueira vê o desenvolvimento e a vitória do São Paulo Futebol Clube. Vitória contra as adversidades e contra a descrença que partia de muitos, “mas não daqueles que se criaram no São Paulo e que, por sua vez, também criaram o clube”.

O que ele chama de fato inovador, inédito em termos de organização do clube é precisamente o esquema de tomada de decisões, de debates de propostas. “Tudo era feito por consenso da maioria, desde o princípio. Isto porque já havia a experiência muito negativa do antigo São Paulo da Floresta, um clube marcado pelo personalismo, um clube que pertencia de fato a poucas pessoas que, num momento de dificuldade, não prosseguiram adiante. Já o grupo remanescente daquele São Paulo da Floresta, do

qual restou apenas uma bandeira que se desintegrou completamente em pouco tempo, nada tinha além de um ponto em comum mais forte do que qualquer outra coisa: a vontade de manter as grandes tradições das cores sampaulinas. Mas era um grupo modesto que não tinha a menor condição de competir nos mesmos níveis de antes. Tudo, então, era compartilhado, alegrias, preocupações, problemas, despesas, decisões, tudo. Assim é que foi se formando a linha política que orienta o São Paulo ainda hoje.

“Nos primeiros anos, a divisão era, principalmente, de despesas. Então houve a grande arrancada do São Paulo Futebol Clube - a passagem da fase de sobrevivência para a luta pela consolidação”.

Este processo é classificado pelo doutor Piragibe como um fato estranho e interessante. Aliás, em sua opinião, não seria o único. Porque, enquanto aperfeiçoava-se a própria vida do clube, aperfeiçoava-se também sua linha de ação, o que acabou por criar uma verdadeira escola que veio revolucionar todas as estruturas de organizações dos demais clubes.

Segundo ele, essa postura foi que permitiu ao Grupo da Sela realizar o grande trabalho da construção do Morumbi. Por

que Grupo da Sela? Ele explica: “era, na verdade, o grupo, a própria sela que levava o São Paulo nas costas. Mas veja bem, não um pequeno grupo que carregava os demais, e sim todos os participantes da vida do São Paulo que levavam seu nome adiante, um nome, na verdade, bastante pesado de ser carregado. Talvez por isso”, -pondera- “muitos tenham nos abandonado em meio ao caminho. Talvez por medo da grande responsabilidade que sempre foi dividida por todos, de acordo com as possibilidades de cada um. As histórias são muitas, mas, penso que, mas importante que elas, são essas duas características interessantes e estranhas que marcaram o São Paulo.

“A primeira, de sua organização, a segunda, de sua sobrevivência. Bem, dificuldades financeiras sempre fazem parte das histórias do passado. Mas se alguém pensa que elas só existem lá, está muito enganado. Nós vivemos sempre na mesma luta. A base do São Paulo é e sempre será o futebol. Pois bem, um grande time, grandes rendas e, descontadas as despesas, o que sobra não chega nem para a manutenção. Quem olhar nosso balanço dirá: Mas vocês estão falidos. Então como vivemos? E aqui a segunda característica estranha: de verbas aleatórias. Do mesmo espírito empreendedor que sempre nos alimentou”.

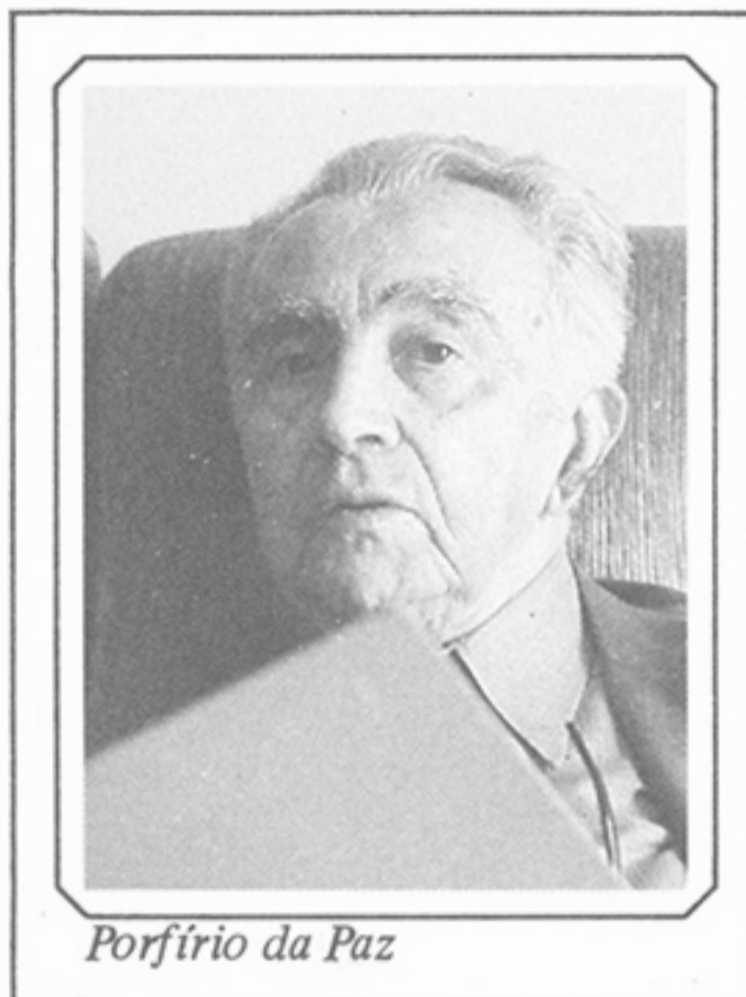
Assim tem sido o São Paulo. Daqueles primeiros homens - e o doutor Piragibe estava entre eles - ficou a escola, onde os sampaulinos de hoje aprendem e se formam.

“Salve o tricolor paulista”

“A família sampaulina” estava muito triste porque maus desportistas resolveram, por uma ou outra razão, entregar o São Paulo da Floresta a mãos estranhas. Então, um grupo de verdadeiros esportistas, imbuídos do ideal de reviver o São Paulo, reuniu-se no escritório do doutor Silva Freire, à rua 11 de Agosto, e iniciou a grande luta do Clube da Fé, o São Paulo Futebol Clube”.

Isso aconteceu no dia 16 de dezembro de 1935, mas o agora general Porfírio da Paz volta a demonstrar a mesma emoção que sentia nos seus tempos de empolgado tenente amante do esporte. E a história do clube, contada por ele, vem carregada de emoção e altivez. “O clube não tinha nada, no início, a não ser nossa grande vontade de levá-lo adiante, de fazê-lo grande. E, no dia seguinte à reunião de fundação, partimos imediatamente para a formação de um time. Reunimos todos os que se dispuseram a defender as cores do São Paulo e começamos os treinos. Pouco mais de um mês depois, em 25 de janeiro de 1936, o São Paulo estava pronto para a sua estréia, no Parque Antarctica, num jogo contra a Portuguesa Santista”.

Travou-se, então, a primeira batalha contada pelo general, não dentro do campo, mas fora dele, na avenida Paulista: a autorização para a realização da partida. “Após muito trabalho de divulgação, para levarmos os torcedores ao campo, já estávamos no Parque Antártica, preparando nossa estréia no dia do aniversário da cidade, como era nosso sonho, quando uma ordem de



Porfírio da Paz

fechamento expedida pela Secretaria de Educação nos deixou profundamente abalados. Nós não tínhamos uma autorização prévia daquele órgão para a realização do espetáculo. Passado o susto, não pensamos duas vezes: Menzen, cônego Bastos, eu e mais algum outro companheiro, nos dirigimos para a avenida Paulista, onde estava sendo realizado o desfile militar de comemoração do aniversário da cidade. Eu ia à frente, fardado, abrindo caminho e, quando chegamos ao palanque oficial, dissemos ao dr. Armando Salles de Oliveira, então interventor no Estado: ‘Nós somos diretores do São Paulo Futebol Clube. Fazemos parte de um grupo remanescente do antigo São Paulo da Floresta e estamos reerguendo o time. Gostaríamos de fazer nossa estréia hoje, no dia do aniversário da cidade, mas não temos autorização para isso’. Ele, então, fervoroso paulista como era, respondeu: ‘Faço gosto que o São Paulo realize hoje o seu primeiro jogo’. E ordenou que fosse dada a autorização pelo secretário da Educação, dr. Cantídio Campos, que escreveu rapidamente qualquer coisa em seu próprio receituário e nos entregou. Nós saímos de lá quase voando, chegamos no Parque Antarctica, abrimos os portões

e fizemos uma brilhante estréia, vencendo o adversário por 3x2”.

Daí por diante, o São Paulo foi inscrito na Liga Paulista de Futebol e passou a enfrentar os grandes times. Mas, nos bastidores, a luta era cada vez maior, especialmente a luta financeira.

“Em nossas reuniões de diretoria, fazíamos listas de arrecadação de fundos, para as despesas do clube. Cheguei mesmo a fazer apelo nas rádios para que os torcedores auxiliassem o time. E o amor sampaulino, como verificamos, não contagiava apenas aquele grupo. Depois de falar na Rádio Cruzeiro do Sul, em certa ocasião, estava voltando para casa quando o lixeiro da rua me parou e disse: ‘tenente, eu ouvi o senhor falar no rádio. Lá em casa eu tenho cinco pretinhos. Eu ia levar algumas coisinhas para eles, mas eles esperam o próximo mês. Vou dar a minha ajuda para o São Paulo. E colocou em minha mão dois mil réis. Todos nós contribuimos muito em termos financeiros. Cada um dando o que podia de si mesmo. Eu fui obrigado, em certa época, a mudar de minha casa, que perdi por falta de pagamento. Quase tudo o que recebia ia para o clube. Quando fui avisado da perda da casa, fiquei desolado. Andava de um lado para o outro, sem saber o que fazer. Mas o amor pelo São Paulo foi maior e, ao invés de desistir, comecei a cantarolar: “Salve o Tricolor Paulista” e compus o hino do clube. Foi cantando o hino que eu e minha família deixamos nossa casa”. A esta altura, o general deixa escapar uma lágrima.

“Ama seca de jogadores”



Monsenhor Bastos

Um nome, uma bandeira, onze camisas e um grupo determinado. Daí surgiu o São Paulo Futebol Clube. E, entre os pioneiros, em meio a tanto arrojo, a torcida adversária gritou enfurecida, muitas vezes, contra aquele pequeno e pretensioso time que surgia: “Foi esse urubu quem deu azar”, ou “Lugar de padre é na igreja, rezando missa”. E o padre rezava suas missas, cuidava de sua igreja mas, além disso, corria para os estádios, participava da diretoria e até “ama seca” dos jogadores chegou a ser. Quem lembra de tudo isso é o próprio monsenhor Francisco Bastos, que na época de fundação do clube era ainda cônego e vigário da Igreja da Consolação.

“Naquele tempo, padre andava de batina e qualquer coisa que fizesse gerava comentários os mais diversos, desde as aprovações dos mais avançados até as campanhas mais escandalizadas. Mas a minha ligação com o futebol começou muito cedo, desde que eu era sócio do Paulistano, antes de me ordenar. Na época de seminário fiquei afastado do Brasil e, quando voltei, muitos membros da diretoria do antigo São Paulo da Floresta eram meus paroquianos e me levaram para o clube. Quando houve, por este ou aquele motivo, a venda para o Tietê, eu me aproximei bastante do grupo que não se conformava com aquela decisão - pois eu também não concordava com ela. E então, acabei participando da fundação do novo São Paulo Futebol Clube, que acompanho até hoje.” No começo de dificuldades, todos davam a sua contribuição e monsenhor Bastos não era exceção pois tudo era compartilhado. Tudo mesmo, diz ele, “até as cadeiras da sala de reunião”. A sala, aquele

primeiro porão na praça Carlos Gomes. “Nós o alugamos com tudo o que tinha dentro: uma mesa velha e três cadeiras. Então, começávamos a reunião com três sentados e os demais em pé. De tempos em tempos, fazíamos um revezamento.”

Muitos lances pitorescos outros inusitados na história do clube. E os vividos por monsenhor Bastos foram até mesmo arriscados, como nas histórias de detetives. Nas saídas das reuniões, que terminavam tarde, algum diretor sempre o levava de volta para a igreja e, antes de descer do carro, inspecionavam bem os arredores para que monsenhor pudesse sair sem ser notado. Mas em outras ocasiões ele fazia questão de que sua presença fosse bem marcante: era quando levava os jogadores para se concentrarem na torre da igreja.

“Naquele tempo não tínhamos campo nem outras instalações, apenas umas salas. Então, eu levava o time para a Consolação onde, no terceiro andar, havia umas divisões feitas de tabique de madeira, e eles se concentravam ali.

“Os treinos eram feitos no pátio da igreja, no lugar onde os congregados marianos jogavam bola ao cesto. Mas à noite, ali no centro da cidade, não podíamos nos arriscar a que eles saíssem da concentração - e a circunstância do

lugar era realmente uma tentação para eles. Então, o único recurso que tinha, e não pensava duas vezes antes de utilizar, era passar a chave na porta dos dormitórios, até a hora do jogo. E lá eles ficavam. Como pular a janela do terceiro andar? Mas os jogadores compensavam os esforços. Num jogo contra o Corinthians não havia mais lugar no lado do grupo 2, onde estava a torcida sampaulina. Então ele, Menzen e mais um diretor sentaram-se no meio da torcida adversária. Mais em baixo, outros três torcedores sampaulinos. E as bandeiras alvi-negras por todos os lados. Fim de primeiro tempo, 3 x 0 contra o São Paulo. Segundo tempo: primeiro gol, segundo, empate e os seis sampaulinos não se manifestavam. Então um torcedor contrário grita: Será que aqui todo mundo usa saia? “Falou olhando para mim”, diz o monsenhor. Os três diretores quietos, mas um torcedor sampaulino responde: “Não está vendo que esses são diretores do clube e não dão importância a você? Se quer briga, desça até aqui”. O outro desce, “e eu tive a impressão de que o sampaulino acariciava os olhos do brigão. Foi quando aprendi o que queria dizer realmente partir a cara de alguém. Então comentei: quem é esse? Era um boxeador recém-chegado ao Brasil que entrava para o clube: Kid Jofre”. Hoje, tudo isto são lembranças para monsenhor Bastos. Mas lembranças muito gratas, das noites de reunião, dos dias de concentração, das bênçãos e conselhos antes dos jogos. “Ainda hoje me param na rua para perguntar do clube: e eu converso, acompanhando sempre a vida do São Paulo” - que afinal, tem muito de sua própria vida.

“O privilégio de ser sampaulino”

Ressuscitar um nome e uma bandeira que já não existiam não seria tarefa fácil, nem mesmo com toda a força de vontade de um grupo de verdadeiros pioneiros. De fato, ninguém acreditava que aquele pequeno grupo pudesse levar adiante um time de futebol que algum dia viesse a competir ou mesmo liderar o rol dos grandes.

“Nem mesmo nós podíamos avaliar o que aconteceria depois de trinta ou quarenta e cinco anos. E, talvez por displicência minha, ao redigir a ata de fundação do clube, não fechei o espaço logo abaixo das assinaturas. É por isso que hoje existe muita discordância com relação aos primeiros passos do clube. Na verdade, nem livro de atas era, era uma folha de papel”. Quem lembra é Deocleciano Dantas de Freitas, sócio número 6, que desde a fundação do São Paulo vem acompanhando a vida do clube.

“É verdade que nós passamos por muitas dificuldades nos primeiros anos, mas isso qualquer iniciante passa. De fato, o maior problema era realmente a falta de dinheiro. Mas o observador mais atencioso pode verificar que imaginação nunca faltou aos dirigentes do São Paulo. Desde aquela época”.

A primeira que Deocleciano se recorda foi quando da fusão com o Clube Atlético Estudantes, que naquela época possuía a concessão do campo da Companhia Antarctica na rua da Moóca. “Nosso quadro era fraco, pois tínhamos dificuldades de contratar jogadores e eles contavam com



Deocleciano Dantas

muitos remanescentes do antigo São Paulo da Floresta. Além disso, tinham um campo onde treinar. Foram longos meses de conversação e negociação, muitos discursos e argumentação. O Estudantes não queria aceitar a permanência de nosso nome e nem da bandeira. Mas, finalmente, com tato e jeito, conseguimos a fusão. Para isso, até dívidas deles pagamos”.

Essa história, no entanto, é bastante conhecida”, diz ele. “Mas se alguém pensa que essa fusão, ou, mais recentemente, a construção do Morumbi, foram realizações impossíveis, é porque não sabe como São Paulo inaugurou os refletores do Pacaembu.

Ele explica como foi: “Nós estávamos precisando de dinheiro, naquela época, para saldarmos nossa dívidas, então pleiteamos à Prefeitura a inauguração do estádio. Mas a Liga Paulista de Futebol organizou o Torneio dos Campeões, que teve a presença do então presidente Getúlio Vargas. Pois bem, os jogos, naquele dia, terminaram tarde e os organizadores tiveram que acender os refletores no final das partidas. E nós que

pensávamos, malgrado o primeiro intento, em inaugurar os refletores em outras ocasião, não sabíamos o que fazer. Mas decidimos fazer uma movimentação através da imprensa e foi assim que, pouco tempo depois, o São Paulo, jogando contra o América, do Rio de Janeiro, inaugurou os novos refletores do Pacaembu. A renda do jogo? Cerca de 100 contos, o que, naquela época, era mais ou menos como a bomba atômica”. O resultado do jogo? Perdemos de 6 a 5”.

Deocleciano lembra dessas histórias com muito bom humor, e demonstra claramente que não gosta de recordar as passagens de maior dificuldade. Afinal, para um torcedor assim ferrenho, o que importa mesmo é colocar sete jogadores na seleção, “como o Mais Querido da Cidade fez neste ano”. Este apelido ele lembra com satisfação de como foi ganho: “Era a legenda da foto de página inteira que o “Diário da Noite” publicou no dia seguinte à inauguração oficial do Pacaembu, mostrando o estádio inteiro em pé aplaudindo a entrada de nosso time”. O presidente Getúlio Vargas também teve que levantar-se e aplaudir e disse: “É o clube Mais Querido da Cidade”.

Sim, havia uma conotação política por trás, ele reconhece, mas hoje, garante que seu time é mesmo o mais querido. “É a herança que vou dedicar para meus netos: o privilégio de ser sampaulino”.

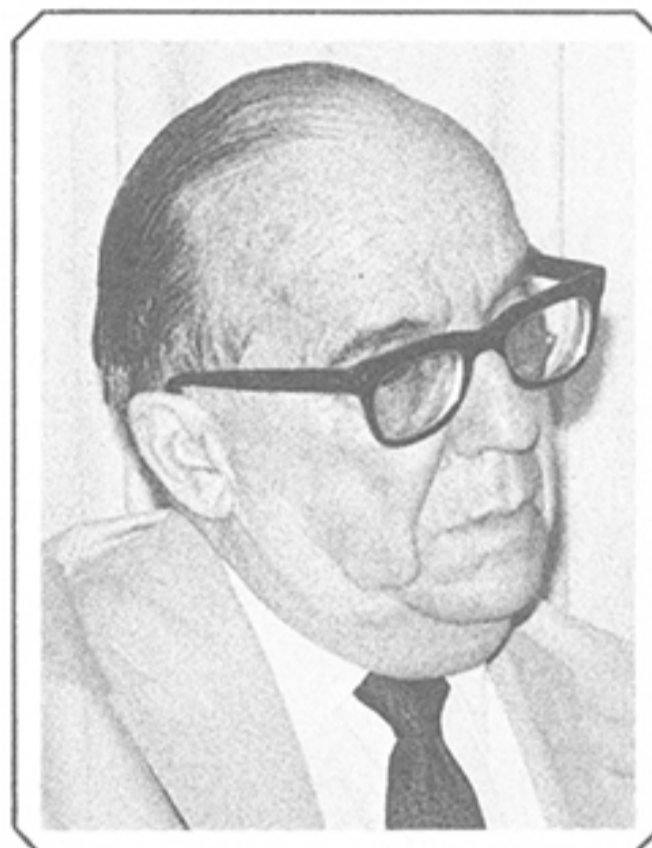
“Nunca entrei em campo derrotado”

O entusiasmo pela formação do clube, a luta por sua sobrevivência, as batalhas para vencer dificuldades, encontrar instalações adequadas, pagar dívidas, tudo isso sempre teve um objetivo, uma meta principal: o time. Aqueles 11 jogadores em campo.

De fato, tudo teve início por causa disso. É assim que, na história do São Paulo, existiram, também os homens que, tanto quanto os outros, deram sua vida tricolor por 11 camisas e 22 chuteiras. “Mas não são apenas 11 jogadores que saem de um gramado carregando o triunfo de um título conquistado. São muitos mais: centenas. De dentro para fora do campo, desde o técnico, o massagista, o jogador reserva, que treina o ano todo para manter sua forma cobrindo surpresas, o médico. Todos. São muitos mais.

“A própria torcida que festeja o triunfo, trazendo o estímulo quente de seus vivas, é como se fosse um grande jogador, um superjogador, tomando conta do gramado e esmagando o adversário para facilitar a tarefa do seu time. O modesto roupeiro, que não esquece nada, e tantos outros trabalhadores anônimos demonstram que o campeonato não é disputado e ganho individualmente por ninguém. E assim, a resultante das forças e do entusiasmo conjugados, dentro das mais variadas funções”.

Para o “Marechal da Vitória”, é muito importante cumprir as promessas feitas aos jogadores. Há uma falsa maneira de conduzir uma



Paulo M. de Carvalho

equipe de homens dignos, que dignamente fazem do futebol a sua profissão: é prometer e não cumprir”, diz ele.

Na verdade, Paulo Machado de Carvalho nunca perdeu de vista essa realidade. E foi com base nela, como ele mesmo diz, que imprimiu, ao Departamento de Futebol Profissional, uma filosofia que acabou por criar escola no futebol brasileiro. Tanto assim, que foi ele o grande chefe da equipe brasileira nas Copas de 58 e 62, das quais saiu como o “Marechal da Vitória”.

E no São Paulo? O bicampeonato para o Tricolor em 49. E muitas outras vitórias. E o tri não conquistado em 50? “Bem, eu nunca entrei em campo derrotado, mesmo não saindo campeão dele”. Se um jogo está perdido, um outro será realizado na próxima semana. Se um título não foi conquistado, é preciso iniciar a preparação para o próximo. Basicamente, não há segredo na filosofia que Paulo Machado de Carvalho seguia e com a qual levava avante o esquadrão do “Mais Querido da Cidade”. Simplesmente porque o Tricolor era também o seu mais querido.

Sim, antes de mais nada, ele sempre se disse - e o foi de fato - um super entusiasmado torcedor. “E era toda essa energia que colocava em funcionamento dentro do Clube. Mas energia, para mim, nunca quis dizer força descontrolada. Não se pode ser enérgico a torto e a direito, da mesma forma que não se encontrará o caminho das redes simplesmente chutando a bola para a frente. Os jogadores são humanos e têm bons e maus dias. Às vezes, tudo dá certo: às vezes as coisas não vão bem, nem com um time completo de pais-de-santo a nosso favor”. Por esse motivo ele colocava sempre a ponderação acima de tudo. E não se deixava abater, nem ele próprio nem o time. Mas isso era sempre compreendido? Não, claro que não. Principalmente pelos técnicos da arquibancadas. “Característica praticamente inerente ao futebol. Mas às vezes eu tinha uma vontade de contar a eles certos detalhes...”

Isso aborrecia. E muitas vezes o “Marechal da Vitória” tinha vontade de “jogar a bomba para o alto”. Mas não jogava, não jogou, por um motivo bastante simples: alguém tinha que pensar em futebol, não apenas como torcedor. E ele pensava. Até com um certo orgulho: “Continuava alí porque sou Tricolor, porque tinha obrigação de prestar meus serviços ao São Paulo e porque gostava. E, cá para nós, mais vale a máscara de entendido do que a de técnico de arquibancadas...”

“Uma obra de paróquia”



Laudo Natel

“O São Paulo tem uma história relativamente curta mas linda, porque é feita de muito sacrifício e muita perseverança”. Laudo Natel começou a participar dessa história em 1952 e ele mesmo diz que, apesar de já ser torcedor, naquela época, foi levado à presidência do clube principalmente por ser homem de banco: “porque as dificuldades do clube eram tantas que corria o risco de fechar a qualquer momento”.

Para ele, a história do São Paulo está dividida em três fases: a primeira, do grupo que fundou o clube e construiu seu nome; a segunda, a partir de 52, com o grupo que, aproveitando o nome, construiu o patrimônio do clube; e a terceira, o grupo que dirige o São Paulo hoje, na qual vem sendo dada a característica empresarial ao clube, vendendo seu produto, que é o futebol. É a partir da segunda fase que Laudo Natel coloca o São Paulo como o formador de uma escola: “uma nova concepção que foi levada para os outros clubes”.

“Antigamente, quando você pensava em fazer qualquer coisa em termos de futebol, havia um descrédito generalizado. Mas o Morumbi, que não era idéia de ninguém, mas um sonho latente do sampaulino, precisava ser feito. Um estádio do tamanho que é, onde não existe um cruzeiro sequer do dinheiro público e nem mesmo do próprio São Paulo, porque foi construído totalmente com base em venda de idéias”.

Sem dúvida uma façanha, que Laudo conta passo por passo.

“Em primeiro lugar, para que nós pudessemos pensar em iniciar qualquer coisa foi preciso separar religiosamente tudo o que era futebol, de um lado, e o que era construção de outro. Então aconteciam coisas incríveis, como termos dinheiro sobrando, em algumas épocas, no estádio e enfrentarmos dificuldades de dez cruzeiros no futebol. Mas nunca tiramos de um para o outro, caso contrário nada teria sido feito”. Uma idéia como as dimensões do estádio do Morumbi precisava, sem dúvida, de outras que lhe dessem suporte. O primeiro passo, conseguido o terreno, foi encomendar o primeiro esboço. “Assim que aquele primeiro desenho ficou pronto, eu parti para o campo, vendendo nossa idéia. Eu tinha certa amizade com o pessoal da Antártica. Então fui procurá-los e perguntei: Vocês querem comprar a concessão de bebidas de um estádio que o São Paulo vai construir? E eles disseram que se eu garantisse que seria realmente construído eles compravam. Saí de lá com um contrato de cinco milhões, descontei-o no Bradesco e, com o dinheiro, começamos a movimentação de terra que foi fotografada para a campanha de venda dos títulos”.

Venda de cadeiras cativas, de títulos patrimoniais, carnê

Paulistão, tudo foi utilizado para a construção. Mas não foi só isso. “Para cada coisa que precisava ser feita no estádio, nós fazíamos campanha ou vendíamos uma nova idéia. Quando o estádio estava quase pronto, precisávamos colocar os bancos, que custariam uma fortuna. Só de parafusos, seriam utilizados 400 mil. Então, eu fui para a televisão e fiz uma propaganda de parafusos para uma metalúrgica, em troca do material que precisávamos.

“Outra vez fiz uma propaganda do loteamento do Jardim Leonor para conseguirmos o calçamento. E assim, cada um, com os contatos que tinha, ia procurando conseguir o máximo. E o estádio crescia mais ou menos, como se fosse uma obra de paróquia”.

Mas não era apenas o dinheiro que faltava. O entusiasmo também “esfriava” um pouco, às vezes. “Numa dessas fases em que parecia que não íamos conseguir, propuseram que fizéssemos uma permuta com a Prefeitura: ficaríamos com o Pacaembu, já pronto, e ela terminaria o Morumbi. Mas o sonho sampaulino não cabia no Pacaembu. A descrença, no entanto, permanecia - um jornal publicou certa vez uma charge onde estava desenhado um matagal, com a legenda “Estádio do Morumbi em 1980”. Era a voz que corria. Mas o sonho sampaulino foi mais forte. E, em 1980, o Morumbi representa uma nova escola em termos de clube: a escola da mentalidade empresarial, dos grandes empreendimentos, do arrojo e da iniciativa. O velho sonho realizado”.

“De estilingue a vidraça”



Henri Aidar

“Minha paixão pelo São Paulo começou cedo, quando eu ainda era um garoto e morava no Interior. Acompanhava os jogos daquele São Paulo da Floresta pelo rádio. Depois, quando vim morar na Capital, não perdia mais um jogo do novo clube. E de tanto ir ao campo, ir ao Canindé, acabei conhecendo os dirigentes”.

Sua carreira como dirigente de futebol propriamente dito começou de “susto”. “Em 64 o Laudo Natel me telefonou num sábado e me convidou para ir a Santa Cruz das Palmeiras com ele, assistir a uma partida. Nós fomos. Lá, conversamos muito sobre futebol - era uma época em que o clube estava concentrando seus esforços na construção do Morumbi e o time não andava muito bem, não havia muito dinheiro para investir no futebol - e eu dava meus palpites, como sempre fiz. No final do jogo, a imprensa cercou o Laudo e, entre as muitas perguntas, quis saber quem seria o novo diretor de futebol. Ele disse: ‘É este aqui’. E eu quase desmaiei de susto”.

Na semana seguinte, já refeito da primeira emoção, Aidar partiu para o trabalho. “Foi então que eu passei de torcedor a dirigente, ou seja, de estilingue, passei a ser vidraça. Aprendi uma coisa muito importante: no São Paulo, nenhum passo é dado se não for em terra firme. E mais, palavra de dirigente, para um atleta, é um documento assinado e selado. Um dirigente não pode jamais frustrar um atleta. No São Paulo, esse preceito é levado muito a sério. Automaticamente, vivendo dentro desse espírito, eu aprendi a aplicá-lo. Acho que, por isso,

nunca tivemos grandes problemas com nossos atletas”.

Aidar também entrou, muitas vezes, na “maratona” para a obtenção de material e equipamentos para a construção do Morumbi. Nessa época, já como vice-presidente. “Pouco antes da inauguração do estádio, nós não tínhamos nem refletores de iluminação, nem o placar. Então, eu fui com o Galvão na Philips e eles nos mostraram belíssimos catálogos. Mas não havia um tostão. Era preciso encontrar uma maneira de conseguir fechar o negócio. O que vendemos a eles, então? Idéias. Vendemos a imagem do Morumbi. E acabamos conseguindo os refletores por dez anos, no sistema de aluguel, com opção de compra depois desse prazo. E, como pagar o aluguel sem dinheiro? Simples. Fizemos uma permuta e a Philips colocou cartazes de propaganda no estádio em troca dos pagamentos”.

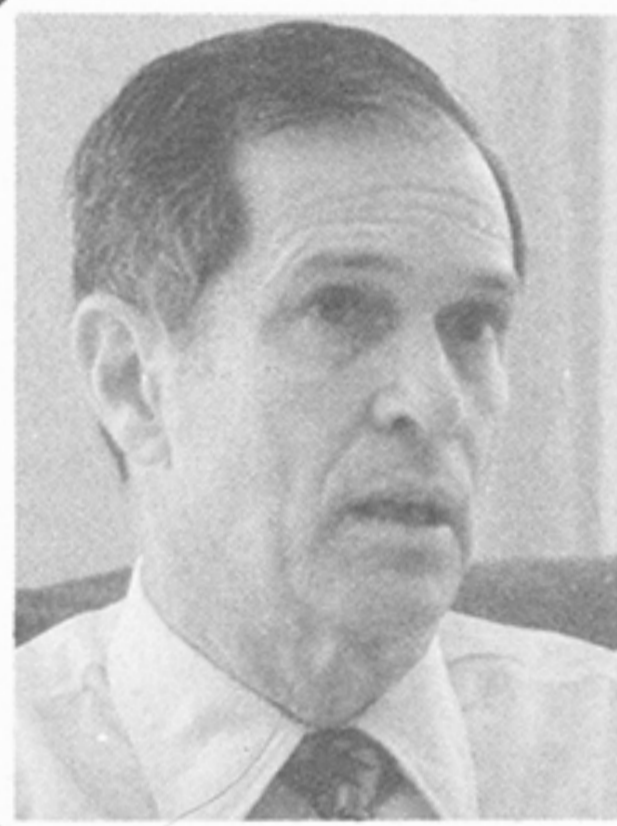
Com a década de 70, chegou também a época das grandes conquistas de campeonatos. O futebol do São Paulo voltou a brilhar nos campos. “E o meu espírito de torcedor fanático não me abandonava. Ia comigo a todos os jogos. Tanto, que eu assisti, quase sempre, a todas as

partidas das arquibancadas, junto com a torcida. Coisa que me custou muitos contratemplos. Certa vez, num jogo contra o Guarani, em Campinas, eu estava lá, no meio da torcida. A coisa estava um tanto ‘quente’ no campo. O presidente do clube adversário tendo sérias discussões com o juiz. Eu não tive dúvidas: tão certo estava da coação que estava havendo que desci, dei a volta por fora, entrei no campo e fui brigar pelo São Paulo. Debaixo de uma estrondosa vaia. E, depois, ainda voltei para o meu lugar na arquibancada. De bolas de papel a sapatos, choveu de tudo por cima de mim”.

Em outra ocasião, na decisão do campeonato de 75, contra a Portuguesa de Desportos, Ademir foi expulso de campo durante o tempo regulamentar. Haveria prorrogação e o time precisava de um descanso. “É claro que o Ademir não poderia entrar para jogar a prorrogação. Todo mundo sabia disso. Eu também. Mas fizemos a confusão. Tanta confusão, que eu consegui o que queria: 30 minutos de descanso para o time. Na hora H, o juiz deu o ultimatum - sai o Ademir ou não tem prorrogação. Ele saiu, nós entramos com 10, e ganhamos nos pênaltis”.

“Disso tudo, muita coisa eu aprendi: o futebol foi uma grande escola de relacionamento humano para mim. A filosofia do São Paulo o tornou respeitado. E eu aprendi com ele a cumprir sempre com a palavra dada. Tornei-me respeitado com ele. Passadas as aventuras, de agora em diante, é chegada a era do grande esquadrão do São Paulo”.

A luta continua



Antonio L. Nunes Galvão

Todos aquele que participaram ou participam da vida do São Paulo são unânimes em afirmar que apesar das dificuldades, o clube sempre teve apoio e credibilidade da grande maioria de seus torcedores e da comunidade esportiva em geral. Mas como observaria esse fato, alguém que, antes de empunhar a bandeira tricolor, esteve com uma conta na mão para receber uma dívida do clube?

“Nossa empresa de engenharia ganhou a concorrência para a execução daquele projeto realizado pelo Artigas. E começamos a construção do Morumbi. Muitas vezes recebemos nossos pagamentos na forma de lotes de cadeiras cativas e, na verdade, nunca tivemos dificuldades em revendê-las - às vezes até com lucro pois aquele clube, aqueles homens eram, definitivamente, de confiança”.

Quem afirma é Antonio Leme Nunes Galvão, atual presidente do São Paulo, mas que iniciou seus contatos com o Tricolor como empreiteiro de obras. Foi assim que ele, até 1960, participou da vida do São Paulo, desligando-se, por essa época da empresa e passando a dedicar-se exclusivamente ao clube.

“Você começa a trabalhar para uma coisa, vai tomando contato com aquilo, vai-se impregnando daquele espírito geral e acaba se integrando totalmente. É um processo natural, afinal, também eu era torcedor do São Paulo”. Na realidade, Galvão acredita que o espírito de entusiasmo que sempre marcou todas as diretorias do clube

decorre exatamente do espírito de torcedor. “Todos são torcedores do São Paulo, acredito que não haja exceções. E talvez seja por isso que sempre mantivemos essa unidade tão grande”.

Galvão chegou a acompanhar grande parte das lutas pela consolidação do São Paulo. Mas, hoje, como atual dirigente, reconhece que tem nas mãos uma grande empresa que precisa ser administrada como tal. “Mas o espírito pioneiro de amor à bandeira e às 11 camisas é e será sempre o grande propulsor da vida do São Paulo”.

Por isso, o presidente acredita no futuro e sabe que o Tricolor não terminou sua tarefa. Pelo contrário, tem novos e grandes planos. O maior e mais importante deles vem carregado, como não poderia deixar de ser, de arrojo e coragem: fazer um São Paulo de projeção e domínio nacional e internacional.

“Essa é uma idéia que vem amadurecendo aos poucos, da qual cuidamos com dedicação. Tencionamos criar filiais do São Paulo Futebol Clube pelo Brasil todo; dotadas de instalações sociais e esportivas completas para desenvolver o esporte amador

e manter quadros de futebol juvenil que proverão os quadros profissionais do clube. Em termos internacionais, pretendemos montar, a médio prazo, um time que participe e dispute os campeonatos de outros países, trazendo maiores rendas para o clube e, o que é mais importante, elevando o nome do São Paulo lá fora e abrindo sempre mais o mercado para os jogadores”.

“No setor interno, prossegue Galvão, estamos desenvolvendo as obras de ampliação e reforma do setor social, para transformá-lo num dos mais completos da América Latina.” Para isso, uma área de 20 mil metros quadrados, localizada na rua Erasmo Assunção, e considerada inútil, está sendo preparada para ser ocupada por um estacionamento para cerca de 300 carros, tendo sobre ele um restaurante contido numa esfera panorâmica, sustentada por um cilindro, pelo qual se dará o acesso, com vista panorâmica para todo o conjunto; e, mais, um ginásio com arquibancadas para 2.500 pessoas e duas quadras cobertas. Não se trata de uma obra faraônica, mas sim de uma realidade, baseada na necessidade de oferecer cada vez mais atrativos aos associados, que devem aumentar a cada ano.

“Assim as histórias destes 45 anos nos fazem crer que o São Paulo cumpriu o seu destino. E é quase com uma ponta de espanto que percebemos que a luta é contínua. As histórias do Tricolor certamente não terminam aqui. Pois o caminho é extenso”.



Zarzur, Piolin, King, Virgílio, Zezé Procópio e Noronha (em pé); Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal

***** AS CONQUISTAS *****

Para os “grandes” do futebol paulista na época, o novo São Paulo Futebol Clube fora fundado apenas para ser mais um time a engrossar as rendas, sem direito a ganhar títulos (na década de 30, só Corinthians e Palestra eram campeões). Mas os fundadores do Tricolor pensavam diferente: o seu destino tinha que ser muito maior, grandioso. O clube haveria de marcar sua presença na história do futebol paulista e brasileiro. E marcou. Foram conquistas memoráveis, que começaram em 1943, com King, Virgílio e Piolin; Zarzur, Zezé Procópio e Noronha; Luisinho, Sastre, Leonidas, Remo e Pardal, e até hoje não pararam. Onze vezes campeão Paulista (com três bicampeonatos -45/46, 48/49 e 70/71), o São Paulo atingiu a glória máxima em 1977, com a conquista do Campeonato Brasileiro, desbancando o Atlético Mineiro em seu campo, após uma verdadeira batalha de 120 minutos. Sem contar o título do São Paulo da Floresta, conseguido em 1931 por Joãozinho, Clodô e Bartô; Milton, Bino e Fábio; Luisinho, Armandinho, Fried, Araken e Junqueira, com uma goleada de 4 a 0 sobre o Palestra. E, além desses títulos, várias taças e torneios, que marcaram os 45 anos do São Paulo, projetando-o com destaque no cenário do futebol três vezes campeão mundial.





O maior do Brasil

Antenor, Waldir Peres, Getúlio, Chicão, Estevão e Bezerra (em pé); Edu, Teodoro, Neca, Dario Pereyra e Zé Sérgio. Eis os heróis da "batalha do Mineirão". Em 1977, eles foram a Minas Gerais e, com muita raça, mantiveram o empate no tempo normal e na prorrogação. Na disputa por pênaltis, prevaleceu a catimba de Waldir Peres. E os meninos do Atlético tremeram. No fim, uma festa tricolor, com os jogadores chorando de alegria e emoção. Afinal, eles eram os melhores do Brasil, um título alcançado depois de muita luta. Uma jornada memorável, que poucos esquecerão.

A batalha do Mineirão-1977

Noventa minutos de futebol. Mais trinta de prorrogação. Empate. A decisão seria nos pênaltis. Primeiro Getúlio, ex-jogador, do Atlético, passos lentos e firmes. Toque forte na bola e a defesa firme de João Leite. O Estádio Minas Gerais, o "Mineirão" parecia explodir naquela tarde. Foi a vez de Toninho Cerezo, apoiado por mais de cem mil vozes, aos gritos de "Galô, Galô, Galô". Uma batida na bola, que passou acima da cabeça de Waldir Peres, e da trave.

Ao mesmo tempo o São Paulo ganhava e perdia o Campeonato Brasileiro de 1977. Chicão correu, escorregou antes da cobrança, e João Leite defendeu. O frio e calculista Ziza deu um chute certo e marcou.

Vieram as cobranças perfeitas de Peres, Antenor e Bezerra, foram chutes indefensáveis, que João Leite não pode segurar. Os sorrisos de Waldir Peres eram uma verdadeira provocação aos jogadores do Atlético. Joãozinho Paulista e Márcio, nervosos, olhares assustados, batedores de pênaltis do Atlético erraram. Para o Atlético, os gols de Ziza e Alves. Três a dois para o São Paulo. O time nessa batalha, sob a direção de Rubens Francisco Minelli, contou com Waldir Peres, Getúlio, Tecão, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro (Peres) e Dario Pereyra; Viana (Neca), Mirandinha e Zé Sérgio.

Era o primeiro título nacional, com um time que mostrou raça e um respeitável trabalho de conjunto, que, por duas vezes em 1971, contra esse mesmo Atlético Mineiro, e em 1973 contra o Palmeiras, esteve a um passo dessa conquista.

O título brasileiro foi a coroação de um trabalho em que todos se destacaram. De dirigentes, sob a presidência do dr. Henri Aidar, a jogadores, técnicos, auxiliares e à própria torcida, que não abandonou o time um só momento em sua campanha. Um nome, porém, deve



O Atlético nada pode fazer contra a vontade de ser campeão do Tricolor



O São Paulo mostrou toda sua garra no Mineirão



No fim, os minei



n à festa dos jogadores sampaulinos

Os jogadores, verdadeiros leões em campo

ser destacado: o do dr. José Douglas Dallora, então diretor do Departamento de Futebol do clube.

Profundo conhecedor do futebol Dallora chegou à Diretoria do clube pelo trabalho, dedicação e capacidade. Demonstrando muita intimidade com o futebol, conseguiu, em seus três mandatos, realizar uma campanha de 48 partidas invictas (façanha não alcançada por nenhum time) o vice-campeonato sul-americano de clubes, o campeonato de 75 e a grande conquista de 77. Sua tarefa era das mais difíceis, uma vez que o clube, naquela ocasião, concentrava seus esforços em várias e importantes obras, tanto no setor social quanto no próprio estádio, o que diminuía a possibilidade de grandes contratações. Mas a liderança de Dallora conseguiu unir os jogadores, verdadeiros leões em campo, e conquistar os títulos substituindo a classe pela garra.

José Douglas Dallora, assim, escreveu, ao lado dos seus colaboradores, um capítulo à parte nesta história: o capítulo das vitórias pelo amor e pela dedicação.

DN CAMISA 10 Diário da Noite
É CAMPEÃO
 Ninguém acreditava.
 O São Paulo é o melhor do Brasil

Com raça, bem esquematizado, não dando importância ao decantado favoritismo do Atlético Mineiro, o São Paulo ganhou o título de campeão do Brasil, ontem no Estádio Mineirão. É verdade que o título veio na cobrança de pênaltis, mas também é certo que o time paulista foi o melhor em campo e poderia ter sido o campeão no tempo regulamentar, sempre tendo a seu favor as melhores ações. Na prorrogação, com Chicão, Getúlio e Antenor, mostrando-se verdadeiros heróis em campo, o São Paulo aumentou a sua pressão, mas tudo ficou no 0. E veio a cobrança de pênaltis, para dar maior dramaticidade a grande final do Campeonato Nacional. E, depois de terem sido desperdiçados dois pênaltis pelos dois quadros, Bezerra colocou o São Paulo na frente, na última cobrança. O Mineirão ficou em silêncio quando Márcio jogava a última cartada de Gato. Mas chutou fora. É a festa preparada pelo clube para os torcedores paulistas.

Nos jornais, as manchetes pelo título

A campanha

Para conquistar o Campeonato Brasileiro de 1977, o São Paulo realizou as seguintes partidas:

Náutico - 1 a 0 (Serginho)
 Botafogo-SP - 2 a 0 (Getúlio e Serginho)
 CSA - 0 a 0
 XV de Piracicaba - 1 a 1 (Getúlio)
 Palmeiras - 0 a 2
 Santa Cruz - 1 a 0 (Muller)
 Treze - 3 a 0 (Serginho - 3)
 Sport - 2 a 0 (Neca e Getúlio)
 CRB - 4 a 0 (Serginho - 2 e Neca - 2)
 Corinthians - 0 a 2
 Brasília - 5 a 0 (Serginho - 2, Chicão, Teodoro e Neca)
 Internacional - 4 a 1 (Serginho - 2,

Teodoro e Zé Sérgio)
 América - RJ - 0 a 0
 XV de Novembro - 4 a 2 (Serginho - 3 e Zé Sérgio)
 Ponte Preta - 3 a 1 (Serginho - 2 e Neca)
 Botafogo-SP - 0 a 1
 Sport - 4 a 3 (Zequinha, Bezerra, Zé Sérgio e Mirandinha)
 Grêmio - 3 a 1 (Getúlio, Serginho e Mirandinha)

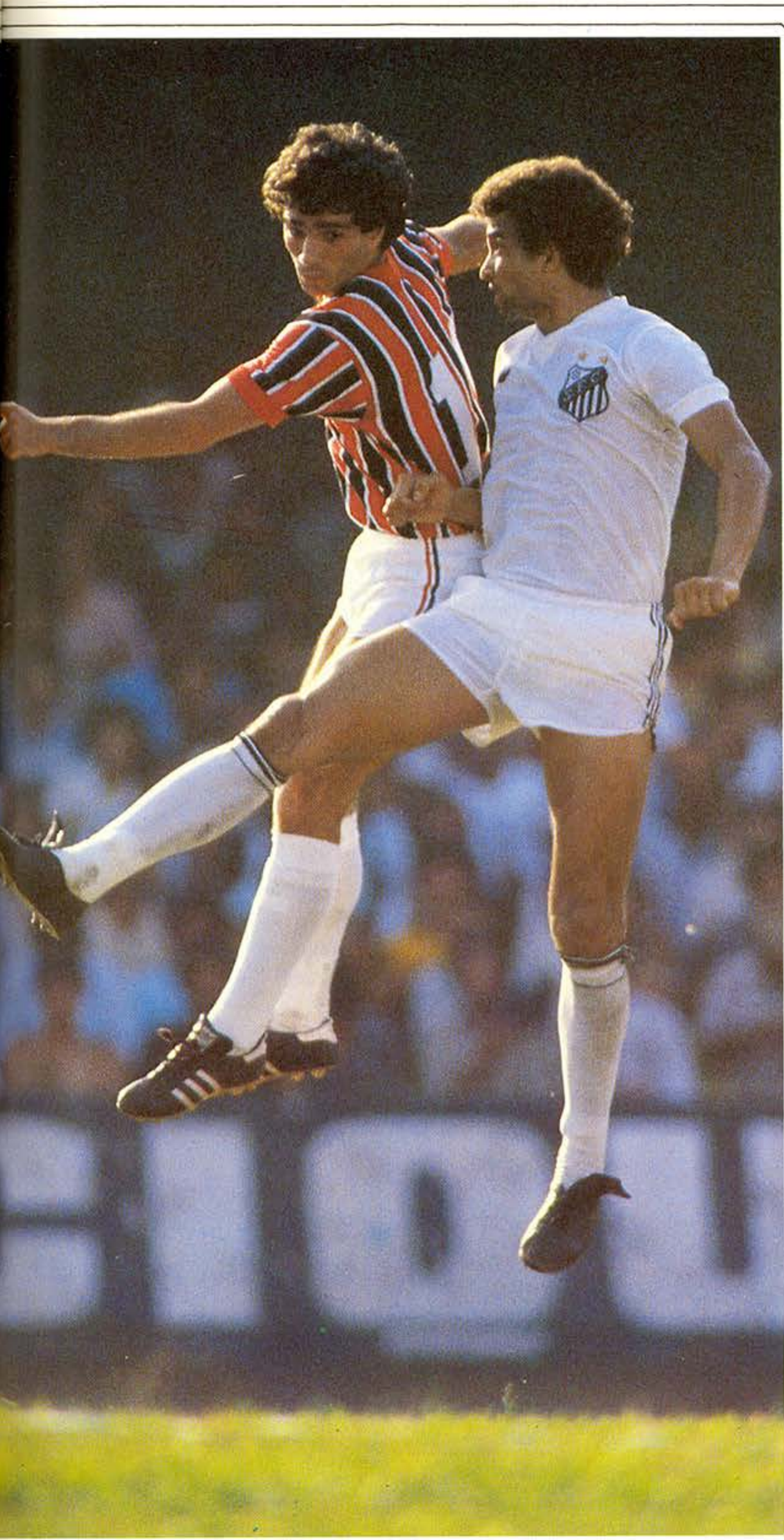
ARTILHEIROS

Serginho - 18
 Neca - 7
 Getúlio - 4
 Zé Sergio - 3

Mirandinha - 2
 Muller,
 Chicão,
 Teodoro
 Zequinha e
 Bezerra - 1

Foram realizadas 21 partidas, 13 vitórias, 4 empates, 4 derrotas, 40 gols pró e 15 contra.

Na fase preliminar o São Paulo foi segundo colocado da série "B" com 18 pontos. Na semifinal também ficou no segundo lugar totalizando 7 pontos pelo grupo "G". E, na disputa do grupo "U" é que o São Paulo conseguiu um destaque somando 11 pontos e terminando em primeiro lugar



Sérgio, uma grande jornada nas finais contra o Santos

Campeão da nova década 1980

No início de 1980, o Departamento de Futebol do São Paulo sofreu mudanças profundas e radicais. Para o lugar de Rubens Minelli, que se transferiu para o futebol árabe, a diretoria trouxe Carlos Alberto Silva, que se apresentou no dia 3 de janeiro. Novo técnico, novos planos, nova filosofia de trabalho, algumas boas contratações. O início de uma nova década trazia grandes perspectivas. Mas o time, diante de toda a expectativa, não teve uma apresentação de destaque no Campeonato Brasileiro, logo no começo do ano. No Campeonato Paulista, com as contratações de Renato, Assis, Gassem, Almir, Oscar, Paulo César, Nei e Ailton Lira, o time cresceu no segundo turno, quando mostrou todas as suas possibilidades para chegar à decisão, em que venceu o Santos por duas vezes, na série "melhor de quatro pontos".

É verdade que nessa conquista, além dos já experientes Waldir Peres, Getúlio, Dario Pereyra Serginho, Zé Sérgio e os novos contratados, contou também com a colaboração decisiva de alguns juvenis que foram promovidos, como Ailton, Heriberto, Flavinho, Fumê, Zizinho e outros que chegaram a ficar à disposição de Carlos Alberto

No segundo turno, só uma derrota

Silva. Mas antes de chegar a grande decisão contra o time dirigido por Pepe, o São Paulo teve que superar o torneio quadrangular, para decidir o título do 2o. turno. O São Paulo enfrentou o Internacional de Limeira, de quem perdeu por 2 a 1, no Morumbi, em 2 de novembro, para, no dia 5, vencê-lo pela mesma contagem no tempo normal e por 1 a 0 na prorrogação. A Ponte Preta eliminou o Corinthians e foi à decisão com o Tricolor. Resultado: no dia 9, vitória sampaulina por 2 a 1 e, no dia 12, por 1 a 0.

Nos dias 16 e 19 de novembro, a final contra o Santos, campeão do 1o. turno. Duas vitórias por 1 a 0. Foi o início vitorioso dessa década. O São Paulo disputou 44 partidas, 22 vitórias, 13 empates e sofreu 9 derrotas. Dos 55 gols marcados, Serginho foi o seu maior artilheiro com 12, seguido de Getúlio, com 8, vindo a seguir: Assis e Zé Sérgio, 7; Paulo César, 4; Ailton Lira, 3; Zizinho e Nei, 2; Dario Pereyra, Tatu, Heriberto e Marião um gol cada. Airton foi o atleta que mais vezes jogou - 41, seguido de Assis - 38, e Waldir Peres - 37. A maior vitória do São Paulo, no Campeonato de 80 foi contra o Corinthians, 4 a 0, no dia 10 de agosto, na abertura do segundo turno, ocasião em que começou a crescer o futebol campeão.

O Palmeiras, entre os times grandes, foi outro que também sofreu uma quase goleada, no dia 12 de outubro: 3 a 0. Nessa fase do retorno, o São Paulo só sofreu uma derrota: 3 a 1 para o Guarani, no Morumbi, no dia 8 do mesmo mês.

QUEM JOGOU

Airton -	41	Gassen -	27
Assis -	38	Oscar -	20
Paulo		Edu -	17
César -	38	Alexandre	
Waldir		Bueno -	15
Peres -	37	Zizinho -	13
Heriberto -	34	Viana -	9
Getúlio -	33	Lira -	7
Zé Sérgio -	32	Teodoro -	7
Dario		Jaime -	6
Pereyra -	31	Marião -	5
Renato -	30	Flavinho -	8
Serginho -	30	Fumê -	3
Nei -	29	Miller -	3
Almir -	28	Ferreira -	1



Oscar e Dario Pereyra, a segurança na decisão



A festa do título, antes, mesmo, do jogo terminar



Almir, anulando Aluisio e Pita do Santos





Waldir Peres, Gassen, Alexandre Bueno, Fumê, Assis, Toinho, Flávio, Tatu, Nei, Tonhão e Carlos Alberto Silva (em pé); Getúlio, Dario Pereyra, Oscar, Airtton, Almir, Paulo César, Renato, Sérgio, Heriberto e Zé Sérgio. Esses homens foram os responsáveis pelo título do Campeonato Paulista de 80. Depois de ganhar o segundo turno, chegaram à final com o Santos e nem tomaram conhecimento do adversário. Foram dois jogos e duas vitórias. E a festa tricolor tomou conta da cidade.

A glória do 1º título 1943

O primeiro título veio depois de sete anos de espera, em 1943, quando o time, depois de ter craques



O time campeão de 43 num cartaz da época



ações de 43 (ao alto): Zarzur, King, Procópio, Florindo e Noronha (em pé); Teirinha, Leonidas, Remo e Pardal

consagrados como Fried, Valdemar de Brito, Araken e outros, da década de 30 e início dos anos 40, iniciava uma nova era de contratações, aderindo de vez ao profissionalismo. Sastre veio da Argentina, mas a grande estrela era Leonidas da Silva contratado em 1942. Ele, que havia sido consagrado pelos europeus na Copa do Mundo de 1938 como uma das grandes estrelas do futebol brasileiro, causou impacto ao chegar em São Paulo. O "Diamante Negro" foi o marco da década de 40. Os seus gols de bicicleta ficaram famosos. E deram o título ao São Paulo em 1943. Foi uma grande proeza, na época da guerra. O presidente do clube, Décio Pedrosa, apesar de cuidar também de outros departamentos, como bola ao cesto, atletismo e boxe, tinha pelo futebol um carinho especial.

Então, contratou Jorge Gomes de Lima, o "Joreca", que assumiu a direção do time, partindo para a liderança do campeonato, até se tornar quase imbatível. Isto quebrou a série de vitórias do Palestra Itália e do Corinthians, que eram os "donos" dos títulos desta época. Entre seus torcedores e dirigentes se dizia que o Campeonato era disputado na cara ou coroa. Outro time só seria campeão se a moeda caísse em pé. E, em 1943, o "milagre" aconteceu: a moeda caiu de pé. O São Paulo foi o clube "Mais Querido," que tinha a certeza de ter conquistado a sua posição de honra no futebol, também, com grandes arrecadações.

Na verdade, muito mais do que o campeonato de 1943, o São Paulo, passando por uma metamorfose, tinha como principal objetivo a montagem de um verdadeiro esquadrão. Esse time, baseado em King (Gijo e Mário); Piolin (Savério), Virgílio (Renganeschi), Zezé Procópio (Bauer), Rui e (Zarzur) e Noronha; Luizinho (Barrios e Friaça), Sastre (Ponce de Leon) Leonidas, Remo e Pardal (Teixeirinha), conquistou o bicampeonato de 1945/46 e repetiria a dose em 1948/49.

King; Virgílio e Piolin; Zezé Procópio, Zarzur e Noronha; Luizinho, Sastre, Leonidas, Remo e Pardal formaram o time da grande conquista de 1943 - o primeiro título paulista conquistado na segunda fase de vida do clube.



Os bicampeões de 45/46: Paulo Machado de Carvalho, Rui, Bauer, Piolin, Gijo, Renganeschi, Noronha e Joreca (em pé); Lu



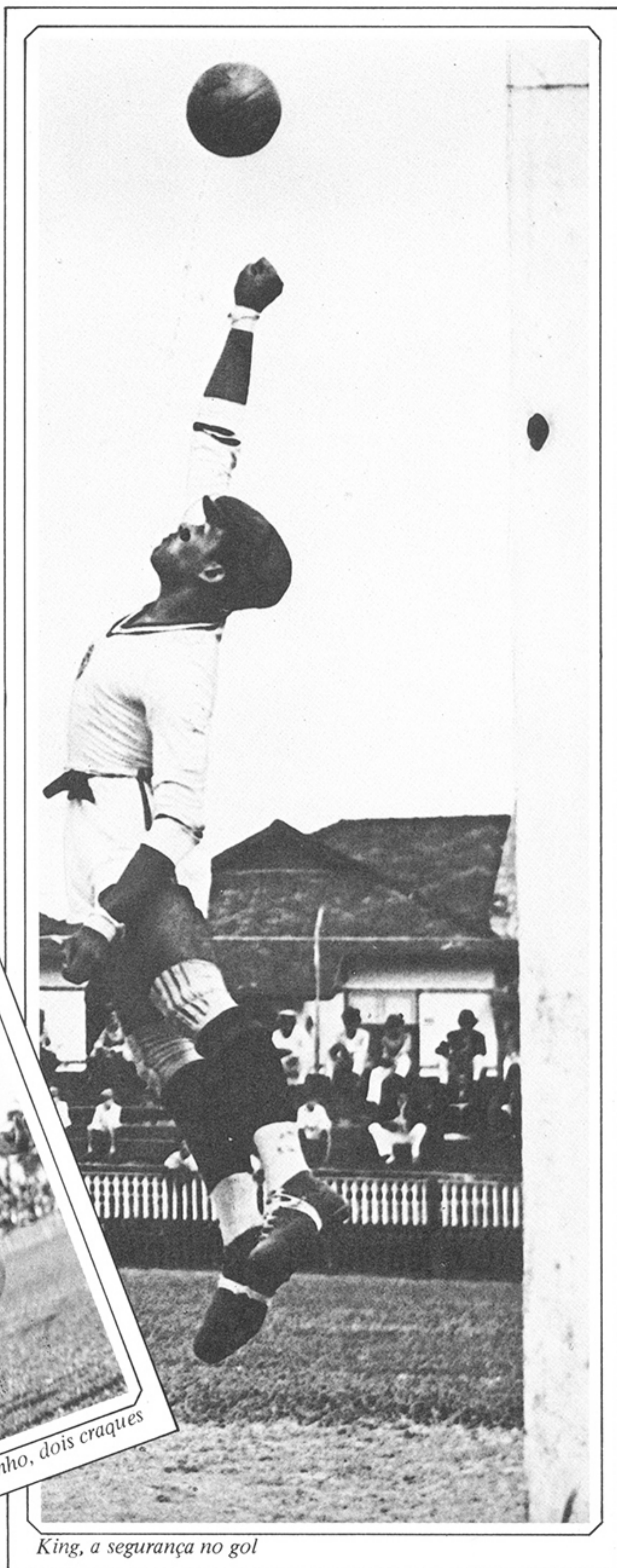
Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira

A festa do 1.^o bicampeonato 1945/1946

A campanha e a memorável conquista do título de 1943, deixou a torcida tão empolgada que todos esperavam as constantes vitórias, que não vieram em 44. Mas um novo time começava a surgir, destacando alguns valores como José Carlos Bauer. Era o novo passo para a formação de um grande esquadrão, que viria apagar a má - se é que se pode chamar assim - impressão de 44, quando o time ficou apenas com o segundo lugar ao final da temporada. E, de fato, em 45, nascia o grande esquadrão, arrasando os seus principais rivais e fazendo delirar as grandes platéias, notadamente as que compareciam ao Pacaembu, três vezes maior do que o estádio do Corinthians, no Parque São Jorge, e outro tanto maior do que o estádio do Palmeiras, no Parque Antártica. King revezava-se com Gijo, no gol, e Bauer, com toda a sua personalidade, era o dono da posição que por muito tempo fora de Zezé Procópio. "Esquadrão de Aço" foi o apelido dado pelos torcedores. A campanha foi magnífica em 45, com uma série de seis partidas invictas no segundo turno: 4 a 0 contra o Santos; 2 a 1 contra a Portuguesa de Desportos; 2 a 1 contra o Comercial; 3 a 2 sobre o Ipiranga; empate de 1 a 1 contra o Palmeiras e, finalmente, a vitória por 5 a 1 contra a Portuguesa Santista, que valeu a conquista do título naquele ano, formando o time campeão com King, Piolim e Virgílio; Bauer, Rui (Zarzur) e Noronha; Luizinho, Sastre, Leonidas, Remo e Teixeira. Estava nascendo uma verdadeira escola de futebol, mesclada de velhos professores e alunos bem aplicados nos ensinamentos da bola.

O primeiro “bi”, reflexo da “academia”

“Escola”, “Academia”
“Universidade”, já não se sabia mais
que adjetivo usar para definir a
grandiosidade do futebol apresentado
pelos atletas do São Paulo em todos
os seus jogos, oficiais ou
amistosos. Sem que quase ninguém
percebesse, a remodelação no time vinha
sendo feita gradativamente, para
que não houvesse
interrupção no trabalho do
competente técnico Jorge
Gomes de Lima, o Joreca.
Desta forma, ao disputar a sua
primeira partida no Campeonato
Paulista de 1946, o São Paulo deixava
antever a mesma força, o mesmo
toque mágico na bola, levando de
volta aos corações dos seus torcedores
a mesma alegria vivida ao final da
temporada de 1945. E era o começo
de uma nova jornada, que dava
sequência a uma série invicta que
fora estabelecida no ano anterior:
4 a 0 sobre o Jabaquara; 5 a 2
contra a Portuguesa Santista; 3 a 1
contra o SPR; 4 a 3 contra o Ipiranga;
7 a 3 contra o Juventus; 2 a 1 contra o
Corinthians; 1 a 1 contra a Portuguesa
de Desportos; 3 a 2 contra o Santos
e 1 a 1 contra o Palmeiras. Essa
invejável campanha foi o ponto alto
do time no primeiro turno: desde a



King, a segurança no gol



Leonidas e Brandãozinho, dois craques



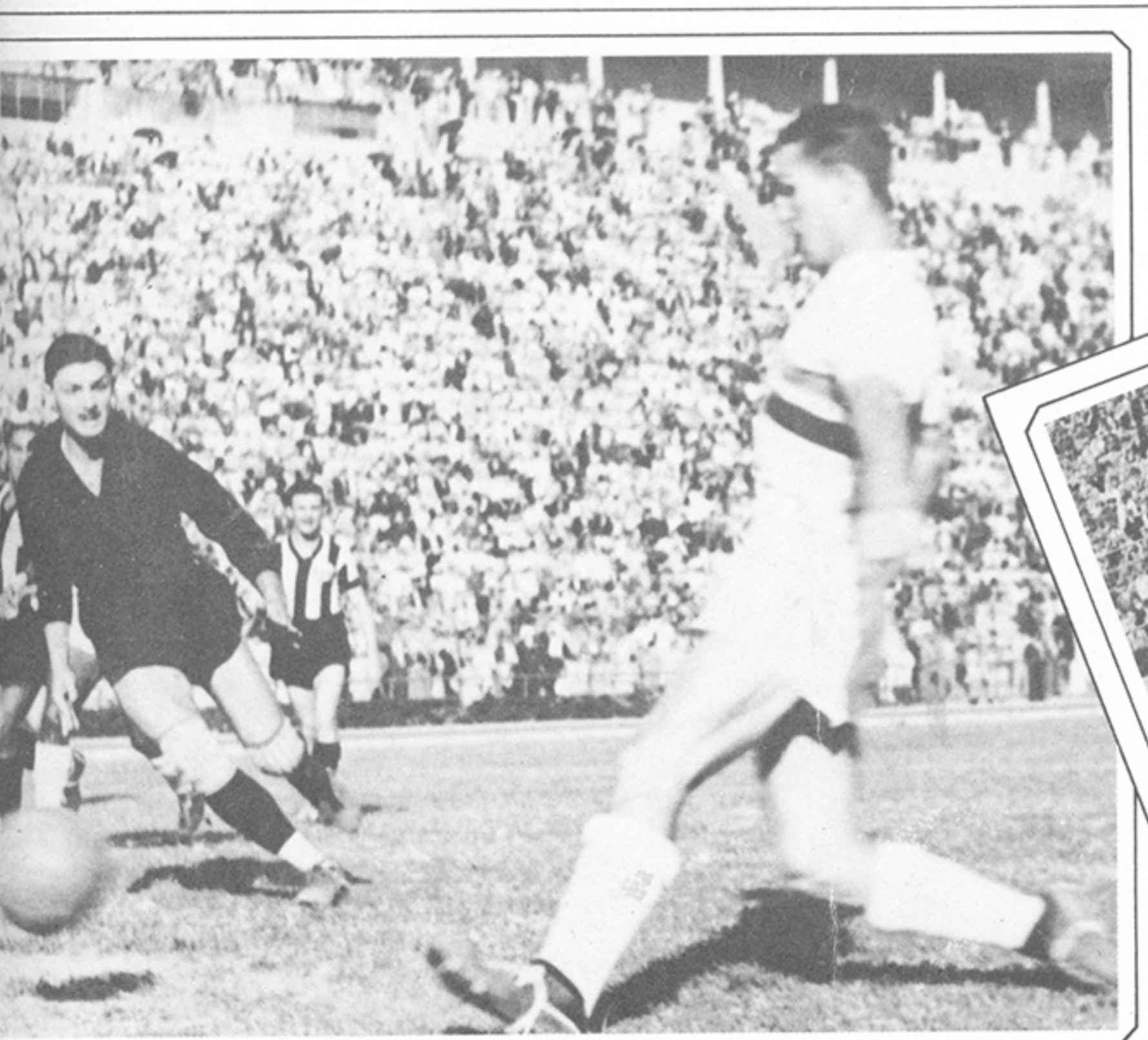
Setembro 46:



Mairo de 46:



Leonidas comemora o gol da vitória contra o Corinthians



Teixeirinha marca contra o Ipiranga

temporada anterior, que o São Paulo não perdia de ninguém.

Veio o segundo turno: 2 a 0 contra a Portuguesa Santista; 4 a 2 contra o Comercial; 1 a 0 contra o Ipiranga; 2 a 0 sobre o Santos; 4 a 2 contra o Jabaquara; 2 a 0 no SPR; 2 a 1 contra o Corinthians, resultado que marcou a conquista da famosa Taça dos Invictos de "A Gazeta Esportiva", que estava em poder do Palmeiras desde 1934. E, invicto, o São Paulo viria a ganhar o campeonato paulista de 46, tendo como time base Gijo; Savério e Renganeschi (Mauro); Bauer, Rui e Noronha; Luizinho (Barrios ou China); Lelé (Ponce de Leon), Leonidas Remo e Teixeira. O São Paulo, embora com alguns jogadores já bem veteranos, era a loucura da cidade. Mas foi essa veteranice de alguns que impediu a conquista do título em 1947, provocando no time um outro trabalho de base, de profundidade, que viria mostrar os seus frutos, já no ano seguinte, pouco antes do fim da década de ouro, escrevendo com letras maiúsculas o capítulo de outra história.



Só agarrando conseguiam parar Luizinho

Outro bi para o esquadrão 1948 1949



O que aconteceu ao bicampeão? A torcida, nas ruas, mostrava-se inquieta com o time, que havia conquistado os títulos de 45 e 46 e, em 47, não passara de um modesto quarto lugar. Como explicar essa queda? Afinal, os jogadores eram quase que os mesmos das campanhas anteriores. Na defesa, apenas Mauro entrara em substituição a Renganeschi. Bauer, Rui e Noronha, a maior linha média de todos os tempos, ainda estavam lá. No ataque, a figura de Leonidas ainda era respeitada, embora a sua brilhante carreira já estivesse no final.

Remo ainda mostrava a genialidade do seu toque na bola e Teixeira mantinha a velocidade como seu forte em campo. Pouco, muito pouco mesmo havia mudado no time do São Paulo, em 47. Por isso, o espanto geral com a quarta colocação no campeonato daquele ano, com 15 pontos perdidos. Neste ano, o Palmeiras foi o campeão paulista. Mas, em 1948, eis que o São Paulo se firma novamente como grande força. O "Tricolor do Canindé", como era chamado, tomou como lição a má campanha cumprida em 47 e se encheu de brios. O time, sob o comando de Feola, se afinou como se fosse uma orquestra de violinos pronta para um "show" no Municipal. Era preciso recuperar o prestígio. E, pacientemente, o trabalho foi feito, conseguindo-se tirar o máximo das condições físicas e técnicas dos jogadores. Um a um os adversários foram caindo diante da maior presença do quadro do São Paulo, até na decisão contra o Palmeiras, que valeu a reconquista da glória dentro da década de ouro.

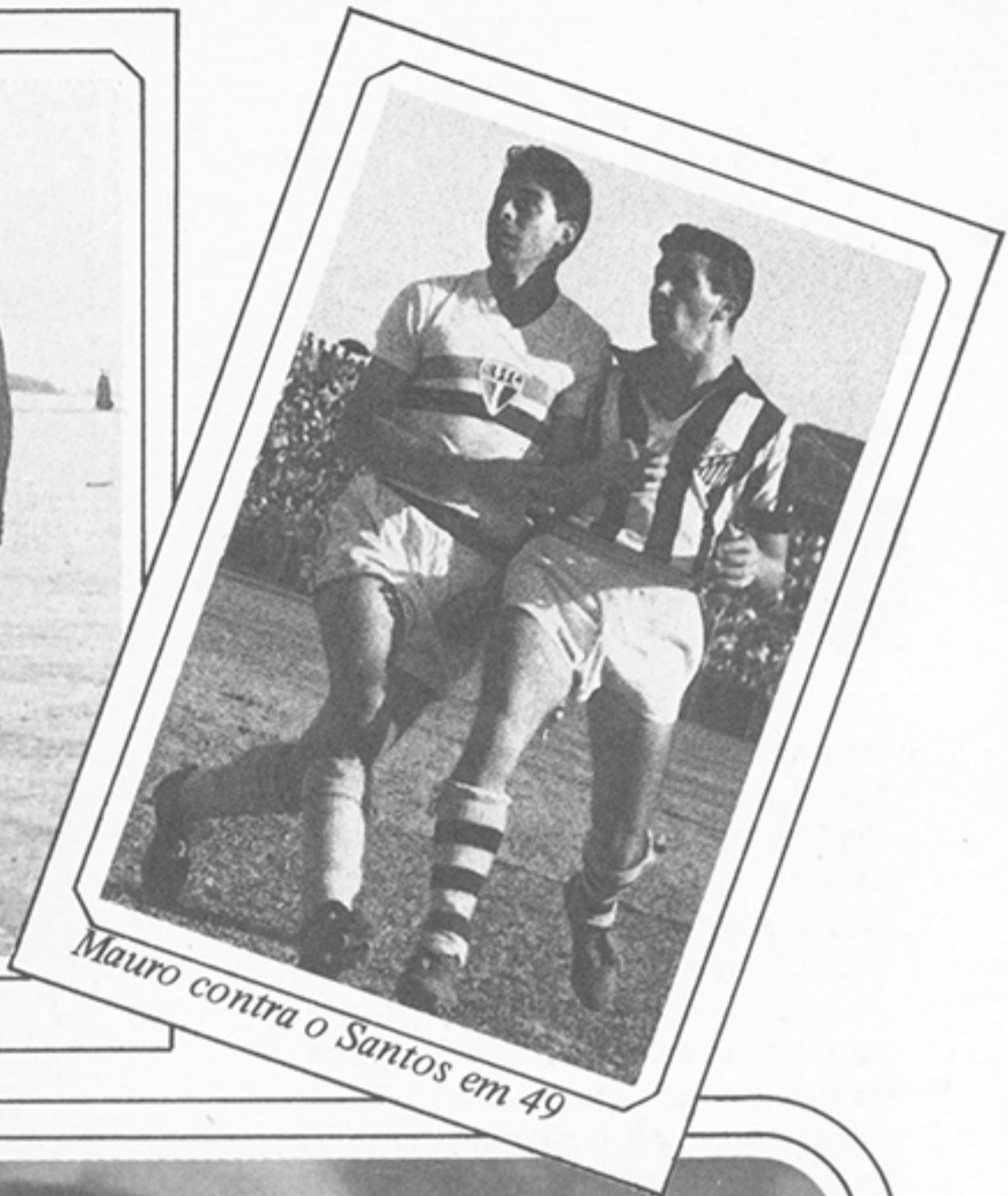
O time da decisão, orientado por Vicente Feola, formou com Mário; Savério e Mauro; Bauer, Rui e Noronha; China, Lelé (Ponce de Leon), Leonidas, Remo e Teixeira. O coração tricolor



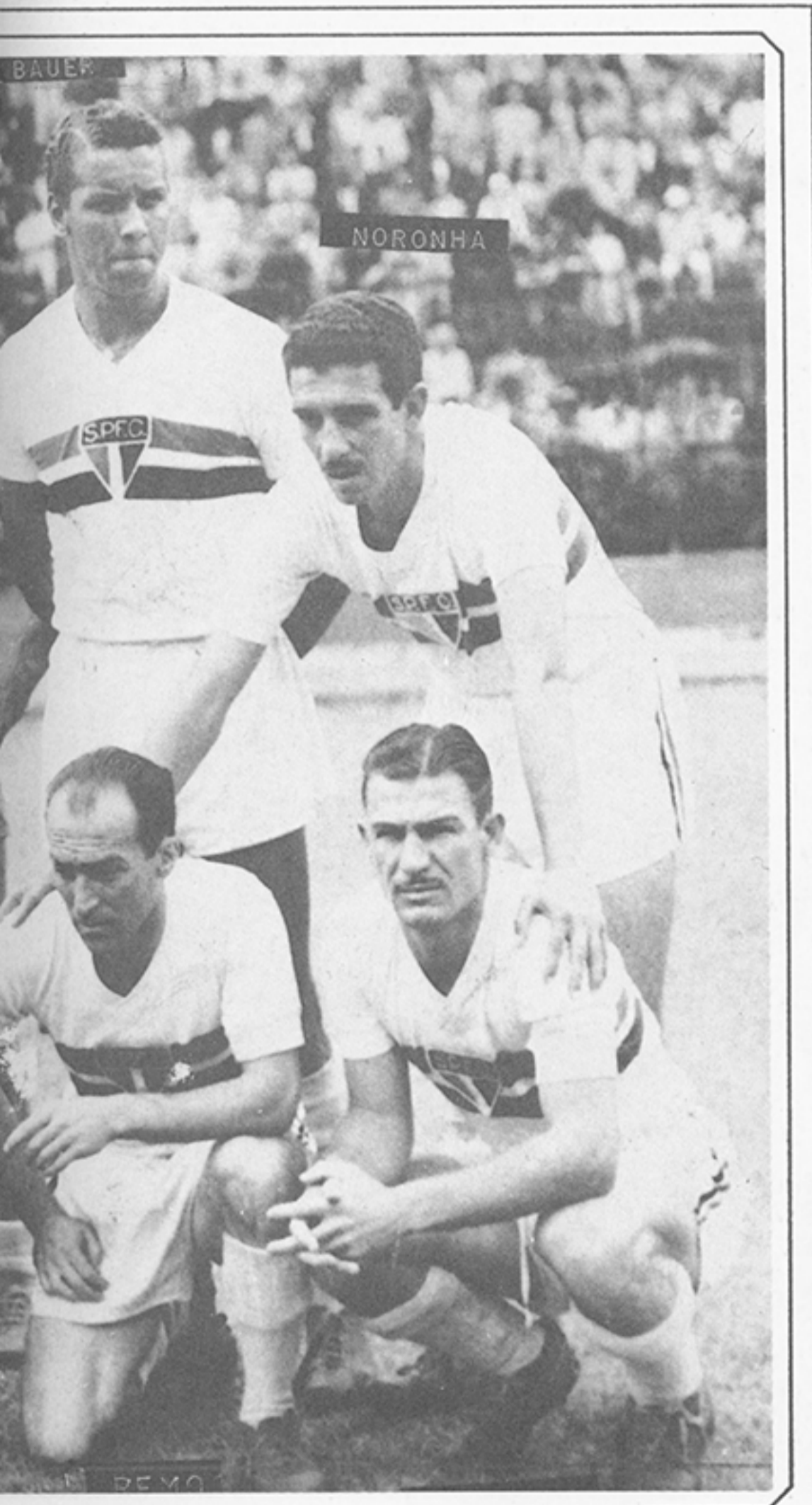
Em 48, um troféu em São Joaquim da Barra



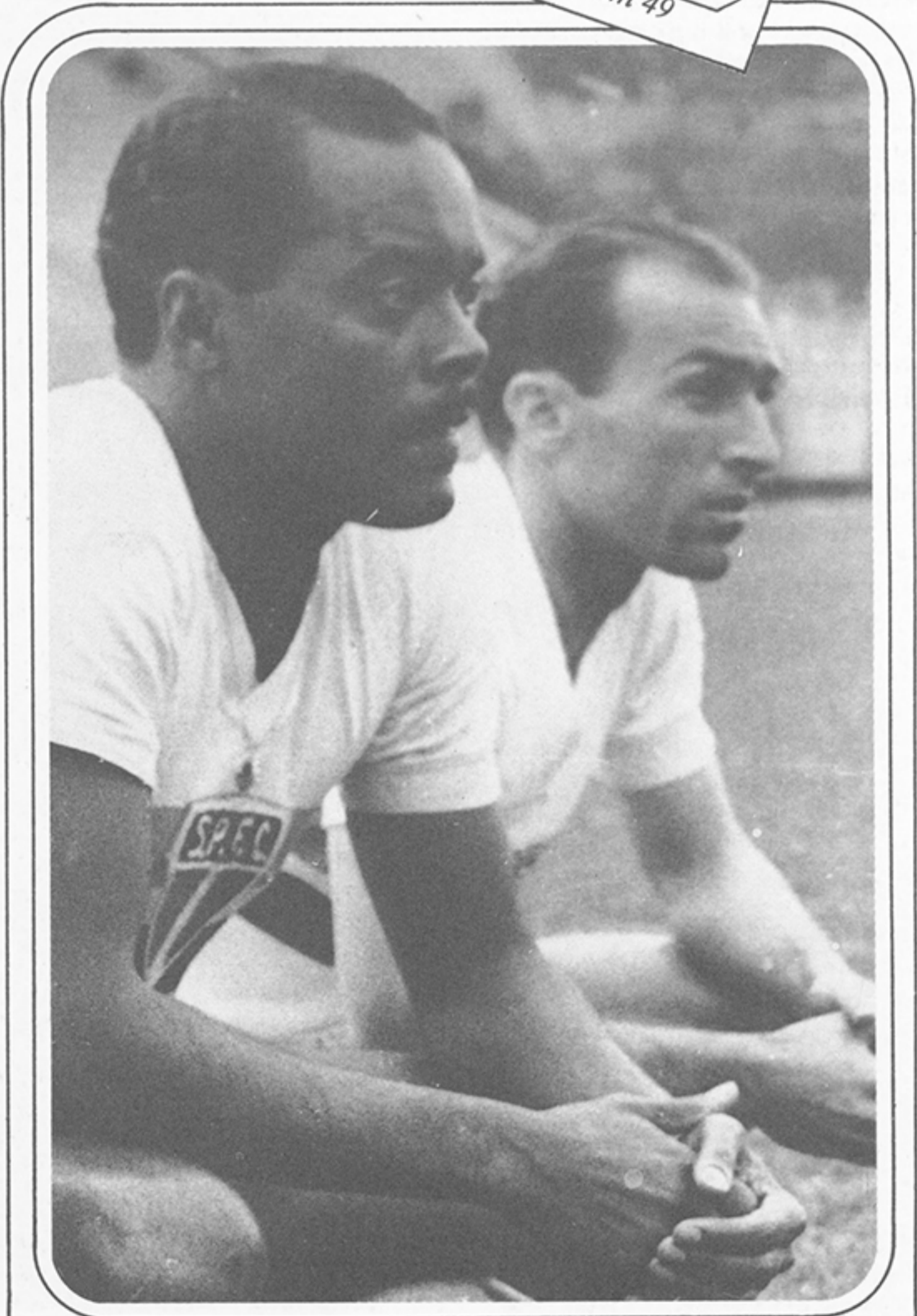
Os campeões de 48: Rui, Savério, Mauro, Mário, Bauer e Noronha (em pé); China, P



Mauro contra o Santos em 49



e Leon, Leonidas, Remo e Teixeira



Leonidas e Remo, bicampeões

A festa do bi por antecipação

voltou a bater mais forte depois disso. Albino Friaça Cardoso foi contratado em março de 49, vindo do Vasco da Gama para jogar no ataque com Ponce de Leon, Leonidas Remo e Teixeira. Veio completar a grande força do esquadrão, que havia sido campeão paulista no ano anterior. E Friaça enquadrou-se bem naquele time, marcando um gol logo na primeira partida do Campeonato, na vitória por 2 a 0 contra o XV de Piracicaba, com Leonidas completando o marcador. Depois os bons resultados foram se sucedendo: 1 a 0 contra o Nacional; 7 a 2 contra o Comercial; 0 a 0 com a Portuguesa de Desportos; 4 a 1 sobre o Jabaquara; 5 a 1 contra o Palmeiras; 3 a 1 contra a Portuguesa Santista; 8 a 2 contra o Juventus e uma derrota de 1 a 0 para o Santos, na Vila Belmiro

Mas até aí, o São Paulo se mostrava, realmente, um grande esquadrão. E não foi essa derrota que interrompeu a sua ascensão; o time de Feola continuou firme e arrasador, recuperando-se a seguir, nas vitórias por 5 a 1 contra o Ipiranga e 3 a 2 contra o Corinthians. Não se tinha dúvida de que alguns de seus valores veteranos estavam chegando ao final da carreira, mas o torcedor, em cada esquina, pelas poucas mudanças que sofreu o time do São Paulo, sabia escalá-lo de cor e salteado, ou de trás para frente se fosse exigido. A década de ouro chegava, também, ao fim e precisava ser fechada com chave de ouro. Afinal, 7 anos de reinado absoluto, de um dos maiores esquadrões da história do futebol, não saíam tão facilmente da cabeça não apenas do torcedor sampaulino, mas de todos aqueles que aprenderam a admirar o futebol como arte, como espetáculo. E foi nesse clima que, ante o fracasso do Palmeiras em Santos, o São Paulo ganhou o bicampeonato por antecipação, podendo até dar-se o luxo de



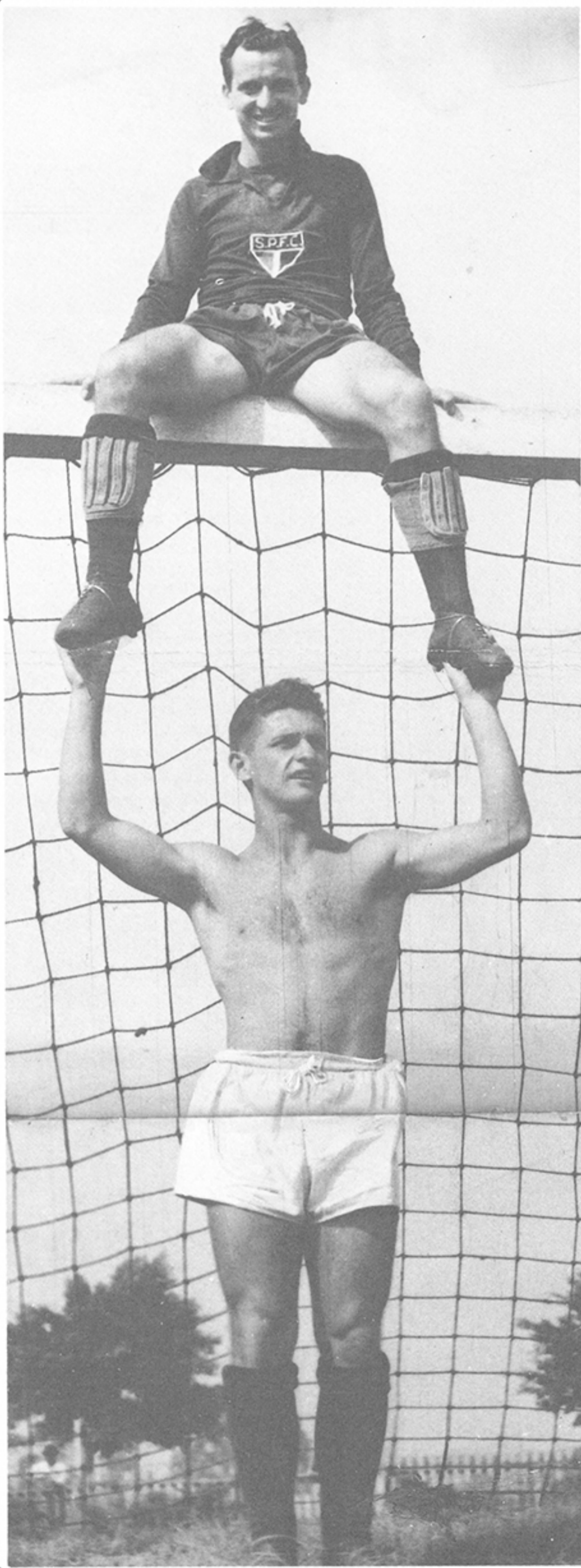
Leonidas contra Andu, da Portuguesa



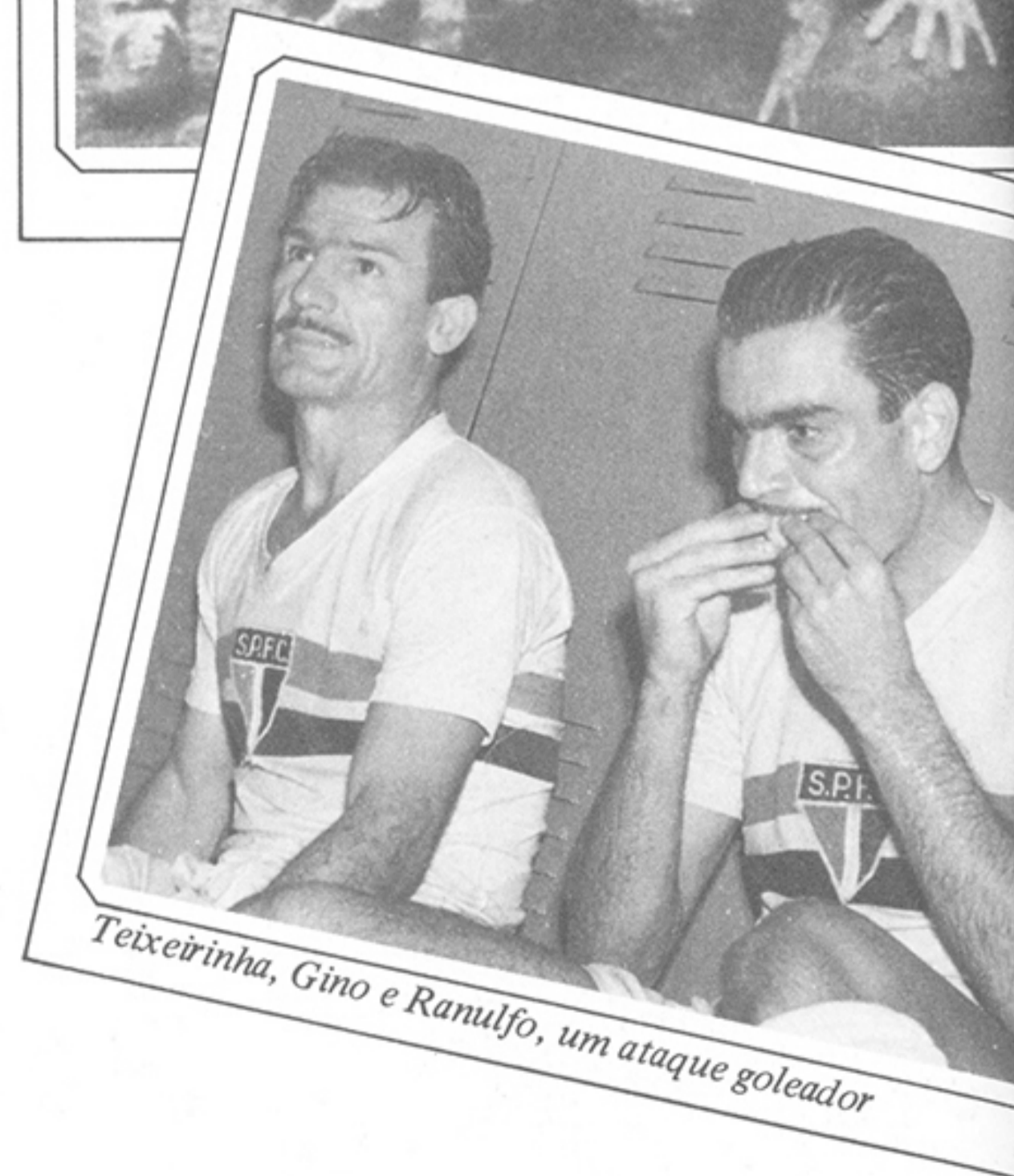
perder para o Corinthians a última partida. Mas o bicampeão foi valente até o fim. Ganhou quem mereceu. De Mário a Teixeira, o espírito de luta foi um só. Realizava-se na conquista do objetivo, um sonho de Cícero Pompeu de Toledo, de Paulo Machado de Carvalho, de Sebastião de Almeida, de Antonio Macuco Alves, de César Dias, Porfírio da Paz, Manoel Raymundo Paes de Almeida, de toda a gente sampaulina. Mário (Poy), Savério e Mauro; Bauer, Rui e Noronha; Friaça, Ponce de Leon, Leonidas, Remo e Teixeira, formaram a equipe que mais vezes se apresentou no certame de 49, que marcou, também a conquista definitiva do Troféu "Paulo Machado de Carvalho", instituído em 1945 e destinado ao clube que primeiro completasse 30 partidas invictas em jogos de campeonato.



Os campeões de 49: Rui, Savério, Mauro, Mário, Bauer e Noronha (em pé), Friaça, Ponce de Leon, Leonidas, Remo e Teixeira



Poy e De Sordi, segurança garantida



Teixeirinha, Gino e Ranulfo, um ataque goleador

Os campeões de 53: Alfredo, De Sordi, Pé de Valsa, Poy, Maurinho, Bauer (em pé); Maurinho, Albella, Gino, Negri e Teixeira

A vitória de um time novo 1953

1950, vice (campeão, Palmeiras); 1951, quarto lugar (campeão Corinthians); 1952, vice (Corinthians, bicampeão). Para um time como o São Paulo, que em sete anos da década de 40 havia conquistado cinco títulos paulistas sendo dois "bi", as posições alcançadas nos três primeiros anos da década de 50 deixaram os torcedores tristes, alguns até revoltados.

A própria crônica esportiva não perdoava, criticando atletas e dirigentes. Era preciso fazer alguma coisa para se evitar que o Corinthians conquistasse o tricampeonato, em 1953. E Marcel Klaczko, diretor de futebol, e os demais dirigentes do clube, em uma reunião decidiram-se por uma medida drástica: a dispensa dos craques veteranos, esperada pela maioria dos sampaulinos.

Era uma fase realmente difícil. Ranulfo e Gino foram as primeiras contratações para por fim à crise. Depois, vieram Dino, Pé de Valsa e Maurinho. Para o lugar de Feola, foi contratado Jim Lopes, então, técnico do Ipiranga. A estréia no Campeonato foi sensacional: 6 a 1 contra o Comercial, em 19 de julho, com 3 gols de Maurinho, outros de Marucci, Gino e Teixeira.

Em seguida, outra goleada: 3 a 0 contra o XV de Jaú. Um empate 1 a 1 com o XV de Piracicaba, não afetou a equipe porque em seguida veio outra goleada: 4 a 1 sobre o Nacional.

O retorno começou com 2 a 0 sobre o Comercial, no dia primeiro de novembro, 4 a 2, XV de Piracicaba; 3 a 0, Santista; 0 a 0, Ponte Preta; 1 a 0, Ipiranga; derrota de 4 a 1 para o Linense; vitória sobre o Nacional: 4 a 0; 3 a 1 contra o XV de Jaú, chegando à decisão contra o Corinthians, no dia 10 de fevereiro, já em 1954, com este time: Poy; De Sordi e Mauro; Pé de Valsa, Bauer e Alfredo; Maurinho, Albella, Gino, Negri e Teixeira. Foram 28 partidas disputadas, com 24 vitórias, dois empates e duas derrotas. O São Paulo marcou 70 gols e sofreu 21 mantendo uma série invicta de 19 jogos.



O time do último jogo do Campeonato



Corinthians homenageia o campeão

Com Zizinho, a volta da alegria 1957

Para alcançar o êxito na campanha de 57, o São Paulo fez duas contratações importantes: primeiro, o técnico húngaro Bela Guttmán, que já havia dado prova dos seus conhecimentos e da sua capacidade profissional na direção do Honved, de Puskas, Kubala e outras atrações do futebol magiar. E quando sentiu que o time não iria à frente apenas com o entusiasmo dos novos, o novo técnico, que chegou em substituição a Vicente Italo Feola, pediu a Manoel Raymundo Paes de Almeida, então diretor de futebol, um jogador mais experiente, capaz de orientar no gramado todo o potencial da jovem equipe.

Muitas tentativas foram feitas, muitas conversações foram mantidas, esquemas novos testados e a insegurança continuou. Até que Vicente Feola, como supervisor do clube, por ordem do presidente Cícero e do próprio Manoel Raymundo, viajou para o Rio com a missão de convencer Guilherme da Silveira Filho,



Poy, Zizinho e Bela Guttmán comemoram o título no vestiário



Os campeões de 57: De Sordi, Poy, Sarará, Riberto, Vitor e Mauro (em pé); Maurinho



Gino, muitos gols



A festa pelo gol de Canhoteiro no jogo decisivo contra o Corinthians



Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro.



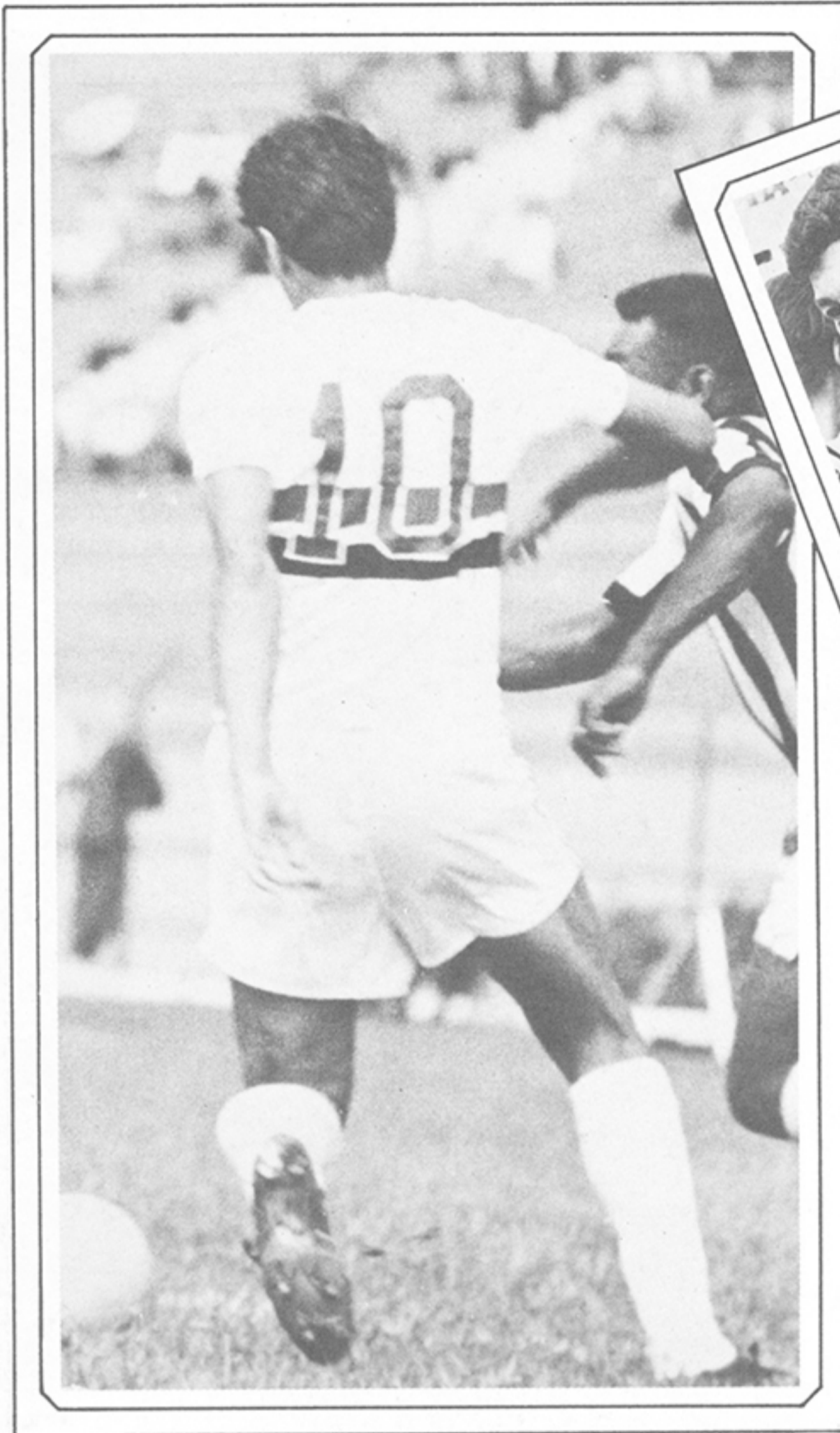
patrono do Bangú A.C. a ceder o seu maior astro, o veterano e experiente, Thomaz Soares da Silva - Zizinho, um craque que, na opinião dos dirigentes e torcedores, valia dois ingressos por partida. E depois de Leonidas e Sastre, na década de 40, o São Paulo nunca antes havia feito um negócio tão certo e vantajoso como a contratação de Zizinho para a temporada de 57. A missão de Feola não foi fácil de ser concretizada, apesar da boa vontade de dr. Guilherme da Silveira Filho, em prestar ao São Paulo esse inesquecível favor, já que Zizinho tinha todos os seus negócios no Rio de Janeiro e a sua vinda para São Paulo causaria muitos transtornos. Entre amigos, tudo acabou se resolvendo e o "Mestre" Ziza aceitou fazer um contrato por dois meses, o tempo suficiente para disputar o restante do Campeonato e sair-se campeão, mostrando todo o seu talento, unido à perseverança e filosofia tática do treinador Bela Guttmann, que o São Paulo trouxe de tão longe. Até a conquista do título, antes da contratação de Zizinho, o time teve alguns resultados ruins, a começar pela derrota para o Botafogo, por 2 a 1, em Ribeirão Preto. Dino marcou o único gol sampaulino e a equipe foi Waldemar; Clélio e Atílio; Ademar, Vitor e Riberto; Sylvio, Dino, Ney, Maneca e Canhoteiro. Elias Assad Simão foi o juiz. Como se observa, o time era jovem demais e pouco experiente.

Foi na decisão contra o Corinthians, dia 29 de dezembro, que se sentiu realmente o peso da força tática do São Paulo, então uma equipe já madurecida, que parecia jogar por música, sob a batuta do "Mestre" Zizinho. Foi uma vitória por 3 a 1, gols de Maurinho, Amauri e Canhoteiro. O juiz foi o carioca Alberto da Gama Malcher e o São Paulo formou com Poy; De Sordi e Mauro; Sarará, Vitor e Riberto; Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro.

As bandeiras tricolores mudaram completamente a paisagem do Pacaembu enchendo o estádio da mais viva alegria de uma torcida que ficara quatro anos distante de um título.



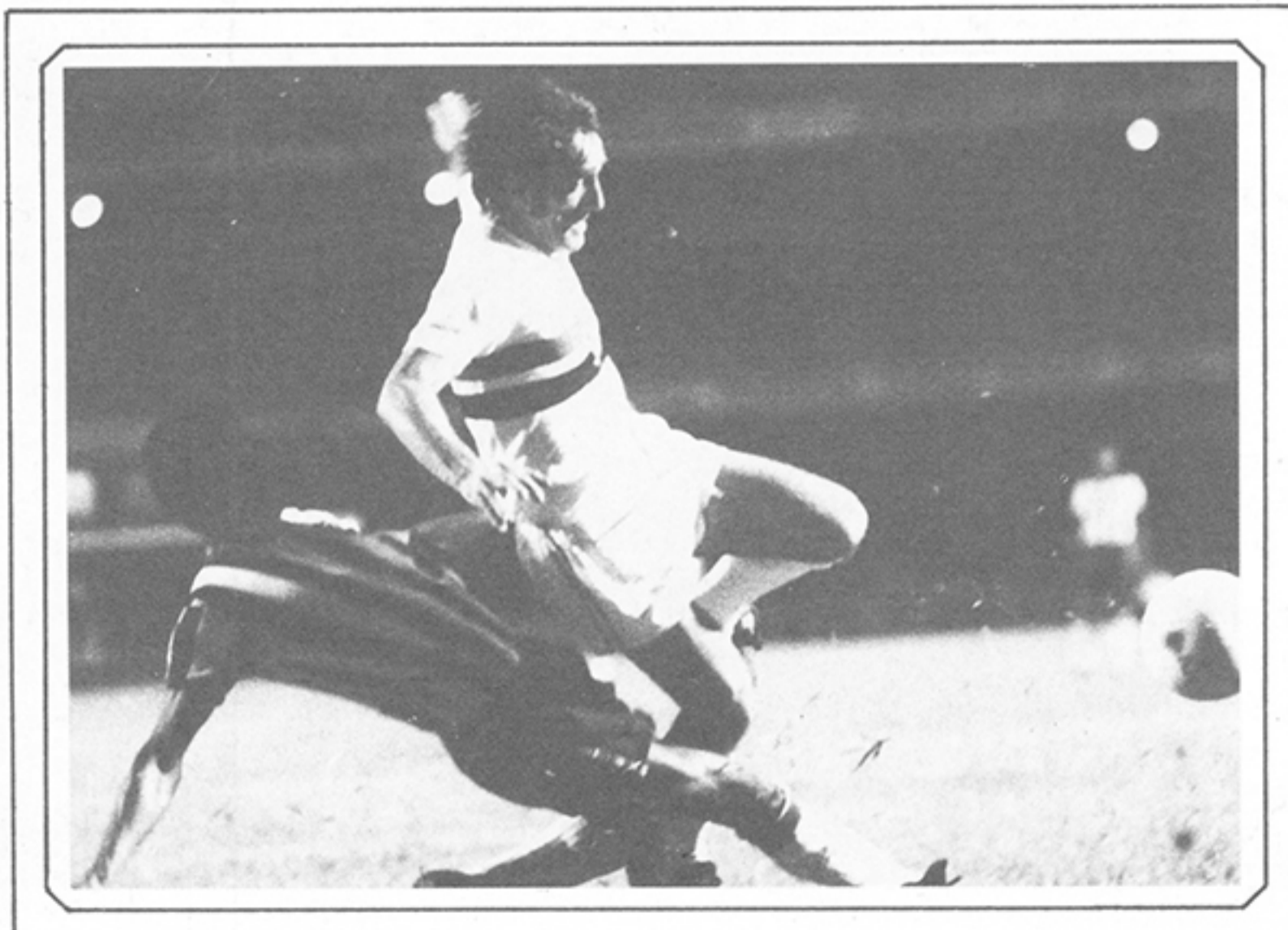
*Gilberto, Sérgio, Dias,
 Jurandir, Edson, Forlan
 (em pé); Paulo, Terto,
 Toninho, Gerson e Paraná
 o time campeão de 70
 (acima). Gerson (ao lado),
 Rocha (acima, à direita) e
 Toninho (embaixo, à
 direita) foram destaques
 na reconquista dos
 títulos.*



Depois do estádio, outro “bi” 1970/1971

O povo brasileiro ainda vibrava com a conquista da Copa do Mundo, no México, quando, com Gerson, Edson, Toninho “Guerreiro”, Pedro Rocha e Terto, o São Paulo iniciou o ano das suas reconquistas. Muitos acharam que foi uma loucura pagar Cr\$ 900 mil pelo passe de Gerson. O investimento na compra do uruguaio Pedro Rocha, apontado por Pelé como um dos cinco maiores jogadores do mundo, também foi criticado. Mas esta foi a única forma que o Departamento de Futebol, tendo à frente Manoel Poço, encontrou para formar um time capaz de ser campeão. Gerson, em 1970, foi um Zininho de 1957, veterano e experiente. Um grande comandante, que se valeu também da garra de um outro estrangeiro: Pablo Forlan. Gerson era assim mesmo: dava um passe de quarenta metros, salvava um gol certo, prendia a bola, para garantir a vitória ou xingava um companheiro que não entendia o seu passe. Era um líder.

Contratamos um campeão - assim dizia a maioria dos torcedores, diante da dimensão que ganhava o time. Não se pode esquecer o nome de Zezé Moreira na conquista do título de



Uma reedição das campanhas anteriores

1970, doze anos distante do outro. Alfredo Moreira Junior, seu nome, o Zezé, descendente de uma família de esportistas, em 1932, foi médio volante do E.C. Brasil, do Rio de Janeiro passou pela América em 1933. Campeão pelo Palestra Itália, em 1934, de 1936 até 1943 defendeu o Botafogo Carioca, onde iniciou a carreira de técnico nas equipes inferiores. Foi memorável essa conquista de 1970.

A base do time renovado foi de Sérgio, Forlan, Jurandir, Dias e Gilberto; Edson e Gerson (Nenê); Paulo, Terto (Pedro Rocha), Toninho e Paraná.

Gerson, de bengala (estava contundido), apenas assistiu à decisão contra o Guarani, em Campinas. O São Paulo ganhou por dois a um e chegou ao título um jogo antes, depois de dezoito partidas disputadas, com doze vitórias, três empates e três derrotas, com vinte e oito gols a favor e quinze contra.

EM 1971, O "BI" UMA VELHA MANIA

A conquista do bicampeonato, em 1971 foi uma reedição das campanhas marcadas pelos jogadores sampaulinos nas temporadas de 45/46 e 48/49. Aquela decisão contra o Palmeiras, derrotado com um gol de Toninho, no dia 27 de junho, é inesquecível.

O São Paulo ainda contava com o talento de Gerson e Pedro Rocha, a catimba de Terto (agora na ponta direita) e a valentia do seu artilheiro Toninho, único pentacampeão do futebol paulista (ele foi tricampeão pelo Santos em 67/68/69 e bicampeão pelo São Paulo em 70/71).

Sérgio, Forlan, Jurandir, Arlindo e Gilberto; Edson e Gerson; Terto, Pedro Rocha (Carlos Alberto), Toninho e Paraná, os heróis na decisão do "bi", sob o comando técnico de Osvaldo Brandão, marcaram uma passagem importante na vida do clube.



Os bicampeões



Dias teve que parar em 71, com um problema no coração



Toninho comemora o gol contra o Palmeiras, que valeu o bicampeonato

Uma grande campanha 1975

Do time bicampeão de 70/71, restaram apenas Pedro Virgílio Rocha, Terto e o, então, garoto, Gilberto. Waldir Peres, Nelson, Chicão e Teodoro, que não jogou a decisão, tinham sido contratados e vinham da Ponte Preta, clube com o qual o São Paulo sempre manteve muito bom relacionamento; Paranhos veio do Nordeste, e sua estréia contra o Santos, no Parque Antártica, - o jogo empatou 2 a 2 - havia sido um desastre. O restante do time, Murici, Serginho e Zé Carlos, eram "pratas da casa". Por isso, pouca gente acreditava que uma equipe sem as grandes estrelas pudesse vir a ser campeão paulista, um dos mais difíceis campeonatos do mundo. A imprensa - jornais, rádio e televisão - não perdoava a diretoria, reclamando sempre em nome dos torcedores a contratação de jogadores que pudessem dar grandes exhibições. Arlindo, Mauro, Ademir, Paschoalim, Osmar, Silva, Piau, Mirandinha, Liminha, como reservas, completavam o elenco, no qual o técnico José Poy, na sua luta, demonstrava toda a sua confiança e esperança.

A campanha até que começou bem, com uma vitória sobre o Paulista, por 4 a 0, gols de Chicão, Zé Carlos e Serginho. Waldir Peres; Nelson, Mário (Samuel), Paranhos e Gilberto; Chicão e Pedro Rocha; Terto, Murici



Os campeões de 75: Waldir Peres, Gilberto, Paranhos, Nelson, Arlindo e Chicão (em pé)



Sempre no ataque



Chicão, um líder em 75

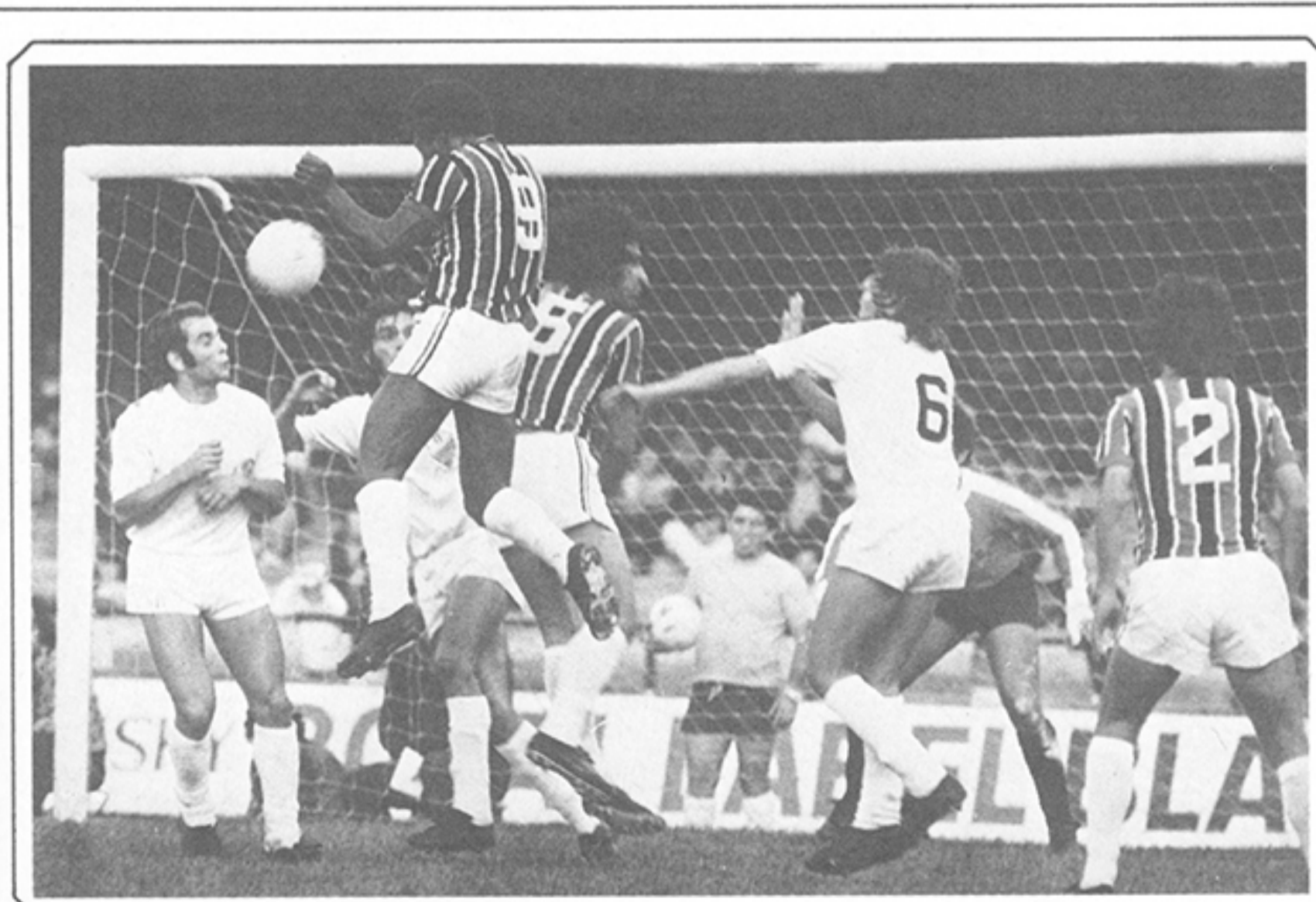


erto, Murici, Serginho, Rocha e Zé Carlos

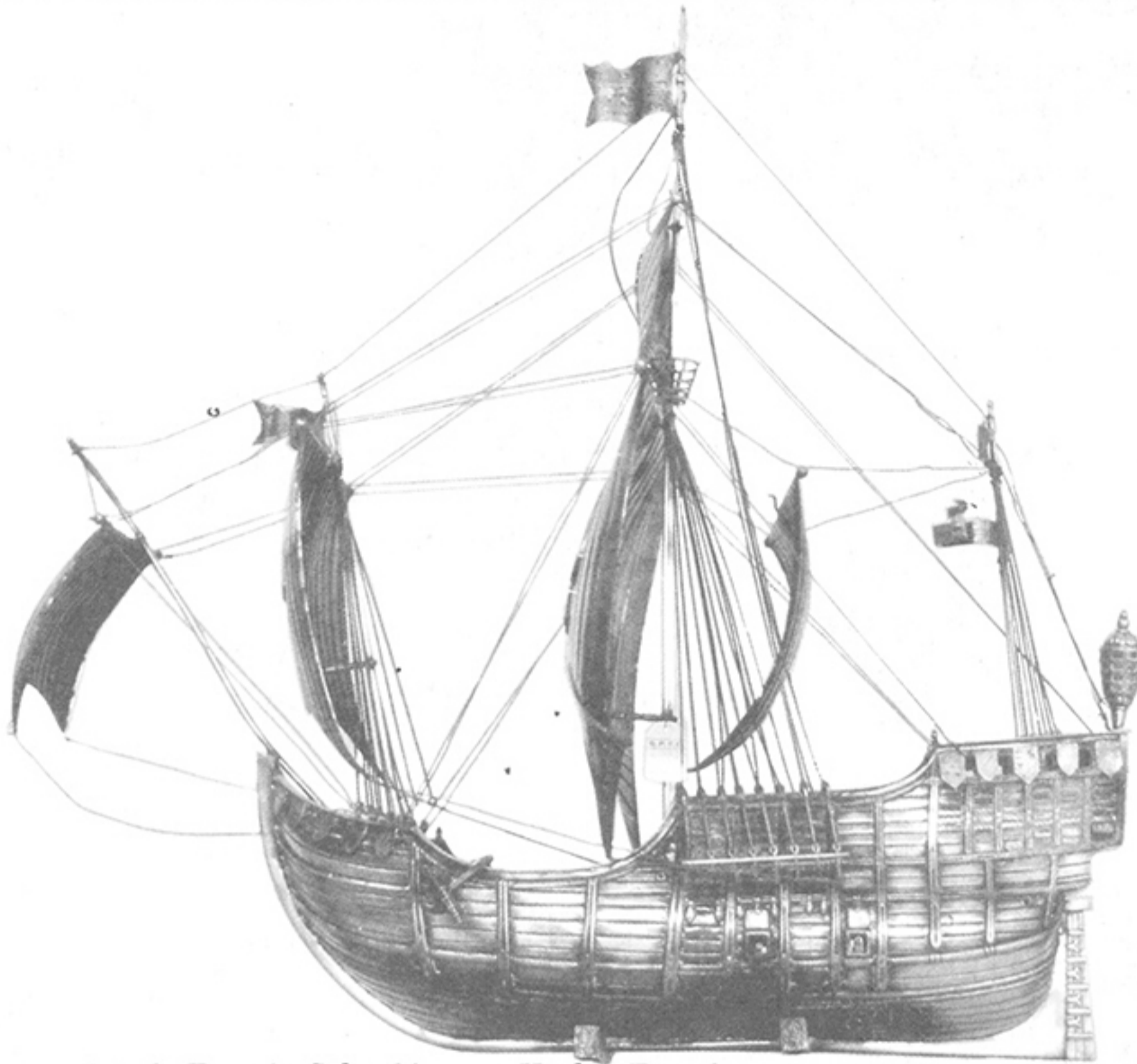


Serginho, artilheiro

(Serginho), Liminha e Zé Carlos, o time que estreava no Campeonato de 1975. O segundo jogo marcou outra vitória - 2 a 0 - contra o Comercial, em Ribeirão Preto, no dia 5 de março. Gols de Terto, de "bicicleta", e Serginho. Mas o time, sempre modificado na sua formação, ainda não inspirava confiança. Os jogos se sucederam no primeiro turno, até a última partida contra o Saad, de quem o São Paulo jamais havia ganho. O 1 a 0 foi suficiente e deu ao time o título de campeão do primeiro turno. Toda a imprensa, contrária desde o início do Campeonato, começava a acreditar no São Paulo. Afinal, a campanha dos comandados de José Poy, no primeiro turno, foi digna de um campeão. E nada ou pouca coisa mudou no turno seguinte, onde a Portuguesa destacou-se como campeã e outra finalista. No dia 17 de agosto, São Paulo e Portuguesa encontraram-se no Morumbi para a grande decisão. O São Paulo já tinha um time definido, com Waldir Peres, Nelson, Paranhos, Samuel e Gilberto; Chicão, Pedro Rocha e Zé Carlos; Terto, Murici e Serginho. No tempo normal de jogo, 1 a 0 para a Portuguesa e um frio na espinha da torcida do São Paulo que, empatando na prorrogação, obrigou a decisão por penaltis. E foi o que aconteceu. Pedro Rocha, Serginho e Chicão marcaram os gols e Waldir Peres, catimbando, defendeu os penais chutados por Wilsinho e Dicá. A conquista estava definida e, na história do clube, este tinha sido o time mais barato em termos de investimento na compra de craques.



Poucos resistiam ao ataque tricolor



Em 60, a conquista do Torneio Colombino, em Huelva, Espanha

As taças e torneios

Além dos títulos dos campeonatos, nos anos de 1943 - o primeiro da nova fase - os bicampeonatos em 45/46, 48/49 e 70/71, os campeonatos intermediários em 53, 57, 75, 80 e o título brasileiro, na batalha do Mineirão, em 1977, o São Paulo, nos seus 45 anos de existência, teve a sua história marcada por outras grandes conquistas. O seu segundo quadro, por exemplo, foi campeão invicto em 38 e voltou a ganhar o título em 1940. O quadro de aspirantes conseguiu um feito inédito no futebol paulista, onde chegou à condição de pentacampeão, ganhando os campeonatos de 43, 44, 45, 46 e 47. O quadro misto, também, deu títulos ao clube, conquistando os campeonatos de 53, 54 e 55. O juvenil (B) foi campeão paulista em 42 (invicto), 46 e 54 e, os infantis marcaram sua presença em 55. O juvenil (A) foi campeão em 54 e 56. No campo internacional, a primeira partida foi disputada em 24 de fevereiro de

1938, contra o Clube Atlético Libertad, do Paraguai. O São Paulo venceu por 3 a 2 com gols de Teixeira (2) e Milani. O quadro do São Paulo, naquela oportunidade formou com Caxambu; Anibal e Horácio; Cozinheiro, Damasco e Felipelli; Ministrinho, Milani, Teixeira, Carioca (Pixe) e Junqueira (Chinês). Em 1955, o São Paulo foi o detentor do Troféu Jarrito, disputado na Cidade do México. Nesse mesmo ano, em Caracas - mês de julho - foi conquistada a Pequena Taça do Mundo, na qual participaram equipes da Europa e da América do Sul. O quadro campeão em Caracas jogou com Poy (Costa); De Sordi e Mauro (Pirani); Pé de Valsa, Bauer (Vitor) e Alfredo (Turcão); Maurinho (Roque), Lanzoninho, Gino (Paraíba) e Teixeira (Canhoto).

Em 63, voltando a Caracas, e desta vez tendo como sua principal atração o zagueiro central bicampeão do mundo, Hideraldo

Luís Belini, o São Paulo tornou a conquistar a Pequena Taça do Mundo, enfrentando as mais categorizadas equipes da Europa e da América. Em 1964 a mais importante conquista internacional do clube, foi marcada no Torneio de Firenze, disputado na Itália. Anteriormente, em 1960, o São Paulo tinha marcado a sua presença conquistando o Torneio Guadalajara, disputado no México, como parte da festa inaugural do Estádio Jalisco. O Torneio Colombino, jogado em Huelva, na Espanha, em 1960, foi uma das mais importantes conquistas do São Paulo no campo internacional. O São Paulo já exibiu a sua equipe de futebol nos seguintes países: Uruguai, Paraguai, Peru, Itália, Portugal, Alemanha, Dinamarca, Holanda, Bélgica, França, México, Áustria, Argentina, Chile, Checoslováquia, El Salvador, Espanha, Suécia, Iugoslávia, Romênia, Marrocos, Venezuela e Arábia Saudita, que marcou a mais recente saída do clube do Brasil.



Leonidas foi a grande figura da "década de ouro" do São Paulo

OS ÍDOLOS

De Leonidas a Serginho, passando por King, Remo, Dias, Chicão e muitos outros, centenas de craques marcaram sua passagem nos 45 anos de história do São Paulo Futebol Clube. Foram verdadeiros ídolos, que a torcida lembra com um sorriso. Falando das alegrias que eles lhe proporcionaram. Dos inesquecíveis momentos graças a eles vividos. Esses ídolos que escreveram, com seus gols, suas defesas, seus passes, sua garra e vontade, a grande história deste 45 anos. Eles eram o alento que torcedores e dirigentes necessitavam para tornar o clube forte. Primeiro, para fazê-lo sobreviver. Depois para lançá-lo na luta pela construção desse grande patrimônio, hoje representado pelo Morumbi. Quem não se lembra da grande linha média formada por Rui, Bauer e Noronha, respeitada em todo o país e até no exterior. Ou dos "velhinhos", Sastre, Zizinho e Gerson que chegaram para dar títulos. Ou, ainda dos dribles desmoralizantes de Luizinho e Canhoteiro. Esses homens escreveram no campo uma história de muita festa, alegria e emoção.

A NOSSA SELEÇÃO

Serginho, Zé Sérgio, Renato, Paulo Cesar, Getúlio, Oscar e Waldir Peres. São sete ídolos tricolores convocados para a Seleção Brasileira. Uma façanha poucas vezes conseguidas por outros clubes. E no talento deles se baseia o grande futebol do São Paulo F. C. de hoje.



Os gols levaram Serginho à Seleção



Na área, um perigo constante

Serginho

Seu físico privilegiado não encontra barreira em defesa alguma, por mais fechada que seja. Seu futebol é alegre, seu toque na bola sempre deixou marcas de gênio. Sérgio Bernardino, o Serginho nascido em São Paulo, em 23 de dezembro de 1953, iniciou a carreira nas equipes inferiores do São Paulo, em 1971. Depois, esteve emprestado ao Marília Atlético Clube, voltando ao Morumbi em 73. Com a

contusão de Mirandinha, em 74, assumiu a posição de centro avançado titular no time revelando-se como um dos maiores artilheiros da história do São Paulo. Os gols de Serginho foram decisivos nas conquistas dos títulos paulista em 75 e 80 e no brasileiro de 77. Considerado como um dos centroavantes de maior capacidade do futebol brasileiro, Serginho é um dos "7 homens de ouro" do São Paulo.



Zé Sérgio, o drible e a velocidade



Zé Sérgio

Drible curto, desconcertante, característica de ponta esquerda que vai até a linha de fundo, sempre marcaram e definiram o seu estilo em campo. José Sérgio Presti, paulista da Capital, nascido em 8 de março de 1957, quando iniciou a carreira nos juvenis do São Paulo era identificado como o "primo do Rivelino". Ganhou a sua própria personalidade e passou a ter o nome respeitado nos quatro cantos do país. Zé

Sérgio, com as suas fintas estonteantes, teve uma participação decisiva na conquista do título paulista em 1980. "Para mim - chegou a confessar aos amigos mais íntimos - foi a mais importante decisão da minha carreira". Um dos convocados para a Seleção, tornou-se grande ídolo da torcida. Em 78 esteve na Copa da Argentina, mas não tomou parte em nenhuma partida.



Só a violência pode parar Zé Sérgio



Renato, um jogador importante na campanha de 80

Renato

Considerado um dos jogadores mais completos na posição. Carlos Renato Frederico, natural de Morungaba-SP, onde nasceu em 23 de fevereiro de 1957, ainda foi um dos destaques da conquista do título paulista de 1980.

Jogador inteligente, muito técnico e bom driblador, Renato foi importante nos esquemas do técnico Carlos Alberto Silva, que o trouxe do Guarani em fevereiro de 1980. O São Paulo pagou Cr\$ 12,5 milhões pelo seu passe, na época a mais cara transferência no futebol paulista.

Renato iniciou a carreira no Buenópolis Futebol Clube da sua cidade. Em 1974, foi levado para o juvenil do Guarani, de Campinas, onde passou a profissional em 1976.

Em 78 ajudou o Guarani a ganhar fama nacional, com a conquista do Campeonato Brasileiro. E, por sua aplicação tática, esteve na Seleção Brasileira que disputou o Campeonato Sul-Americano - Copa América - em 79. Novamente convocado, participou do "Mundialito" e das eliminatórias para a Copa da Espanha, em 82.



Na Seleção disputou o "Mundialito" e as eliminatórias



Paulo Cesar foi convocado para as eliminatórias



Paulo Cesar

O mais novo dos "homens de ouro" do São Paulo, nasceu em Taquaritinga-SP, dia 26 de janeiro de 1960. Seu passe foi adquirido junto ao Botafogo, de Ribeirão Preto-SP, em janeiro de 80.

Paulo César Camassutti é um ponta direita atrevido, que parte para o drible sobre o seu marcador, além de ser bom chutador, fazendo muitos gols. Todas essas características, de um ponta direita de verdade, lhe valeram a convocação para a Seleção Brasileira, que disputou as eliminatórias para a Copa da Espanha, em 1982. Paulo César, com seus dribles, às vezes desconcertantes, foi um dos jogadores mais importantes na campanha que levou o São Paulo à conquista do título de 1980, com o qual ele nunca havia sonhado.

Paulo César sempre confessou que chegou à condição de atleta profissional por acidente; queria ser administrador de empresas. "Mas — explica — agora levo a minha profissão a sério, pois quero ajudar o Brasil a trazer a Copa do Mundo, em 82, na Espanha". Por isso, treina muito, procurando melhorar ainda mais o seu drible, a velocidade e as jogadas de linha de fundo, "as principais qualidades de um verdadeiro ponta".



Suas principais características: rapidez e drible fácil



Oscar

“Quando cheguei ao São Paulo, vindo do New York Cosmos, em julho de 1980, o Campeonato Paulista já estava em andamento e só depois de 15 dias, entrei no ritmo do time”. José Oscar Bernardi, mineiro de Monte Sião, onde nasceu em 20 de junho de 1954, apesar de disputar somente o segundo turno, acabou sendo um dos principais responsáveis pela conquista do título de 80, uma certeza que ele só teve depois que o árbitro deu o apito final do jogo decisivo contra o Santos. Em campo, desde os tempos da Ponte Preta onde começou Oscar sempre mostrou muita classe e seu estilo assemelha-se ao de Mauro Ramos de Oliveira, um marco na história do clube. Capitão do seu time, titular na Seleção, e um dos “homens de ouro” do São Paulo, sua principal característica sempre foi a interceptação de bolas altas na área.



A segurança no “Mundialito”



Oscar, o “capitão” do São Paulo: categoria e segurança



Getúlio, um lateral artilheiro



Desde 74, convocado para a Seleção

Getúlio

As condições de excelente marcador, bom apoiador e um invejável porte físico, fizeram com que o São Paulo o contratasse junto ao Clube Atlético Mineiro, no início de 1977.

Getúlio Costa de Oliveira, mineiro de Belo Horizonte, nascido em 22 de fevereiro de 1954, começou a carreira nos juvenis do Atlético, aos 16 anos, como lateral esquerdo. Com 16 anos já era titular e em 1974 estava convocado para a Seleção Brasileira que disputou as eliminatórias da Copa do Mundo da

Alemanha. Em 77, contra o seu ex-clube, ganhou na decisão do Mineirão o título de campeão nacional pelo São Paulo, na posição de lateral direito, onde conseguiu maior destaque. O chute forte, na cobrança de faltas de longa distância ou com a bola em movimento, sempre foi um ponto forte na carreira de Getúlio. Em 80, já em sua verdadeira posição, a lateral direita, foi novamente convocado para a Seleção, pela qual disputou o "Mundialito", no Uruguai, e as eliminatórias para a Copa do Mundo da Espanha, em 82.



Waldir, bom em qualquer campo



Waldir Peres

Para ele, a conquista do título paulista de 80 tinha um significado muito especial: provar que ainda estava em forma para defender a Seleção.

Waldir Peres Arruda, nascido em Garça-SP, em 2 de janeiro de 1951, goleiro, ágil, inteligente, líder em campo, e com grande elasticidade, foi um dos principais atletas do São Paulo na campanha de 80. Suas defesas deram tranquilidade para que o time chegasse ao final do Campeonato Paulista com a glória de campeão. Ele foi contratado pelo São Paulo

em 28 de agosto de 1973, junto à Ponte Preta, de Campinas, e ganhou o seu primeiro título paulista em 1975, quando mostrou toda a sua categoria e malícia durante a cobrança dos pênaltis.

Em 77 sagrou-se campeão brasileiro, sendo apontado como herói da "batalha do Mineirão". Foi reserva na Seleção Brasileira que participou da Copa do Mundo em 74, na Alemanha, e em 78, na Argentina. Foi titular da Seleção que disputou as eliminatórias para a Copa do Mundo de 82.



Titular da Seleção nas eliminatórias

OS "VELHINHOS" GENIAIS

Considerados em fim de carreira e muito velhos, eles foram contratados pelo São Paulo. E, em épocas distintas, deram à torcida a alegria da conquista de títulos. Sastre, Zizinho e Gerson chegaram e deixaram seus nomes para sempre gravados na história do Tricolor.



Zizinho - "Diário da Noite" - 1958



Gerson, o bicampeonato de 70/71



Sastre, vários títulos

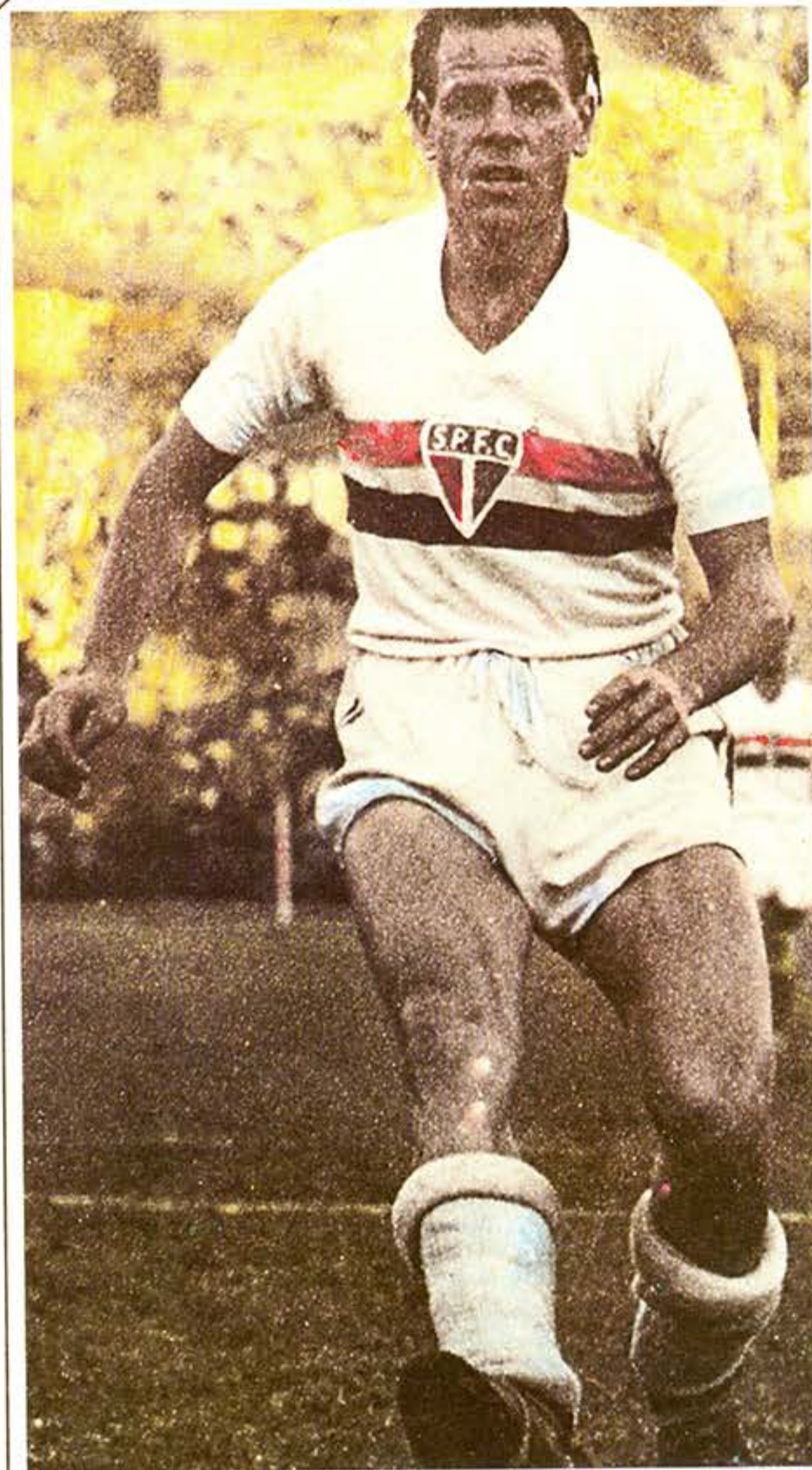
Sastre

Carlito de La Braga, um dos mais veteranos cronistas do futebol argentino, acertou em cheio quando indicou ao São Paulo a contratação de "don" Antonio Sastre, mais conhecido como "El Maestro".

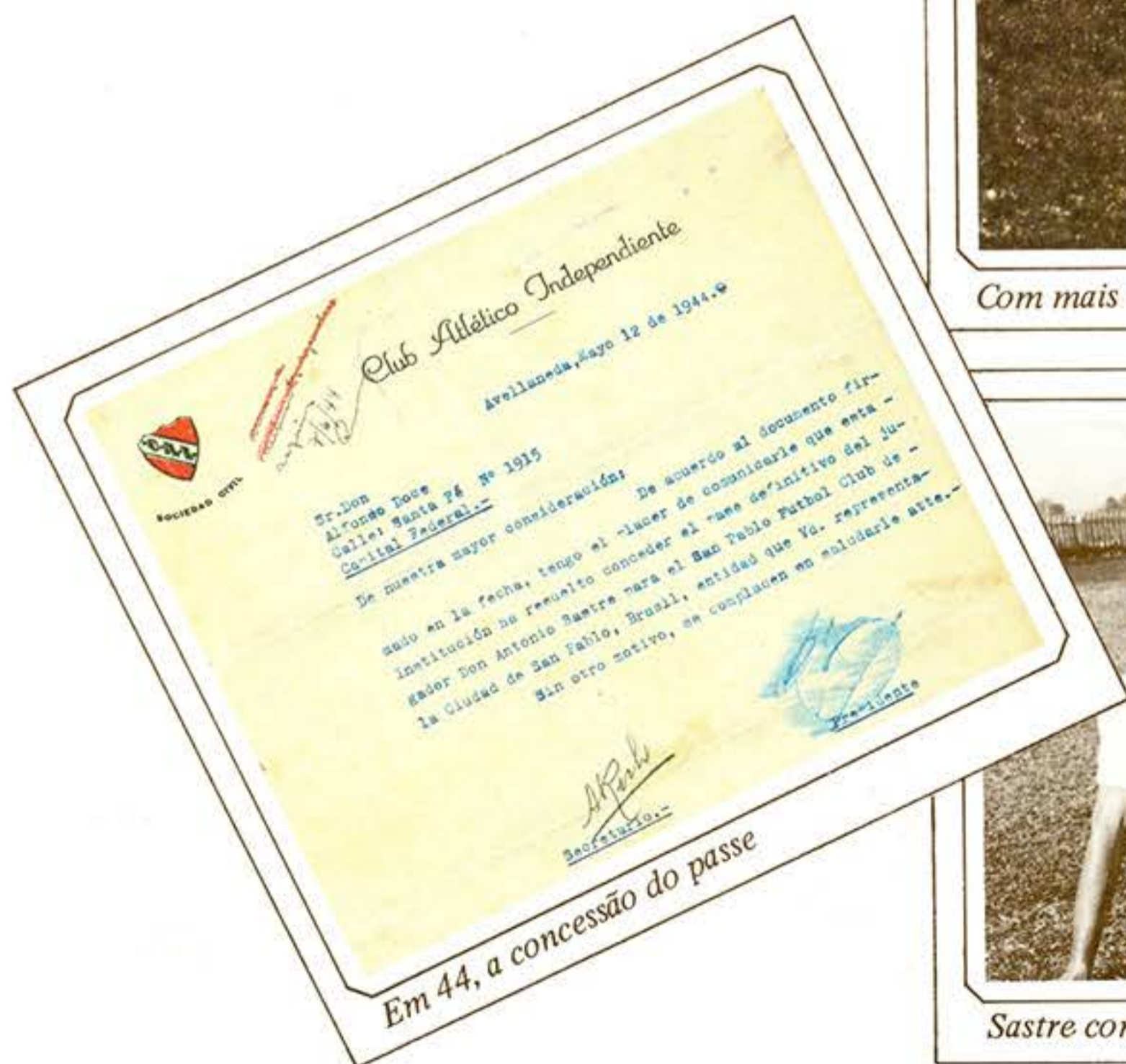
Sastre já havia passado dos 30 anos, mas carregava nos pés, ainda, a chave do gol decisivo, quase sempre no último minuto. Na década de 40, o São Paulo já havia contratado Leonidas, por 200 contos de réis; Remo tinha sido comprado do Santos; do Fluminense, vieram Renganeschi, Gijo e Rui; do Vasco, Noronha; e do Palmeiras, Zezé Procópio. Era um grande esquadrão, que sentia a falta de um cérebro para impulsioná-lo. Por isso, o empenho do empresário Alfonso Doce e do consul

do Brasil em Buenos Aires, Roberto Guimarães Bastos, foi grande para que o C.A. Independiente cedesse a sua maior estrela, mesmo que por empréstimo. Em definitivo era impossível.

Em 15 de março de 1943, o "velhinho" Sastre assinou o seu primeiro contrato com o São Paulo e já no primeiro ano foi um dos artífices na conquista do título paulista, o primeiro da nova fase. Sastre foi bicampeão em 45/46, despedindo-se em 15 de dezembro contra o River Plate, no Pacaembu, numa festa memorável, em que o público deu uma grande demonstração de apreço e simpatia pelo comportamento de "El Maestro". Sastre escreveu uma página gloriosa na história do São Paulo F.C.



Com mais de 30 anos, "El Maestro" trouxe a glória dos títulos



Em 44, a concessão do passe



Sastre com Bauer, muita categoria



SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

"O CLUBE MAIS QUERIDO DA CIDADE"
AV. IPIRANGA, 1267 - 13.º AND. S. A. D. P. A. U. L. O. TELEGR. "TRICOLOR"
FONE: 24-8167 CAIXA POSTAL N.º 1981

Meu caro Fausto,

Está corrigido em Bangu, o meu amigo Feola, enviado por meus amigos companheiros do São Paulo F.C. Disse-me que você tem carta branca no Bangu, onde o Paterson tem orgulho de ser um soldado do Presidente do clube. Sobre o caso Zizinho sobre o que conversamos com Feola a minha opinião para ser submetida a você.

Secho que a fórmula 250 ou 200 a vista e o restante sobre os 400 garantidos por um jogo Bangu x São Paulo em São Paulo, é aceitável.

Sabe que tudo deveremos fazer para chegar a um acordo com o São Paulo Futebol Clube.

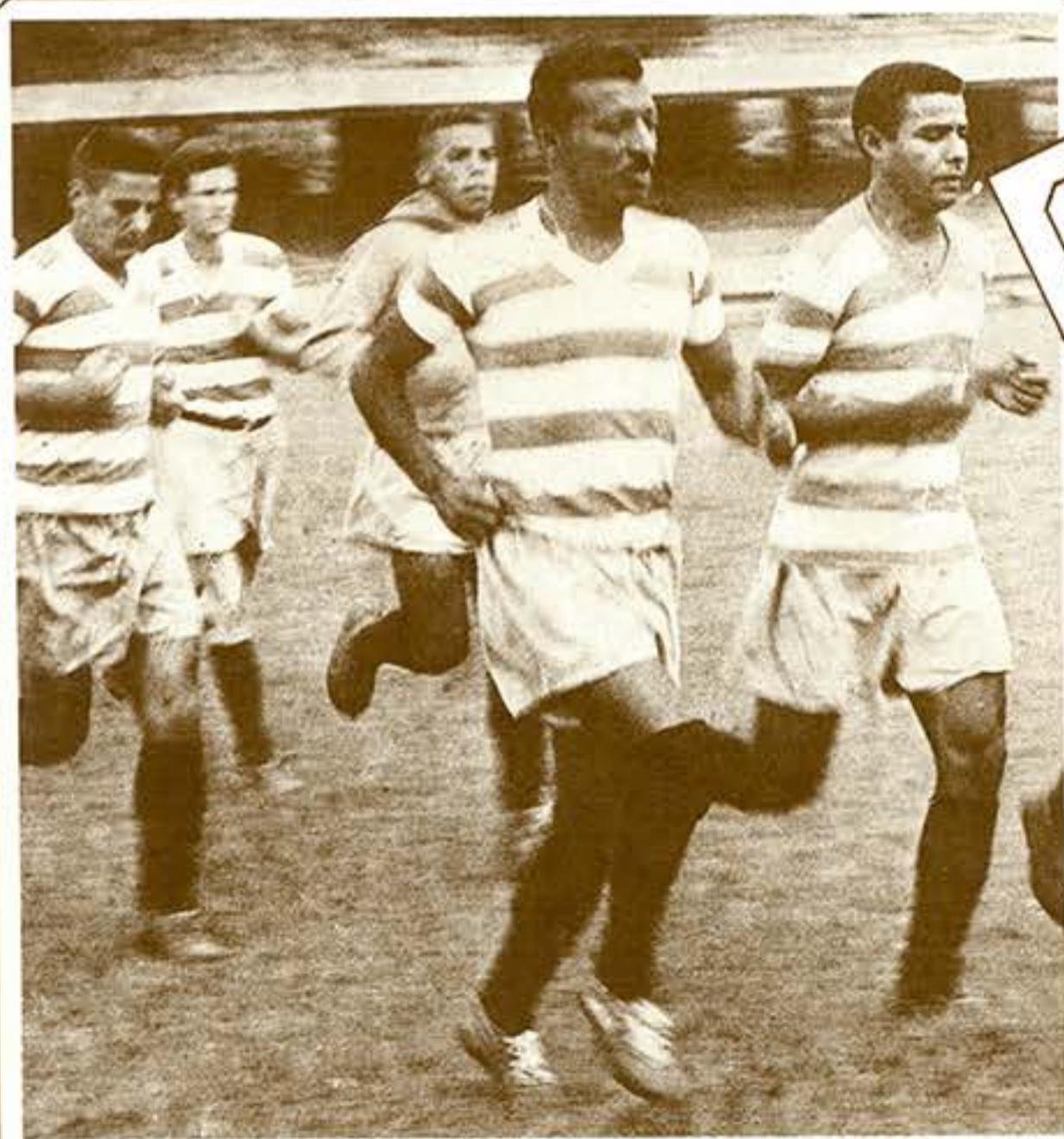
Abracos de

Guilherme

5/11/52

Pacote de 200 de Guilherme da Silveira ao Sr. Fausto de Almeida por Bangu P.C.

Guilherme da Silveira fez tudo para que Zizinho viesse



"Mestre Ziza" comandou a conquista de 57

Zizinho

No instante em que todos pensavam que ele iria se aposentar, como um dos jogadores mais completos do mundo, eis-lo que surge como o ponto de equilíbrio na equipe do São Paulo.

Como Sastre, na década de 40, Thomaz Soares da Silva, Zizinho, de Niterói onde nasceu em 14 de setembro de 1921, foi o cérebro que comandou o esquadrão. Ele chegou em fins de outubro, emprestado pelo Bangu, mas teve o tempo suficiente para levar o time à conquista do título de 1957. Zizinho, pela grandiosidade do seu futebol, ganhou da imprensa e da torcida uma série enorme de adjetivos. Foi chamado de "Mestre Ziza", "Monstro", "Professor" e "Sua Majestade". Zizinho estreou como amador no Carioca

S.C. de Niterói, passando depois para o Byron, da mesma cidade, onde atuou até 1939. No final desse ano, estreou como profissional no Flamengo numa partida internacional contra o Independiente, da Argentina, ao lado de Leonidas da Silva, um dos maiores ídolos em toda a história do São Paulo. Depois de ganhar vários títulos cariocas, Zizinho foi para o modesto Bangu, em 51.

Em 57, Manoel Raymundo Paes de Almeida fez de tudo e, após mandar Vicente Feola ao Rio de Janeiro, conseguiu trazer o craque que daria o título ao Tricolor.

O pouco tempo em que permaneceu no São Paulo foi suficiente para que ele ganhasse o carinho e a admiração da torcida.



Zizinho e Ademar

Gerson

“Futebol é para quem sabe e não para quem quer saber”. Palavra do “Papagaio” um apelido que caracterizou a sua fama de falador.

Gerson de Oliveira Nunes, nascido em Niterói-RJ, em 11 de janeiro de 1941, foi quem mudou o time do São Paulo em 1970. Para muitos, na ocasião, foi uma loucura pagar Cr\$ 900 mil pelo passe de Gerson, já com 29 anos, careca, mas, em campo, correndo, lançando, gritando, comandando, marcando e ganhando, como se fosse um jovem de 18 anos.

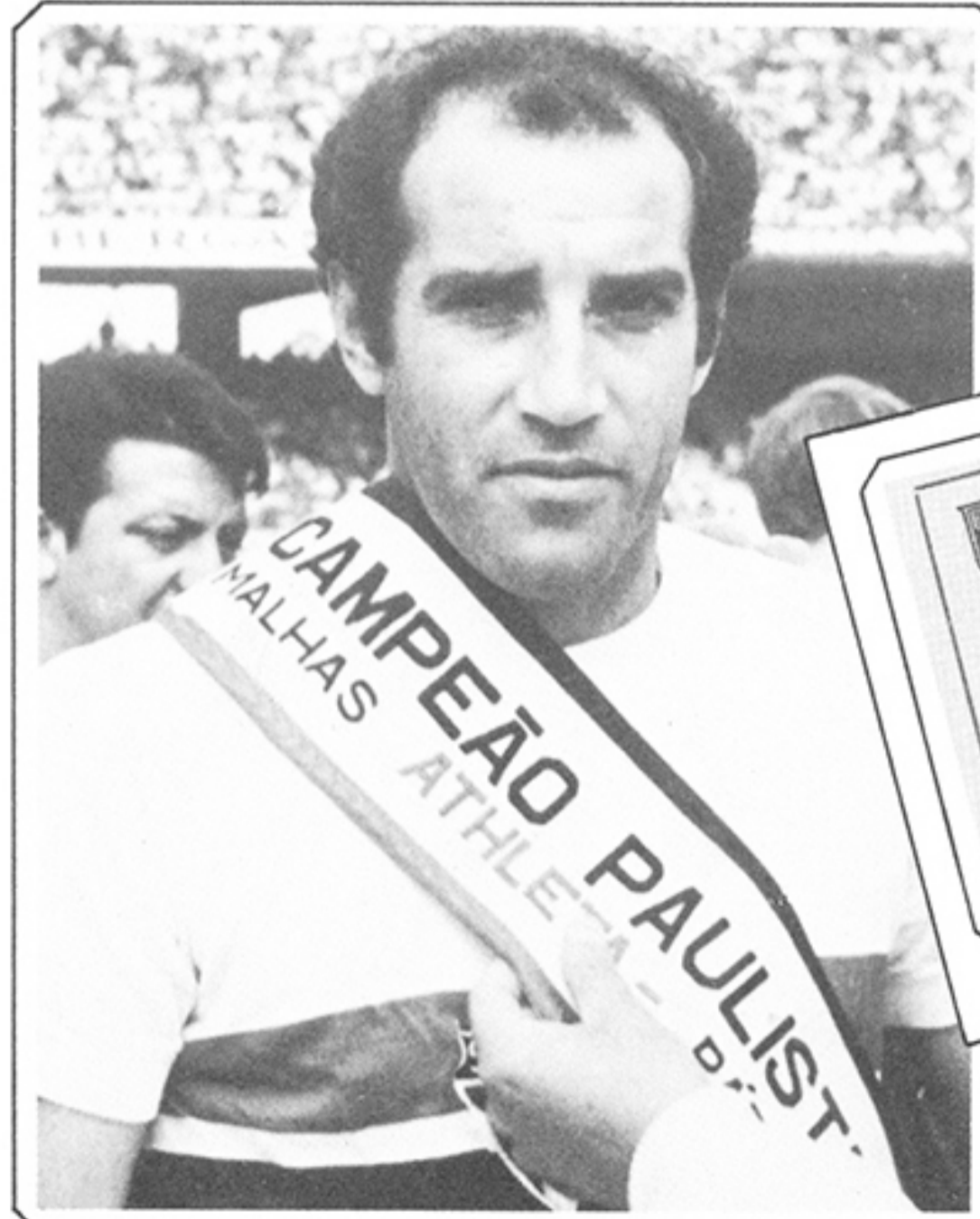
Gerson, em 70 e 71, foi o “don” Antonio Sastre dos anos 40, e o “Mestre” Ziza, quase no final da década de 50, participando das grandes conquistas do São Paulo.

Em 70, no Campeonato Paulista, Gerson participou de poucos jogos. A estréia com uma derrota não abalou o íntimo de Gerson. Foi ele quem deu tranquilidade ao time, quem, com a sua maior experiência, elevou o futebol do São Paulo no início da década de 70, quando foi campeão, chegando ao “bi” no ano seguinte.

Então, depois de dar dois títulos ao São Paulo, foi vendido ao Fluminense pelo triplo dos Cr\$ 900 mil que haviam sido pagos ao Botafogo, pelo seu passe. E, na saída, ele só teve elogios ao clube paulista.



Gerson comandou o “bi” de 70/71



Gerson chegou em 70 para ser campeão



A GRANDE LINHA MÉDIA

Quem não se lembra ou não ouviu falar de Rui, Bauer e Noronha? Eles formaram uma das linhas médias mais famosas do futebol brasileiro. Jogando no São Paulo ou na Seleção, sua categoria, segurança e empenho foram admirados por torcedores de todo o País.



Na Seleção Brasileira



Na Seleção Paulista



Rui e Feola, bicampeões em 49



Em 45, campeão

Rui

O orientador magnífico e técnico por excelência. Suas qualidades em campo eram definidas assim. Com Bauer e Noronha, ele formou uma linha média que os torcedores, carinhosamente, batizaram de "Os três Mosqueteiros", lembrando a união, a presteza e a agilidade dos homens dos filmes de capa-espada.

É Rui Campos, nascido em 2 de agosto de 1922, foi um dos célebres "Três Mosqueteiros" do São Paulo. Seu primeiro contrato foi assinado em abril de 1944, na base de Cr\$ 60 mil de luvas e Cr\$ 800,00 por mês, por três anos. O presidente era o dr. Décio Pacheco Pedroso, empolgado com o time e seus jogadores, já vivendo a expectativa de novas conquistas de títulos. Afinal, apesar de o São Paulo, na época, contar com um ataque arrasador, onde imperava a capacidade de Luizinho, Sastre, Leonidas, Remo e Teixeira, a linha média era, na realidade, o ponto culminante. Rui tinha arte, técnica e beleza no seu jogo. Dava também espetáculo. Em 47, Rui Campos renovou contrato, até 52, quando foi emprestado ao Bangu. Na volta, teve o seu passe vendido ao Palmeiras, por Cr\$ 500 mil.



Bauer

No seu conceito, futebol é a coisa mais importante do mundo. Ele, durante 10 anos, foi o melhor médio brasileiro, formando com Rui e Noronha uma intermediária que se tornou famosa e respeitada até no exterior.

José Carlos Bauer, fruto de uma mistura de raças - alemão e negro, pai e mãe - nasceu em São Paulo, no dia 21 de novembro de 1925, e iniciou a carreira nas equipes infantis do São

Paulo, em 1941. No ano seguinte, no juvenil, conquistou, invicto, o título de campeão. Ao time principal ele chegou em 1944, quando Zezé Procópio deixou a posição. E, com Rui e Noronha, Bauer ficou célebre, conquistando dois bicampeonatos: 45/46 e 48/49. Em 50, na Seleção Brasileira, foi apelidado "O Monstro do Maracanã", pela grandiosidade do seu futebol. Voltou à Seleção em 52 e na Copa de 54, ingressando no Botafogo no ano seguinte.



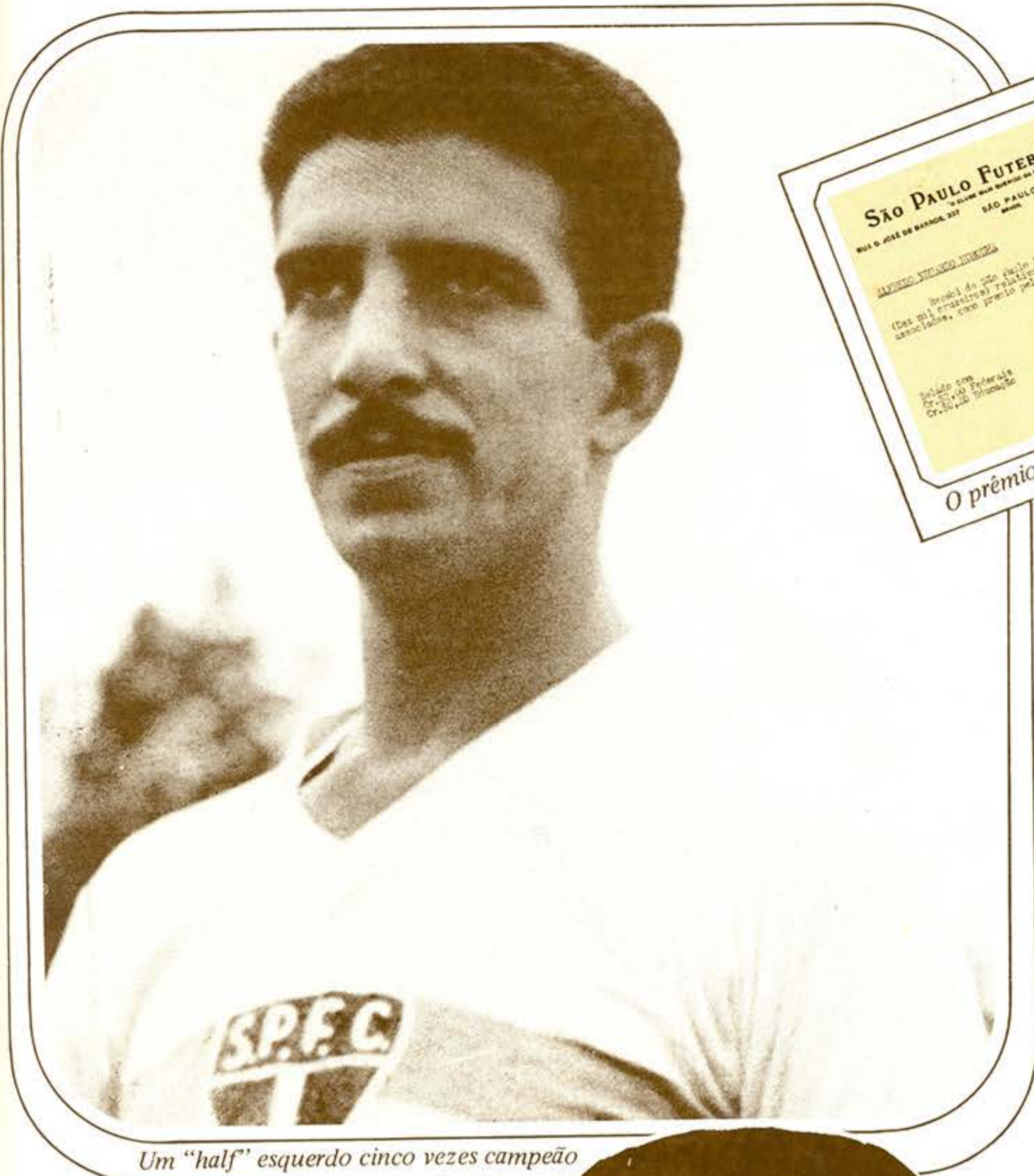
O "Monstro do Maracanã"



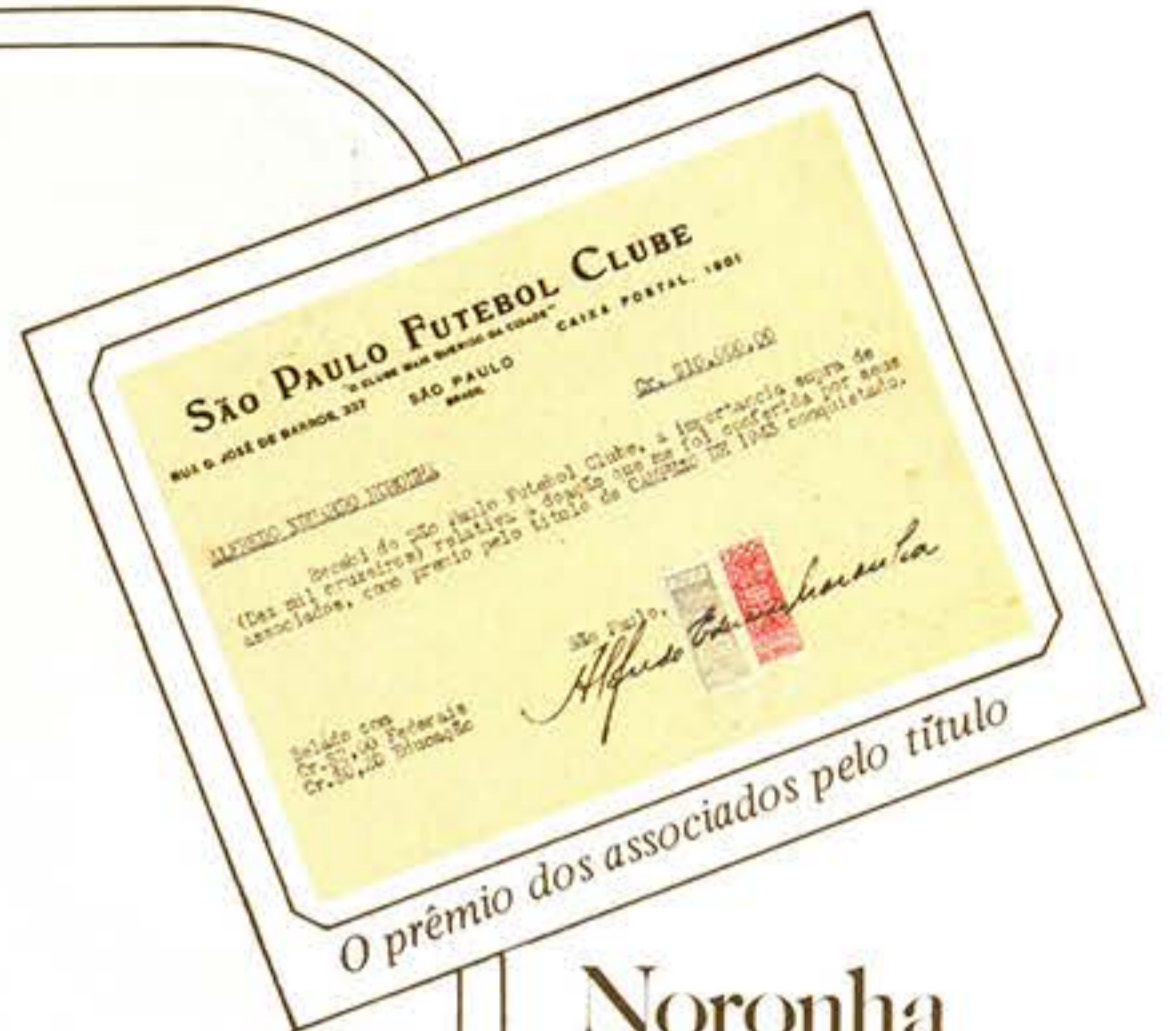
Um troféu na vitória contra o Flamengo, em 54



Bauer, Mauro, Pé de Valsa e Canhoteiro



Um "half" esquerdo cinco vezes campeão



Noronha

No São Paulo, ele ganhou destaque nacional, ficou famoso e conhecido nos quatro cantos do país. Mas a sua vinda aconteceu por vias indiretas: seu clube, o Internacional, de Porto Alegre, não queria vendê-lo por dinheiro nenhum. Alfredo Eduardo Noronha de Porto Alegre, onde nasceu em 25 de novembro de 1918, foi campeão gaúcho em 35, 37, 38 e 39, ano em que o Inter não resistiu mais às investidas dos clubes e acabou vendendo-o ao Vasco da Gama. Ali, Noronha, jogando em todas as posições da intermediária, mesmo campeão em 42, não se deu bem; parecia haver um complô contra ele. Foi quando o São Paulo foi buscá-lo no Rio. Sem muito alarde. Noronha estreou contra o SPR, jogo que terminou empatado em 2 gols. Em 43, ao lado de Zarzur, seu ex-companheiro no Vasco da Gama, Noronha foi campeão paulista com o São Paulo. Depois, surgiram Rui Campos e Bauer, que ganhava a promoção definitiva, formando a maior linha média do futebol brasileiro: Bauer, Rui e Noronha, que depois de campeão em 43, 45, 46, 48 e 49, transferiu-se para a Portuguesa de Desportos.



Joreca e Noronha



"Diário de S. Paulo" - 1948

OS ARTILHEIROS

Desde sua fundação, o São Paulo teve muitos artilheiros. Mas ninguém jamais vai esquecer de Friedenreich, Waldemar de Brito, Leonidas, Gino e Toninho. Com seus gols inesquecíveis, eles ajudaram a escrever as memoráveis conquistas dos 45 anos de história Tricolor.



Friedenreich

Friedenreich "El Tigre"

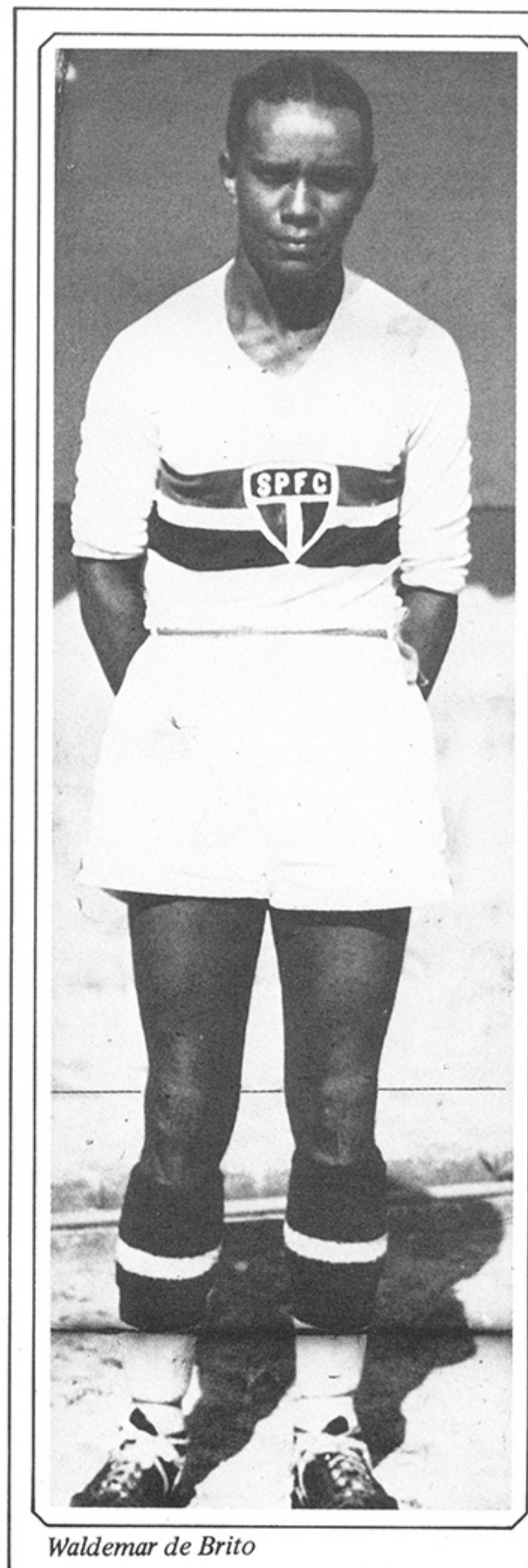
Mulato de olhos verdes e cabelo carapinha, incrivelmente flexível, driblador emérito, de passes perfeitos com a bola rolando na grama, exímio cabeceador de qualquer distância, sua existência de craque, provavelmente, foi a mais longa de todas no futebol brasileiro.

Arthur Friedenreich, "El Tigre", com a camisa da Seleção encantou o mundo, e no São Paulo deixou todos os seus torcedores maravilhados. Fried foi autor de 1.329 gols - recorde tão espantoso que o próprio Pelé sempre duvidou.

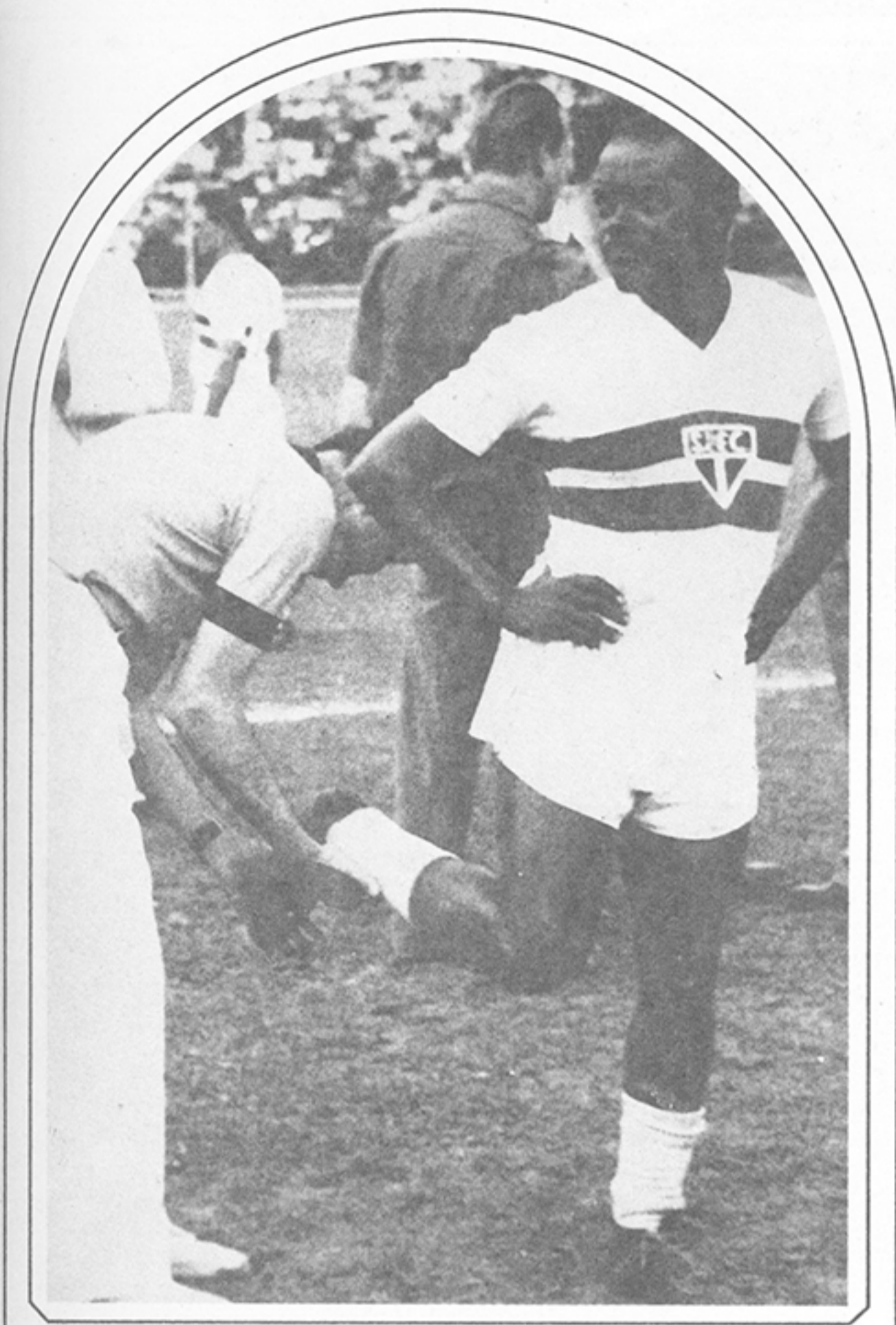
Vindo do Paulistano, ficou no São Paulo da Floresta, levando o time à conquista do título de 31.

Waldemar de Brito

"A principal regra para o jogador ser um autêntico craque é saber lidar com a bola com os dois pés, com a cabeça, com o peito; saber como recebê-la, passá-la, saber onde tocá-la para que ela tenha o destino certo. A bola é o instrumento do jogador, quem não souber manejá-la será tudo, menos um jogador". Pelé aprendeu isso com Waldemar de Brito, um grande goleador que o São Paulo trouxe do San Lorenzo, da Argentina, no início de 42, e que, dois anos depois, vendeu ao Fluminense, onde ele continuou marcando gols.



Waldemar de Brito



Leonidas, quase uma década de gols



Leonidas

O corpo, de costas para o gol adversário, jogado no espaço, e célere, o movimento contínuo das pernas, alcança a bola com um dos pés, jogando-a para o gol. Foi assim que o carioca Leonidas da Silva, nascido em 6 de junho de 1913, inventou o “gol de bicicleta”, hoje famoso em todo o mundo. Leonidas veio para o São Paulo em 1942, comprado junto ao Flamengo por 200 contos de réis, a mais cara transferência na época, no futebol sul-americano.

Sua estréia contra o Corinthians, em 27 de abril daquele ano, levou o maior público de toda a história

do Pacaembu: 74.078 pessoas. Com ele, o São Paulo formou o esquadrão que dominaria toda a década de 40, levantando os títulos de 43, 45, 46, 48 e 49. “Encontrei o melhor ambiente dentro do Tricolor. Com jogadores de alto porte técnico, o São Paulo conseguiu montar uma equipe de gabarito. Logramos feitos retumbantes, dentro e fora do Brasil”, diz Leonidas, que parou de jogar no início dos anos 50, quando se tornou técnico

Leonidas, o “Diamante Negro”, marcou com muitos gols sua passagem pelo Tricolor, e foi o destaque da famosa “década de ouro”.



Rui, Leonidas e Ademir, na Seleção



Em 38, de volta da Copa

— Gino L.
 Gino Orlando
 meu amigo —
 Quando você deixa o nosso São Paulo
 F.C., após tantos anos de glórias esper-
 tas, de um início sempre amigável e
 agradável, sempre o desejo de, sem
 nenhuma satisfação, deixar ao amigo,
 em nome de meus companheiros e no
 meu próprio, os nossos agradecimentos.
 Estou certo de que os seus amigos
 profissionais não grandemente úteis ao
 seu novo clube, graças às suas
 felicidades de sempre, de atleta.
 Beijo o melhor abraço do
 Paulo André

O agradecimento à dedicação de Gino



O ataque de 57: Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro

Gino

Em 60, participou do jogo que inaugurou o Morumbi, sendo dele a primeira bola na trave do novo estádio, aos 43 minutos do segundo tempo. Em 1956, com a camisa da Seleção, ele fez um gol contra Portugal, no Vale do Jamor, que ficou na história: um gol de "bicicleta", que resultou na vitória do Brasil por 1 a 0. No São Paulo, Gino Orlando, nascido no dia 3 de setembro de 1929, foi sempre um exemplo de correção e dignidade. Um dos maiores goleadores na história do clube, Gino, em campo, sempre foi uma preocupação constante para os goleiros. Não era muito técnico, mas sempre mostrou muita raça e valentia, superando, assim, os pontos em que era deficiente. Gino começou a carreira nos amadores do Palmeiras em 49 e um ano depois assinou o seu primeiro contrato como profissional. Esteve no XV de Jaú e depois no Comercial. Em 52 o São Paulo adquiriu o seu passe por Cr\$ 300 mil cruzeiros. Gino foi campeão paulista nos anos de 53 e 57.



Contra o Noroeste, um gol e a contusão





Em Toninho, a marca de um grande artilheiro



O "Guerreiro"

Toninho

Há 13 anos sem um título de campeão, o São Paulo foi buscar os seus gols, em 1969, no Santos, que ele havia ajudado a ganhar o tricampeonato (67/68/69). Antonio Ferreira, o Toninho, nascido em Bauru, em 10 de agosto de 1942, não hesitou em trocar o privilégio de jogar ao lado de Pelé para ratificar, também, no São Paulo a sua condição de goleador.

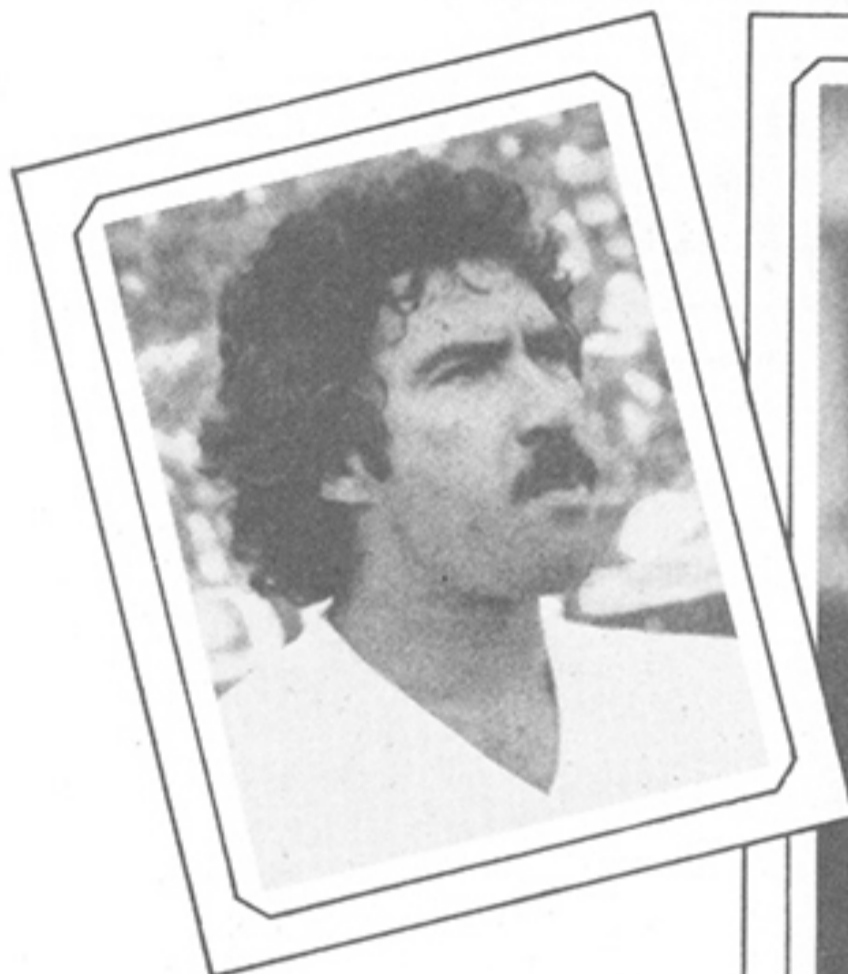
As glórias no Santos já não importavam tanto, e seu desejo era confirmar aos dirigentes santistas que não era um artilheiro em decadência, como pensaram, ao vendê-lo ao São Paulo, por Cr\$ 800 mil. Em 70, ao lado de Gerson, Pedro Rocha, Edson e Forlan, Toninho sagrou-se campeão paulista, sob o comando de Zezé Moreira. Foi o principal artilheiro do Campeonato, com 13 gols. No ano seguinte, tendo Osvaldo Brandão como técnico, ganhou o bicampeonato e um título que nem Pelé tem: penta-campeão paulista. O apelido de "Guerreiro", que ganhou na Vila Belmiro, Toninho justificou no Morumbi. Seus gols sempre foram frutos de batalha, de muita luta. No fim da carreira, voltou ao Noroeste onde tinha começado.



Contra a Ferroviária, um dos muitos gols de Toninho

A RAÇA

A vitória a qualquer custo. Esse sempre foi o lema de dois grandes ídolos do São Paulo: Chicão e Forlan. Eles nunca aceitaram uma derrota. Seus gritos, sua vontade de vencer, sempre empurraram o time. E inúmeras vezes transformaram derrotas em vitórias.



Chicão

Seu estilo é carregado de uma mistura de altivez, força e raça. Francisco Jesuíno Avanzi, natural de Piracicaba-SP, "Chicão" Gavião para alguns, e "El Matador" - apelido que ganhou na Copa da Argentina, em 78 - para outros, não aceita a derrota em campo. E, no São Paulo, ele sempre foi assim, aliás, por todos os clubes onde passou.

A raça sempre caracterizou o seu futebol, desde os tempos de XV de Piracicaba, onde começou a carreira nos juvenis, em 1965. Chicão saiu do XV para o União Barbarense, voltou ao XV e foi parar na Ponte Preta, de onde veio para o São Paulo em 73. Foi campeão paulista em 75 e brasileiro em 77, transferindo-se, a seguir para o Atlético Mineiro. Mas a grande fase da sua carreira está gravada no coração da torcida do São Paulo.



Na frente ou atrás, sempre prevaleceu a raça de Chicão



Forlan nunca deu folga aos atacantes adversários



Forlan

Em campo, ele sempre foi agressivo, violento, nunca desleal. A garra, a raça, foram pontos marcantes na sua carreira, desde os tempos em que defendia o Peñarol ou a Seleção do Uruguai, seu país de origem, onde nasceu em 14 de julho de 1946. Pablo Justo Forlan Lamarque, a "Caveira Simpática", como era chamado carinhosamente pelos seus companheiros no São Paulo, sempre derramou sangue, suor e lágrimas por uma vitória. Contratado pelo São Paulo em 1970, Forlan, como lateral direito, foi um dos responsáveis pela conquista do bicampeonato, ao lado do seu compatriota Pedro Rocha, de Gerson, Edson e Toninho, entre os que mais se destacaram. Voltou a ser campeão em 75 e chorou muito quando teve que deixar o Morumbi na chegada do técnico Rubens Minelli em 1977.

Mas a torcida sampaulina ainda tem bem viva a visão daquele homem alto, desajeitado, gritando, chutando, comandando os companheiros. Ele nunca permitiu a humilhação em campo. Se o time estava perdendo, corria como um possesso, xingava, empurrava os outros jogadores para a frente, em busca dos gols que transformariam a derrota em vitória. Forlan foi assim; tanto na Seleção do Uruguai como no São Paulo: um lutador em busca da vitória.

A CATEGORIA

O toque sutil, o lançamento de cabeça erguida, eles simbolizaram a categoria dos muitos craques que passaram pelo São Paulo. Dino e Rocha encantavam a torcida de qualquer time. Eles eram elegantes até para fazer faltas. Em seus pés, a bola era tratada com carinho.

Dino

Seu toque na bola tinha muita malícia e picardia. Bem poucos mostravam em campo a sua categoria. Dino Sani, nascido em São Paulo, tinha que ter a sua vida ligada ao futebol. Começou na varzea e chegou a ser um dos maiores jogadores do São Paulo, clube que o projetou nacional e internacionalmente. Dino chegou para o São Paulo em 1953, ano que se tornou campeão paulista pela primeira vez. Mas antes passou pelo Palmeiras, onde foi do infantil a profissional, depois emprestado ao XV de Jau, de onde o

Tricolor o trouxe pagando pelo seu passe 150 contos de reis. No São Paulo, Dino colecionou um sem número de títulos da mais alta importância. Em 57 foi convocado para a Seleção Brasileira, como reserva de Zizinho e em 58 participou da Copa do Mundo na Suécia, saindo do Brasil como titular da posição, que acabou com Zito. Em 61, por 25 milhões, foi vendido ao Boca Jrs., da Argentina, onde ficou pouco tempo, sendo negociado com o Milan, da Itália, onde se sagrou campeão italiano, campeão europeu e vice-campeão do mundo de clubes.



A bola, sempre bem tratada

Rocha

Excelência, visto que, além do mais, há funcionários, de toda a categoria, os senhores Ribeiro Leite, pretendendo transferir-se para o Rio de Janeiro, onde vive sua família.

Na certeza, e mais absoluta, da compreensão de Vossa Excelência, que, naturalmente, desejarei colaborar para que um dos grandes atletas do País tenha a tranquilidade necessária para bem prosseguir numa e noutra carreira, subscrovo, desejando a Vossa Excelência, e Excelentíssimas as pias, os melhores votos de saúde e felicidade pessoal.

Cordialmente,

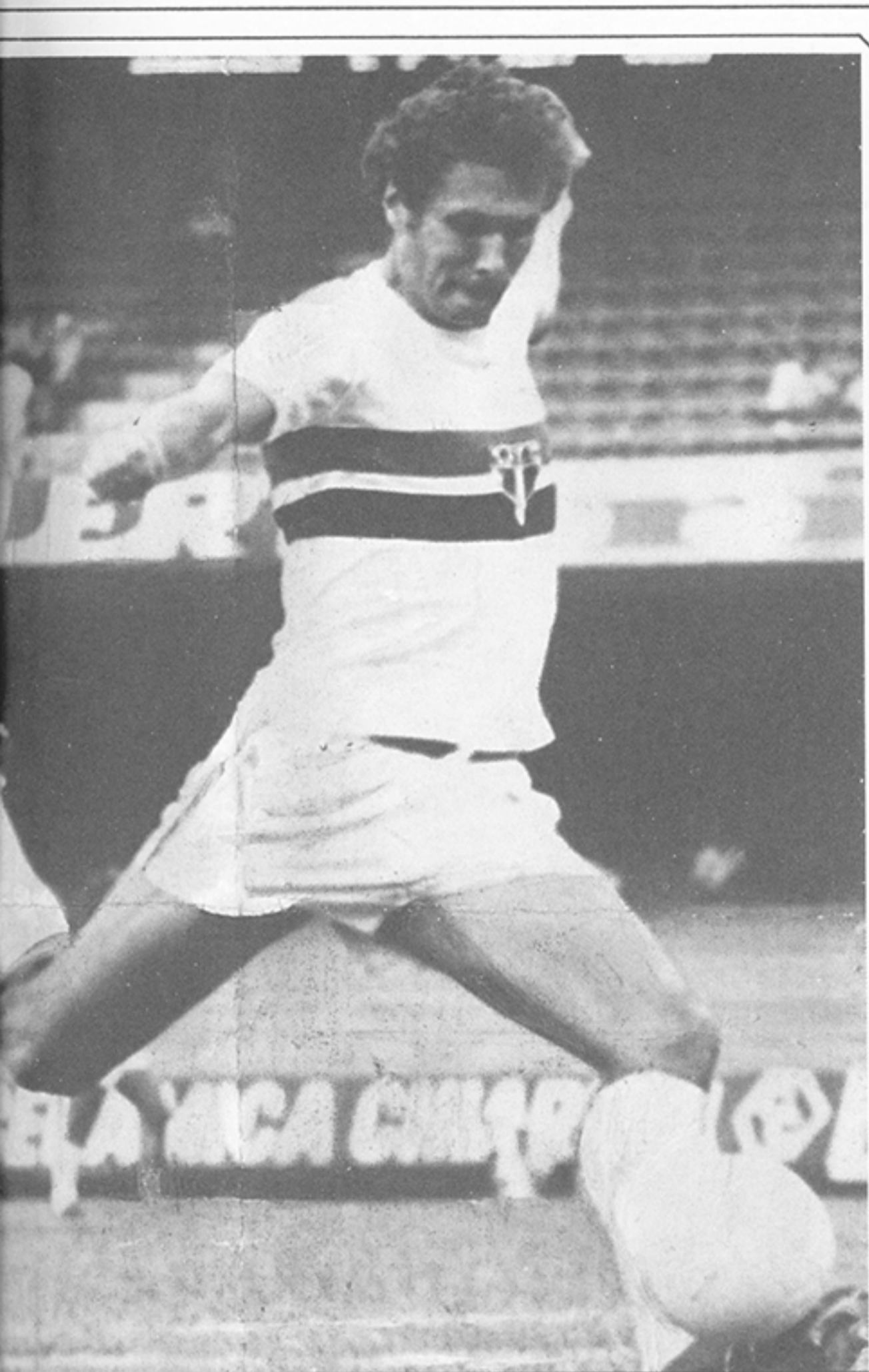
 Paulo Augusto Ciani
 Lado nº 41
 Presidente

ao
 Excelentíssimo Senhor
 DOUTOR JÂNIO DA SILVA QUADROS
 Magnífico Presidente da
 REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
 BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

Um pedido a Jânio Quadros



A categoria de Dino, uma tranquilidade para Poy



Rocha

Ele chegou para o São Paulo, em setembro de 1970, com a responsabilidade e a grande credencial de ser um dos maiores jogadores uruguaios de todos os tempos. Pelé chegou a incluí-lo entre os cinco maiores craques do mundo, tanta era a arte e a categoria de seu futebol.

Pedro Virgílio Franchetti Rocha, nascido em Salto, Uruguai, a 3 de dezembro de 1942, era um namoro antigo do São Paulo. Bem antes da sua presença na Seleção do Uruguai, que disputou a Copa do Mundo no México. O passe de Rocha custou, na época, Cr\$ 870

mil. Alto, magro, elegante, tranquilo ao falar, tímido ao sorrir, ele escreveu com letras de ouro toda a história no Morumbi. Seus gols, seus dribles, toda a arte que revelava em campo, sempre tiveram os aplausos e o respeito dos torcedores do São Paulo. No meio de campo, ao lado de Gerson, Rocha foi um dos responsáveis pelas conquistas de 70/71.

Sob o seu comando, o São Paulo, um time de jogadores novos, conquistou o campeonato de 75. Deixou o time em 77, com a chegada de Minelli.



Atacando ou defendendo, sempre elegante



Setembro de 70: Rocha é apresentado aos companheiros

O DRIBLE

Quando eles pegavam na bola, a torcida já se manifestava. Ia ter início um "show" à parte, com beques caídos, dando chutões e não conseguindo parar aqueles endiabrados dribladores. Primeiro, Luizinho, pela ponta direita. Depois Canhoteiro, pelo lado esquerdo.

Luizinho



Ele foi um ponta direita cheio de truques dentro do campo. Driblava para os dois lados, deixando seus marcadores atônitos, sem saber o que fazer. Seu estilo era incomparável. Luis Mesquita de Oliveira, nascido no Rio de Janeiro, em 1911, ingressou no São Paulo da Floresta em 1930, na primeira fase

da vida do clube. Em 34, por ter viajado à Europa sem licença do clube, foi eliminado, e idêntica punição sofreu por parte da F.B.F. Regressando ao Brasil em 35, depois de jogar no Estudantes Paulistas ingressou no ex-Palestra, onde jogou até 1941. No decorrer do certame de 41, se indispôs com os alvi-verdes, ganhou uma ação judicial no Tribunal e passou a jogar pelo São Paulo, onde sagrou-se campeão nos anos de 43, 45, 46. Em 34 e 38, Luizinho defendeu a Seleção do Brasil que participou das Copa do Mundo na França e na Itália. Já veterano em 45, ele era ainda uma das grandes estrelas de um time cheio de craques.



Luizinho viajando com o time, em 44



Com Sastre e Teixeira, campeões



O titular de vários anos



Na Seleção Paulista



Maurinho, Canhotoeiro e Gino

Canhotoeiro

O drible desconcertante, o cabeceio certo, o chute raso, quase sempre sem dar chance de defesa ao goleiro, o passe perfeito, a alegria do gol. Uma variedade de estilos, como se fosse um coquetel preparado para o mais fino gosto. Assim foi José Ribamar de Oliveira, Canhotoeiro, maranhense de São Luís, onde nasceu em 24 de setembro de 1933. Meio irreverente, quase sem juízo, Canhotoeiro era tão inconsequente quanto os seus dribles. Seu passe foi comprado junto ao América, de Fortaleza, onde se projetou para o futebol, em

1954, por cem mil cruzeiros antigos. Antes, Canhotoeiro fora motorista de caminhão, profissão que trocou pelo futebol. Canhotoeiro veio para substituir Teixeira e estreou em 55 contra a Caldense. Em 56 estava na Seleção Brasileira e no ano seguinte sagrava-se campeão paulista.

Em 60, participou da inauguração do Morumbi e ainda jogou no São Paulo até 63, quando, depois de uma séria contusão, foi vendido ao futebol mexicano, onde ficou pouco tempo.



Marcar Canhotoeiro, missão quase impossível



A personificação do drible

A VELOCIDADE

Bola lançada à frente pelas pontas. Na direita, Maurinho. Na esquerda, Teixeirainha. Eles sempre chegavam na frente dos beques. Quando os dois jogavam, a grande preocupação dos adversários era conseguir segurá-los. A sua velocidade era um perigo constante.

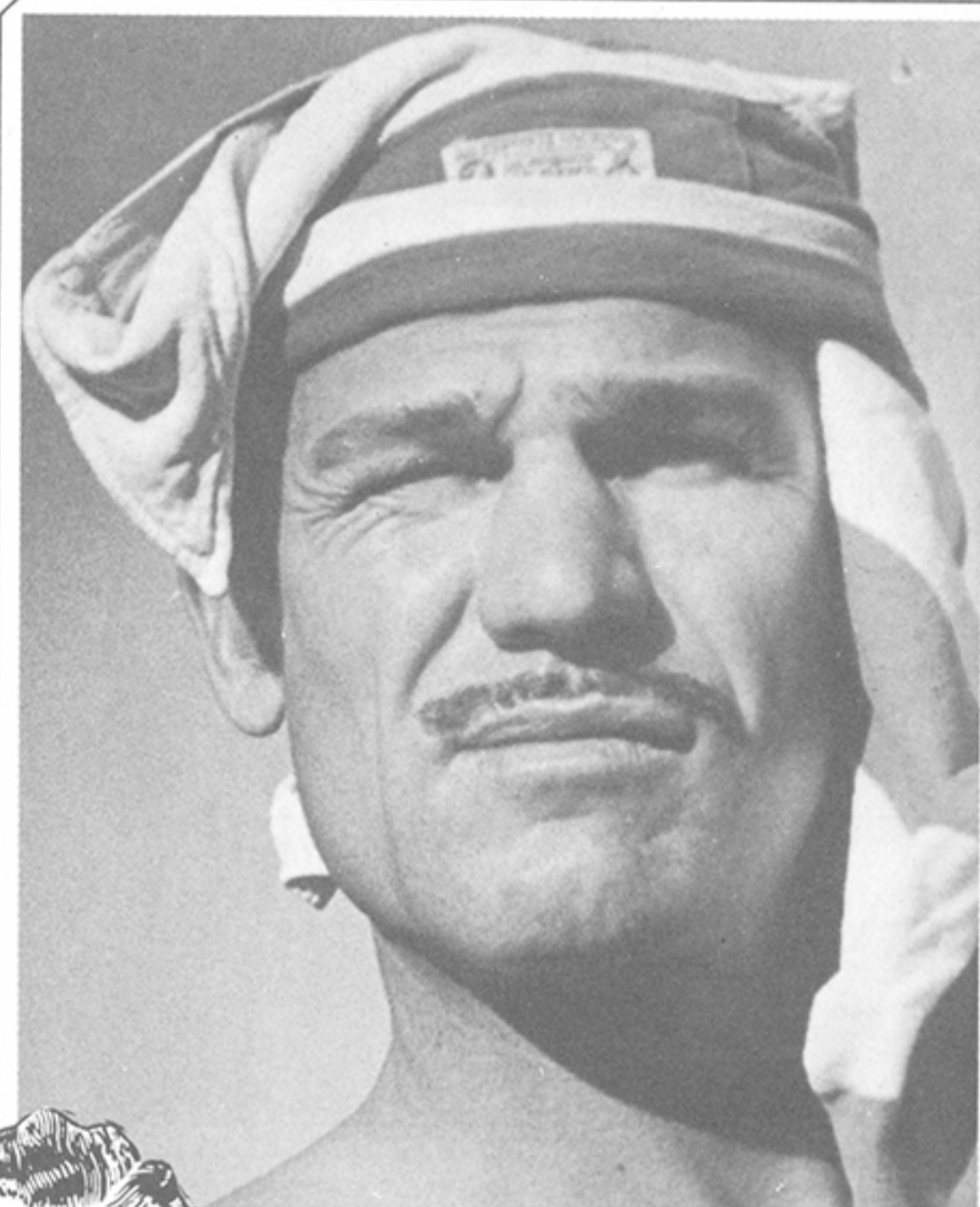
Teixeirinha

Como meia armador, ele tinha poucas chances de usar o seu grande potencial: a velocidade. Perdia-se ali no meio de campo, embora demonstrasse ser um jogador criativo. Mas, para Eliseo dos Santos Teixeira, paulista do bairro de Vila Anastácio, onde nasceu em 4 de março de 1922, faltava alguma coisa.

Foi Joréca quem descobriu a verdadeira posição de Teixeirainha, que estreou com a camisa do São Paulo em 18 de agosto de 1939, época ainda do amadorismo. Ele atuava nas duas meias e no comando do ataque. Nem sonhava ainda com a ponta esquerda. Em 1940, assinou o seu primeiro contrato como profissional. Ele fazia de tudo na vida,

além de jogar futebol. Chegou até a ganhar dinheiro como bicheiro e como operário de muitas fábricas. Só em 42, quando assinou o seu segundo contrato, em bases bem melhores, foi que se dedicou exclusivamente à bola. Era difícil marcar Teixeirainha, de posse da bola, ele parecia um bólido no gramado, corria como se fosse uma gazela, deixando atrás de si um rastro e a marca de um craque.

A sua estréia no primeiro quadro do São Paulo aconteceu em 1941 contra o Gymnasia y Esgrima, numa vitória por 4 a 2. Teixeirainha foi o atleta que mais jogou pelo São Paulo. Foram 15 anos de aplausos e glórias, reconhecidas pela torcida.



Teixeirinha, 15 anos de São Paulo



O recibo de "luvas", em 42

"Diário da Noite" - 1948



A rapidez e o chute forte



Maurinho, a arrancada irresistível

Maurinho

Um misto de Leonidas e Waldemar de Brito. Assim os críticos procuravam definir o futebol hábil e veloz daquele ponta direita do São Paulo. De fato, Mauro Rafael, o Maurinho, nascido em 6 de junho de 1933, na cidade de Araraquara-SP, era o grande artilheiro que estava faltando no início da década de 50. No conceito da torcida, ele estava para o São Paulo, como Ademir de Menezes para o Vasco da Gama, e Zizinho para o Bangu. Maurinho ficou bem pouco tempo em Araraquara. Passou para o Guarani, sem provocar na época, qualquer interesse na imprensa esportiva.

Depois de ter superado a fase de jogador comum, seu futebol começou a atrair

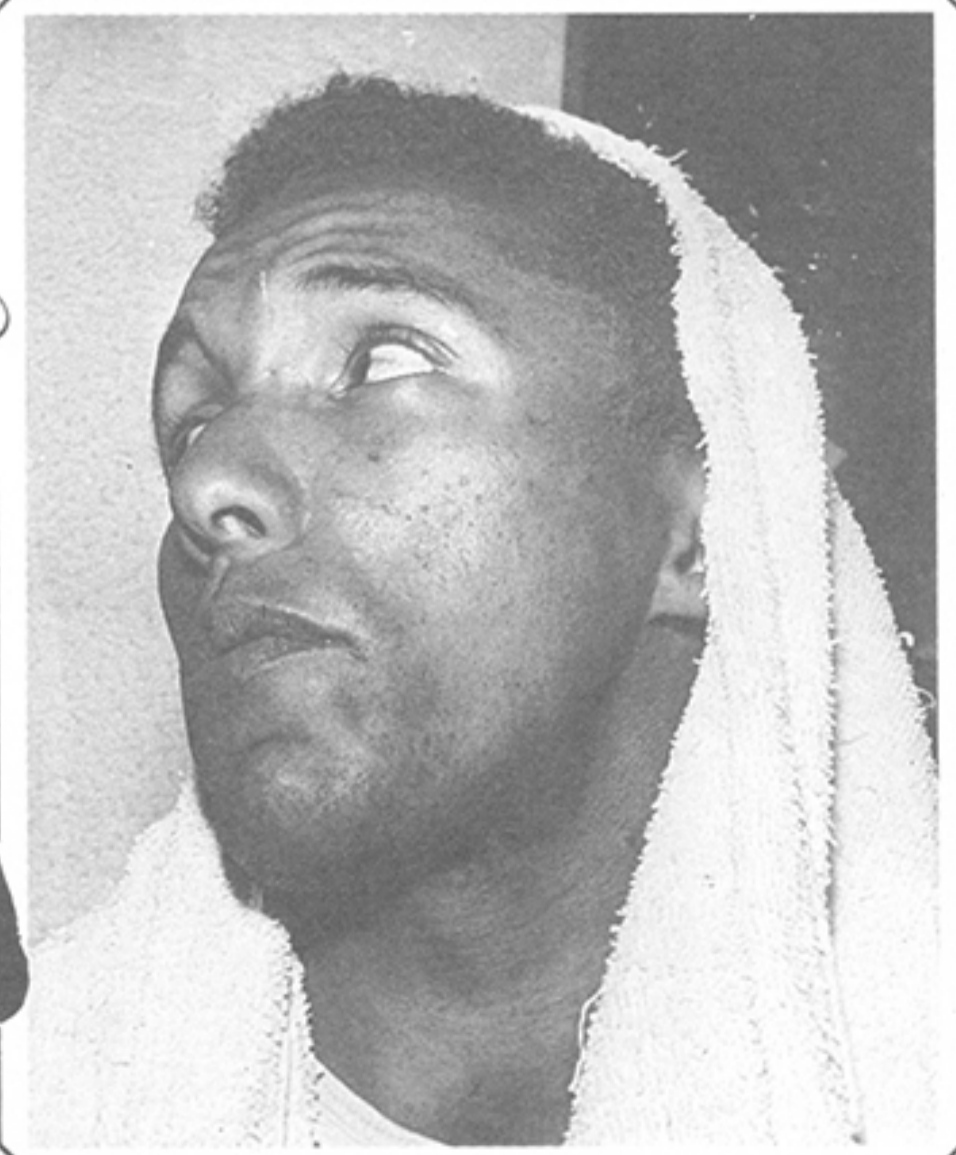
as atenções do São Paulo e Corinthians. Mas foi o São Paulo quem ganhou essa corrida, refletindo nas negociações a mesma velocidade do ponta nos gramados. Contra o Palmeiras, com a camisa do Guarani, Maurinho fez "misérias" no Pacaembu.

Isso bastou para que a Diretoria do São Paulo desembolsasse 600 mil cruzeiros na compra do seu passe. Em 1953, na conquista do título paulista, Maurinho foi um dos maiores destaques do time. Em 54, foi convocado para a Seleção Brasileira, que participou da Copa.

E em 57, era outra vez campeão paulista. Depois, foi vendido ao Fluminense.



A corrida, sempre para o gol



Maurinho, duas vezes campeão

A SEGURANÇA

Raçudos ou clássicos, mas, acima de tudo uma garantia de segurança, eles se tornaram ídolos sampaulinos, na luta para impedir os atacantes adversários de marcar. Da força de Piolin à categoria de Dias, o São Paulo teve zagueiros que marcaram sua presença na história.

Piolin

“Casa Branca, 21 de janeiro de 1944. Dr. Décio: Acuso o recebimento do seu telegrama no qual o sr. me avisa que terminaram as férias e pede a minha volta porque recomeçaram os treinos. Sinto não poder atendê-lo pelo seguinte: dia 16 meu mano começou com uma dúvida na garganta, e como piorasse e fazem 4 dias que nem água ele engole...” Que jogador seria tão correto e honesto a ponto de dar explicações para justificar a sua falta no clube? Laurindo Furlani, Piolin, beque do São Paulo na década de 40, foi um exemplo de correção.

Foi dele a carta ao dr. Décio Pedroso, justificando a sua ausência na volta das férias. Uma justificativa que a Diretoria do São Paulo aceitou, sentindo a preocupação e o carinho do seu atleta para com sua família.

No campo, Piolin, ao lado de Virgílio ou de Renganeschi, foi sempre um marcador implacável, dando poucas chances aos seus adversários. Piolin, foi campeão paulista em 43 e bicampeão em 45/46. A partir de 47, cedeu o lugar a Rui, que formaria com Bauer e Noronha uma linha média que marcou época.



Um marcador implacável



Piolin, muita dedicação ao clube



Como marcador de ponta, a consagração



No começo, meia direita



De Sordi

Por incrível que pareça ele começou como meia direita, no Palmeirinha de Piracicaba, onde nasceu em 14 de fevereiro de 1931. Era amador. Depois, já no XV de Novembro da sua cidade, onde fez o primeiro contrato como profissional, Nilton De Sordi, descendente de italianos, jogou como zagueiro central. O seu tamanho não ajudava, por isso Haroldo Ferreira, seu técnico, lhe sugeriu a posição de lateral.

Foi marcando ponta que De Sordi veio para o São Paulo, em 1952, e tornou-se dono absoluto da posição. Era difícil superar a marcação de De Sordi. Em 53, primeiro título de campeão no São Paulo. Seu nome sempre esteve incluído entre os craques da Seleção Brasileira, conquistando o Campeonato Mundial de 58, onde só não jogou a última partida, por contusão.



De Sordi, Mauro e Dino, campeões do mundo



Mauro

Sua postura em campo chamava tanto a atenção que a partir de 1954 deram-lhe o apelido de "Marta Rocha". Mauro Ramos de Oliveira, mineiro de Poços de Caldas, onde nasceu em 30 de agosto de 1930, foi um dos zagueiros mais elegantes, dentro de campo, de que o futebol paulista teve conhecimento. Veio para o São Paulo em 1948 e nesse ano, em substituição a Armando Renganeschi, tornou-se campeão paulista. No ano seguinte tornou-se bicampeão e na Copa do Mundo, de 1950, foi um dos integrantes do elenco brasileiro como reserva de Juvenal.

Zagueiro que jogava de cabeça erguida, Mauro jamais usou de violência no desarme a um adversário, embora fosse vigoroso e enérgico nas suas intervenções. Em 1960, transferiu-se para o Santos, onde encerrou uma carreira de sucesso.



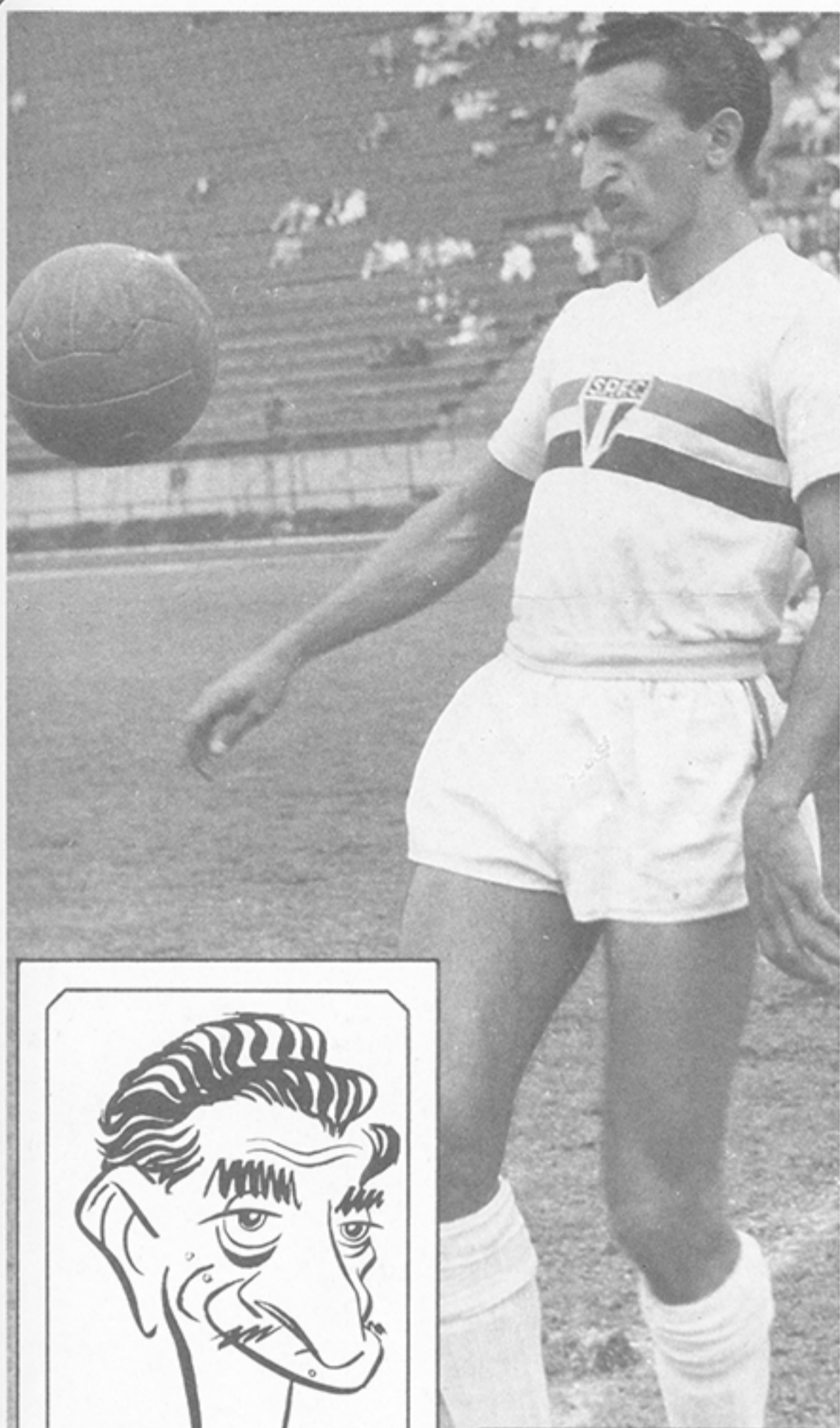
Mauro, o "capitão" da Copa de 62



Com Bela Gutman, campeão em 57



A elegância em campo



Alfredo

As pernas finas e compridas pareciam tentáculos que buscavam a bola onde ela estivesse, mesmo nos pés do mais habilidoso atacante. Daí, o apelido: "Polvo".

Em 1950 o São Paulo foi a Santos tentar a contratação do centroavante Antoninho. Mas acabou trazendo Alfredo Ramos.

O passe custou Cr\$ 28 mil e a preocupação da maioria era saber onde Alfredo jogaria: no lugar de Bauer? de Rui? ou de Noronha? A intermediária do São Paulo era a mais famosa do futebol paulista e, até, do brasileiro. A sorte foi que Alfredo Ramos jogava em qualquer lugar

daquele setor e não apenas na lateral esquerda, em lugar de Noronha, como todos pensavam. Em cada jogo, por motivo de contusão deste ou daquele, Alfredo jogava numa posição. Até que Noronha e Rui saíram sobrando duas vagas - do lado direito, entrou Pé de Valsa, contratado do Fluminense do Rio de Janeiro; no centro ficou Bauer e no lado esquerdo, lugar de Noronha, entrou Alfredo definitivamente, acabando por ser convocado para a Seleção Brasileira que, em 53, disputou o Sul-Americano, em Lima. Não ganhou o torneio, mas teve a felicidade de sagrar-se campeão paulista pela primeira vez. Jogou no São Paulo até 57.



"Diário da Noite" - 1954



Com Bauer, Alfredo completou a linha média campeã de 53



Belini

Ele não brincava em serviço e a bola não parava na sua área. Por isso, o chamavam de “grosso”, jogador sem nenhuma habilidade técnica. Oposto de Mauro Ramos de Oliveira, Hideraldo Luís Belini, nascido em 7 de julho de 1930, deixou marcada a sua passagem pelo São Paulo, onde conquistou dois títulos importantes: torneio de Florença e Pequena Copa do Mundo, em Caracas, em 1963.

Belini, apesar de não ser técnico, foi sempre uma segurança na defesa, desde o início da sua carreira, no Itapireense, em 1947, e na Esportiva Sanjoanense, em 49. Em 1952, o Vasco da Gama, do Rio, pagou ao clube de São João da Boa Vista Cr\$ 500 mil pelo passe e levou Belini. Ali, ele alcançou a consagração, a a ponto de em 1958 ser convocado para a Seleção Brasileira que disputou a Copa do Mundo na Suécia. Belini, como capitão do time, foi quem ergueu a “Jules Rimet”, taça que marcou a primeira grande conquista internacional do futebol brasileiro.

Em 62 veio para o São Paulo, onde foi um exemplo de dedicação, muita raça e segurança.



Belini, segurança e seriedade



Com Feola e Gilmar em 58



Em 68, a despedida do São Paulo



Dias parou por causa do coração



Dias

Por indicação da Federação Paulista de Futebol, o seu nome foi apontado ao Departamento de Educação Física do Estado como o Atleta do Ano de 1967. Nada mais justo, um prêmio à devoção e vocação de Roberto Dias Branco, nascido em São Paulo, no dia 7 de janeiro de 1943.

Dias foi um dos maiores quarto-zagueiros que já vestiram a camisa do São Paulo. O próprio Pelé nunca negou os momentos difíceis que encontrou no gramado para superar a marcação de Dias, um jogador técnico, bastante habilidoso e leal com os seus adversários. A convite de Vicente Feola, ele iniciou a sua carreira no São Paulo, em 1959, integrando as equipes infanto-juvenis. Em 60, ele era convocado para a Seleção Brasileira, que foi a Roma disputar o Torneio Olímpico. Gerson, mais tarde também uma das grandes estrelas de São Paulo, era o seu companheiro.

Em 70, foi campeão pelo São Paulo, onde jogou até o ano seguinte quando teve que encerrar a carreira, com um problema no coração.



DE AUTORIZAÇÃO A FAVOR DO MENOR ROBERTO DIAS BRANCO.....

N.º 114-SE
Proc.º 300-5
AABJ.-

O DOUTOR ALDO DE ASSIS DIAS,-

JUIZ de Direito

da Vara Privativa de Menores da Comarca da Capital do Estado de São Paulo, dos Estados Unidos do Brasil, autoriza, pelo presente alvará, O TRABALHO DO MENOR ROBERTO DIAS BRANCO, COM 17 ANOS DE IDADE, FILHO DE OSWALDO DIAS BRANCO E LENI CARNEIRO BRANCO, RESIDENTE NESTA CAPITAL, À RUA CANINDÉ Nº 593, COMO ATLETA DE FUTEBOL PROFISSIONAL DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE, COM SEDE NESTA CAPITAL À AV. IPERANGA Nº 1267, DEVENDO SER OBSERVADAS, RIGOROSAMENTE, AS DEMAIS DETERMINAÇÕES CONSTANTES DA PORTARIA EM VIGOR.- DADO E PASSADO NA SEÇÃO DE EXPEDIENTE DA SUBSECRETARIA DESTE JUIZADO, CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, AOS 18 DE MAIO DE 1960.....

O JUIZ DE MENORES TITULAR,

(ALDO DE ASSIS DIAS)-



Um alvará para poder jogar



Mais de 10 anos no São Paulo



Dario

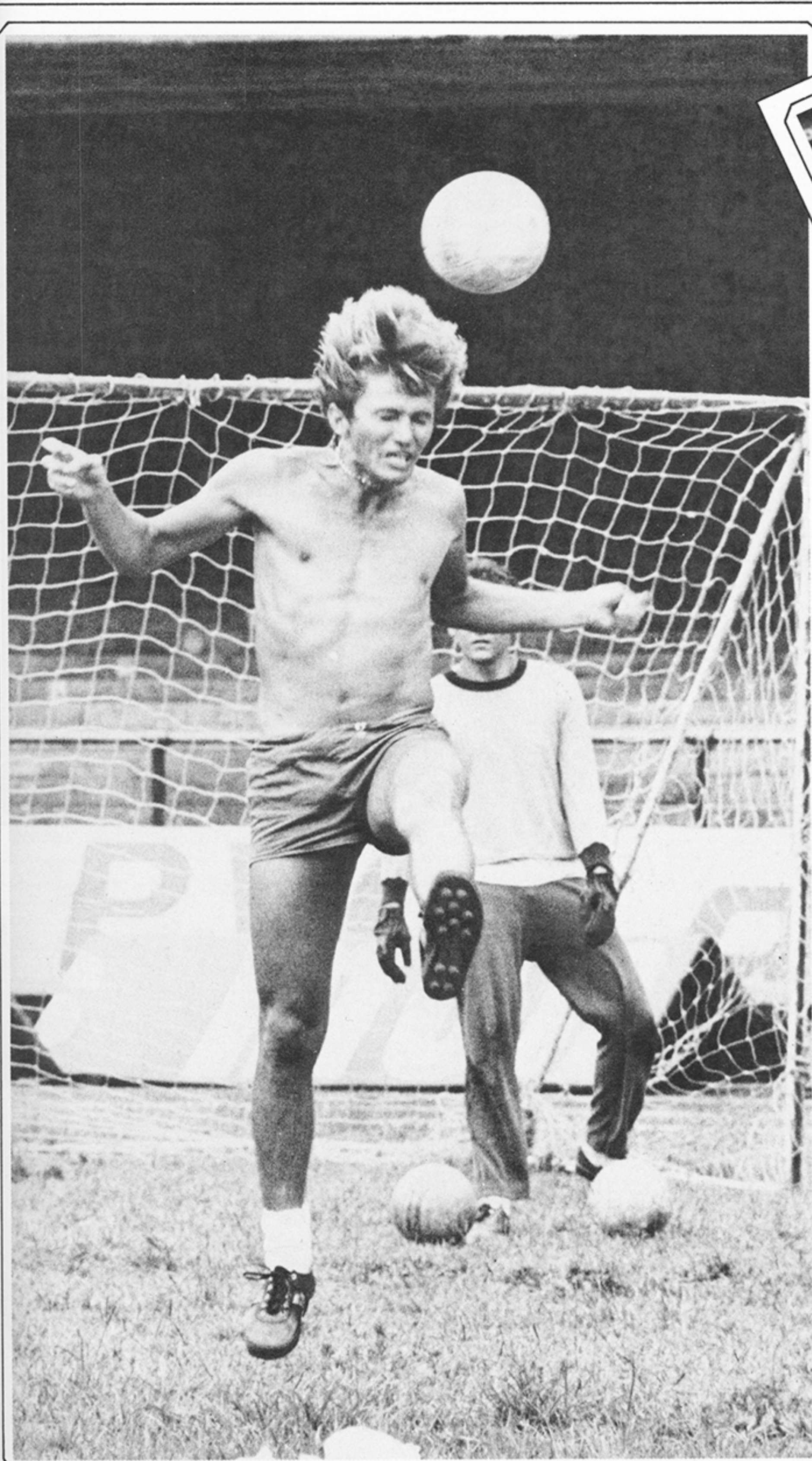
Os vinte jogos disputados com a camisa da Seleção do Uruguai, com 14 gols marcados, e a posição de destaque que ganhou no time do Nacional, foram as principais credenciais para que o São Paulo se empenhasse em trazê-lo para o Morumbi. Até uma lei, que impedia a saída do país de jogadores em nível de Seleção, acabou sendo derrubada. Só assim Alfonso Dario Pereyra, nascido em Montevidéu, a 20 de outubro de 1956, pode vir para o São Paulo, em 1977, ano em que conquistou o seu primeiro título entre nós: campeão brasileiro. Dario veio para jogar no meio de campo, mas no início encontrou muitas dificuldades para se adaptar na cidade e na posição. Numa emergência, virou quarto-zagueiro e, naquele setor do campo, o seu futebol cresceu, a ponto de a própria torcida reconhecer ter sido ele um dos grandes responsáveis pela conquista do título paulista de 1980. Dario firmou-se de tal forma no time do São Paulo, que os torcedores passaram a lamentar não ser ele brasileiro para ter condições de defender a Seleção Brasileira em Copas do Mundo.



Dario Pereyra veio do Uruguai para dar segurança à defesa



Com menos de 21 anos, uma lei proibia que Dario Pereyra saísse do Uruguai. Mas o São Paulo tudo fez e conseguiu trazê-lo, para alegria da torcida, que foi recebê-lo com festa no aeroporto.



O São Paulo trouxe o futebol alegre de Marinho Chagas



Marinho

Seu futebol rebelde, solto, descontraído, sempre foi uma festa aos olhos do torcedor. Isto fez com que sugerissem que ele deveria ser aproveitado no meio de campo, sem a preocupação de marcar. Francisco das Chagas Marinho, nordestino de Natal-RN, onde nasceu em 8 de fevereiro de 1952, sempre foi assim, alegre e irreverente, às vezes até inconsequente. Mas, em campo, lateral esquerdo e apoiador constante, demonstrou eficiência com a bola nos pés, colocando-a onde bem entender. A bola sempre foi submissa aos caprichos de Marinho Chagas, afirmam os críticos mais empolgados com o seu futebol.

Essa qualidade ele trouxe para o São Paulo em janeiro de 1981, quando teve o seu passe adquirido junto aos Strikers, de Fort Lauderdale, dos Estados Unidos. Marinho começou a jogar nos juvenis do ABC, de Natal, onde assinou o seu primeiro contrato como profissional.

Depois, transferiu-se para o Náutico, de Recife, e de lá, em 1972, para o Botafogo, do Rio. A seguir, foi parar no Fluminense, que o vendeu ao New York Cosmos. De lá foi para o Strikers, antes de ser contratado pelo São Paulo.

OS GRANDES GOLEIROS

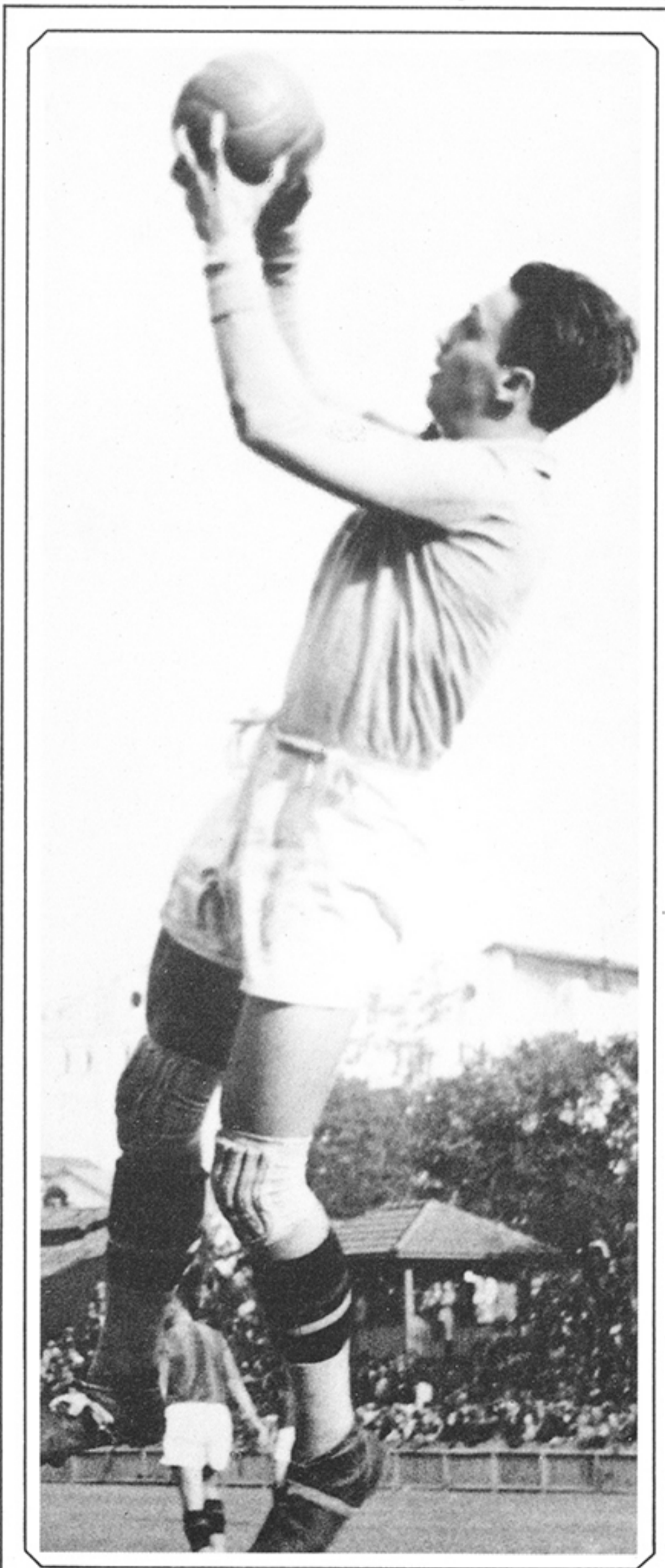
Grandes goleiros passaram pelo São Paulo, como Gijo, Mário, Picasso ou Sérgio. Mas, de todos, marcaram época Pedroza, mais tarde presidente do Clube e da Federação; King, o primeiro contratado; e Poy, por mais de 13 anos uma garantia de segurança no gol.

Pedroza

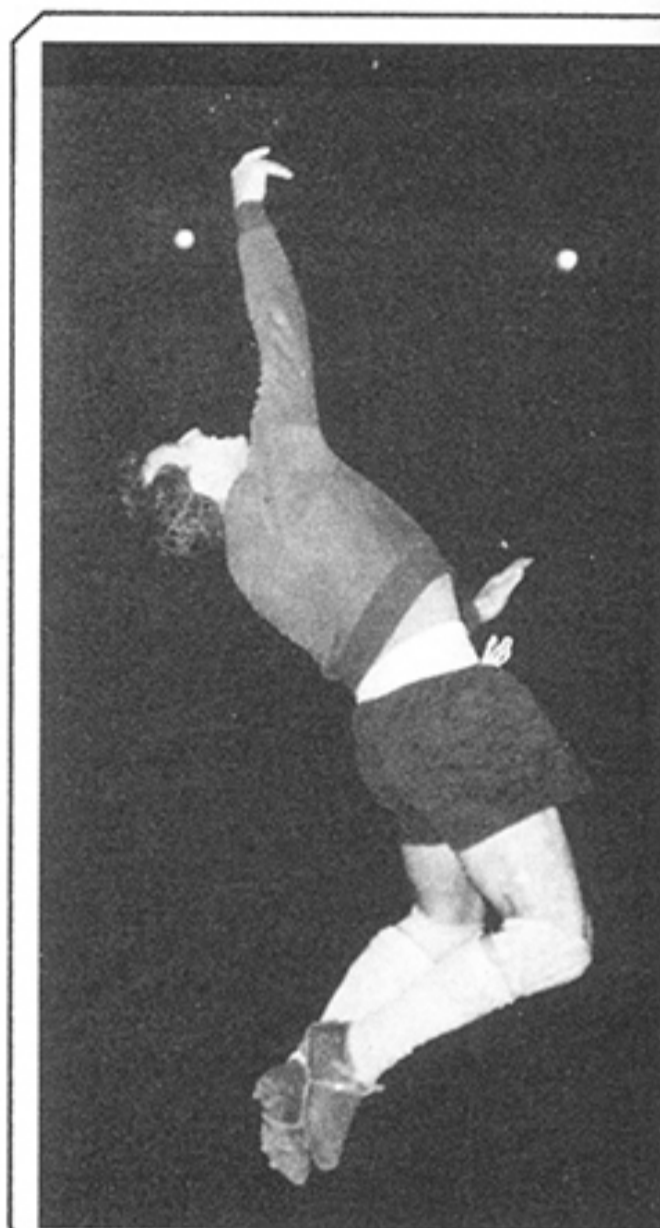
Goleiro do time titular, diretor de futebol, ele foi quase tudo no São Paulo. Até presidente do clube. Homem de personalidade muito forte e extraordinária vontade, foi uma revelação. Quando chegou ao São Paulo, em 1938, Roberto Gomes Pedroza, nascido no Rio de Janeiro, em 8 de junho de 1913, assinou um contrato simbólico, recebendo um cruzeiro de salário. Era o tempo em que as leis do esporte impediam que atleta amador jogasse em equipe profissional. O amadorismo era a única lei e filosofia que fascinava o seu grande espírito olímpico. Pedroza começou no Botafogo, do Rio, foi titular da Seleção na Copa de 34 e um exemplo de vida como homem, atleta e dirigente. Na presidência da FPF, foi o criador da Lei de Acesso.



Pedroza, por Di Cavalcanti



Pedroza, de goleiro a presidente do clube



Poy, 13 anos de São Paulo



King, o primeiro goleiro contratado



FARMÁCIA GUMERCINDO NASCIMENTO & LUCA



CASA DE CONFIANÇA MANIPULAÇÃO ESMERADA
PERFUMARIAS FINAS

S. Paulo, de de 193

Ilmo. Sr.

Rua N.º ..

Contrato de Compromisso.

*3do presente, comparendo-me com o
São Paulo Futebol Clube representado pelo Sr. Benedito
Luz, representante de Luca a renovar um Contrato de
Jogador de Futebol com o referido clube acima
citado, pelo espaço de 2 anos iniciando tal Con-
trato em 1º de Janeiro de 1938 e com término
em 31 de Dezembro de 1939 anexo das condi-
ções de fidelização pelo exposto de Luca.*

*São Paulo 30 de Dezembro de 1937.
Nivacir Inocencio Fernandes.*



TABELIONATO VEIGA
S. PAULO - RUA S. BENEDETO, 11

Na nota da farmácia, o contrato de King



King

Aquilo que King-Kong, uma criação do cinema, fazia com a mocinha, erguendo o seu corpo com uma só mão, ele fazia com uma bola oficial de capotão. Por isso, Nivacir Inocencio Fernandes, paranaense de Curitiba, onde nasceu em 6 de janeiro de 1917, celebrizou-se com um apelido cinematográfico: King. Ele começou a jogar no gol do São Paulo em 1936, no início de profissionalismo.

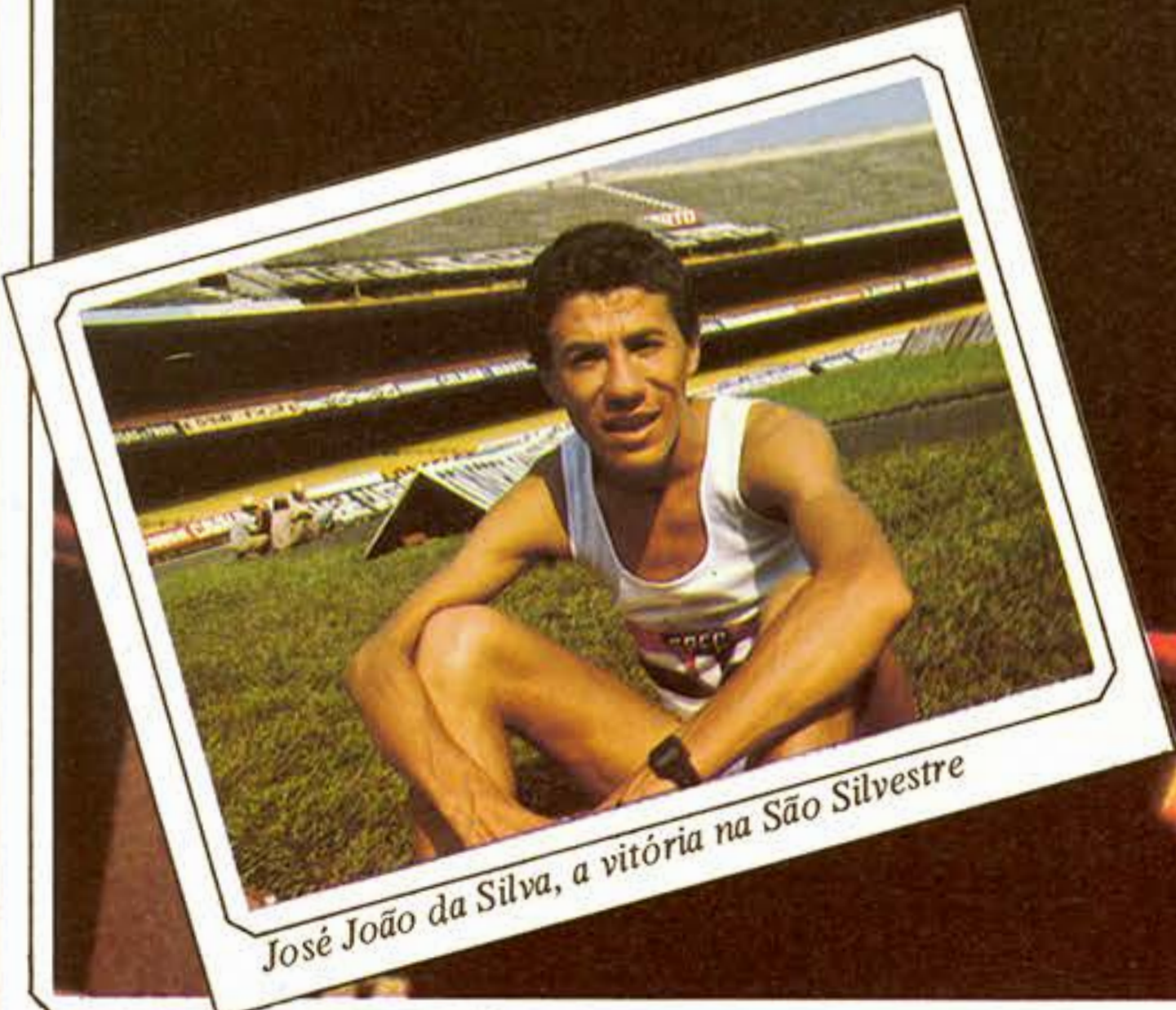
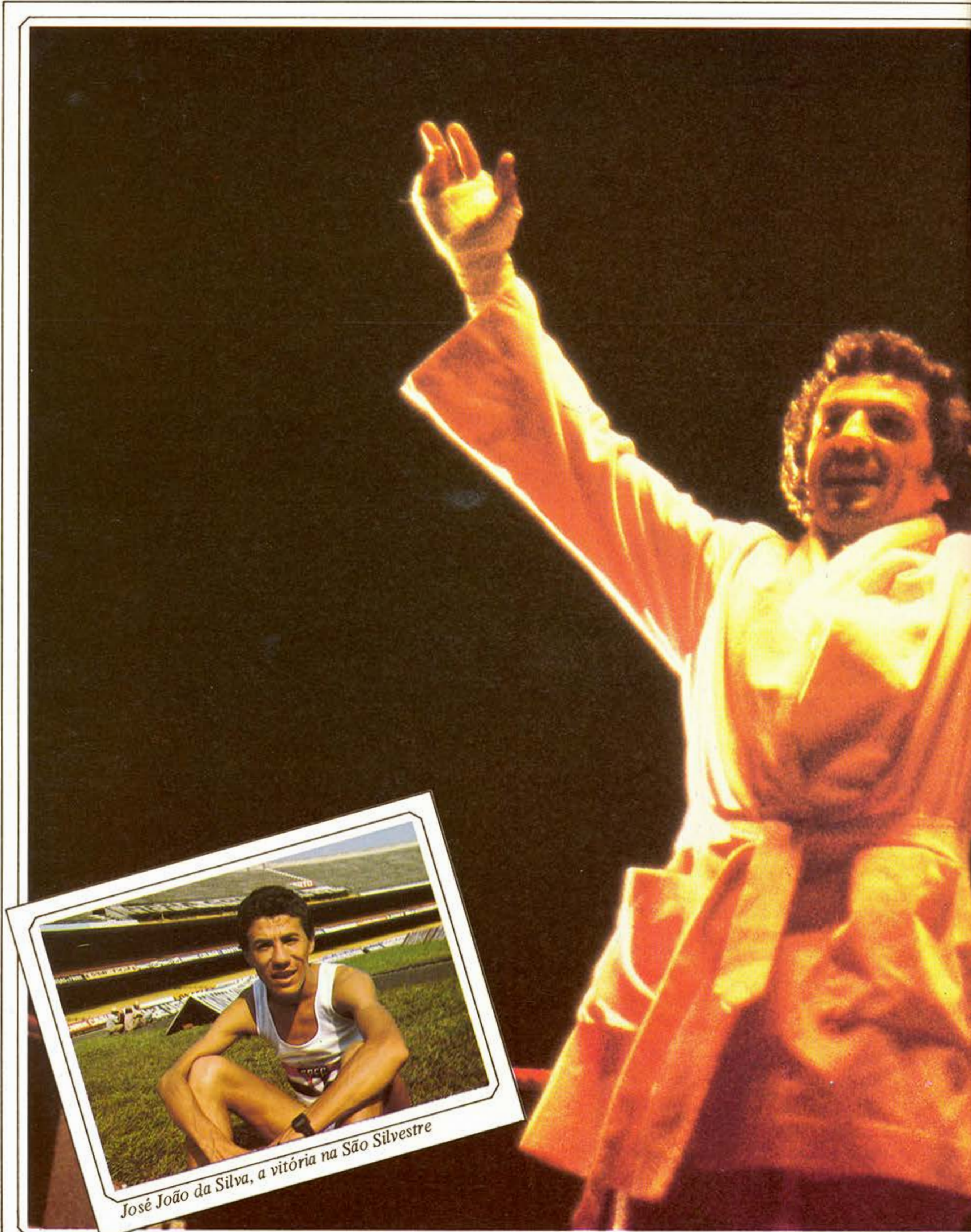
Em 38, King teve uma rápida passagem pelo Flamengo, mas retornou ao São Paulo para ser campeão. E se tornou ídolo da torcida.

Poy

Muñoz, Moreno, De Alexandre, Labruna e Lestê. E aquele menino de 17 anos não tremeu contra o arrasador ataque do River Plate. José Poy, um juvenil ainda, chamado às pressas para defender o gol do Rosário, seu time, começou naquele dia a sua grande carreira. Por indicação de Antonio Sastre, veio para o São Paulo em 1948. Mas, com Gijo e Mário em plena forma, só pode ser aproveitado em amistosos.

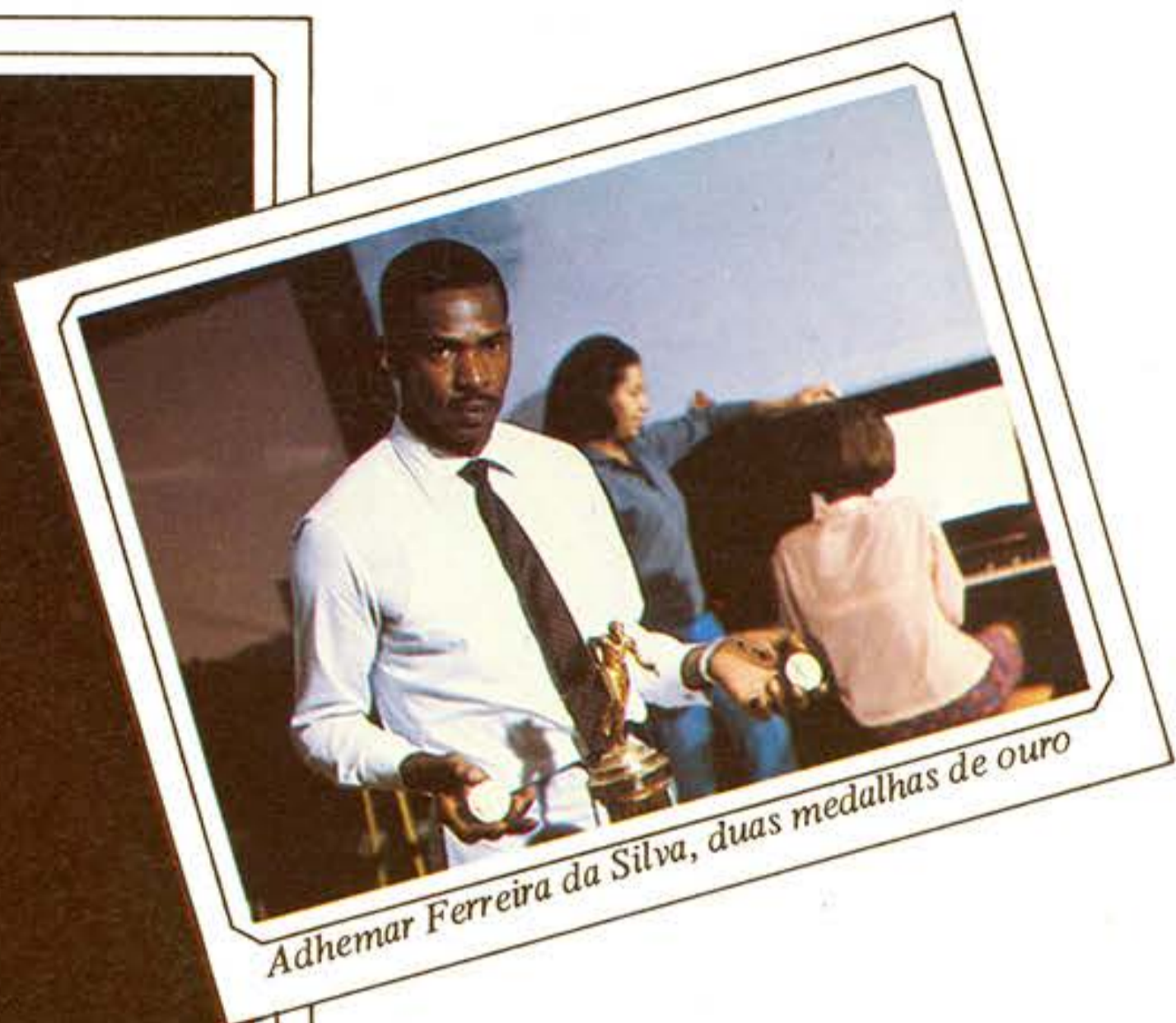
Em 1950 ganhou a posição de titular, permanecendo até 63, disputando em 13 anos 565 partidas pelo São Paulo.





José João da Silva, a vitória na São Silvestre

Eder Jofre, duas vezes campeão mundial



Adhemar Ferreira da Silva, duas medalhas de ouro

O AMADOR

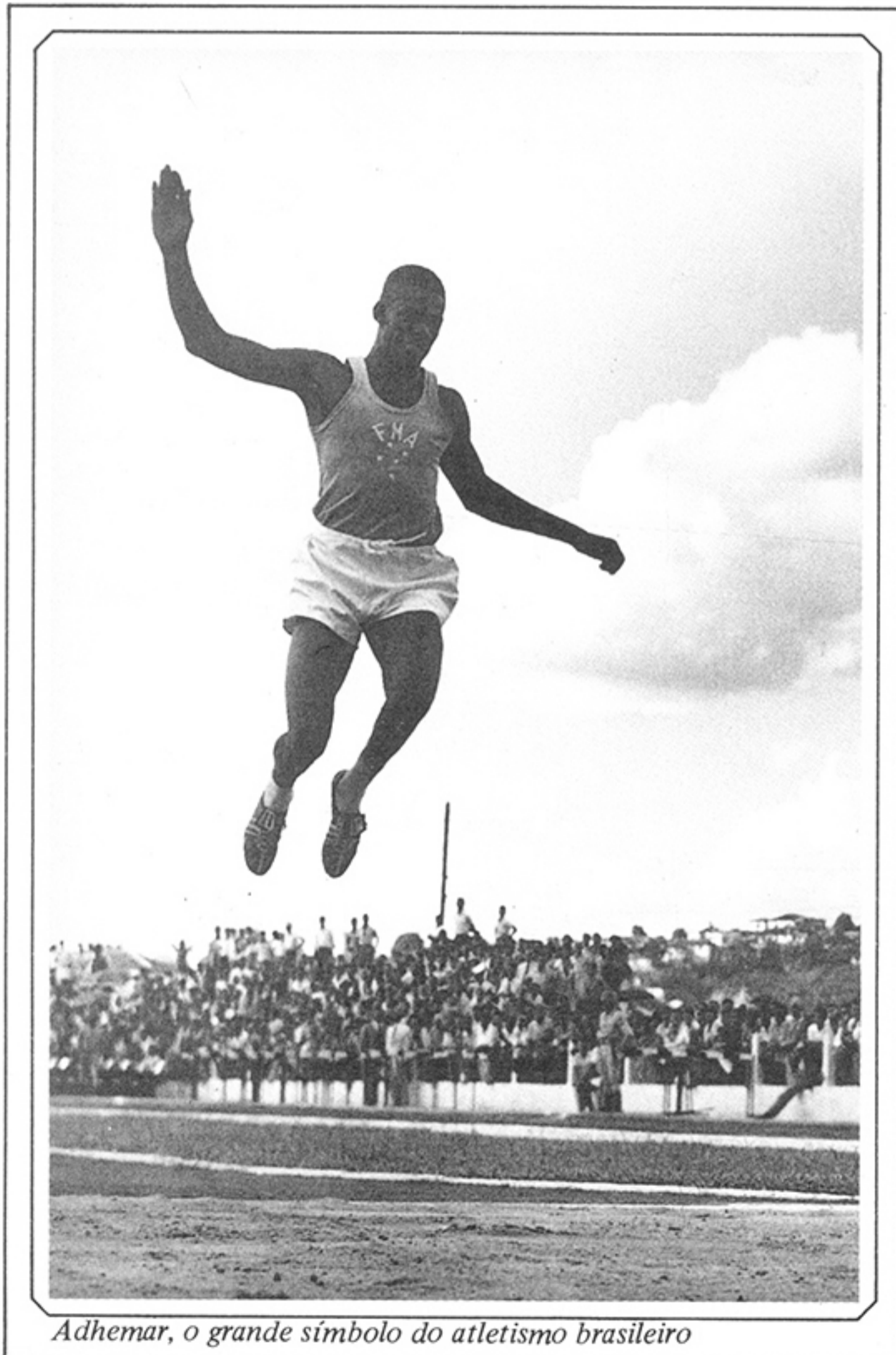
Nem só de futebol viveu o São Paulo Futebol Clube. Desde os primeiros tempos, além da preocupação com a formação do time, os esportes amadores foram prestigiados pelas diretorias do clube. A princípio timidamente, os atletas sampaulinos começaram a destacar-se nas competições locais e interestaduais na década de 40, principalmente após a compra do Canindé, que dava condições para treinos. No atletismo, o São Paulo foi absoluto, conquistando dezenas de troféus e chegando ao ponto máximo com Adhemar Ferreira da Silva, o "Canguru", que trouxe duas medalhas olímpicas para o Brasil e ultrapassou a marca dos 16 metros no salto triplo - uma façanha na época. Hoje, a grande esperança é José João da Silva, o ex-garçom que tirou dos estrangeiros o privilégio de vencer a São Silvestre durante 34 anos. No boxe, formou campeões sul-americanos e o grande Eder Jofre, duas vezes campeão mundial, o maior pugilista que o Brasil já teve.



O menino que se tornaria atleta

Nas Olimpíadas, o fenômeno Adhemar Ferreira da Silva

Quando aquele negro alto, de pernas longas, terminou seu salto, o mundo ficou assombrado. Ele tinha quebrado a barreira dos 16 metros, que os cientistas esportivos afirmavam jamais poder ser alcançada. E foi ele quem conseguiu duas medalhas de ouro nas Olimpíadas, duas estrelas na bandeira tricolor.



Adhemar, o grande símbolo do atletismo brasileiro

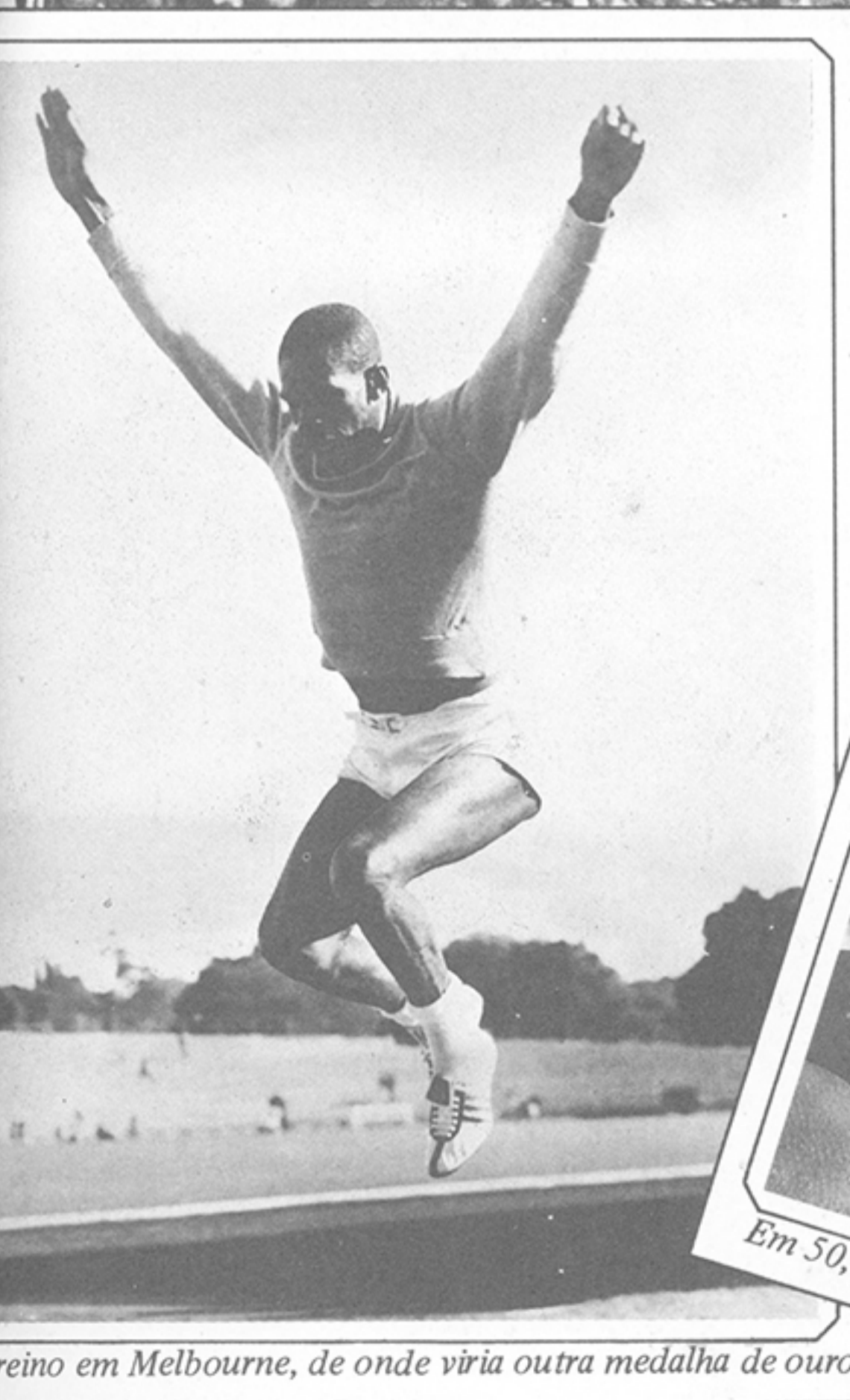
“Ele tem absoluto senso de equilíbrio no ar, pernas igualmente perfeitas e velocidade compatível com a técnica do salto”. Desde 50, seus feitos são, de fato, conhecidos e lembrados ainda hoje em todo o mundo. Mas mesmo assim, apesar da distância que separa o campeão de seu último salto, quase vinte anos, o orgulho e a admiração não foram esquecidos. Adhemar é ainda o grande símbolo do atletismo brasileiro e o grande orgulho da camisa tricolor, uma vez que o São Paulo foi o berço de suas glórias.

Uma glória que, no entanto, exigiu muito sacrifício do atleta. Adhemar declarou várias vezes que sempre foi realmente um amador, nunca recebeu nenhuma quantia como forma de pagamento ou qualquer coisa parecida com salário, dos clubes onde treinou. E ressentiu-se bastante da falta de apoio por parte de seus empregadores. É por isso que ele afirma ter muito respeito e admiração por aqueles que lhe deram condições e incentivo para chegar onde chegou. E a recíproca é verdadeira: ele sempre foi um atleta que mereceu muito respeito.

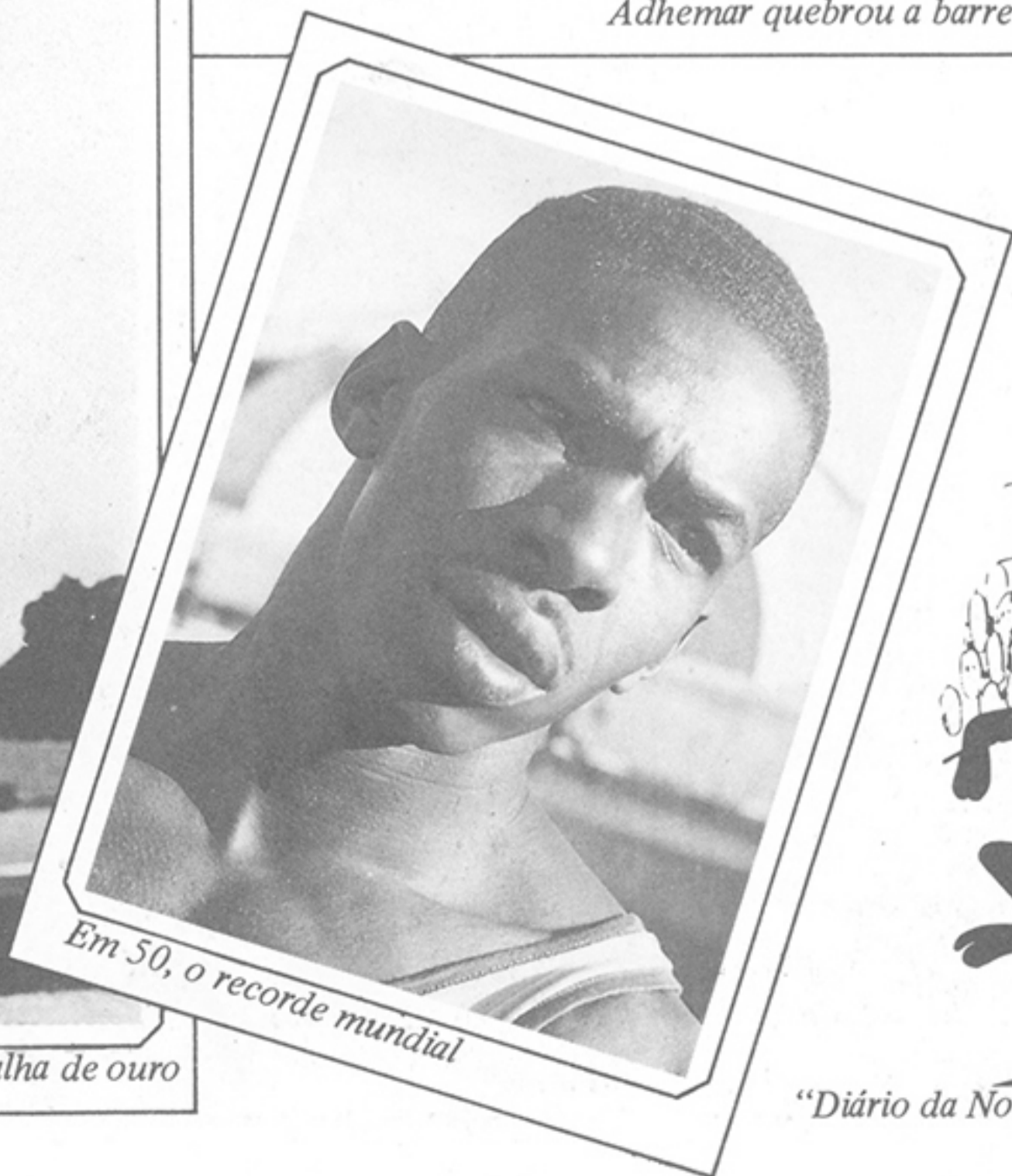
Nessa troca de admiração, ele próprio declarou à imprensa o reconhecimento ao São Paulo pelo apoio que teve e o respeito que ainda merece do clube, que, afinal, teve seu nome elevado pela garra desse brilhante atleta.



Adhemar quebrou a barreira dos 16 metros



...eino em Melbourne, de onde viria outra medalha de ouro



Em 50, o recorde mundial



"Diário da Noite" - 1954

A queda de uma barreira, os 16 metros

Técnicos finlandeses estabeleceram, depois de longos estudos, que nenhum homem poderia superar a marca dos 16 metros no salto triplo. A média mundial dos saltadores naquela época, década de 50, era de 14m50. Cidade do México, 1955, II Jogos Pan-Americanos, um jovem atleta brasileiro obriga os técnicos a reformularem totalmente a famosa "tabela finlandesa": atinge a marca dos 16m56 no salto triplo. Era Adhemar Ferreira da Silva, o famoso atleta que trouxe duas medalhas de ouro para o Brasil, nas Olimpíadas de Helsinqui, em 52 e nas de Melbourne, em 56.

Tricampeão dos Jogos Pan-Americanos, quebrou recordes em todas as categorias de competições de salto-triplo e é considerado hoje, por todo o mundo esportivo, como o atleta de maior destaque do Brasil e patrimônio do esporte mundial.

Ouvir falar de Adhemar é como ouvir sobre uma lenda, um atleta completo, terminado, como se fosse alguém que já tivesse nascido saltando. Mas, é claro, não foi assim. E por mais inacreditável que possa parecer, um dia, Adhemar foi um jovem desajeitado, de pernas compridas e andar lento e gíngado demais, como definiu uma vez aquele que viria a ser seu próprio técnico, o alemão Dietrich Gerner.

Adhemar integrava a equipe de atletas juvenis do São Paulo Futebol Clube. Treinava no Canindé. E certa noite viu um atleta praticar o triplo, gostou perguntou o que era e tentou: 12m90. O atleta foi imediatamente chamar o técnico, Adhemar saltou novamente. Um ano mais tarde, sagrava-se campeão paulista, com a camisa do São Paulo.

E a primeira observação do técnico incrédulo foi, em pouco tempo, substituída pela seguinte apreciação: "É um campeão".



Em Helsinqui, a alegria pela primeira medalha de ouro



A maior glória do atletismo tricolor



Em 60, Adhemar disputou sua última Olimpíada



Em 77, a homenagem



Kid e Eder, dois campeões

O respeito do mundo ao "Galo de Ouro"

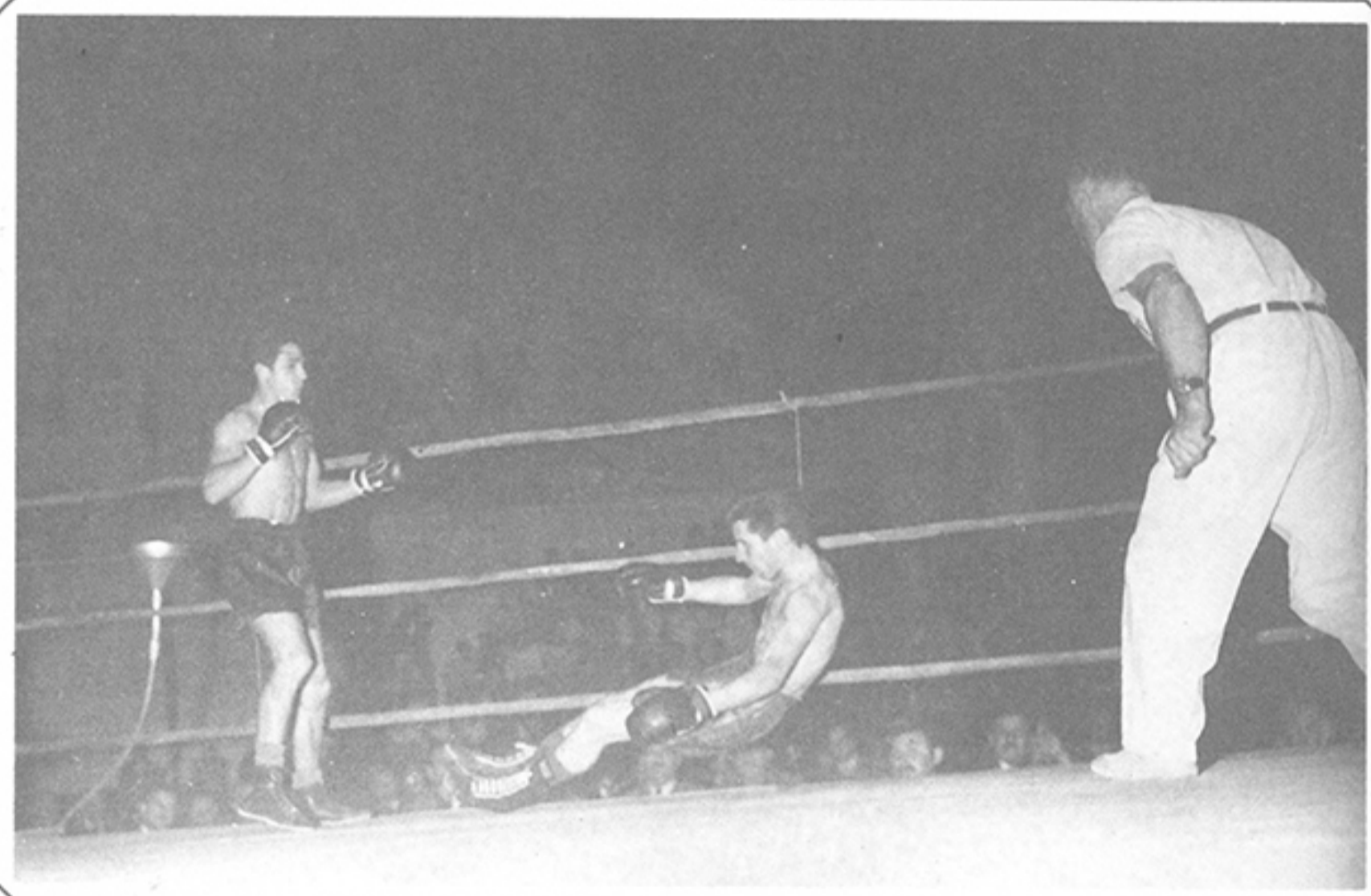
Filho e sobrinho de amantes do boxe, aquele menino magro só poderia ser mesmo um boxeador. Formado na academia do São Paulo, foi conquistando títulos e se tornou o primeiro brasileiro a ostentar o cinturão de campeão do mundo. Um mundo que ele assombrou ao ganhar outro título, com 38 anos de idade.

Filho e sobrinho de pugilistas, um rapaz que praticamente nasceu na lona de um ringue, Eder Jofre, filho do maior treinador de boxe do país, Kid Jofre, não poderia ter sido outra coisa a não ser um grande campeão.

Na verdade, a primeira vez, realmente, em que ele subiu num ringue foi aos três anos de idade, em um parque de diversões em Santos, onde foi derrotado por um dos seus tios, Ricardo, também pugilista. Nesse dia, ele mesmo lembra que chorou, inconformado com a "derrota".

Mas foi aos 11 anos, em 1947, que Eder Jofre iniciou efetivamente sua preparação, que culminaria com dois títulos mundiais de boxe: o de peso galo, em 1960, conquistado numa luta contra o mexicano Eloy Sanches; e o de peso pena, em 1973, contra o espanhol Legrá.

Mas Eder nem sempre pensou em ser pugilista. Houve época em que, mesmo treinando na academia de seu pai, que era também a do São Paulo F.C., Eder pensou em ser desenhista, trabalho para o qual também tinha talento. Foi então que, pela primeira vez em sua vida, o velho Kid influenciou uma decisão do filho. Afinal, quem melhor que ele para reconhecer no garoto suas verdadeiras aptidões? Propôs que ele lutasse. Se se sentisse bem e seus resultados fossem satisfatórios, Eder teria para sempre ao seu lado o técnico dos técnicos. E a previsão se confirmou. Do início dos anos 50 em diante, formou-se uma dupla invencível de dois campeões. Como amador, Eder Jofre teve várias vitórias e muitas lutas bonitas, mas também decepções. A maior delas foi nas Olimpíadas de Melbourne, quando



Poucos escaparam do nocaute nas lutas com Eder



O São Paulo homenageia o seu campeão, em 73



Em 73, a reconquista do título, contra o espanhol Legrá

O mais difícil foi José Medel

foi derrotado pela segunda vez pelo argentino Cláudio Barrientos. Tão decepcionado ficou que decidiu procurar uma profissão e abandonar o boxe. Por pouco tempo, porque o peso da tradição de família era enorme e sua vocação também. Assim, um ano depois, Eder Jofre sobe novamente ao ringue, mas desta vez para valer, como profissional.

Muitos lutadores foram a nocaute pelos punhos de Eder, até que viesse o dia da desforra contra seu adversário argentino. E desta vez o resultado foi diferente: Barrientos estava no chão no décimo round. Eder confessa que só teve medo realmente em suas primeiras lutas, quando, ainda dentro de todo seu entusiasmo, olhava seu rosto no espelho e via a imagem de um "verdadeiro campeão. Então, como ele mesmo diz tinha que provar que o era.

De todos seus adversários, embora a crônica esportiva tenha ressaltado por muitos anos a difícil batalha contra o japonês Harada, para o qual perdeu por pontos, Eder diz que o mais difícil de enfrentar foi o mexicano Medel. Mesmo na luta contra o outro mexicano, Eloy Sanches, do qual tirou o título de campeão mundial, embora sentindo-se quase sem forças, Eder não se deixou desanimar e, como faz um campeão, estudou bastante o adversário, descobriu todos os seus pontos vulneráveis e contra todos os "sombremos" dos torcedores que gritavam o nome do grande Medel, Eder teve seu braço erguido pelo juiz.

Nesse dia, em meio à alegria da vitória, Eder Jofre, tendo seu pai ao lado, vestiu a camisa tricolor e homenageou seu país e seu clube.

Como profissional, Eder Jofre fez 78 lutas, vencendo 72 delas, 54 das quais por nocaute. Ele mesmo, no entanto, nunca foi nocauteado. Em 1973, depois de algum tempo de ausência, Eder Jofre volta a lutar e conquista mais um título mundial, anos depois, quando muito já não acreditavam em sua agilidade. Mas foi em 1977 que Eder Jofre de uma vez por todas deixou o boxe. "Um lutador deve saber a hora exata de parar", diz ele.

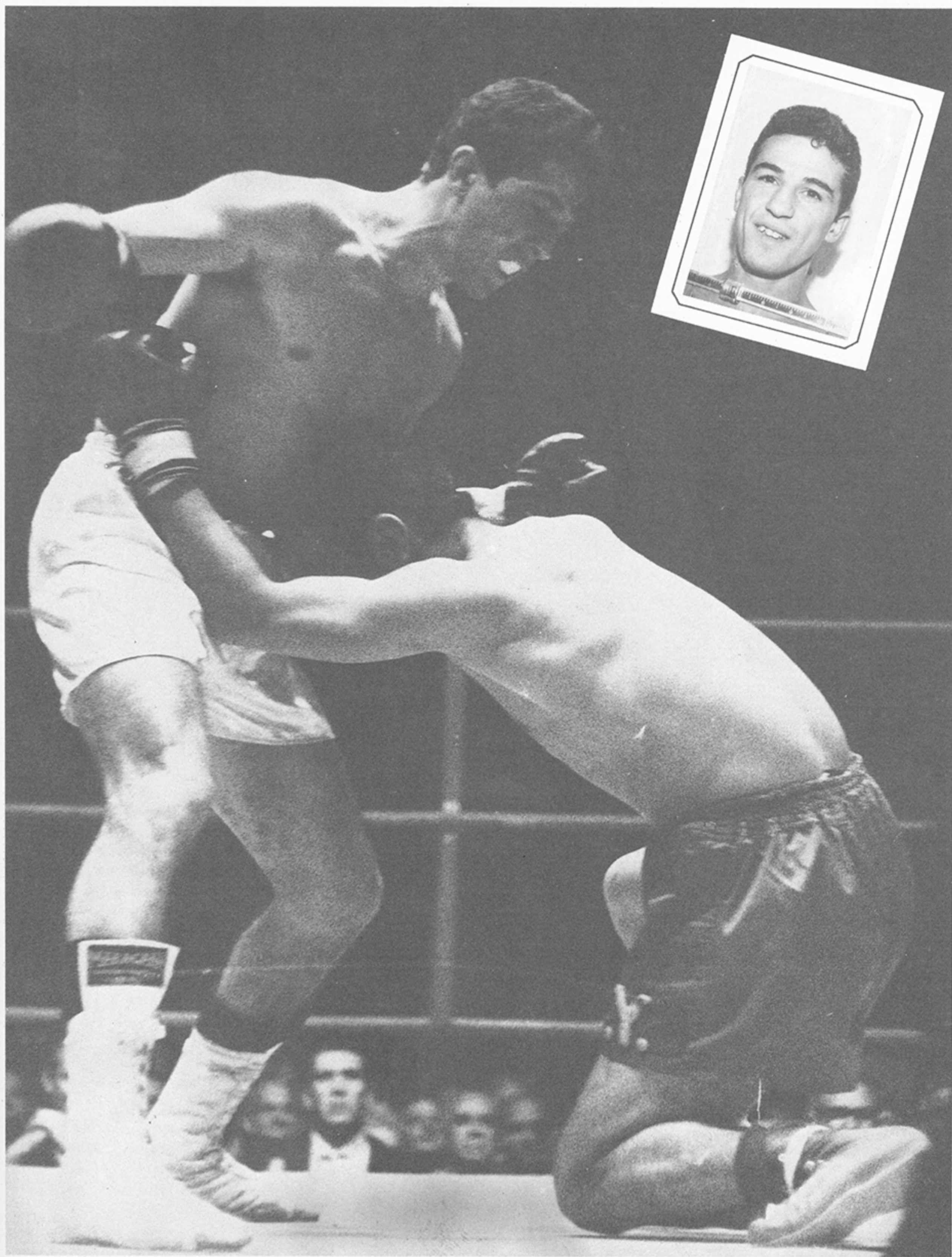
Sua despedida oficial aconteceu no dia 16 de fevereiro de 1977.



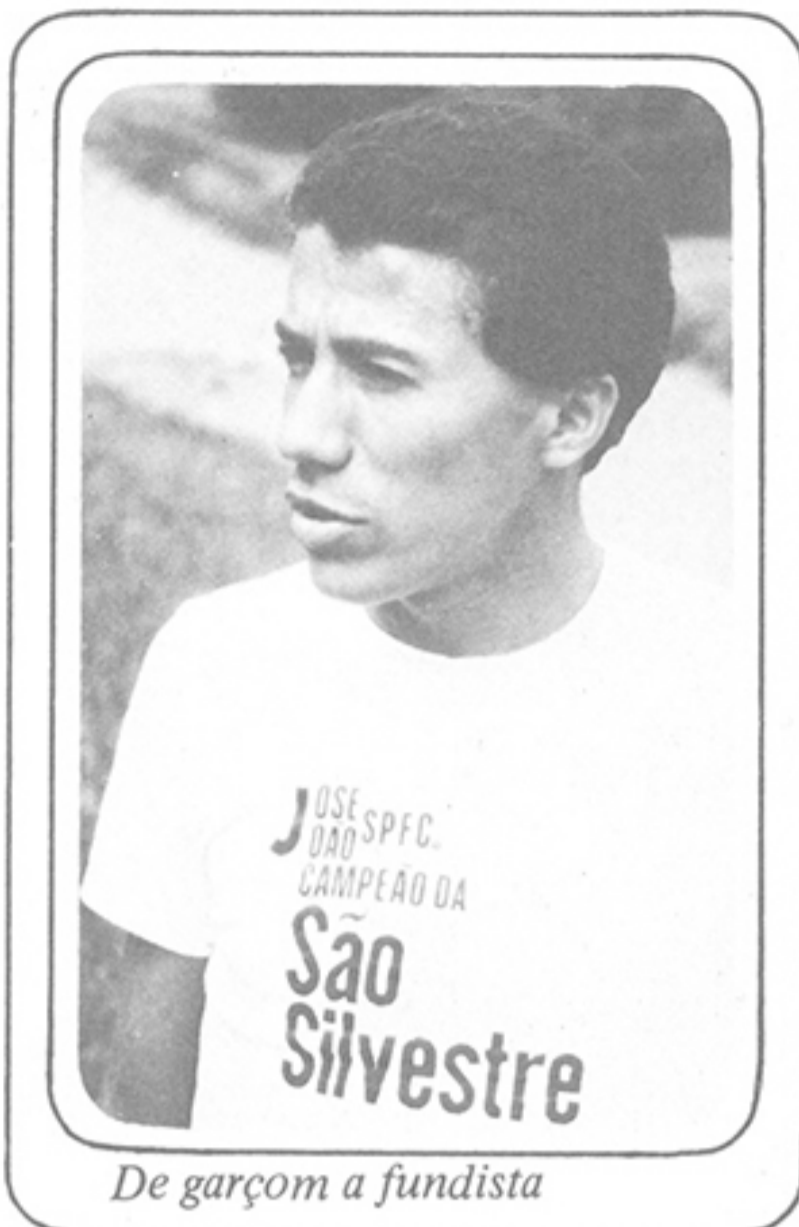
Carregado pela torcida, cena comum na vida de Eder



Vicente Feola e Eder Jofre, o abraço de dois campeões projetados pelo São Paulo. Um no futebol e outro no pugilismo.



Sadao Yaoita, outro desafiante que não resistiu ao "Galo de Ouro"



De garçom a fundista

José João, a grande esperança

Nas suas horas de folga, ele fazia corridas no Ibirapuera. Até que alguém do São Paulo levou para o clube. Lá, ele treinou, praticou, se dedicou. Assim, quando, em 31 de dezembro de 1980, ele chegou à frente dos estrangeiros na São Silvestre, firmou-se como uma das grandes esperanças para a Olimpíada.

Dezembro de 1980. Há trinta e quatro anos a famosa corrida de São Silvestre foi transformada em uma prova internacional. Há trinta e quatro anos realizada nas ruas de São Paulo e nunca um brasileiro classificou-se entre três primeiros colocados. Uma prova difícil, mais de resistência e vontade que de técnica. E, de repente, um susto, um jovem pernambucano, de pouca altura, nada de especial em seu jeito de correr, ao menos aparentemente, vem chegando à frente dos outros e cruza a linha de chegada. Na avenida Paulista a vibração é indescritível. No São Paulo Futebol Clube, a constatação de uma realidade: José João da Silva é o herói do ano. E no podium, a camisa tricolor é, mais uma vez, usada por um grande atleta.

No dia da prova, os jornais de São Paulo já anunciavam o grande desafio que um jovem desconhecido do grande público iria enfrentar, e muito sutilmente colocavam em dúvida sua realização. Nos dias que se seguiram, José João, ou simplesmente Zé João, já era parado na rua pelos fãs que começava a ganhar. "Na verdade, as pessoas menos avisadas realmente se assustaram. Mas isso não era surpresa para mim, nem para o pessoal aqui do clube. Eles já sabiam que eu era bom, quer dizer, que eu poderia chegar na frente". Toda essa tranquilidade, no entanto, não vem com nenhuma ponta de orgulho ou pretensão.

Muito ao contrário, parte de um rapaz que sabe o que



Grande atleta, nos 5 mil e 10 mil metros

quer: ser famoso, conhecido. Admirado? Talvez, Mas antes de mais nada, correr. Sim, Zé João quer correr. E faz isso como ninguém. Sua carreira é ainda muito curta. Ele chegou em São Paulo há mais ou menos seis anos e começou a trabalhar como garçom.

Como ele mesmo diz, nunca gostou de ficar parado e entrou para uma academia de lutas orientais, no centro da cidade. "Mas aquilo era um pouco violento, nem sempre os colegas sabiam brincar direito e o que eu queria era me exercitar. Então saí de lá e comecei a correr todas as manhãs no Ibirapuera. O pessoal daqui da cidade era engraçado, estranhava aquilo. Mas eu não ligava. Corria, me exercitava, e depois ia trabalhar. Naquela época, tinha um senhor que sempre passava por ali enquanto eu corria e acho que ele gostou do meu estilo, pois logo perguntou se eu não queria me dedicar mais seriamente ao atletismo. E me levou para um clube, para treinar. Eu ia bem, mas o apoio era pequeno - aliás, apoio ao esporte é o que sempre faltou nesta terra.

"Então recebi uma proposta do São Paulo Futebol Clube e aceitei. Sabe eles acreditaram em mim.

Então comecei a treinar, a competir e ganhei muitas provas. Só que não era reconhecido. Todos foram me conhecer quando ganhei a São Silvestre".



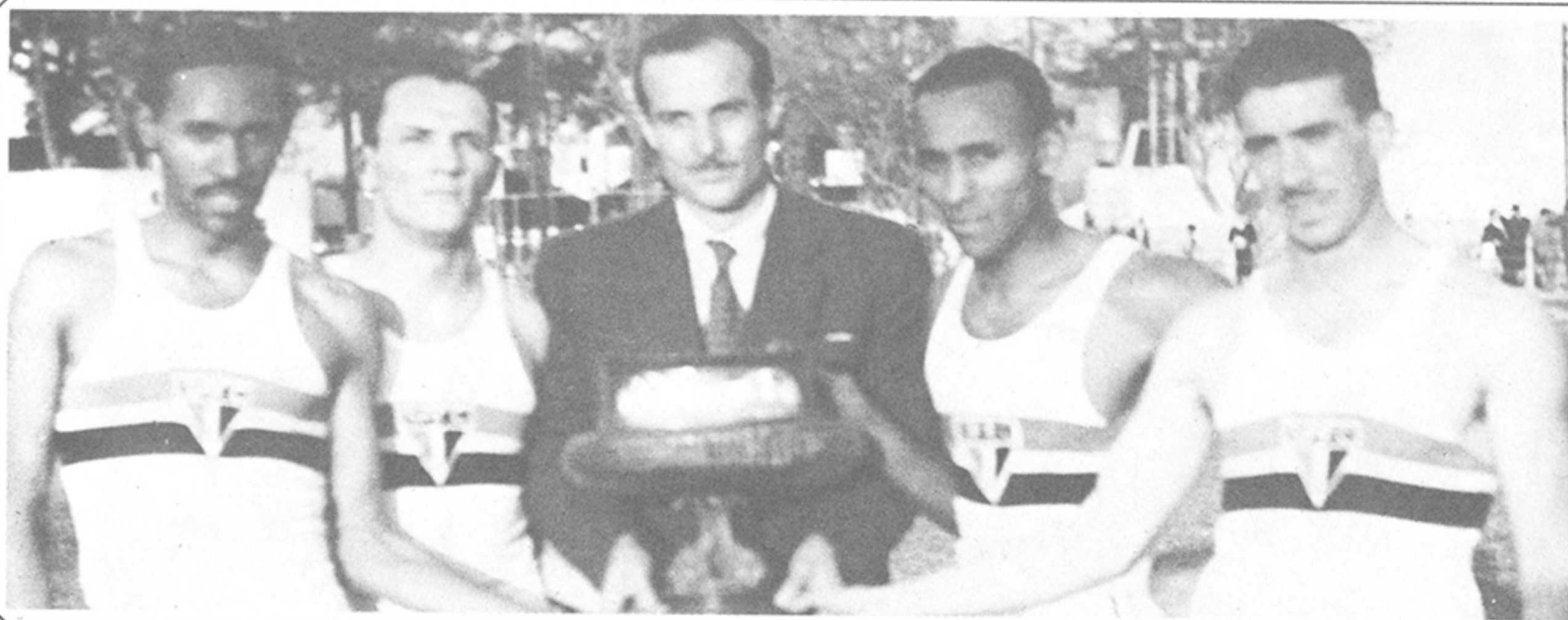
José João, o brasileiro que venceu a São Silvestre, depois de 34 anos



O Troféu Brasil

As glórias do atletismo

O atletismo tricolor, desde seu início, foi um destaque do São Paulo. Durante 20 anos absoluto no Estado, foi também a primeira equipe brasileira a ganhar em definitivo o Troféu Álvaro Ribeiro (1.º Troféu Brasil de Atletismo). Suas vitórias foram muitas, chegando ao máximo com Adhemar Ferreira da Silva.



O ganhadores do Troféu "Álvaro de Oliveira Ribeiro", em 44

Até 1940, o São Paulo cuidava apenas do futebol, uma vez que não possuía instalações adequadas para a prática de outros esportes. Foi com a aquisição do Canindé, que possuía quadras e ginásio completos para vários esportes, que passou-se a desenvolver o atletismo. A partir de então, foram quase vinte anos de grandes conquistas nas mais diversas modalidades, desde torneios locais até internacionais, com a revelação de grandes nomes do mundo do esporte amador. Já em 1944, a equipe de atletas masculinos do São Paulo iniciava uma série de conquistas dos campeonatos estaduais, obtendo, ao todo, vinte títulos de campeão. Destes, os catorze primeiros foram conquistados consecutivamente, de 1944 a 1957.



Com esta equipe, o São Paulo ganhou a Taça "Álvaro de Oliveira Ribeiro" em 45, repetindo o feito do ano anterior.



Mais um troféu, em 51

A equipe feminina, nesse intervalo, conquistou três títulos. Nos confrontos interestaduais, foi também diversas vezes campeão, o que lhe valeu a conquista definitiva do Troféu Alvaro Ribeiro (1o. Troféu Brasil), realização considerada como a maior glória do esporte amador nacional.

As duas maiores conquistas do atletismo tricolor no campo internacional, foram as duas medalhas no salto triplo nas Olimpíadas de Helsinque, em 1952, e nas de Melbourne, em 1956, e a quebra do recorde mundial, em 1955, obtidos pelo extraordinário Adhemar Ferreira da Silva, ainda hoje um símbolo do esporte amador do país.

Ainda nas competições internas, o São Paulo foi merecedor, por diversas vezes, da Taça Gazeta Esportiva, como a melhor equipe nacional. Seus atletas foram, por inúmeras vezes, recordistas nacionais, sul-americanos e internacionais.

Recentemente, o São Paulo conquistou mais uma brilhante vitória, através de seu mais novo grande atleta, José João da Silva, que venceu, pela primeira vez em 34 anos, a prova São Silvestre. Antes de 46 quando ainda uma prova nacional, a São Silvestre foi vencida duas vezes por atletas tricolores.

OS ATLETAS

ADHEMAR FERREIRA DA SILVA - recordista mundial e olímpico do salto triplo em Helsinque (1952) e em Melbourne (1956), além de vários outros títulos e recordes sul-americanos e pan-americanos.

WANDA DOS SANTOS - diversas vezes campeão sul-americana e recordista dos 80 metros com barreiras.



Anice, Wanda, Melania e Júlia, vencedoras do revezamento 4 x 100 em 48 (acima). Benedito Ribeiro, Edmundo Valente, Cid Costacurta e Agenor da Silva (ao lado, junto com Frei Vicente - Álvaro Ribeiro), ganhadores de 49.



Os 3 mil metros na pista do Canindé, em 44



Em 57, as primeiras atletas na pista do Morumbi



Em 55, a comemoração pelo 120. Cam



Campeonato Estadual consecutivo



A equipe campeã de revezamento em 54

BENTO DE ASSIS JÚNIOR - campeão sul-americano nos 100, 200, 4X100 e 4X400 e salto em distância por diversas vezes. Foi também recordista sul-americano dos 200 e 400 metros.

SEBASTIÃO ALVES MANTEIGA - campeão sul-americano de cross em 1947, recordista brasileiro dos 10.000 metros e vencedor, por duas vezes, da São Silvestre, quando era ainda uma prova nacional.

PEDRO ANDRADE - tri-campeão brasileiro e recordista nos 3.000 metros steeple-chase, 5.000 e 10.000 metros.

FRANCISCO DE ASSIS MOURA - campeão sul-americano do salto em distância e decatlo em 1954.

EDUARDO DI PIETRO - campeão sul-americano dos 4X400.

EDMAN AYRES DE ABREU - diversas vezes campeão brasileiro nos 400 metros.

AGENOR DA SILVA - várias vezes campeão sul-americano nos 800, 1.500 e 4X400.

GERALDO EDWIRGE PINTO - recordista brasileiro dos 1.500 metros (1954).

MÁRIO PINI - também recordista brasileiro nos 400 metros e campeão sul-americano no 4X400.

JOÃO DE OLIVEIRA - também campeão sul-americano nos 4X400.

BENEDITO FERREIRA - bicampeão sul-americano nos 4X400 e várias vezes campeão paulista.

ALFREDO DE OLIVEIRA JÚNIOR - recordista brasileiro dos 1.000 metros.

EDGAR FREIRE - tri-campeão paulista steeple-chase, 5.000 e 1.500 metros.

DAYSE DE CASTRO FREIRE - destaque no salto em altura nos jogos Pan-Americanos.

MELANIA CRUZ - recordista brasileira e campeão sul-americana nos 4X400 metros.

MILTON DOS SANTOS - campeão paulista do disco e do peso.

NATALO JESUS DOS SANTOS - campeão paulista dos 400 metros e 4X400 metros.

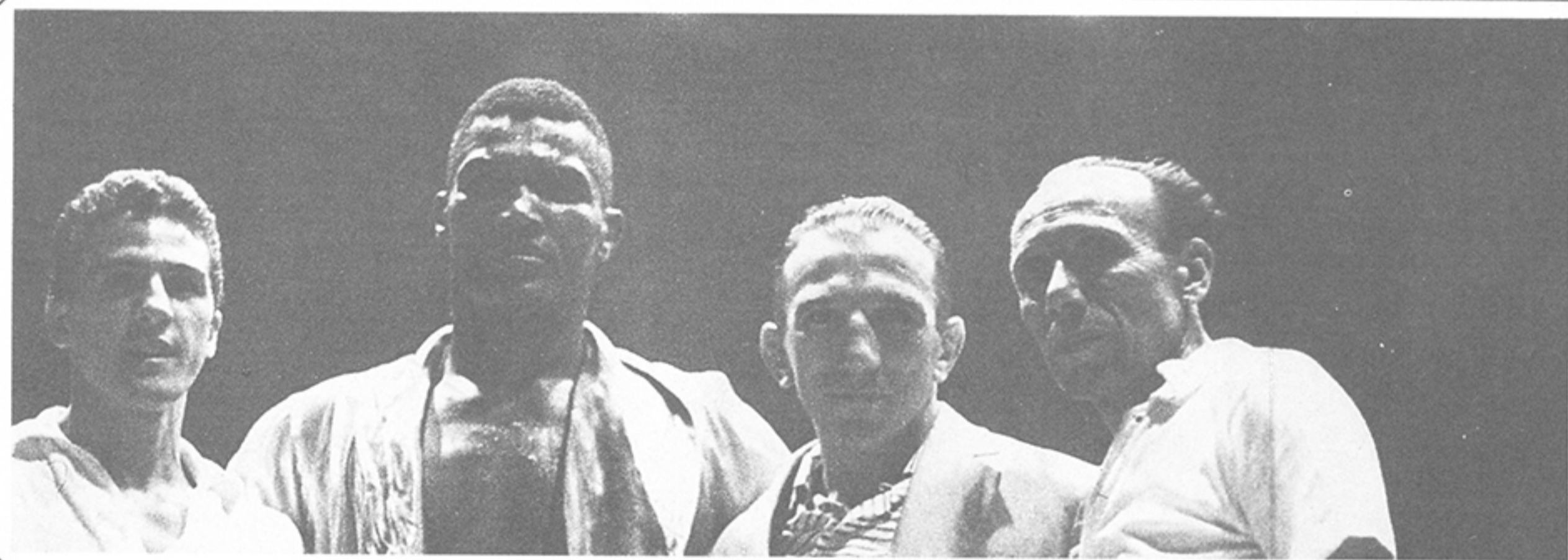
JOSÉ JOÃO DA SILVA - o grande destaque do atletismo nacional da atualidade, campeão da São Silvestre, diversos títulos em provas sul-americanas e a grande esperança para as Olimpíadas de Los Angeles.



Kid Jofre

Um boxe de campeões

O boxe tricolor foi um verdadeiro formador de campeões. Kaled Curi, Luisão, Pedro Galasso, Paulo Sacomã, Eder Jofre. Todos eles saíram da academia dirigida por Kid Jofre, um argentino que dedicou sua vida ao boxe do São Paulo, preparando ganhadores de títulos e taças marcando a história do clube.

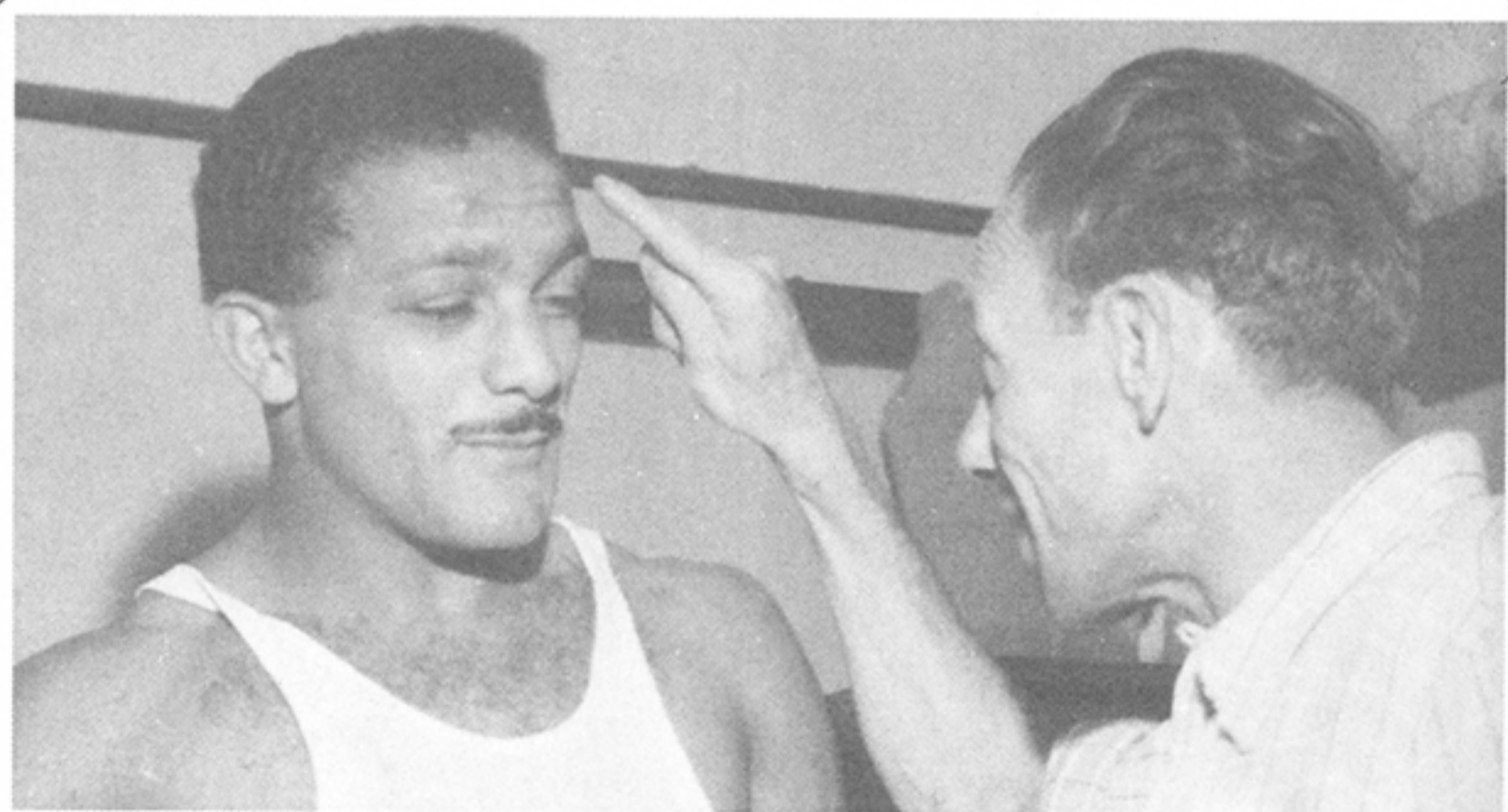


Eder, Luisão, Galasso e Kid Jofre, campeões formados no São Paulo

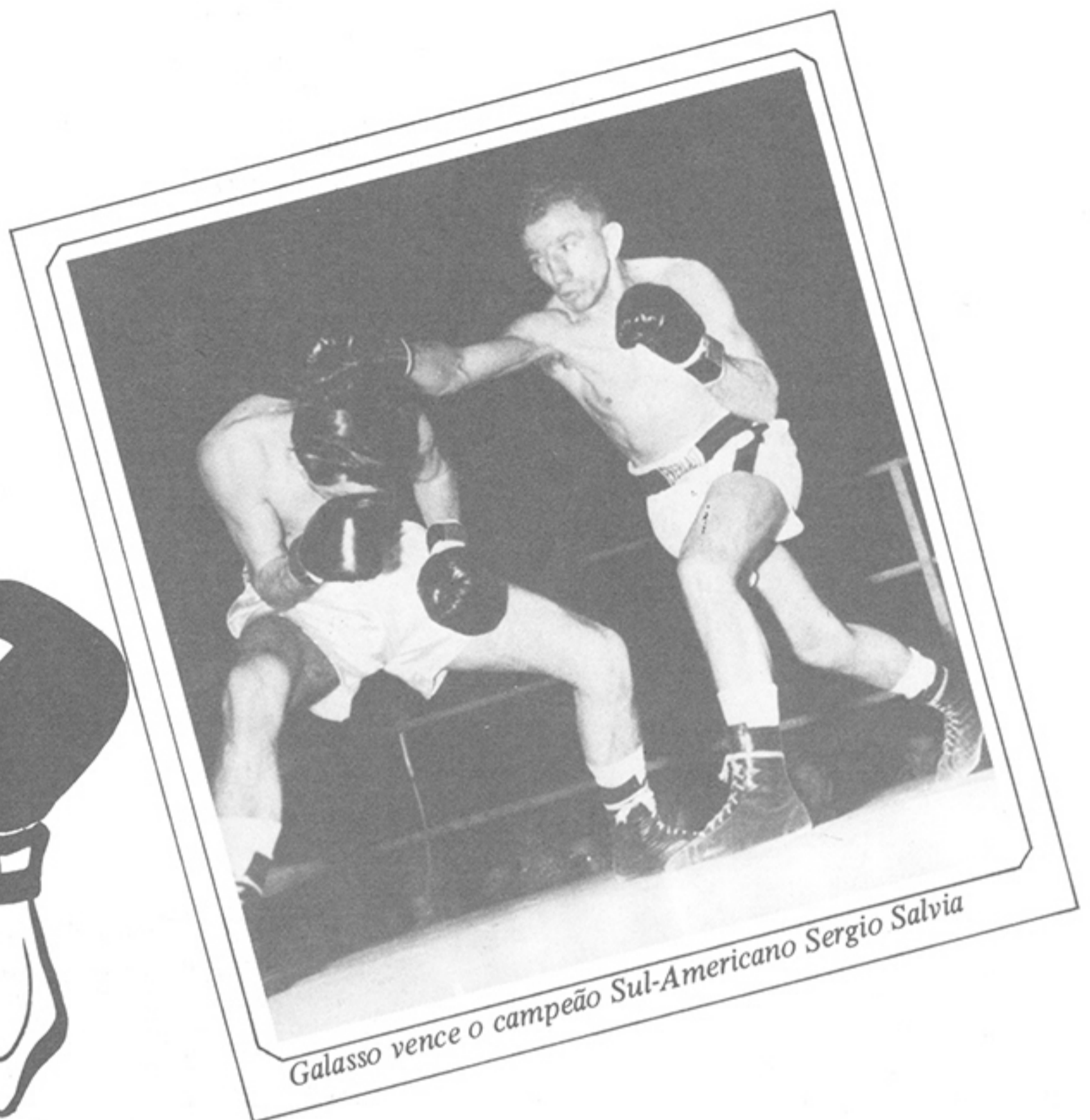
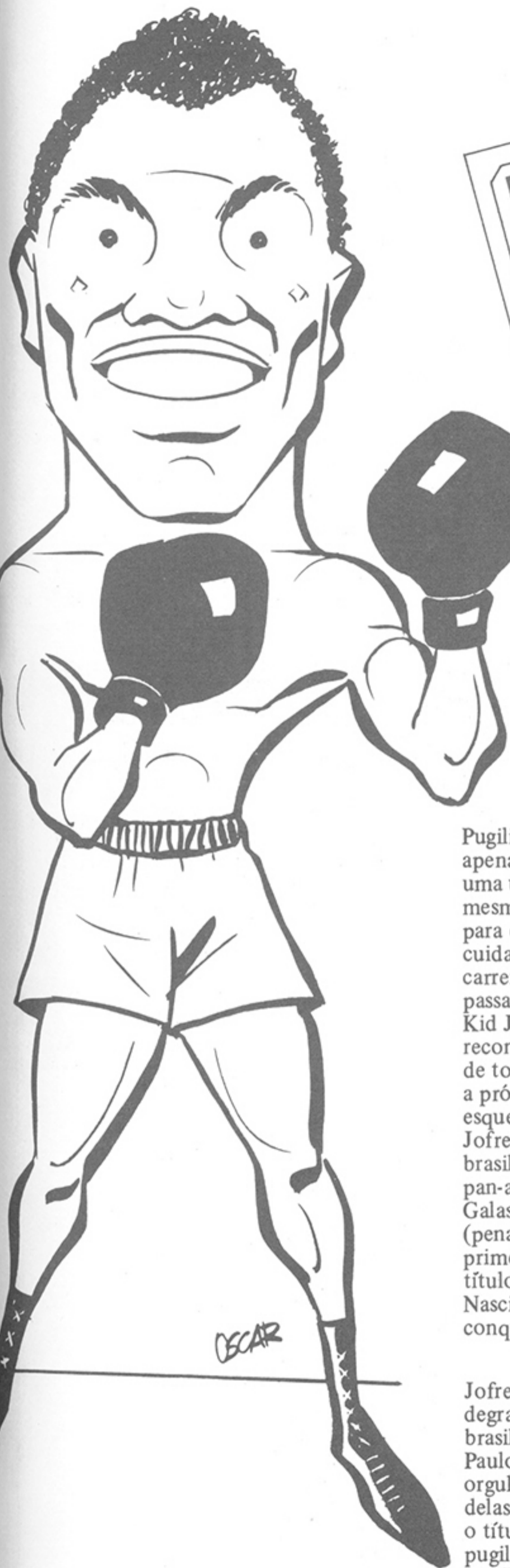
Vicentão, Kaled Curi, Antônio Zumbano, Ralph Zumbano, Pedro Galasso, Luis Inácio, Eder Jofre, João dos Santos, Todos grandes nomes do pugilismo paulista, nomes que vestiram a camisa tricolor e que saíram das mãos do grande técnico sampaulino que, se de grande campeão teve apenas o nome, pode ser considerado o pai de grandes valores do boxe: Kid Jofre.

O boxe sampaulino teve, realmente, momentos de glória. Foi ali, da academia da família Jofre, na rua Santa Ifigênia, patrocinada pelo São Paulo Futebol Clube, que saíram grandes valores do esporte nacional.

José Aristides Jofre chegou ao Brasil, procedente da Argentina, em 1928, para ajudar seu irmão, Kid Prates, a cuidar da Academia Paulista de



Kid Jofre levou Paulo Sacomã ao título brasileiro



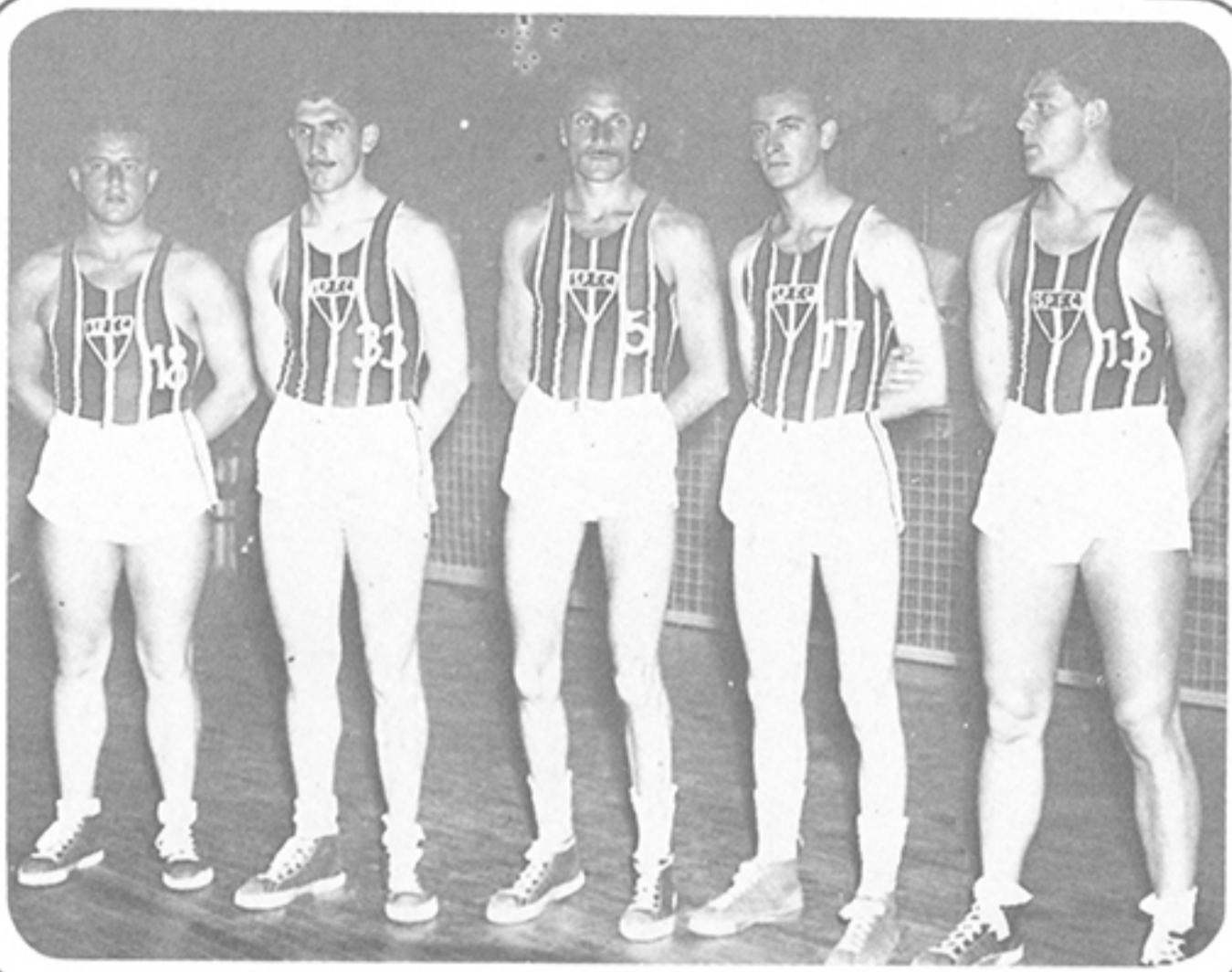
Galasso vence o campeão Sul-Americano Sergio Salvia

Pugilismo. Em sua terra, havia lutado apenas como amador e no Brasil fez uma única exibição, em 1930. Foi nesse mesmo ano que seu irmão se transferiu para o Rio de Janeiro e ele ficou sozinho cuidando da academia, iniciando sua carreira de treinador. Tantos lutadores passaram por suas mãos, que o próprio Kid Jofre, quando lhe perguntavam, reconhecia que não poderia lembrar-se de todos os nomes. Mas muitos deles a própria história não deixa que sejam esquecidos: seu próprio filho, Eder Jofre, Luís Inácio, o primeiro lutador brasileiro a sagrar-se campeão pan-americano, nos meio-pesados. Pedro Galasso (peso leve), Oripes dos Santos (pena), outros dois dos quatro primeiros brasileiros a levantarem um título sul-americano, além de Sebastião Nascimento, campeão latino e conquistador de vários outros títulos.

Nas décadas de 40 e 50, a família Jofre (Eder e Kid) levou aos mais altos degraus o nome do pugilismo brasileiro e, com ele, o nome do São Paulo, camisa que Kid sempre cobriu de orgulho. Por doze vezes, sendo dez delas consecutivas, o São Paulo levantou o título de campeão paulista de pugilismo, graças aos punhos treinados por Kid Jofre. Foram os campeonatos de 44 a 55, de 58 e 59. Mesmo nas épocas em que não havia disputas estaduais, o Tricolor se destacava em outras

competições, como no ano de 1946, quando foi o clube que mais atletas cedeu à seleção brasileira para participar do Campeonato Latino-Americano de boxe. Nos torneios amadores, o São Paulo era praticamente imbatível, tendo conquistado inúmeras vezes o Troféu "A Gazeta Esportiva".

Mas, para conseguir realizar todas essas verdadeiras façanhas, Kid Jofre não usou punhos de ferro, mas uma determinação de aço. Tanto assim que chegou a ser conhecido como treinador insensível, diretor ranzinza. Mas quem o conhecia, percebia nele o real interesse pelo esporte, a grande dedicação pelo pugilismo. E, assim como era duro para com seus jovens atletas, para transformá-los em grandes estrelas, chegava a chorar, como dizem alguns de seus amigos, quando se via obrigado a desencorajar um jovem que sonhava com a carreira de pugilista, mas não tinha a menor condição para dedicar-se ao esporte. E, embora haja muita contradição sobre isso, muitos são categóricos em afirmar que, se não fosse Kid, Eder não teria sido o grande campeão que foi. E o próprio Eder sempre dizia, depois de cada luta: "Devo isso a meu pai". Não só ele deve, o pugilismo brasileiro terá sempre essa dívida de gratidão para com o grande Kid Jofre, um grande campeão por trás dos campeões.



Basquete, a vitória na primeira partida

Mais glórias no amador

Volei, hóquei, basquete, futebol de salão, judô, natação. São esportes amadores do São Paulo, que teve até remo, na época do Canindé, com a realização de provas no rio Tietê, então limpo e sem poluição. E, também nesses esportes, foram conquistadas muitas taças, para a glória tricolor.

Embora o São Paulo tenha dado grande destaque ao atletismo, nos esportes amadores, e às equipes infantis e juvenis, alguns outros esportes também foram praticados, tendo o clube conquistado brilhantes vitórias. Ainda à época do Canindé, quando a prática do remo tinha grande destaque, no rio Tietê, o São Paulo também competiu nesse esporte.

Os maiores destaques, nò entanto, nesses três anos, foram para outras equipes. No basquete, conquistou o título de campeão masculino em 43 e de campeão feminino em 44. Foi campeão paulista de esgrima em 1944. No volei, foi campeão paulista da 1a. e 2a. Divisões no torneio do IV Centenário, em 1954. Duas vezes foi campeão paulista de xadrez e ganhou o título de campeão de hóquei em 1954. Atualmente, o São Paulo Futebol Clube volta a desenvolver os esportes amadores, dando ênfase, principalmente, às escolinhas de mais diversas modalidades, investindo, assim, na formação de futuros atletas. São, ao todo 11 modalidades esportivas, nas quais os atletas das categorias mirim, infantil e juvenil participam de todas as provas organizadas pelas Federações.

Também no hóquei sobre patins, após uma curta atuação, em 1954, o São Paulo está desenvolvendo novas equipes, participando de torneios oficiais e amistosos, o que tem contribuído bastante para a ampliação de seu quadro de atletas.



Em 50, o hóquei do São Paulo em ação



O quadro "A" de volei do São Paulo, vencedor do Torneio Paulista de preparação, em 53



O "Gigante do Morumbi", ainda incompleto, nos anos 60

O POLIESPORTIVO

Quando a diretoria do São Paulo Futebol Clube decidiu vender a acanhadada sede do Canindé para construir um grande estádio, muitos consideraram essa atitude uma loucura, "um sonho irrealizável". Mas os "sonhadores" estavam decididos a realizá-lo. O sonho sampaulino não caberia dentro do Pacaembu. Tinha que ser em outro lugar, muito grande. E foram precisos 18 anos de luta para que esse sonho fosse transformado em realidade. Hoje, o "Cícero Pompeu de Toledo", o Morumbi, é o maior estádio particular do mundo, menor apenas que o Maracanã e orgulho dos sampaulinos. Com capacidade para 150 mil espectadores, é ele, hoje, o palco dos grandes espetáculos futebolísticos do Estado. Ao seu lado, uma sede social completa, com instalações que possibilitam aos sócios o desenvolvimento de todas as atividades sociais e esportivas e ao clube a ativação dos esportes amadores, que também constituem, além do futebol, parte importante da tradição esportiva tricolor, muitas vezes campeão. Ao mesmo tempo, estão sendo desenvolvidas as obras do Plano Piloto, ampliando todo o setor social, etapa por etapa, sem impedir o uso das instalações já concluídas. Modernização, conforto, beleza, praticidade, são as diretrizes básicas deste conjunto, peça indispensável para este gigante tricolor.



Em qualquer lugar do estádio, uma excelente visão de todo o campo e da pista de atletismo





Todos os grandes jogos são realizados no Morumbi



O sistema de iluminação é perfeito



Muito conforto em todos os setores

Um sonho que se tornou realidade

No começo, era apenas um sonho. Um sonho muito grande em que só mesmo os sampaulinos com muita fé acreditavam. Entre eles, o principal: Cícero Pompeu de Toledo, que morreu antes de ver sua obra terminada.

Quando, na tarde histórica de 15 de agosto de 1952, Monsenhor Francisco Bastos abençoou o local onde seria erguido o novo estádio, poucos esperavam que, alguns anos mais tarde, ali estaria, majestoso, o maior estádio particular do mundo, com uma sede social de fazer inveja aos maiores clubes do Brasil.

Foi uma obra grandiosa, que exigiu, em sua primeira fase, cinco meses só para movimentar 340 mil metros cúbicos de terra em escavações. Pouco depois, São Paulo assistiu à gravação de galerias de águas pluviais para canalização do córrego que atravessa toda a área onde se localiza o estádio.

Mais tarde, após a conclusão do campo e da pista de atletismo, tiveram início as obras dos setores para acomodação do público. Haveria lugar para 150 mil pessoas. Mesmo assim, ainda havia quem não acreditasse que a

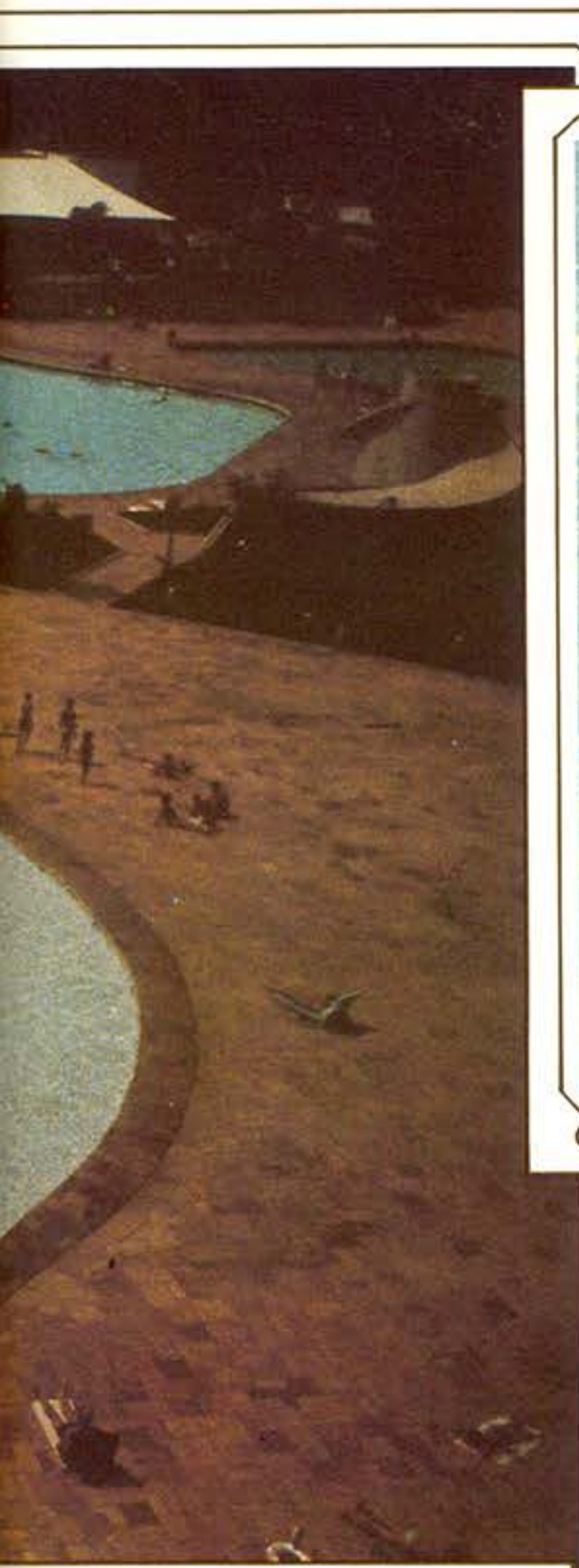
Com capacidade para 150 mil pessoas, o Estádio Cícero Pompeu de Toledo é o maior do mundo pertencente a um clube. Em seu campo, foram usadas traves roliças, uma inovação no Brasil, hoje adotadas em todas as partes do mundo.



No Morumbi, o maior espelho d'água da América do Sul



A escolinha de natação prepara futuros atletas



O conjunto aquático tem frequência média de 10 mil pessoas por fim de semana



Campeões



No grande balneário há lugar para todos



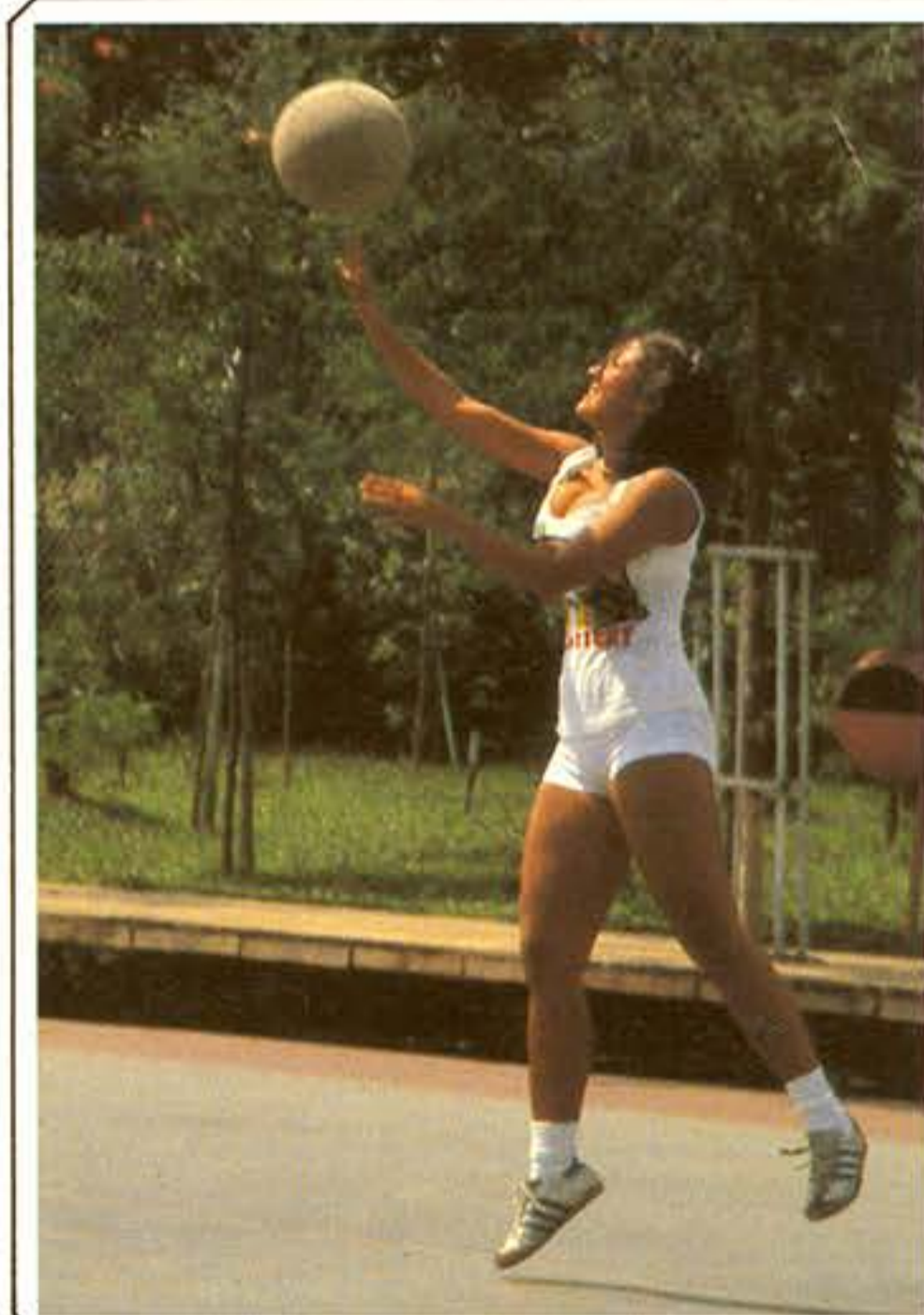
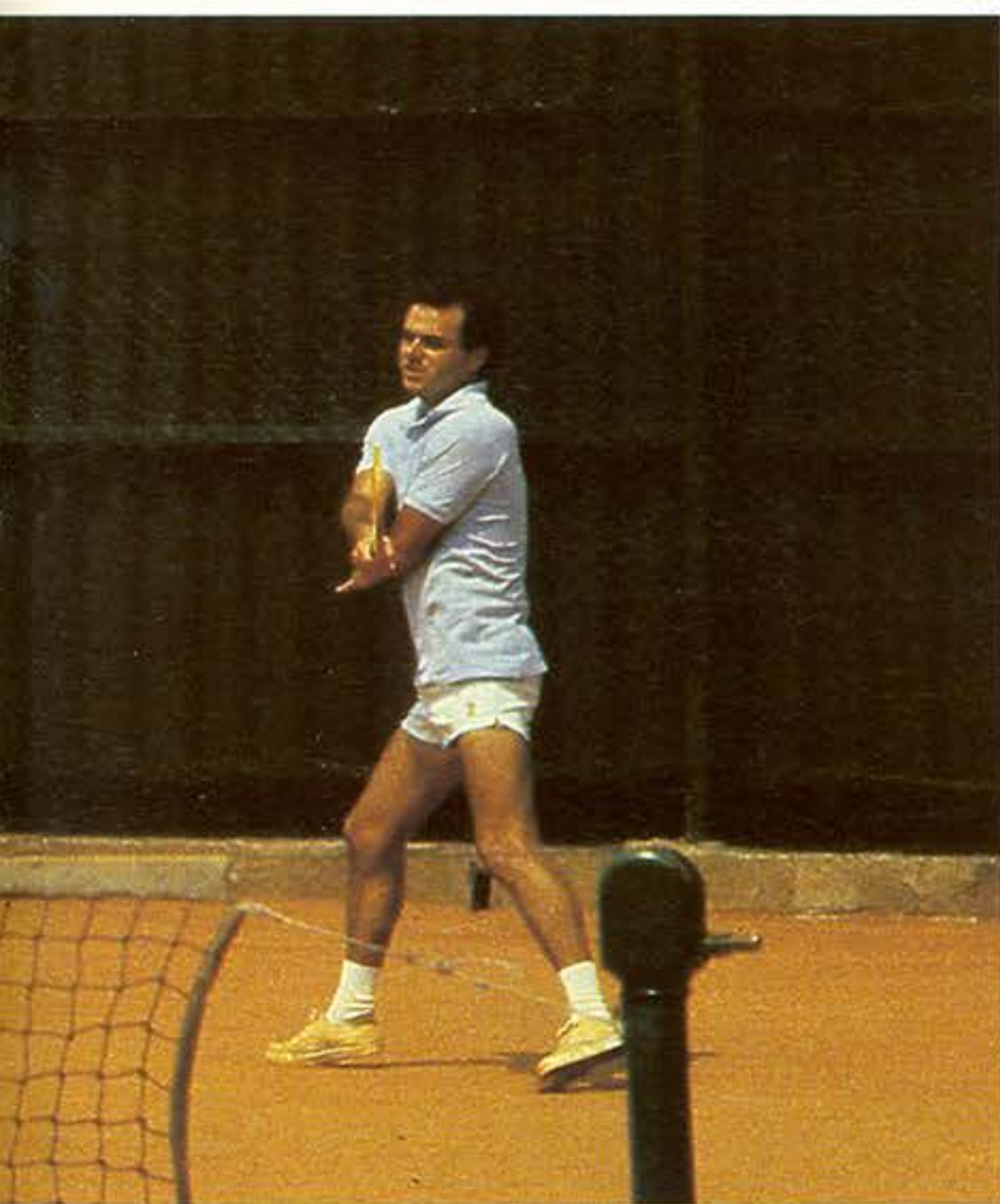
Os meninos do São Paulo participam de vários campeonatos de futebol de salão



Além de muito praticado pelos sócios, o tênis tem equipes de várias categorias disputando torneios



As escolinhas formam os craques do futuro



Basquete, outro esporte muito praticado



Na sede social, muitas opções para os associados

Homenagem a Cícero Pompeu de Toledo

grandiosa obra chegaria ao fim em pouco tempo. No entanto, ao mesmo tempo, a fé e o orgulho sampaulinos se fortaleciam e outras obras iam sendo executadas, como a sede social, abrangendo, restaurante, vestiário e salão de festas, o conjunto aquático, o ginásio, as quadras poliesportivas, de tênis, campos de futebol para os associados. Aquele local alagadidido, puro matagal, ia sendo transformado numa verdadeira praça social e esportiva.

Hoje, ela é uma realidade, uma grande obra que leva o nome de seu idealizador, Cícero Pompeu de Toledo, numa homenagem ao homem que simboliza toda a força, a fé e a perseverança dos verdadeiros sampaulinos.



Para as crianças, um completo "play-ground"

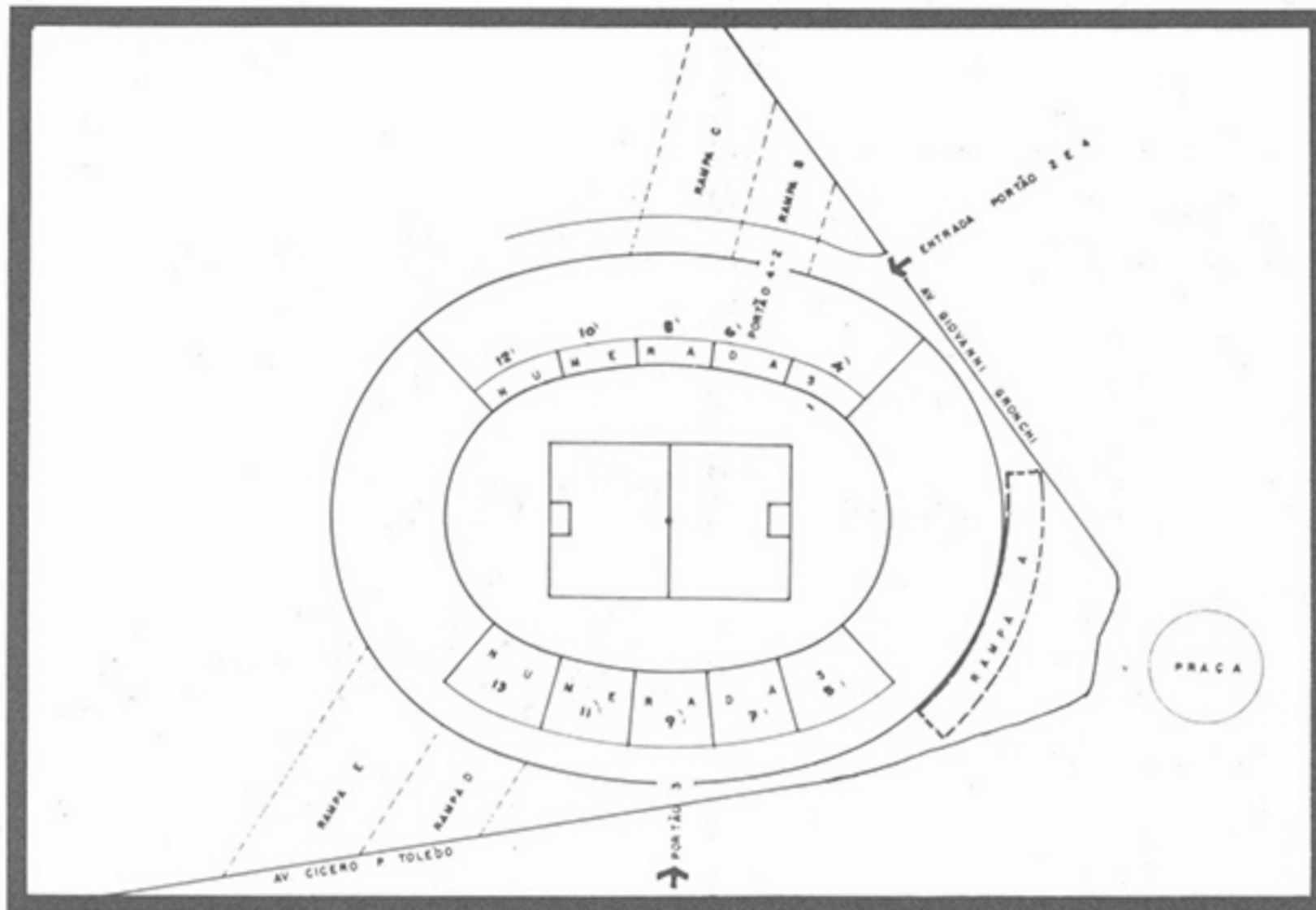
Conheça o seu clube

PARQUE SOCIAL

- 1 - Portaria
- 2 - Bar Lanchonete
- 3 - Restaurante
- 4 - Quadras
- 5 - Sala de TV
- 6 - Boutique
- 7 - Vestiário Masculino
- 8 - PlayGround
- 9 - Quadras de Tênis
- 10 - Ginásio de Esportes
- 11 - Churrasqueira
- 12 - Paredões de Tênis
- 13 - Salão de Bochas
- 14 - Campos de Futebol Social
- 15 - Lanchonete
- 16 - Quadra de Patinação
- 17 - Parque Aquático
- 18 - Sala de Estar
- 19 - Gerência
- 20 - Dep. Médico
- 21 - Salas das Sessões
- 22 - Vestiário Feminino
- 23 - Berçário
- 24 - Boate
- 25 - Salão de Festas
- 26 - Sanitários
- 27 - Sauna
- 28 - Salão Tricolor
- 29 - Ginástica Feminina
- 30 - Judô
- 31 - Snoker
- 32 - Patinação

PAVIMENTO INTERMEDIÁRIO DO ESTÁDIO

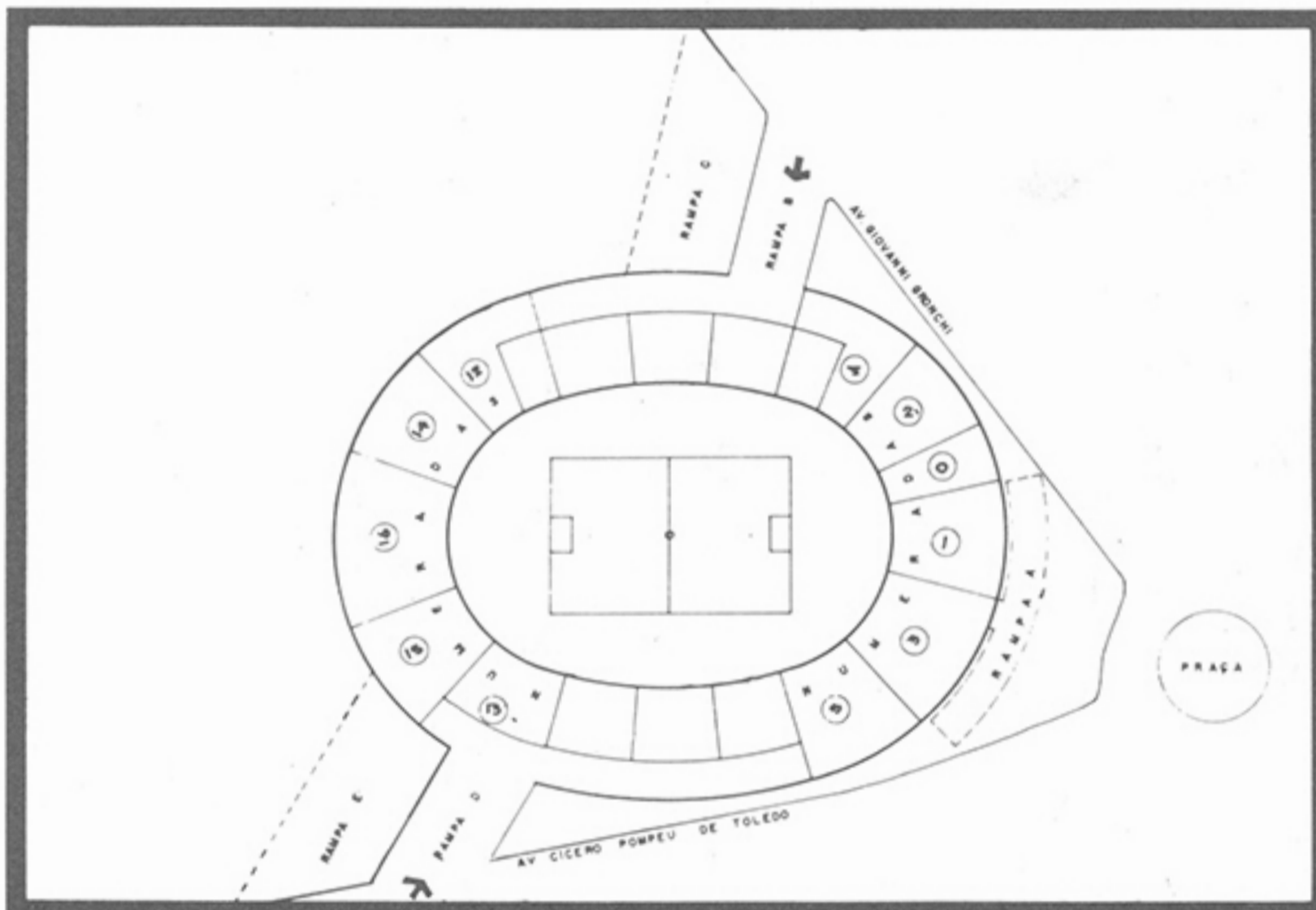
- A - Sala de Troféus
- B - Salão Nobre
- C - Arquivos
- D - Lavanderia
- E - Auditório
- F - Concentração do Futebol profissional
- G - Cozinha e Refeitórios
- H - Departamento Médico Fisioterapia
- I - Arquivos
- J - Sede Administrativa e Diretoria
- K - Escolinha de Futebol



1

NUMERADAS INFERIORES

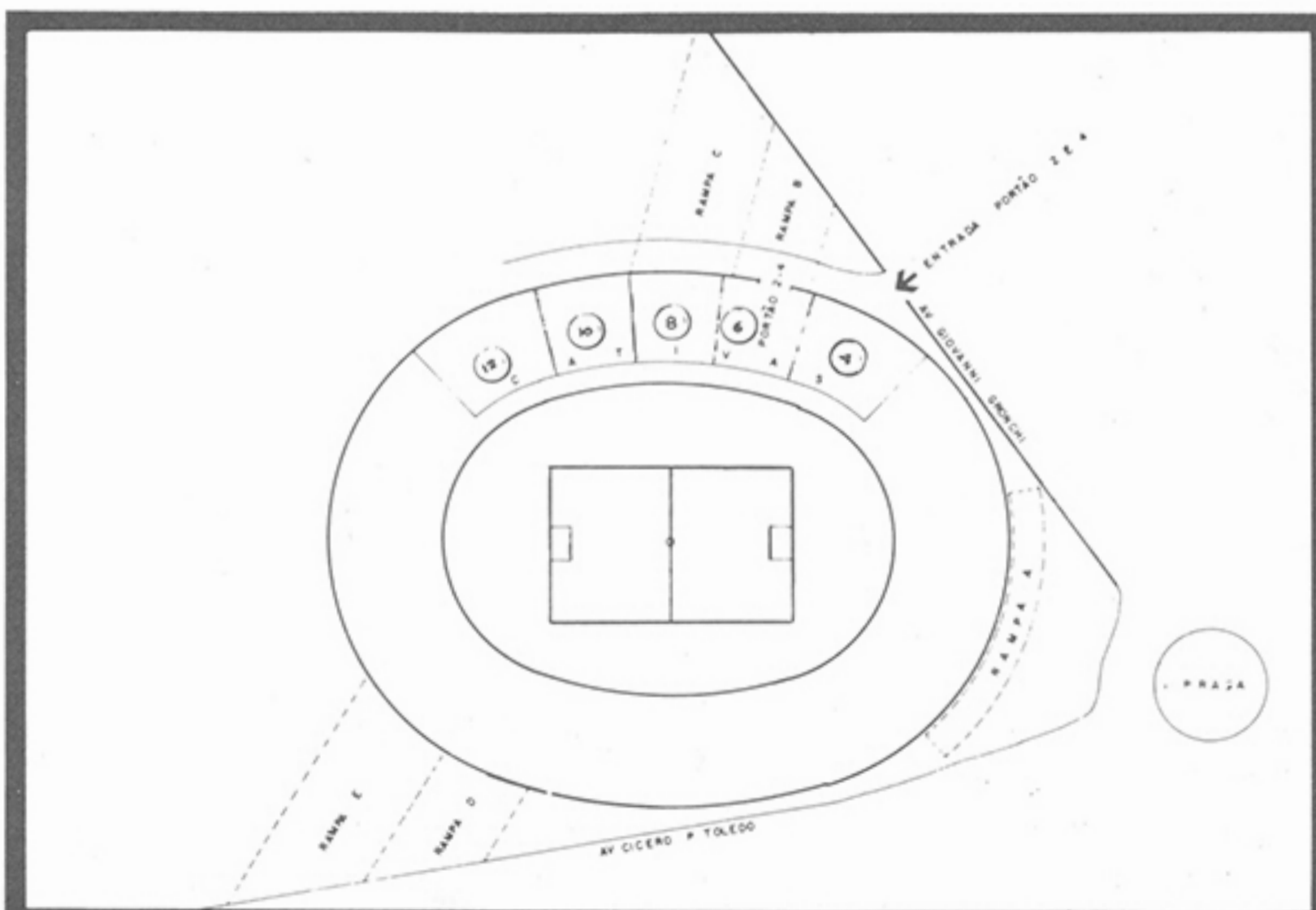
As numeradas inferiores têm acesso pelos portões 3 (av. Cícero Pompeu de Toledo) e 2 e 4 (av. Giovanni Gronchi). Divididas nos setores 4, 6, 8, 10, 12; 5, 7, 9, 11 e 13, têm capacidade para 9.739 espectadores.



2

NUMERADAS SUPERIORES

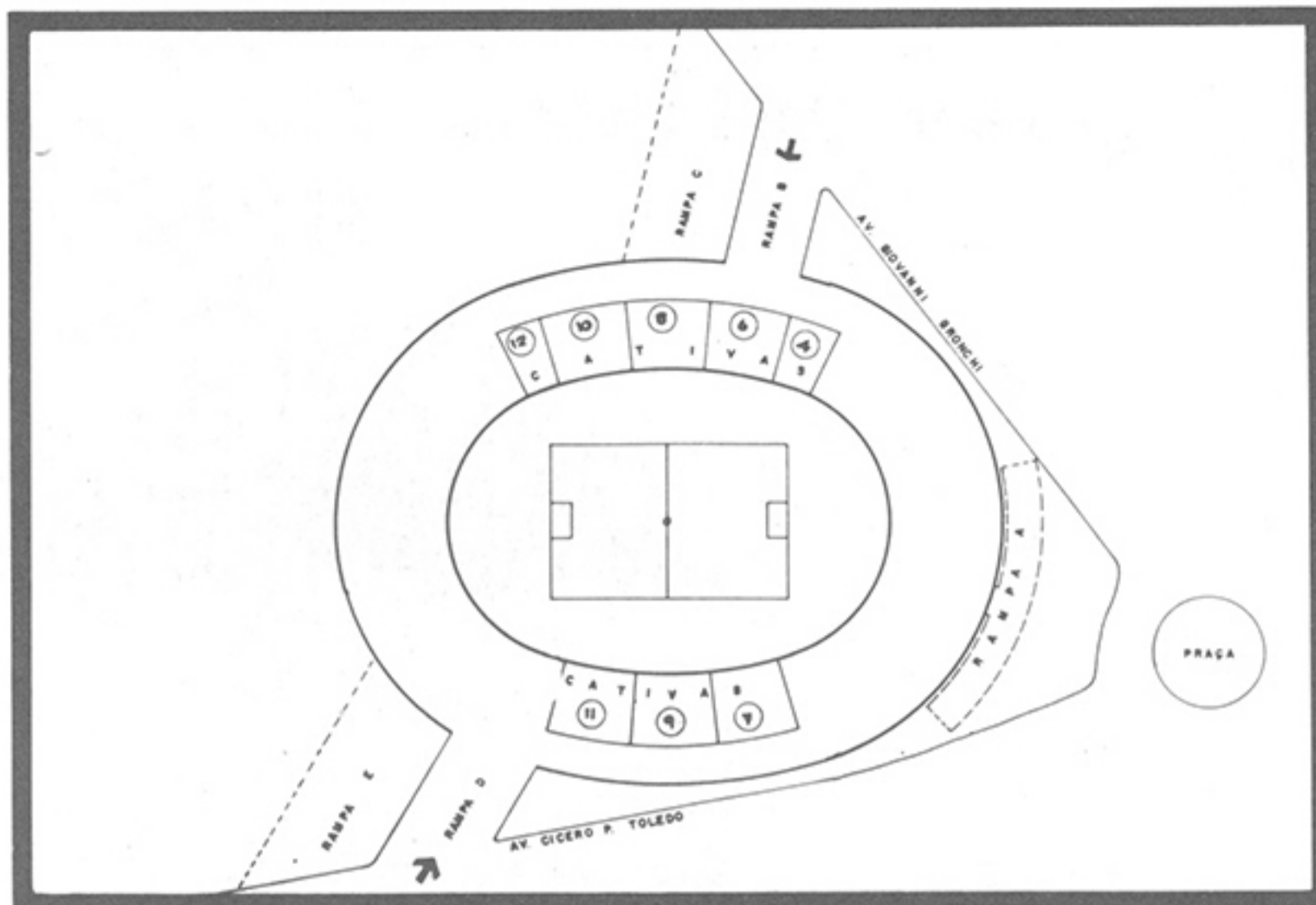
O acesso às numeradas superiores é feito pela Rampa D (av. Cícero Pompeu de Toledo) ou pela Rampa B (av. Giovanni Gronchi). Estão divididas nos setores 1, 3, 5, 13, 15; 2, 4, 12, 14, e 16 têm capacidade para 16.056 espectadores.



3

CATIVAS INFERIORES

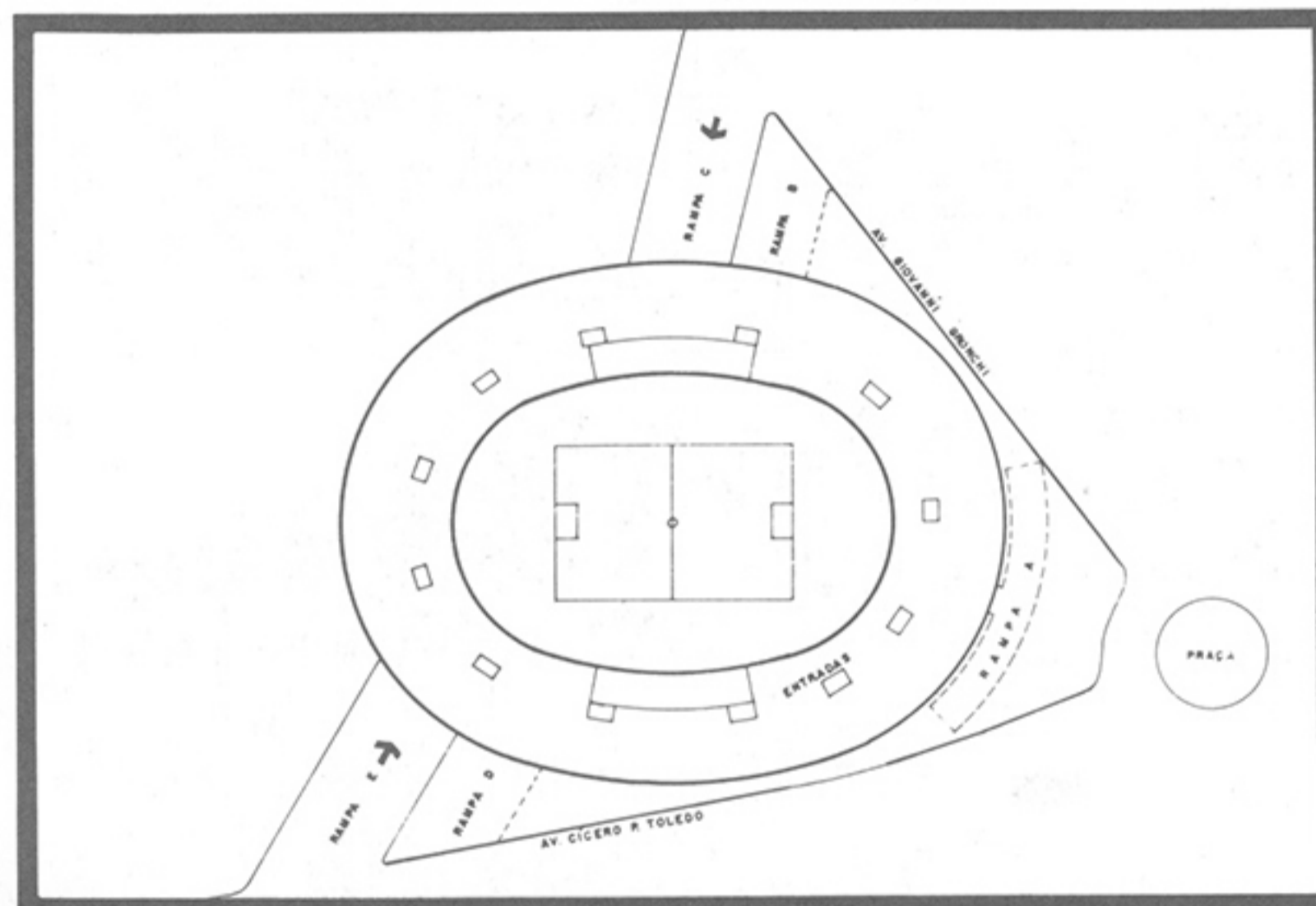
As cadeiras cativas inferiores têm acesso pelos portões 2 e 4, localizados na av. Giovanni Gronchi. Elas estão divididas nos setores 4, 6, 8, 10 e 12 e podem receber o limite máximo de 5.369 espectadores.



4

CATIVAS SUPERIORES

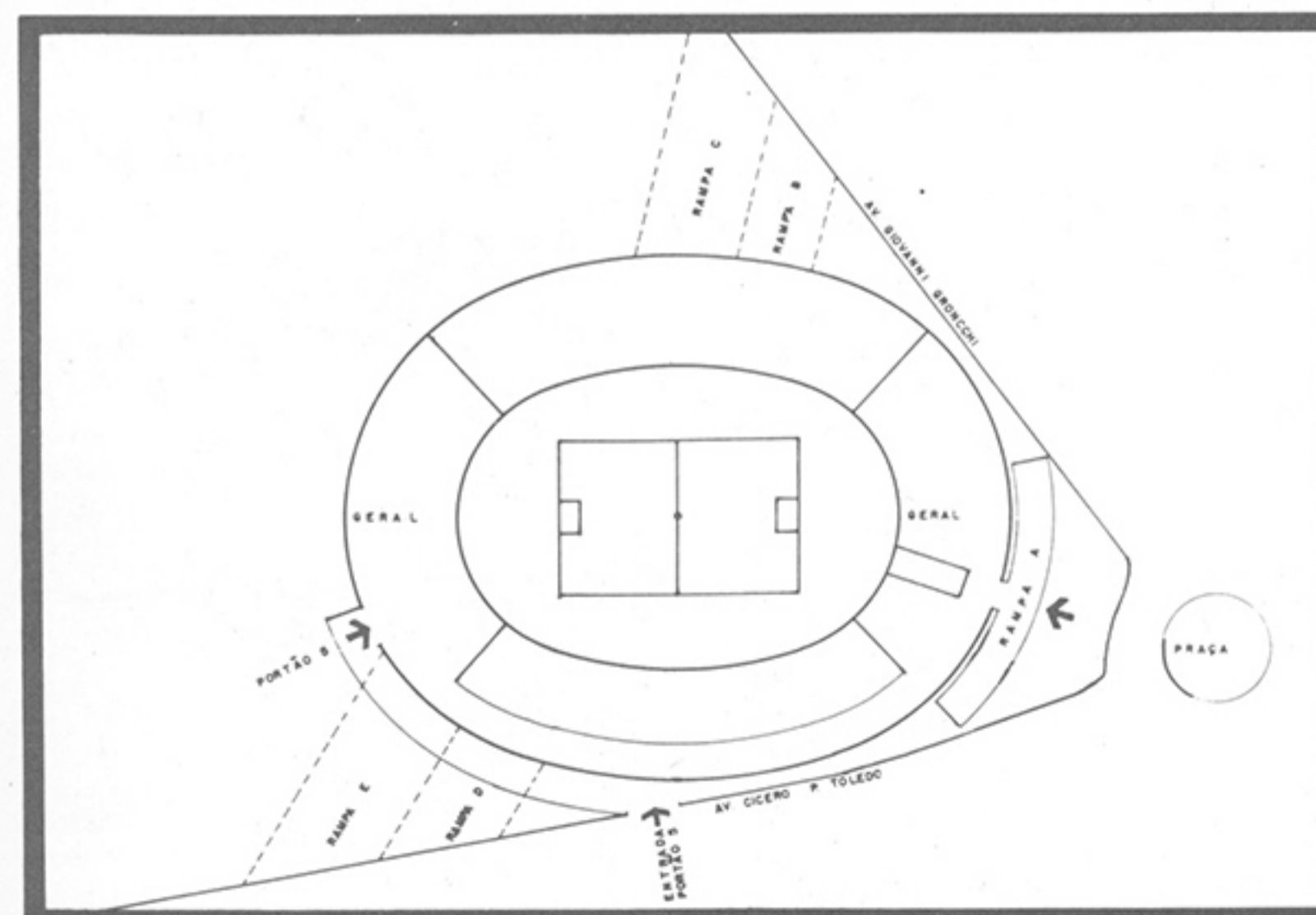
A entrada para as cadeiras cativas superiores pode ser feita pela Rampa D, na av. Cícero Pompeu de Toledo, ou pela Rampa B, na av. Giovanni Gronchi. Estão divididas em setores 7, 9 e 11; e 4, 6, 8, 8, 10 e 12. Sua capacidade é para até 5.680 espectadores.



5

ARQUIBANCADAS

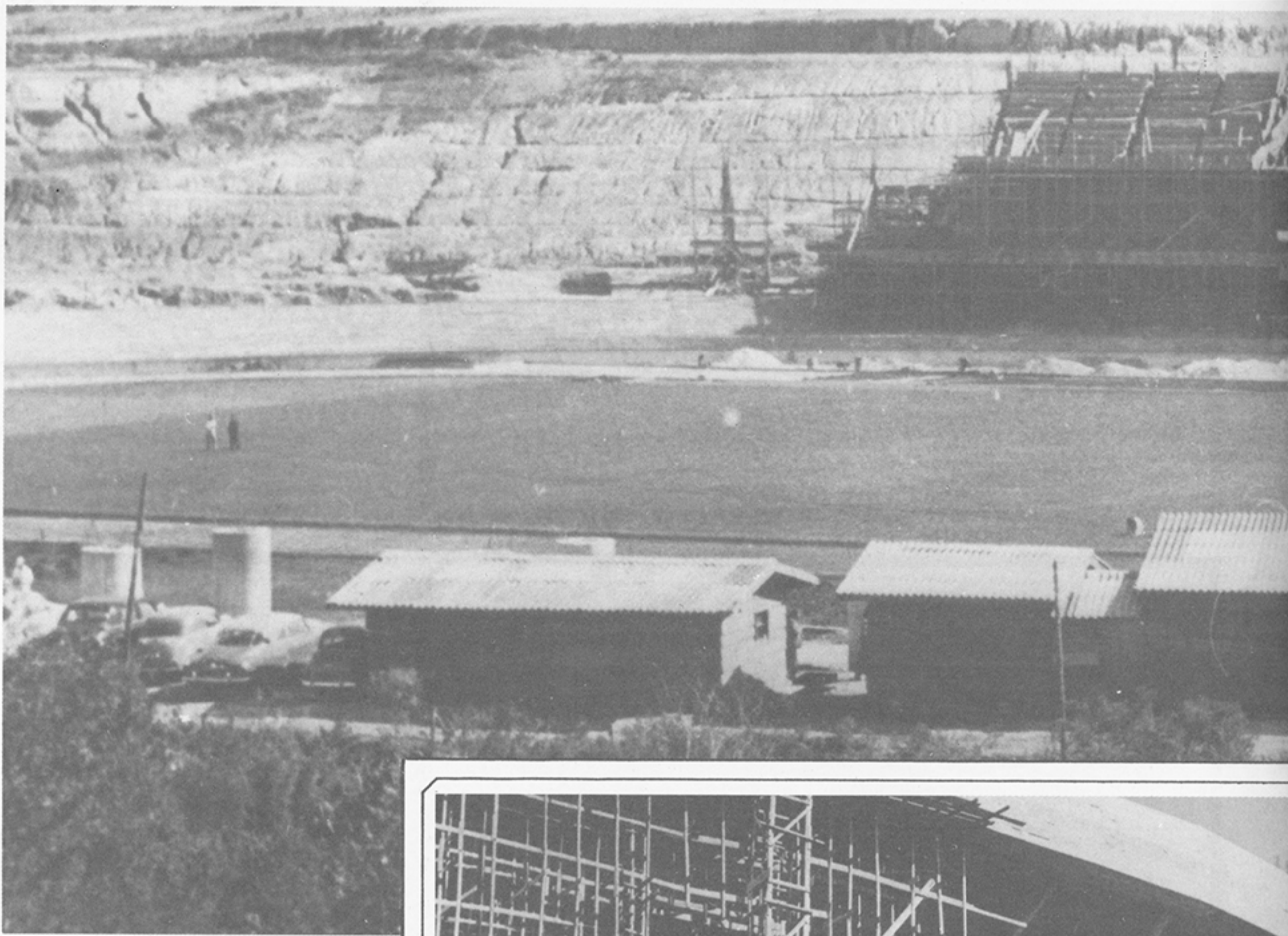
A entrada para as arquibancadas é feita pela Rampa E, localizada na av. Cícero Pompeu de Toledo, ou pela Rampa C, na av. Giovanni Gronchi. Sua capacidade total é para 70 mil espectadores. Ela circunda completamente o estádio.



6

AS GERAIS

As gerais estão localizadas atrás dos gols e têm entrada pelos portões 5, na av. Cícero Pompeu de Toledo, ou pela Rampa A, na entrada do Estádio, à pça. Roberto Gomes Pedroza. Sua capacidade média é de 40 mil espectadores.

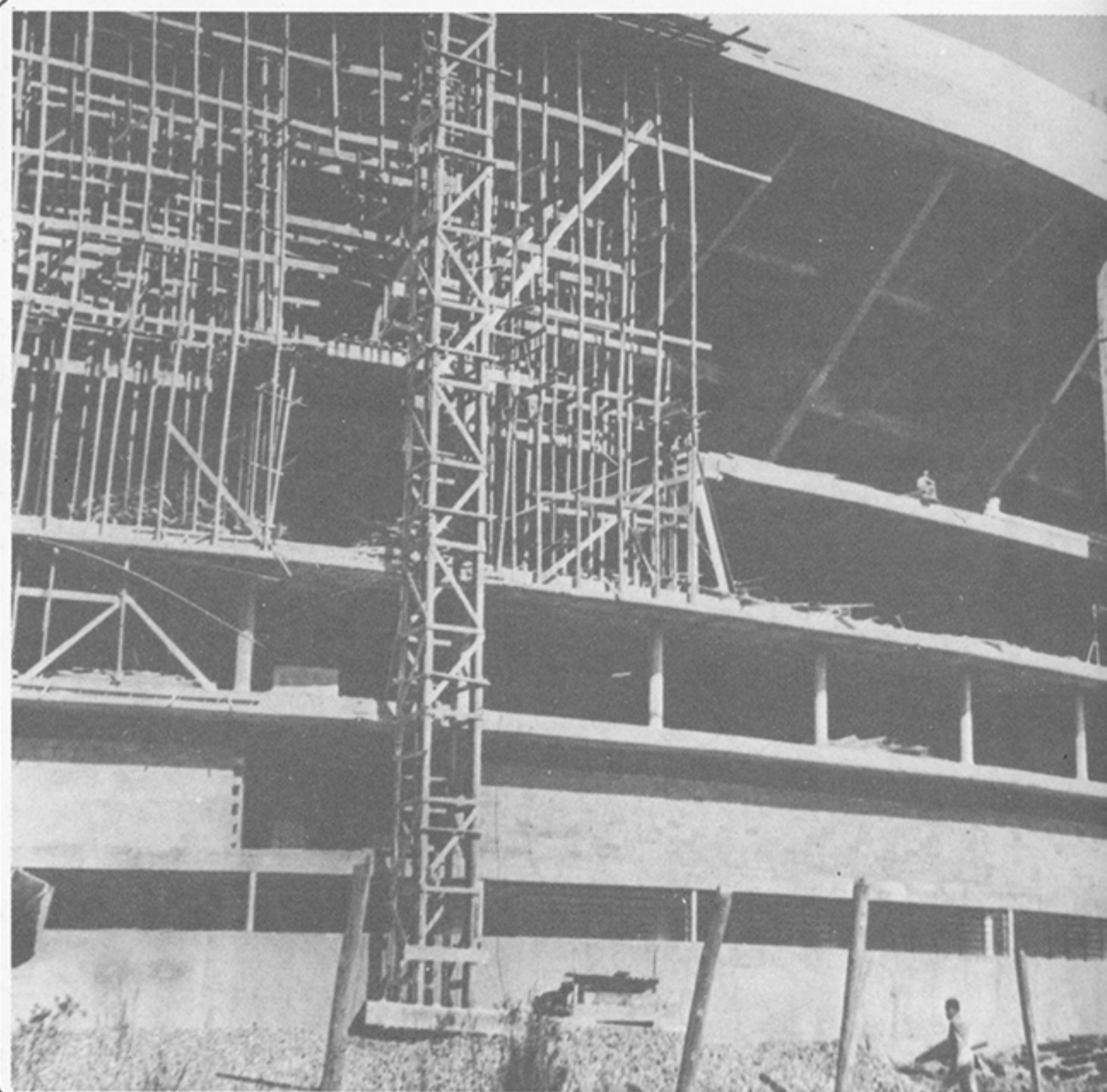


O estádio em outubro de 56

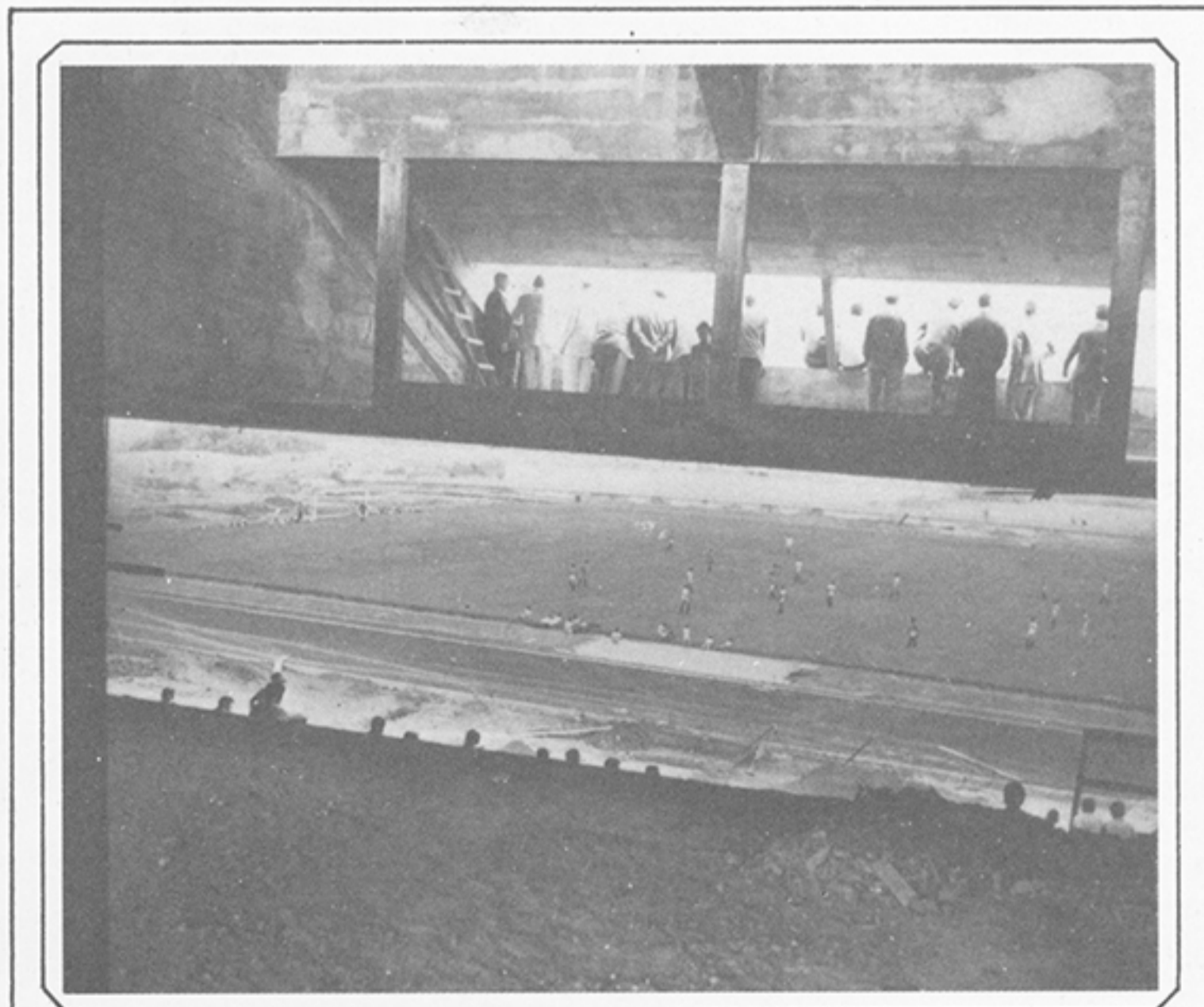
Só no projeto, foram 369 pranchas

O projeto do Estádio Cícero Pompeu de Toledo foi realizado pelo arquiteto L. Vilanova Artigas, apresentando, na época, os mais modernos padrões de engenharia, além de ter introduzido várias inovações, em termos de campo de futebol. Foi o primeiro estádio brasileiro a adotar traves roliças, hoje utilizadas oficialmente no mundo todo.

Um parâmetro para se ter uma idéia da grandiosidade, do trabalho, são as 369 pranchas de papel vegetal que Artigas utilizou apenas para o desenho do projeto. As obras foram iniciadas com o estaqueamento do terreno e a construção das galerias e do sistema de escoamento do campo, em forma de



O Morumbi em agosto de 60, dois meses antes da inauguração



Em 57, o campo já era usado para treinos

Um gigante com 150 mil lugares

espinha de peixe, dos mais eficientes conhecidos ainda hoje.

A inauguração parcial do estádio ocorreu em 1960, quando já haviam sido completados 30 vãos de 10 metros cada um, para as arquibancadas e o primeiro lance de cadeiras cativas. Em 1970 o Cícero Pompeu de Toledo foi inaugurado oficialmente, já totalmente concluído, com capacidade para 150.000 espectadores, com a seguinte distribuição: 70 mil arquibancadas, 40 mil gerais e 40 mil numeradas, além das cadeiras cativas e tribunas de honra. Cento e cinco guichês para a venda de ingressos, 59 cabines de imprensa, dotadas de modernas e completas instalações para atender às televisões, rádios e jornais, 81 pontos de venda de lanches e bebidas e mais 220 vendedores ambulantes para atendimento direto ao público

As tribunas nobres têm capacidade para até 52 convidados e foram construídas dentro de rigorosos padrões de conforto. Além disso, o estádio possui completa infra-estrutura de sanitários, ambulâncias e dependências para atendimento médico de emergência. Ao todo, está dividido em subsolo, pavimento térreo, primeiro, segundo e terceiro pavimentos e arquibancada.

No subsolo estão instalados os vestiários do futebol profissional do São Paulo Futebol Clube; administração; sala de imprensa; vestiário para clubes visitantes; sala da guarda; pronto-socorro; sanitários para o público do pavimento térreo; cabine de força, bombas de água e caldeira.

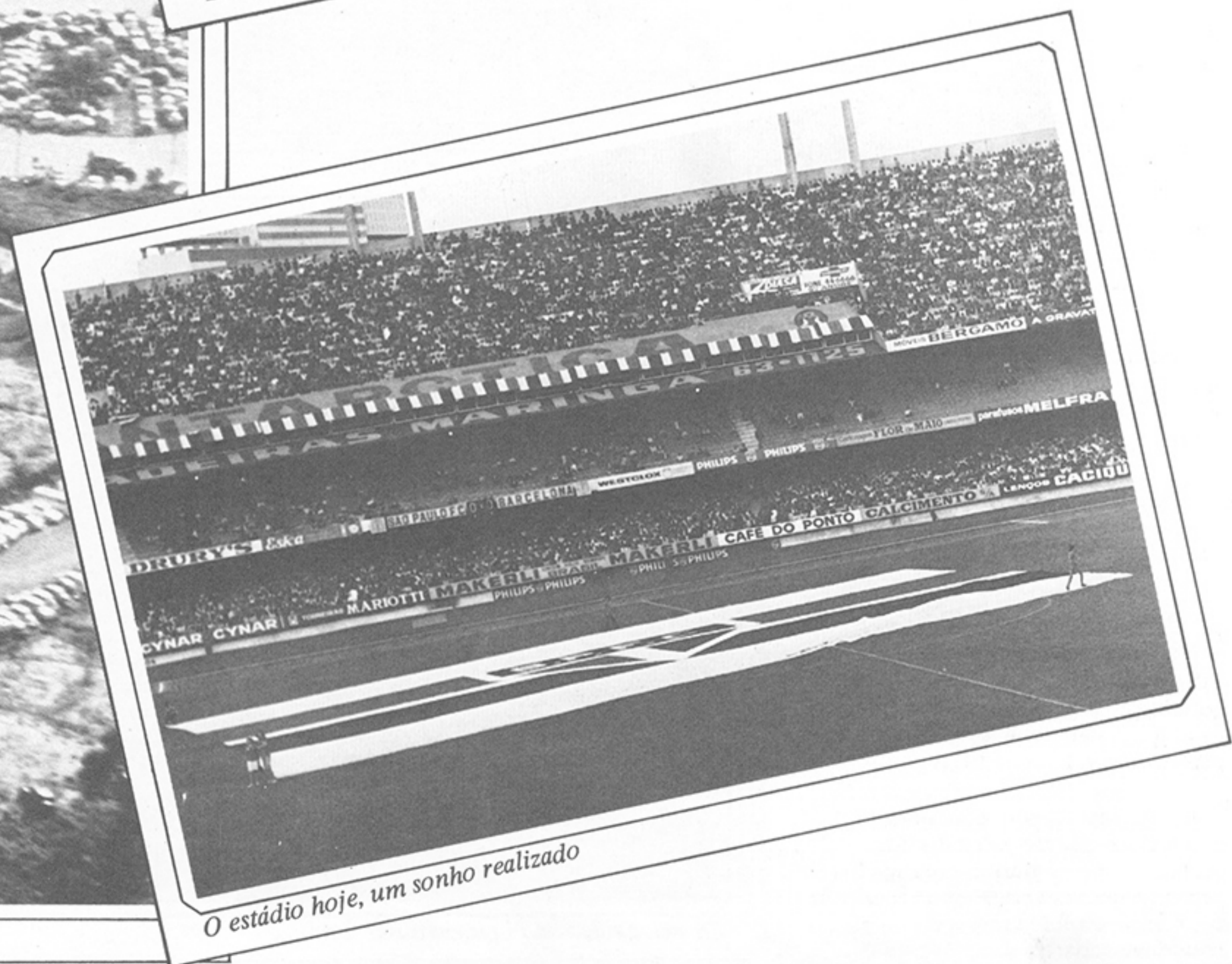
No pavimento térreo estão as numeradas e cadeiras cativas, tribuna de honra, tribuna de imprensa e tribuna da Federação Paulista de Futebol. O primeiro pavimento é de uso exclusivo do clube, onde estão instalados a concentração, administração, departamento médico, dependências da Diretoria, alojamento dos atletas profissionais e alojamento dos atletas amadores.



Em 66, ainda não havia casas em torno do estádio



Em 70, o presidente Médici e o governador Sodré na inauguração total



O estádio hoje, um sonho realizado

Um perfeito atendimento aos associados

O segundo pavimento destina-se às numeradas e cativas superiores, cabines de rádio e televisão (24 no total, bares, depósitos de bebidas etc. Finalmente, no terceiro pavimento estão localizadas as arquibancadas.

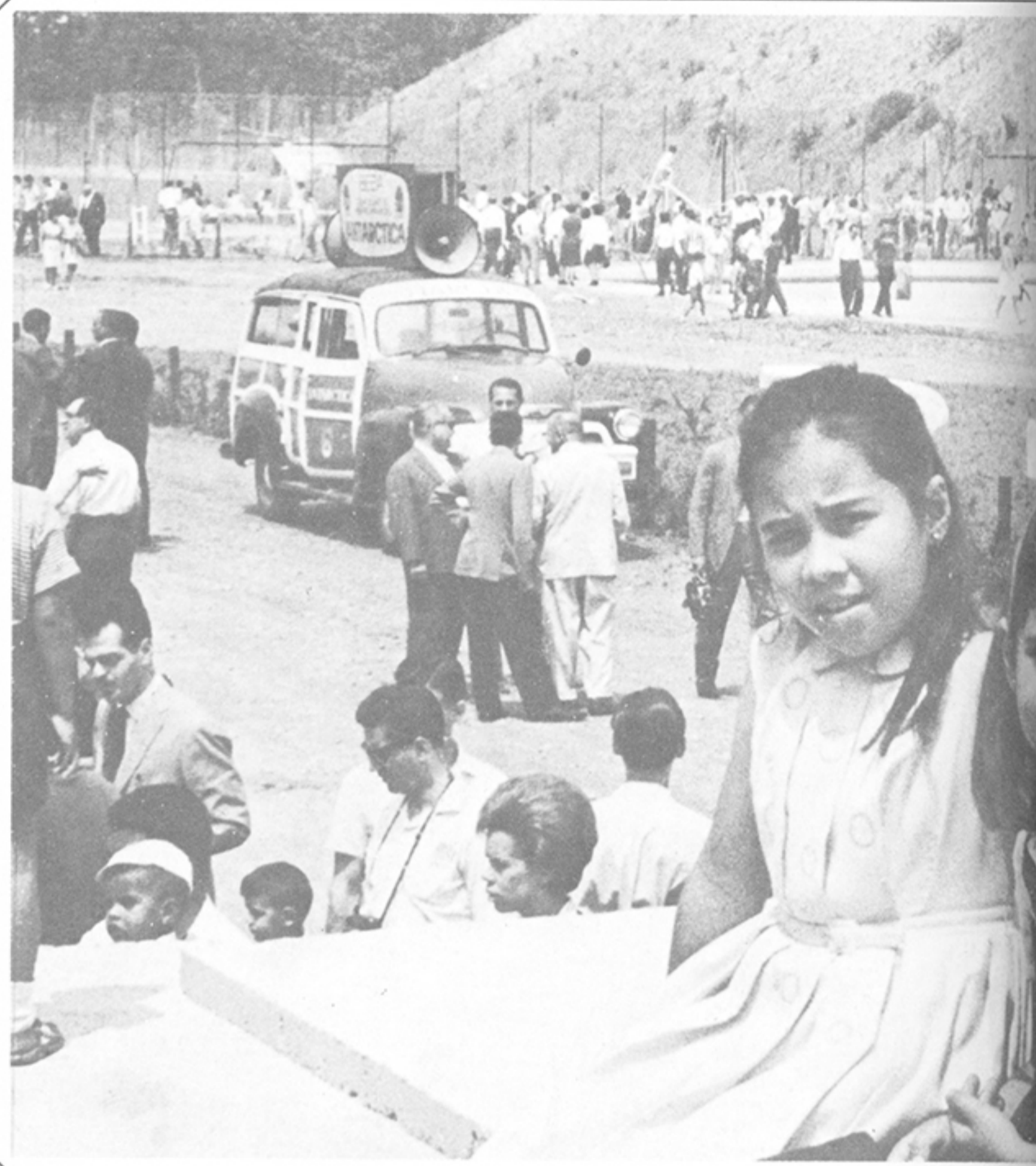
Em sua construção foi necessária a utilização de um volume de cimento que corresponde a 83 prédios de 10 andares com dois apartamentos cada um de 150 metros quadrados. De fato, o Cícero Pompeu de Toledo é o maior estádio particular da América Latina, o segundo maior estádio do Brasil.

PARTE SOCIAL

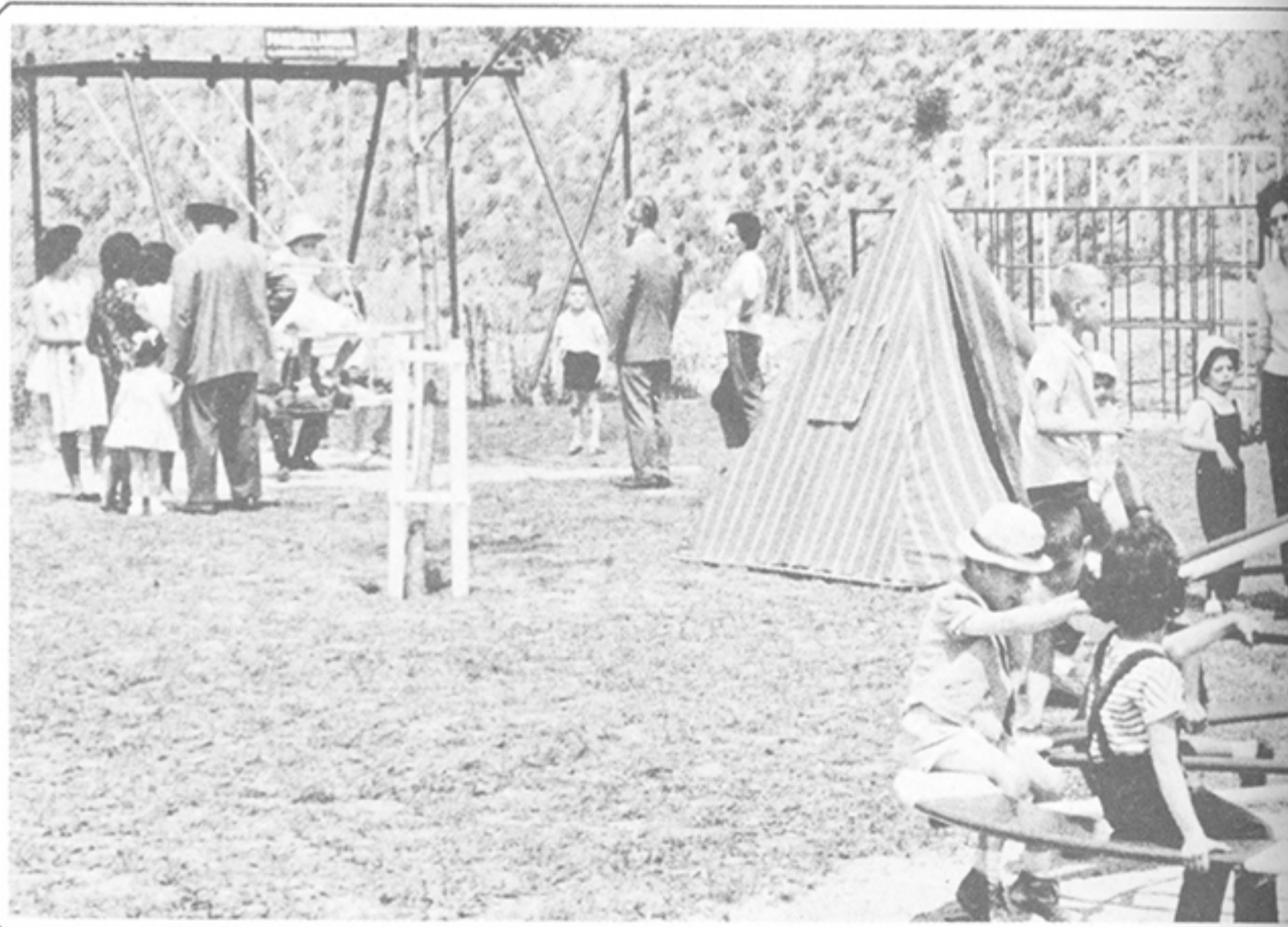
Na área contígua ao estádio estão localizadas as instalações sociais e poliesportivas do São Paulo, ainda não totalmente concluídas mas contando já com infraestrutura perfeita de atendimento aos associados e atletas amadores. Exemplo disso é o seu espelho d'água do conjunto de piscinas, o maior da América do Sul.

O parque social é atualmente composto por portaria; bar e lanchonete, restaurante; 10 quadras poliesportivas para a prática de volei, basquete e futebol de salão; cinco quadras de tênis (duplas), uma simples e quatro paredões para treinamento; sala de televisão; boutique; vestiário masculino; play-ground; ginásio de esportes, churrasqueira; salão de bocha; três campos de futebol social; quadra de patinação; sala de estar; gerência; departamento médico, salas das sessões; vestiário feminino; berçário; boate; salão de festas; sanitários; sauna; salão tricolor; ginástica feminina; judô; snooker.

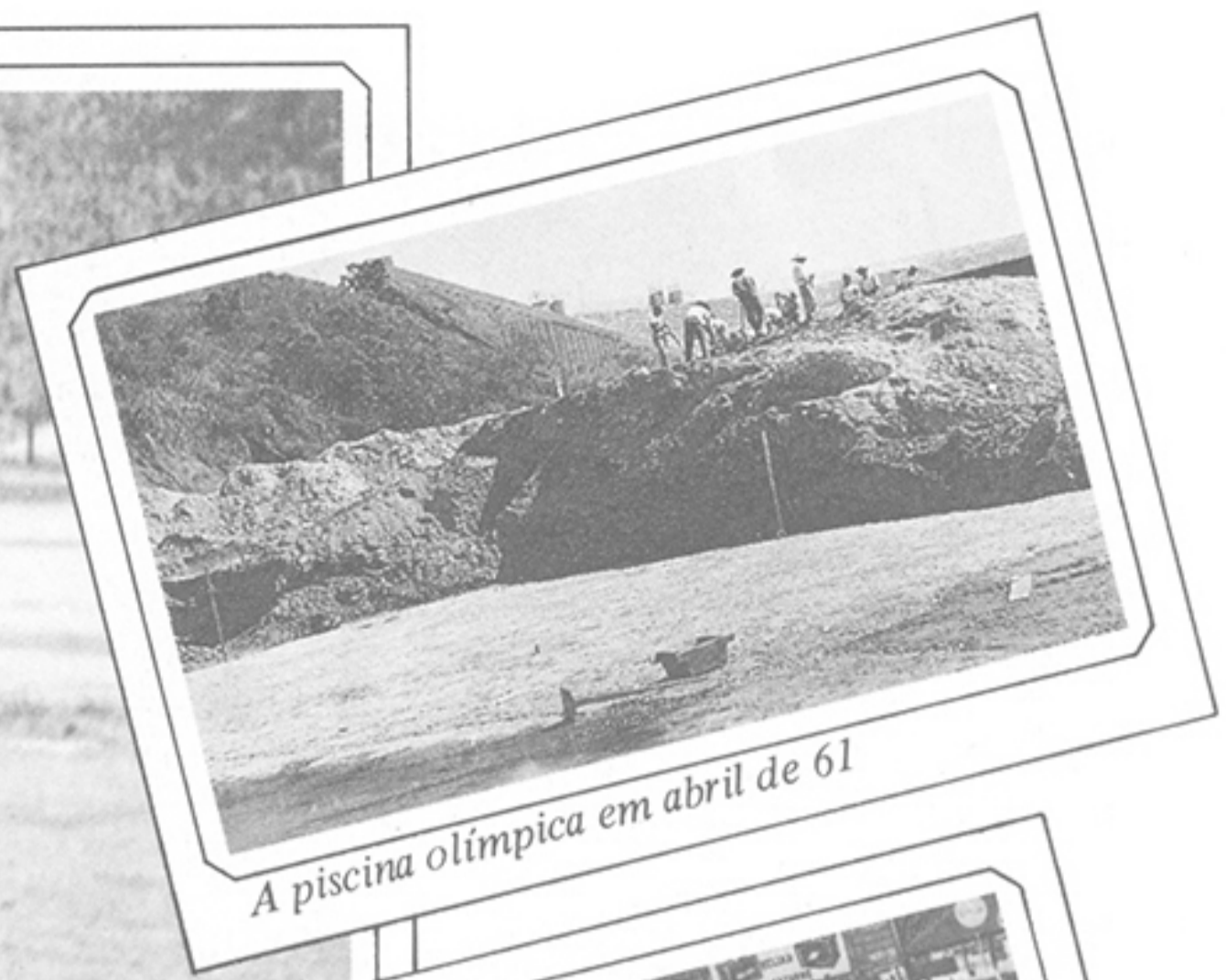
Destas dependências, duas merecem destaque: os vestiários femininos e o conjunto aquático: a primeira por seus padrões de conforto e dimensões e a segunda pela qualidade artística de seu projeto.



Um domingo no Morumbi, em 62



A inauguração do "play-ground", em 62



A piscina olímpica em abril de 61



A mesma piscina em novembro de 61

O vestiário feminino está colocado entre os mais modernos do País, com uma área aproximada de 2 mil metros quadrados, dividida em setor de senhoras (834 metros quadrados), setor para meninas (431 metros quadrados), setor para crianças, sala de estar e setor de toalete e retoques.

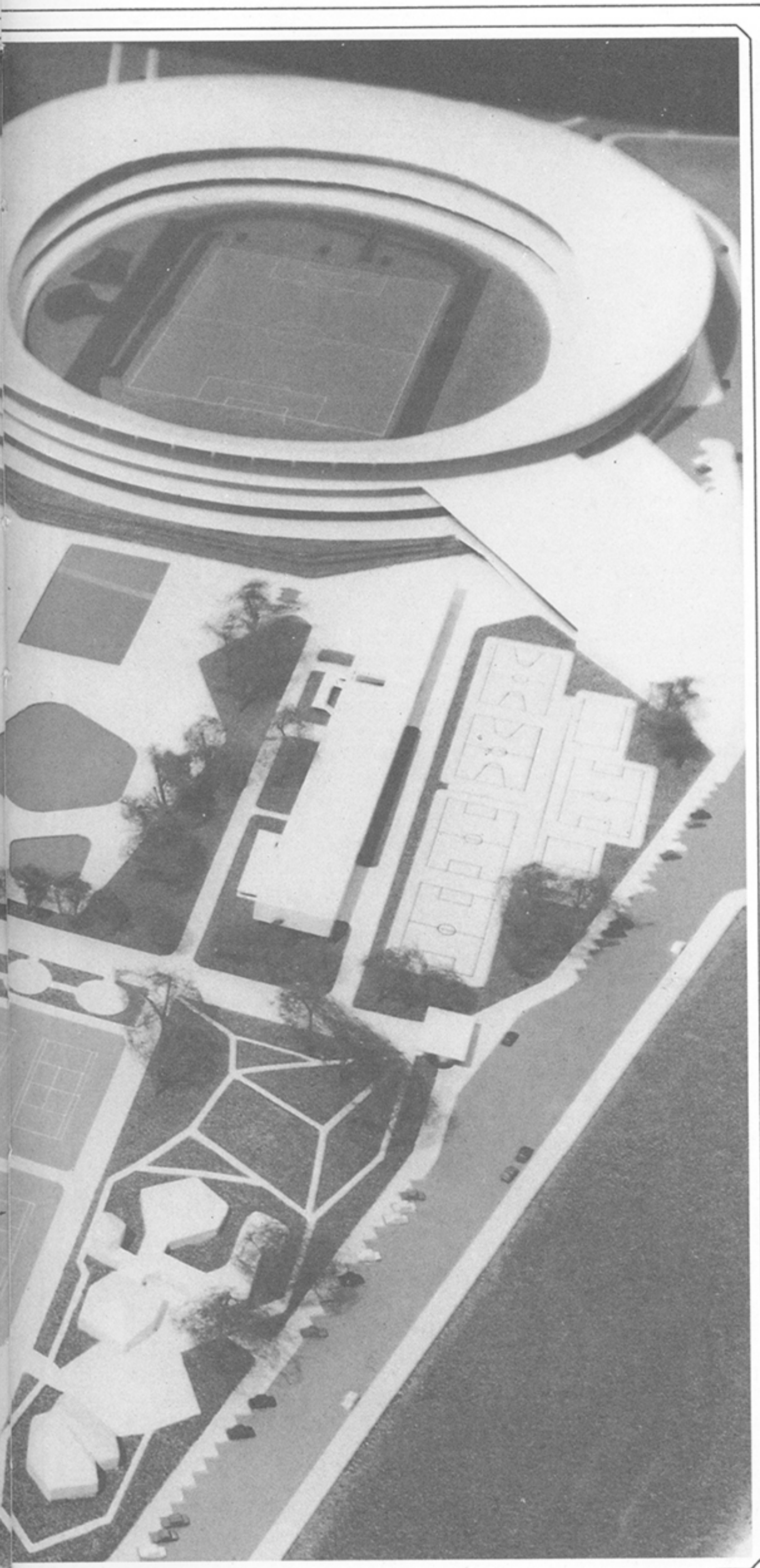
Está equipado com 89 boxes com chuveiros, 36 boxes com sanitários, 26 lavatórios, 1440 armários de aço e mais 1.500 sacolas. Está capacitado a atender uma afluência média de 2.500 pessoas. Possui, além disso dependências para o pessoal de serviço, fiscalização, e local para fornecimento de material sanitário e toalete.

O balneário, ou conjunto aquático, destaca-se também por suas dimensões e, principalmente, por sua beleza e acomodações. Das quatro piscinas, a mais nova e também destaque do conjunto é aquela dotada de cuidadoso projeto paisagístico, contendo ilhas com vegetação apropriada, pérgolas, solários, escorregadores e passagens de uma ilha à outra, além de terraço com 150 metros de diâmetro.





Com o plano-piloto, uma sede social completa

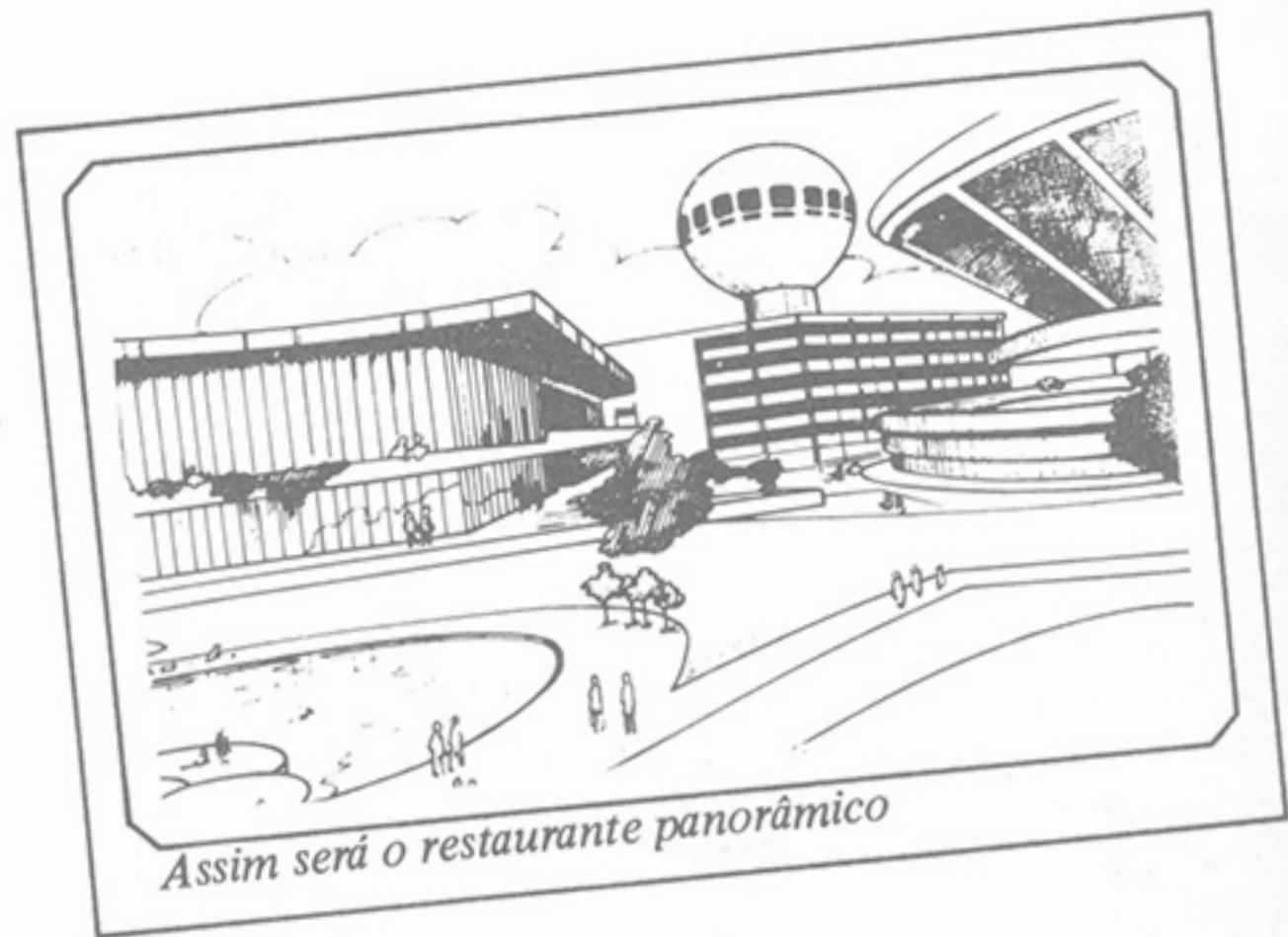


A EMPRESA

De um sonho a um nome forte e respeitado; de uma bandeira a um grande patrimônio; de um grande clube a uma grande empresa. Este é o São Paulo Futebol Clube de hoje e de amanhã. Hoje, o Tricolor tem sob sua responsabilidade todo um conjunto de atividades que extrapola o futebol profissional e as próprias fronteiras do Morumbi e do Estado de São Paulo, conquistando todo o País. Ao lado da conclusão de suas instalações no setor social, que o colocará entre os principais e mais modernos clubes sociais e poliesportivos da América Latina, o São Paulo, como grande empresa que é hoje, tem como meta sua ramificação em diversas equipes de futebol espalhadas pelo Brasil. Estas, além de divulgar o nome do clube, formarão e fornecerão os craques para o seu time principal. E mais: a formação de uma equipe de nível internacional que levará o nome do Tricolor para fora do País, elevando o futebol brasileiro e abrindo campo para novos jogadores. Maiores investimentos no Esporte Amador, com atletas que desde já estão sendo formados pelas escolinhas de esportes, possibilitarão ao Brasil melhor desempenho nas Olimpíadas e outras competições. Inúmeras programações e promoções sociais, culturais, artísticas e esportivas. Esse é, enfim, o espírito pioneiro e empreendedor de seus dirigentes, de seus integrantes, que fazem do São Paulo, um grande clube e uma grande empresa.

“Em 1935, um primeiro grupo fundou o SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE e construiu seu nome. A partir de 1952, numa segunda fase, outro grupo, aproveitando o nome, construiu o patrimônio do clube. Agora, com um nome, um patrimônio e suas dimensões gigantescas, os atuais dirigentes do São Paulo lhe imprimem as características de grande empresa e o administram como tal” – Laudo Natel, trecho de seu depoimento.

A consciência de administrar uma grande empresa, com um grande patrimônio e uma grande responsabilidade perante todos os sampaulinos, tanto conselheiros, dirigentes, quanto torcedores, tem estado presente em todas as atitudes do atual presidente, Dr. Antonio Leme Nunes Galvão e de sua diretoria. Eleito para Presidente da Diretoria em 1978, desde logo o Dr. Galvão iniciou o processo de administração empresarial no clube, com de uma diretoria jovem, dinâmica e capaz. Hoje, essa atuante diretoria vale-se não apenas de sua experiência no campo empresarial mas da apurada visão do Presidente, para empreender linha de administração profissional do clube. Dessa forma, e com o mesmo espírito de sacrifício, dedicação e idealismo, dirige o São Paulo F.C. hoje como verdadeira empresa, daí auferindo resultados eficazes que, sem dúvida, já estão presentes na vida do clube. Assim, atualmente, quanto às suas instalações sociais, estão sendo melhoradas e ampliadas com o emprego das mais avançadas técnicas de engenharia civil, obedecendo a padrões e normas técnicas segurança, conforto e estética. Uma sede social, mais moderna, concentrará todas as acomodações de recreação e lazer, bem como novas dependências administrativas e um departamento inteiramente voltado para o fornecimento de material esportivo para os associados. Um completo Centro Infantil e um novo Salão de Festas também se incluem entre as melhorias em andamento. Por outro lado, três novos ginásios esportivos darão maior amplitude à prática de esportes amadores no clube. O maior deles contará com acomodações para 2.500 pessoas e poderá ser interligado aos outros dois, formando um conjunto



Assim será o restaurante panorâmico

de notáveis proporções. Neles, campeonatos esportivos de diversas modalidades e ainda shows e espetáculos artísticos e muitas outras promoções trarão nova vida ao São Paulo e à própria cidade. Facilidades de estacionamento serão igualmente criadas, com a construção de uma torre de estacionamento para 300 automóveis. E, na cúpula da torre, um grande restaurante panorâmico oferecerá maior comodidade e um serviço de cozinha internacional. O restaurante, em formato de uma grande esfera com 28 metros de diâmetro, oferecerá aos frequentadores uma vista completa do estádio, das instalações sociais e do belíssimo bairro do Morumbi. O São Paulo será, assim, um dos mais completos e modernos clubes da América Latina. Nos esportes amadores também se projeta a visão empresarial da dinâmica diretoria do clube. Hoje, em 11 diferentes modalidades esportivas, são mantidas escolinhas e classes que vão desde a categoria fraldinha até os juvenis. É o São Paulo formando hoje os atletas de amanhã. Atletas que, desde já, participam de campeonatos oficiais realizados pelas Federações de Esportes Amadores, nas áreas de atletismo, basquete, volei, tênis, judô, patinação artística, futebol de salão, hóquei sobre patins, natação, bocha, e outros esportes amadores. Quanto ao Futebol Profissional destaque-se a realidade de uma grande equipe, de um elenco à altura do nome e das tradições do clube. Jogadores que fazem do time um vencedor e que se constituem num grupo coeso, irmanado na tarefa, nem sempre fácil, de conduzir o São Paulo F.C. a grandes conquistas. E aqui, mais uma vez, a visão da atual diretoria, contratando grandes nomes, administrando corretamente e lançando-se decididamente sobre o projeto - hoje realidade - de transformar um clube

de futebol numa verdadeira empresa. E, com isso, alargando os horizontes do clube até o mercado internacional de futebol, de onde esperam resultados financeiros que certamente compensarão os investimentos realizados.

A par disso, há planos para a formação de equipes de futebol juvenil em todo o Brasil que, além de participarem de campeonatos regionais, serão grandes fontes de novos craques para a equipe profissional do clube. Dessa maneira, atuando como grande empresa que é hoje, suas ramificações chegarão às novas conquistas e aos novos mercados, levando o nome e o futebol do São Paulo à ambicionada posição de um dos maiores clubes do mundo. Como atividade puramente empresarial, a diretoria do clube criou e mantém um setor de marketing, para onde convergem os frutos da visão empresarial dos seus diretores. As idéias, as iniciativas promocionais, são trabalhadas mercadologicamente com o objetivo de produzir as receitas extra-futebol, necessárias à saúde financeira do Tricolor.

Assim, criou-se um caminho novo, capaz de, muito breve, ampliar as realizações do Tricolor, não só nos campos esportivo e social mas também no campo empresarial. Destaque-se, ainda, o importante papel que vem desempenhando o Conselho do São Paulo F.C., à frente do qual se destaca a figura de um homem de múltiplas empresas, já que é desde muito tempo ligado à vida pública não apenas do clube mas da cidade e do próprio Brasil, o Dr. João Brasil Vita. Com a firme condução dos destinos do Tricolor, tarefa que divide democraticamente com todos os membros do Conselho, o Presidente do Conselho partilha hoje da empresa e das alegrias de vê-la crescer, ladeado por um Presidente e seus diretores, que encontraram um grande clube para administrar e que legarão uma grande empresa aos seus herdeiros.



O São Paulo investe nas "escolinhas", formando os atletas de amanhã

Diretoria - 1980/1982

PRESIDENTE - Antonio Leme Nunes Galvão

VICE-PRESIDENTE - José Douglas Dallora

1.º **SECRETÁRIO** - Ivan Natel

2.º **SECRETÁRIO** - Lúcio Araujo

DIRETOR JURÍDICO - Carlos M.C. Aidar

DIRETOR DE OBRAS - Arnaldo Araújo

DIRETOR DE FUTEBOL - Jaime Franco

1.º **TESOUREIRO** - Luiz M.D. Aranha

2.º **TESOUREIRO** - Silvio A.B. Filho

DIRETOR DE PROMOÇÕES - Celso S. Grellet

DIRETOR DE PATRIMÔNIO - Wadi Saddi

DIRETOR DE ESPORTES - AMADORES - Chafik Rayes Jr.

DIRETOR SOCIAL - Marcelo Martines

CONSELHO DELIBERATIVO

PRESIDENTE - João Brasil Vita

VICE-PRESIDENTE - Carlos

Antonio de Campos Pupo

1.º **SECRETÁRIO** - Carlos Eduardo de Toledo

2.º **SECRETÁRIO** - Paulo Roberto C. Sandoval

Adriano Augusto da Costa Filho

Alberto Martins Batista

Alcides Vulcano

Alvaro Pereira Leitão

Amilcar Guerra de Oliveira

Antonio Claudio Mariz de Oliveira

Antonio Ferraz

Antonio Leme Nunes Galvão

Antonio Oscar Guimarães

Armando Andriolli

Armando Capobianco

Arnaldo Araujo

Arnaldo José Ponzio dos Santos

Arnaldo Ruic

Arthur de Oliveira Costa

Augusto Pereira

Ayr Araujo

Ayrton Fernandes Alves

Avelino de Oliveira Aranha

Basilio Rodrigues de Oliveira

Benedito Ruy Barbosa

Breno Caramuru Teixeira

Bruno Monteiro

Caio Sergio Pompeu de Toledo

Carlos Alberto de Mello Caboclo

Carlos Ferraz

Carlos Miguel Castéx Aidar

Cassio de Toledo Leite

Cassio Somenzari

Celso Santos Grellet

Chafik Rayes Junior

Claudio Aidar

Constantino Cury

Cyro de Barros Azevedo Filho

Cyro Penna Cesar Dias

Dalcy Parreira

Darcy Arruda Miranda Junior

Décio Pacheco Pedroso

Deocleciano Dantas Freitas

Dionisio Brochado

Djalma do Espirito Santo Tanajura

Dorival Decoussau

Edmundo Diniz Latães

Eurico de Castro Parente

Mons. Francisco Bastos

Francisco Bergamo Sobrinho

Francisco Caiubi Vidigal

Francisco Negrisollo

Frederico Antonio Germano Menzen

Friedrich Behr

George Karim Mansour

Gilberto Pompeu de Toledo

Heins Goldfinger

Hélio Ferraz da Cunha

Hélio Setti Junior

Henri Couri Aidar

Henrique Gamba

Homero Bellintani Filho

Homero Bellintani

Ildefonso Alves Queiroz

Isidoro Narvais Caro

Ivan Gamba Natél

Jarbas Favoretto

Jayme Franco

Jaime Janessi

João Batista de Oliveira Costa Junior

João Belardo

João de Castro Godoy

João Daud

Jorge de Moura Albuquerque

Jorge Zugaib

José Augusto Mariz de Oliveira

José Carlos Ferreira de Oliveira

José Celestino Bourroul

José Douglas Dallora

José Eduardo Mesquita Pimenta

José Fernando de Macedo Soares Junior

José Fernando de Macedo Soares Neto

José Flavio Pinheiro Lima

José Frederico Marques

José Gaetano Passero

José Gazal

José Higinio Marangon

José Miguel Jorge

José Morato Castanho

José Pacheco

José Paulo Leal Ferreira Pires

Gal. José Porfírio da Paz

José Quadris Prestes

José da Rocha Ferreira Filho

José Willy Luciano Giaconi

Julio Brisola

Julio Fantauzzi

Laert Alves Natel

Laudo Natel

Lucio Astolfo Novaes de Araujo

Luiz Campos Aranha

Luiz Eduardo Pompeu de Toledo

Luiz Hugoo Lewgoy

Luiz Márcio Domingues Aranha

Luiz Silveira

Lysandro Bartholo

Manoel Leonardo Janessi

Manoel Poço

Manoel Rabello Sampaio Junior

Manoel Raymundo Paes de Almeida

Marcelo Martines

Mario Naddeo

Mário Tavares Filho

Mauricio Gamba Natél

Mauro Paes de Almeida

Mauro Pinto e Silva

Mauro Sernardes de Castro

Milton José Neves

Milton Fernandes

Moury Pereira Santos

Nagib Buchaim

Nelson Corban

Nelson Franco Spielmann

Nestor de Macedo

Nilo Nascimento

Octávio Ferreira Braga

Odilon da Silva

Oliverio Silveira Sobrinho

Olten Aires de Abreu

Oscar Simon Poyares

Oswaldo Fellippia Conceição de Oliveira

Paulo Machado de Carvalho

Paulo Planet Buarque

Paulo Quadra Prestes

Paulo Roberto de Castro Nogueira

Pedro Moyses

Piragibe Nogueira

Piragibe Nogueira Junior

Plinio Walder Prado

Roberto Regis Veludo Macedo

Rubem Paes de Barros

Rudolf Ghunter Sprenger

Saint Clair Mora

Saint Clair Mora Junior

Salomão Samuel Menasce

Silvio Alves de Barros Filho

Tassuko Kikuchi

Theophilo de Oliveira Castro Filho

Ubirajara Fernandes

Utulante Vignola

Victor Thomás Mauri

Virgilio Lemos da Silva

Wadi Saddi

Waldemar Albien

Waldemar Mariz de Oliveira Junior

Waldemar Sgarbi

Waldir Lodi Gentil

Walter Macedo

Walter Santi

Wilson Mendonça da Costa Florim

ÍNDICE

Hino do São Paulo Futebol Clube
Carta do Presidente

6
7

A História

Apresentação
Numa pequena sala, o início
A dificuldade do 1º jogo
A década de ouro do Pacaembu
Absoluto no atletismo
As glórias dos anos 50
A epopéia do Morumbi
"Já que é um sonho, que seja grande"
A volta dos títulos
Um futuro que promete

9
11
13
14 e 15
17
18
20 e 21
22 e 23
24 e 25
26

Os Homens

Apresentação
Os Presidentes
Os Presidentes do Conselho
Deliberativo e os Beneméritos
As Diretorias nestes 45 anos

27
28 a 33
34 a 36
37 e 38

As Histórias

Apresentação
"Valeu a pena"
Uma história de muitas lutas
"Uma escola Administrativa"
"Salve o Tricolor Paulista"
"Ama Seca de jogadores"
"O privilégio de ser sampaulino"
"Nunca entrei em campo derrotado"
"Uma obra de paróquia"
"De estilingue a vidraça"
A luta continua

39
40 e 41
42
43
44
45
46
47
48
49
50

As Conquistas

Apresentação
O maior do Brasil
A Batalha do Mineirão - 1977
Os jogadores, verdadeiros leões em campo
Campeão da nova década - 1980
No segundo turno, só uma derrota
O time campeão
A glória do 1º título
A festa do 1º bicampeonato - 1945/1946
O primeiro "BI", reflexo da "Academia"
Outro "BI" para o esquadrão - 1948/1949
A festa do "BI" por antecipação

51
52 e 53
54 e 55
56
57
58 e 59
60 e 61
62 e 63
64 e 65
66 e 67
68 e 69
70 e 71

A vitória de um time novo
Com Zizinho, a volta da alegria
Depois do estádio, outro "BI" - 1970/1971
Uma reedição das campanhas anteriores
Uma grande campanha
As taças e torneios

73
74 e 75
77
76 e 79
78 e 81
80 e 82

Os Ídolos

Apresentação
A nossa Seleção - Serginho, Zé Sérgio,
Renato, Paulo Cesar, Oscar, Getúlio e
Waldir Peres
Os "velhinhos" geniais - Sastre, Zizinho
e Gerson
A grande linha média - Rui, Bauer e Noronha
Os artilheiros - Friedenreich, Waldemar de
Brito, Leonidas, Gino e Toninho
A raça - Chicão e Forlan
A categoria - Dino e Rocha
O drible - Luizinho e Canhoteiro
A velocidade - Teixeira e Maurinho
A segurança - Piolin, De Sordi, Mauro
Alfredo, Belini, Dias, Dario e Marinho
Os grandes goleiros - Pedroza, King e Poy

83
84 a 90
91 a 94
95 a 97
98 a 101
102 e 103
104 e 105
106 e 107
108 e 109
110 a 117
118 e 119

O Amador

Apresentação
Nas Olimpíadas, o fenômeno Adhemar
Ferreira da Silva
A queda de uma barreira, os 16 metros
O respeito do mundo ao "Galo de Ouro"
Joe Medel não resistiu
José João, a grande esperança
As glórias do atletismo
Um boxe de campeões
Mais glórias no amador

121
122 e 123
124 e 125
126 e 127
128 e 129
130 e 131
132 a 135
136 e 137
138

O Poliesportivo

Apresentação
Um sonho que se tornou a realidade
Homenagem a Cícero Pompeu de Toledo
Conheça o seu clube
Só no projeto, foram 369 pranchas
Um gigante com 150 mil lugares
Perfeito atendimento aos associados

139
140 a 145
146
147 a 149
150 e 151
152 e 153
154 e 155

A Empresa

Apresentação
Um grande clube, o legado do presente
A Diretoria e o Conselho Deliberativo

157
158 e 159
160

CAPA - Sobre o fundo da camisa tricolor temos na primeira capa, de cima para baixo, Adhemar Ferreira da Silva; o time que deu o primeiro título ao São Paulo, campeão paulista de 1943; o recibo de pagamento de taxas aos juizes da Liga Paulista de Futebol, em 1937; o elenco campeão paulista de futebol, em 1980; e o campeão mundial dos pesos galo e pena, Eder Jofre, atleta formado no São Paulo F. C. Na última capa, poster de Leonidas da Silva; ingresso da inauguração completa do estádio; Cícero Pompeu de Toledo; e uma guarnição de remo, ainda no Canindé, na década de 40, no rio Tietê.



MAURO IVAN MARKETING

EDITORIAL

EDITOR

Mauro Ivan Pereira de Mello

EDITOR EXECUTIVO

Manuel Valverde Palenzuela

TEXTO E PESQUISA

Odair Pimentel
Maysa Penna

ARTE

Natanael Longo de Oliveira
Joaquín Sixto Tomás Mieres
Álvaro Ferreira Filho
Bento Buzo Rodrigues
José Osmar Gil Gonçalves

PRODUÇÃO

Eduardo Veiga Sganzerla

**EDIÇÃO, COMPOSIÇÃO, LAY OUT
E ARTE FINAL**

Mauro Ivan Marketing Editorial Ltda.
Rua Dr. Melo Alves, 448
Fone: 852-1987
São Paulo - Capital

FOTOLITOS

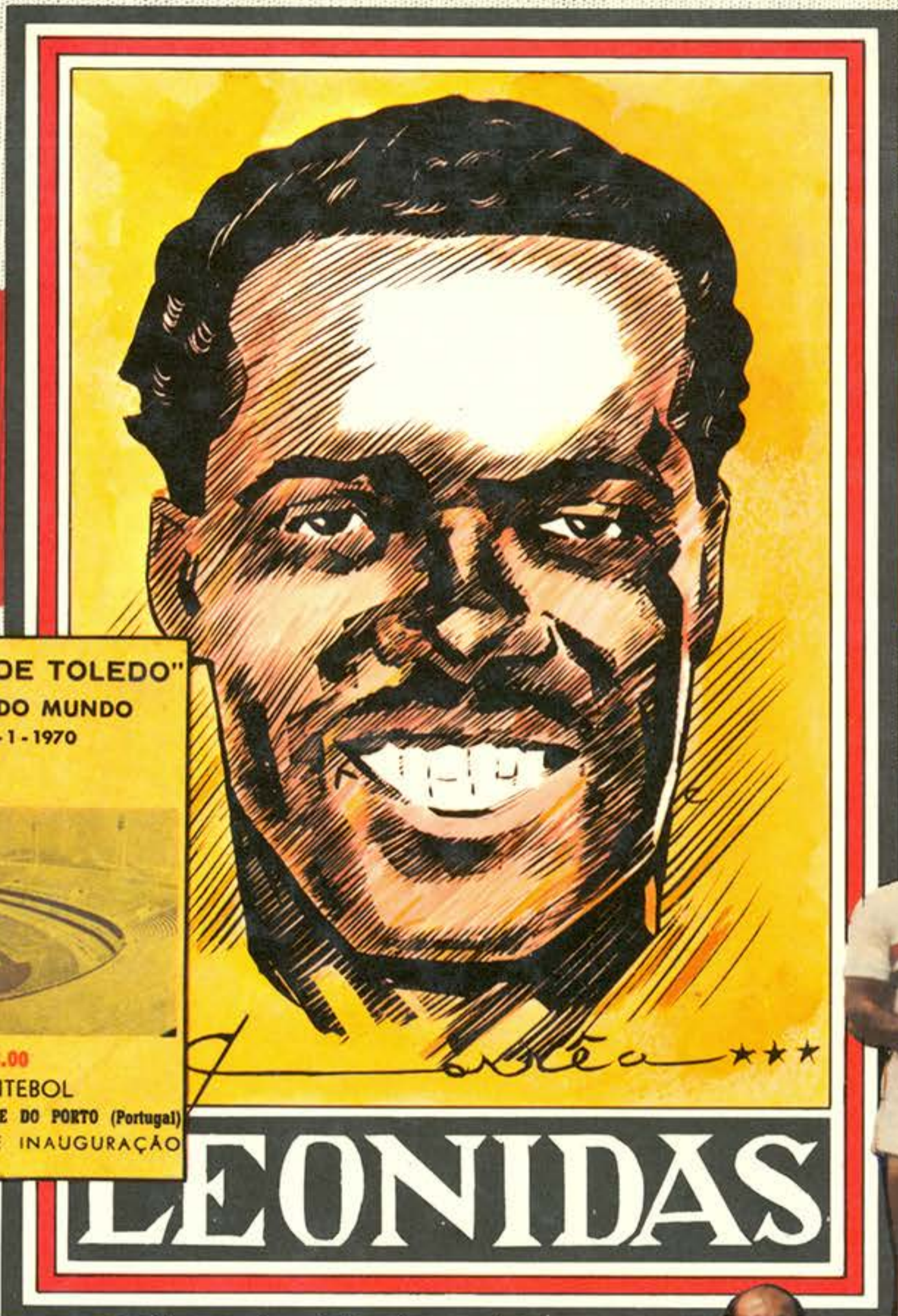
Grafcolor Reproduções Gráficas Ltda.
Rua Climaco Barbosa, 72
São Paulo

IMPRESSÃO

Companhia Lithográfica Ypiranga
Rua Cadete, 209
São Paulo

REALIZAÇÃO

Departamento de Promoções
São Paulo Futebol Clube



ESTÁDIO "CICERO POMPEU DE TOLEDO"
O MAIOR ESTÁDIO PARTICULAR DO MUNDO
INAUGURAÇÃO COMPLETA - 25-1-1970



6.00
DE FUTEBOL
CLUBE DO PORTO (Portugal)
GRANDE INAUGURAÇÃO



16.ª da 16.ª Assembleia realizada em 16 de Dezembro de 1935



DIGITALIZAÇÃO
GIANCARLO ZAPPELLONI

TRATAMENTO DE IMAGEM
EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ